

VICENTINA

de JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

Nascido em São João do Itaboraí, no Estado do Rio, a 24 de junho de 1820, e falecido na então Capital Federal, em 1882. Joaquim Manuel de Macedo formou-se em Medicina, publicando, ainda estudante, o seu primeiro romance — *A Moreninha*, que lhe granjeou, desde logo, extensa popularidade. Foi poeta, teatrólogo, também de êxito, historiador, cronista e jornalista, ocupando-se, ainda, de trabalhos didáticos e políticos.

Considerando-se um seguidor de Balzac, o *Dr. Macedinho*, como era carinhosamente chamado, reconstituiu, em seus romances, os usos e costumes do seu tempo, produzindo incessantemente, e utilizando-se, em sua ficção, de estilo que se caracterizou pela naturalidade e movimento, no dizer de Jackson do Figueiredo que, completando o seu juízo sobre o autor d'êlle disse: "Foi igual, até ao fim, não só na sua desleixada plasticidade mas até nas suas intenções de moralista. Mas a sua obra, a tôdas as restrições que lhe possa fazer a critica mais autorizada, parece resistir galhardamente, tanto é verdade que, sob a sua forma pouco cuidada, há alguma coisa que se impõe ainda mais que a própria beleza literária — a vida, a vida ainda mesmo nos seus aspectos medíocres e prosaicos".

Não errou êsse seu rigoroso critico, homem de outra geração e de outra mentalidade. Sua obra aí está, constantemente lida e relida, editada e reeditada, resistindo ao correr dos anos e à mudança dos gostos literários. Seu desleixo formal — que não era somente seu, mas até característica dos românticos, empenhados em dar à linguagem brasileira maior liberdade, fugindo nos rígidos cânones da construção lusitana — permitiu-lhe uma narração mais vivaz, ágil e concorde com a própria expressão da gente do seu tempo.

Os aspectos medíocres e prosaicos da vida, que captou com tanta precisão, tiravam do romance brasileiro, por outro lado, qualquer viso aristocrático e tornavam-no o retrato vívido de uma sociedade nova, a burguesia e pequena burguesia de então.

Vicentina — que ora se lança para gáudio dos assinantes da *Coleção Saraiva* — é mais uma história bem ao feitio de Macedo: cheia de peripécias e graciosas situações, peripécias e situações que o mostram como escritor empenhado em compreender as tendências da alma popular.

VICENTINA

TOMO I

Jenense, 62

Edição Sarakva

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

V I C E N T I N A

TOMO I

Heintz

HL. 1561

COLEÇÃO SARAIVA

260

HL

269.9332

M141V

109-?

v. 2

O VIAJANTE

No dia 22 de junho de 1847 ia subindo por uma das estradas mais intransitáveis do norte da provincia do Rio de Janeiro um jovem cavaleiro que à mais simples observação dava a perceber que era moço da corte, e não afeito a fazer viagens pelo recôncavo.

Muito embora viajasse em um mês de inverno, o sol estava ardente, e elle escolhera para se pôr a caminho as horas mais calmosas do dia, pois que não podia ser menos de duas da tarde.

Não era esse mancebo de mau parecer: deveria contar quando muito vinte e sete anos; era franzino e alto, de cabelos louros, olhos azuis e vivos, bôca pequena, mãos e pés delicados; tinha a tez muito clara, e o sol havia tornado então seu rosto redondo todo côr-de-rosa; parecia enfim em seus modos e esgares esperto, leviano e de humor alegre.

Vinha vestido de fraque de alpaca côr de cinza, colête de merinó verde-escuro, lenço de sêda encarnado ao pescoço, e calças de ganga amarela: depois de tôda esta mistura de côres, calçava luvas de pelica branca já meio rotas por entre os dedos, e botins envernizados, dos quais um somente merecia a honra de trazer esporim, restando apenas do outro o sinal do que já estivera encravado no botim. Ah! chegamos aos pés antes de ter falado da cabeça do viajante; emendaremos o nosso êrro declarando a única cousa que sabemos dela: estava coberta com um chapelinho do Chile, que serviria para tudo neste mundo, menos somente para defendê-la dos ardores do sol.

Não condizia porém com o mancebo o cavalo em que montado vinha: era um mouro alto, ossudo e magro, cuja mais eloqüente recomendação estava em um circulo ensangüentado, que se lhe via no ventre e do lado do único esporim do cavaleiro, e cuja decidida disposição era empacar de frente de tôdas as tabernas, como para ver se forçava o cavaleiro, a se chegar a ela, o que, seja dito em amor da verdade, não dava muito boa idéa do sujeito, que o cavalgava, ou daquele que lhe havia facilitado semelhante animal.

O sol continuava ardente, e a estrada cada vez mais solitária. Não se ouvia o canto de uma ave, nem à beira da estrada voava o mais pequeno passarinho; as árvores e as tênues ervinhas com suas fôlhas imóveis demonstravam que não soprava a mais leve aragem: tudo era silêncio, e apenas de longe em longe êsse silêncio sentia-se quebrado pelos gritos de algum tropeiro, e pelo chocallar das bôlsas que traziam as bêstas da tropa.

A viagem deveria tornar-se para o pobre môço mil vêzes mais incômoda ainda pela qualidade do cavalo em que vinha montado: o mouro era ao mesmo tempo o protótipo dos sendeiros e dos ronceiros.

Dizem que há cavalinho que chega a vencer três léguas em uma hora; pois o mouro contava-se com o inverso disso, e quando mais fustigado era, chegava a vencer três horas em uma légua.

Dava o mancebo cincoenta esporadas umas sôbre outras no gigantesco animal; mas além do trote habitual, lucrava apenas duas ou três empinadas muito desenxabidas.

Como que profundamente convencido de que nada tinha a ganhar impacientando-se, o jovem viajante sofria todos êsses contratempos quase com indiferença, e se às vêzes esporcando o cavalo clamava em alta voz:

— Anda, diabo! ronceiro! caixa d'ossos!... quase ao mesmo tempo começava também em alta voz a declamar pedaços de tragédia, ou a cantar romances e árias das óperas ouvidas no teatro italiano.

Em uma dessas veias de entusiasmo teatral ficou o nosso viajante tão possuído do que cantava, e do poder de sua própria voz, que deixou cair as rédeas no pescoço do impagável mouro, o qual, bem que o cavaleiro dilettante lhe batesse insensível mas furiosamente o compasso com o esporim, parou à sombra de uma frondosa árvore, enquanto o mancebo bradava cantando enfurecido, e como possesso:

*Trema, proterva Saffo,
Gia tutto l'odio mio ti està sul capo!
Epper come la vidi
Ippia no, d'abborritla io non prevedidi!*

Uma estrepitosa gargalhada interrompeu o jovem viajante, que viu diante de si um homem vestido rudemente de calças de algodão de côr, arregaçadas até acima dos joelhos, pés no chão, jaqueta atada a tiracolo, chapéu desabado na cabeça, e foice de comprido cabo na mão.

O mancebo não se deu por ofendido, e adivinhando que tinha a seus olhos o feitor de alguma lavoura vizinha, dirigiu-lhe imediatamente a palavra.

— O senhor sabe me dizer se vou seguindo a estrada que vai ter à fazenda do Rio Claro?

— Senhor sim, respondeu-lhe o homem.

— E ainda fica muito longe daqui?...

— Qual!... é, ali, tornou-lhe o sujeito voltando-se para trás, e estendendo um pouco o lábio inferior: anda aí por obra de légua e meia, mais braça, menos braça.

— E o caminho tem que errar?

— Qual!... é sempre direito: em descendo o morrete vermelho, toma-se à esquerda, adiante logo tem

uma encruzilhada e quebra-se à direita, depois no mato dos quilombos cai-se pelo caminho da mão esquerda e defronte do sítio das encomendas vai-se pelo da direita... é sempre direito.

— Mas onde diabo é o tal sítio das encomendas?...

— Oh, homem!... é o sítio do Capitão-mor.

— *Meu amigo, estamos na mesma.*

— Qual!... é sempre direito.

— Quem?... o Capitão-mor?

— Qual!... o caminho, homem.

— Ah! entendo; então o senhor é dêste lugar?

— Senhor sim.

— Pois, meu caro, não o quero incomodar mais; no entretanto, e por despedida, faça-me a esmola de experimentar o pêsso e a fortaleza do cabo da sua foice nas ancas do meu cavalo.

— Olhe que eu arrumo-lhe deveras!

— Sem dó, nem piedade, que é alugado: fogo nêle!

O feitor levantou o cabo da foice com as duas mãos, e aplicou, com tôda a fôrça hercúlea de que dispunha, quatro bordoadas na anca do mouro, que só depois da terceira, soltou um gemido, e começou a trotar, como costumava.

— Qual!... exclamou o camponês soltando nova gargalhada: êle não chega lá hoje!

O mancebo sem se enfadar com o que acabava de ouvir principiou a declamar a cena final de Antônio José, até que depois de meia hora de trotê habitual do mouro, encontrou outro camponês, e fêz-lhe a mesma pergunta, que fizera ao primeiro.

— O Sr. tem a bondade de me dizer se vou seguindo a estrada da fazenda do Rio Claro?

— Tal e qual.

— E ainda é muito longe daqui?

— Está pertinho: é ali, respondeu o camponês voltando-se para trás, e fazendo igual distensão do lábio inferior, como o primeiro: olhe, com as voltas do caminho é obra de duas léguas.

— Pior! pensou consigo mesmo o mancebo: depois de meia hora de marcha, em vez de diminuir, cresceu a estrada meia légua mais!

Ainda meia hora de insuportável trote do terrível sendeiro, e no fim dela novo encontro, e a mesma pergunta.

— Estarei muito longe da fazenda do Rio Claro, meu amigo?...

— Nada: ao muito... ao muito... não de ser três léguas daqui até lá.

O mancebo não pôde conter um movimento de impaciência:

— Dar-se-á porventura, exclamou êle, que êste maldito esqueleto de cavalo esteja há hora e meia andando para trás!...

Começava então o pobre viajante a sentir um novo incômodo, que era o único capaz de exasperá-lo: o estômago principiava a dizer-lhe muito francamente, que havia 8 horas bem longas não recebia matérias para digerir; ora o estômago é como as crianças malcriadas, que não sossegam enquanto não se lhe faz a vontade.

E o caminho cada vez a alongar-se mais!... e o sol a arder!... e o mouro a trotar à fôrça de mil esporadas!...

Enfim, achou-se o nosso viajante na encruzilhada de que lhe falara o primeiro camponês: estêve pensando durante algum tempo sôbre a estrada que deveria seguir entre as três que tinha diante dos olhos; pois que nada havia podido concluir daquela explicação tôda cheia de — quebra-se à esquerda, cai-se à direita, e é sempre direito — do tal homem das risadas: por último e depois

de muito pensar inútilmente, deitou as rédas sôbre o peçoço do mouro, e esporeando-o com tôda fôrça, entregou-se ao instinto do cavallo. O animal tomou a estrada que lhe pareceu, e foi seguindo.

Já a êsse tempo não deveria faltar muito para as quatro horas da tarde.

A estrada, por onde acabava de tomar o mouro, a principio larga e muito bem conservada, se foi pouco a pouco estreitando e subdividindo-se em um sem-número de carreiros, pelos quais se emaranhou o incauto viajante, e por tal modo, que no fim de uma longa hora de marcha esbarrou-se de repente com uma roça de milho.

O pobre môço soltou um profundíssimo suspiro, e passou duas ou três vêzes a face palmar da mão por sôbre o estômago, lembrando-se de que naquela conjuntura não tinha outro remédio senão voltar; pois era evidente, que havia errado o caminho. A fome o devorava: a boa meia hora, que já se não achava com ânimo de cantar, nem de declamar; porém, que partido tomar, senão, como vulgarmente se diz, fazer das tripas coração? . . .

Deu por tanto de rédea ao mouro para voltar, e enterrou-lhe furioso o esporim no ventre; mas o cavallo, que alguma vez havia de mostrar que alguma cousa era nesta vida, tomou o freio nos dentes, e de um salto saltando a cêrca que fechava a roça, atirou com o cavaleiro em terra, e lançou-se à palha do milho, derribando e devorando tudo que diante dêle encontrava.

— Oh, maldito sendeiro! bravou o môço vendo-se estirado no chão.

Sacudiu depois os seus vestidos cheios de terra, e dispôs-se a ir tratar de continuar a sua desgraçada viagem; mas apenas se foi dirigindo para o mouro, êsse que lhe adivinhou a intenção, deitou a correr pela roça.

— Para, diabo! ho, mouro! ho, sendeiro de uma figa, gritava o pobre rapaz!

Porém o habilíssimo cavalo parecia haver feito propósito de desmentir a má reputação que tinha adquirido, e por consequência galopava galhardo e soberbo devastando a roça e exasperando o infeliz viajante.

Por fim de contas correu tanto o cavalo, e tanto gritou o môço, que appareceram uns vinte e tantos negros, armados de enormes fouces, que lançaram-se terríveis e vingativos sôbre o interessante mouro.

Quando o mancebo viu o aspecto hostil daquela tropa africana, lembrou-se de que tinha alugado o cavalo, e era por ôle responsável; empregando pois tôda a força de seus pulmões, exclamou:

— Suspendei! suspendei! a propriedade do cidadão é inviolável; eu sou cidadão, êsse cavalo é minha propriedade, e por consequência. . .

Mas não chegou a tirar a consequência; porque uma foice que acabava de brilhar aos raios do sol, caiu como um raio sôbre a anca do mouro.

Já se levantavam outras foices, novos raios que deviam fulminar o mísero cavalo, quando uma voz forte e masculina gritou:

— Parai! que é isso lá?

Os escravos se suspenderam immediatamente; e ficaram em pé e estáticos, como prontos a executar qualquer nova ordem.

II

O COMPANHEIRO DE VIAGEM

— Então, que desordem é esta? perguntou o recém-chegado, que era um môço alto, de fisionomia franca e bela, e que finalmente acabava de apparecer muito a propósito na opinião do nosso viajante.

Um dos escravos deu um passo para a frente, e apontando para o mouro, respondeu:

— Era aquêlê cavallo que estava fazendo estragos na roça.

O dono do escravo viu então o nosso viajante, que depois de lhe fazer um respeitoso cumprimento, foi tomar conta do mouro.

— Vão trabalhar, disse aquêlê aos escravos.

Os negros obedeceram imediatamente e se foram retirando, não sem lançar alguns olhares muito significativos sôbre o cavallo, que escapara de ser sua vítima; e o mancebo chegando-se ao viajante, disse-lhe com voz agradável:

— Desculpe os meus escravos, senhor; tenho um péssimo vizinho, cujos animais engordam em minhas roças, e dei ordem para que fôsem maltratados os que continuassem a vir devastá-las; porque já estou cansado e aborrecido de queixar-me inútilmente.

— Tem tôda razão, meu caro, respondeu o viajante; e juro-lhe que sinto mais o estrago que êste miserável ronceiro fêz na sua bonita roça, do que a foiçada que lhe deram!

O jovem lavrador lançou os olhos sôbre o cavallo, e não pôde deixar de rir-se.

— É uma estampa, que diz?... exclamou o viajante: aluguei êste diabo na Praia-Grande, e há seguramente vinte horas que me sacode as tripas!

— Mas como veio o senhor parar aqui?... olhe que errou o caminho por fôrça.

— O que quer que lhe faça?... encontrei com um sujeito, a quem pedi explicações sôbre a estrada que devia seguir, e êle respondeu-me que tomasse a esquerda, quebrasse à direita, e caísse à esquerda, torcesse à direita, e caísse outra vez à esquerda, mas que viesse sempre direito! Fiz tudo quanto o bom do homem me ensinou, e o resultado foi perder-me em uma multidão de, atalhos mais intrincados do que as leis do Império ou o labirinto de Creta; e eis-me aqui moído... pisado... tor-

1. Indicação vaga de distância, agudua ora re-
lidade, por honras na roça, com o baco infinito dissen-
diado me direi, por se não perceber (ambos)

cido... cansado, e, o que é pior, com uma fome de todos os diabos!

O lavrador desatou a rir, e só alguns minutos depois foi-lhe possível perguntar:

— Mas pode-se saber para onde ia o senhor?

— Ai é que me doi, meu caro; enquanto ando aqui perdido, morto de fome e de sede, enquanto este maldito sendeiro atira-me com os ossos em terra, lá patusca-se, come-se e bebe-se a fartar; dança-se com moçoilas de fazer encher água na bôca; ora esta! Não tem dúvida nenhuma, esta só a mim me succede!

O jovem lavrador ria-se alegremente, e parecia simpatizar já com o viajante; estendeu-lhe a mão e disse:

— Amigo, sei já para onde vai.

— Então?

— Para a fazenda do Rio Claro.

— Tal e qual: e portanto?...

— Iremos juntos.

— Bravo! e chegaremos hoje?...

— Daqui lá não há mais que meia légua.

— De beijo?

— Não: meia légua de veras.

— Ainda bem... mas o pior é que eu estou com uma fome que parece dez ou doze fomes ao mesmo tempo.

— Pois merendará comigo.

— Bravíssimo! e depois?

— Em menos de meia hora estaremos na fazenda do Rio Claro.

— Homem, faça isso por duas horas em atenção a esta bisca, que aluguei pensando que era cavalo.

— Empréstimo-lhe-ci um belo e fogoso ginete...

— O senhor é um anjo, que me caiu do Céu.

— Engana-se: sou apenas filho de um simples lavrador.

— Sempre é alguma coisa mais do que eu.

— Pois o que é o senhor? . . .

— Um triste empregado público.

— Também o fui há algum tempo, amigo.

O viajante deu um salto de alegria, e estendendo a mão ao lavrador, exclamou com efusão:

— Colega, toca nesta sé-velha.

E depois, tirando o chapéu, disse com uma seriedade tão importante e conscienciosa, que fazia rir:

— Ora louvado seja Deus, que me acho em terra de gente!

— Bem, agora vamos.

— Espera, colega: como te chamas?

— Camilo.

— E eu Américo.

— *Pois monta a cavallo, Américo.*

— Mas para que, Camilo?

— Ora para que há de ser? . . . para irmos mais depressa.

Américo olhou para o mouro, soltou uma risada e disse:

— Então vamos a pé.

E foram ambos juntos caminhando como dois amigos velhos, conhecidos há cinquenta anos.

III

A ERMIDA

Passava de cinco horas da tarde: o sol beijava a terra com os seus últimos raios brandos e melancólicos.

Américo e Camilo, os dois improvisados amigos, caminhavam conversando alegremente, rindo-se de tudo e de tudo zombando.

Américo achava-se em suas horas de boa veia: também tinha êle por isso as melhores razões; havia jantado

1. salto - picuho: individuo pretencioso, adeuado, cheio de affectos no andar = pisa-flôres, pisa-verdes (ausôto)

como um padre, e bebido convenientemente, e agora viajava cavalgando um belo alazão alaranjado, de crinas pretas, que representava o extremo oposto do mouro.

Galhardo e soberbo, o famoso alazão marchava ufano rinchando e bufando; ao menor movimento do braço do cavaleiro saltava colérico, como revoltando-se contra a idéia do castigo.

— Isto, sim, é que merece o nome de cavallo! repetia muitas vêzes Américo.

— Tenha sempre cuidado com êle, que é demais fofoso, respondia Camilo: rédea firme e ôlho vivo; duas quedas em uma tarde envergonham ao mais desazado de todos os cavaleiros.

— Não tenha mêdo, que dêste não caio eu; mas que maldita meia légua é esta, que nunca se acaba?

— Estamos a concluí-la; passada aquella volta que ali vê, descobre-se logo o campo da fazenda.

Ainda bem: e chegaremos com dia?

— Sem dúvida alguma.

— Tanto melhor!

— Mas que empenho é êste de chegar antes da noite?

— É boa! se eu viesse no mouro, estimaria chegar bem às escuras; mas agora é outro caso: quero que as môças me vejam montado neste pisa-flôres.

— Boa razão, certamente.

— Eis passada a volta...

— Pois eis ali também o campo da fazenda.

Américo descobriu com effeito o campo de uma fazenda, e por todos os lados o mais belo panorama desdobrando-se a seus olhos: por menos entusiasta que o mancebo fôsse dos encantos da natureza, não pôde deixar de pagar o tributo de sua admiração ao quadro que tinha diante dos olhos.

— Bravo! exclamou êle: que encantadora vista! mas que espelunca é aquela que à nossa mão direita se deixa ver sôbre o cume dêste monte?

— Espelunca?... olhe que aquilo é nada menos do que uma ermida.

— Uma ermida! pois então é uma ermida tão velha como certas obras que se estão a fazer no Rio de Janeiro, e que não se acabam nunca.

— Convenho nisso: é uma ermida velha e arruinada.

— Em todo caso não deixa de ter sua graça: uma ermida arruinada! gosto disto... tem um não sei que de romântico...

— É aquela, principalmente.

— Sim? e então por quê?

— Qualquer dos nossos lavradores menos crédulo, que por aqui passasse a estas horas, já teria feito três vêzes o sinal da cruz.

— Mas, homem, diga-me porque: eu tenho uma curiosidade verdadeiramente feminina.

— Desde muito tempo que aquelas ruínas, graças à credulidade popular, gozam fama de serem habitadas por entes sobrenaturais.

— Sim? e que mais?

— Poucos eram os que se atreviam a visitá-las...

— Adiante... adiante...

— E, contra a expectativa geral, a ermida arruinada tornou-se uma habitação humana, (segundo alguns) ou de seres encantados ou mesmo diabólicos, na opinião de outros.

— E entretanto é apenas algum frade velho que, cansado da boa vida dos nossos conventos, quis recolher-se aos bastidores, e...

— Qual frade nem meio fradel!

— Pois então, vamos a saber o que é?

— A estas horas do crepúsculo, e de noite ao luar, costuma aparecer nas vizinhanças da ermida um vulto branco.

— Mentira!

— Não; verdade.

— Como?

— Eu já vi.

— Uma sombra? . . . um fantasma?

— Dizem isso alguns; mas eu não o digo por certo, porque sei o que vi.

— Então o que foi? fala.

— O que eu vi . . . foi uma môça.

— Môça? ha! feia por fôrça, e que teve bastante juízo para vir se esconder no matto.

— Pois estás enganado, Américo, é uma môça bela! . . .

— Bela! bela . . . e o que mais?

— E doida.

— Coitada! falaste com ela, Camilo?

— Não; ela não fala a pessoa alguma: pude vê-la a meu gôsto, e muito tempo, porque consegui esconder-me.

— E mora, sòzinha na ermida, coitadinha?

— Também não: tem por companheiras uma velha e uma criança.

— O que faz a velha?

— Chora.

— A criança?

— Ri.

— E a doida?

— Canta.

— É singular certamente; e então êste povo, tão falto de juízo como ela, a tem na conta de uma alma do outro mundo, amaldiçoa-a, e não passa sem tremer por aqui?

— Conforme: os que têm procurado conhecer a verdade como eu, dizem o que eu te disse; e os outros

mais crédulos e mais medrosos, combinando a antiga fama da ermida com o que hoje nela se passa, julgam as três pobres criaturas endemoninhadas, ou feiticeiras, ou talvez mesmo *almas do outro mundo*.

— E portanto maldizem as tristes mulheres?

— Sim; mas os outros ao menos lhes dão esmolas.

— Então a doida pede esmolas?

— Não: a velha é que às vêzes vem sentar-se à beira desta estrada, e pôsto que nada peça a ninguém, recebe contudo as esmolas que lhe dão.

— E o que diz ela da doida?

— Nem palavra.

— E célebre! . . .

Os dois cavaleiros estavam então, exactamente de frente da ermida arruinada. Américo, movido pela curiosidade, fêz parar o seu cavallo, e voltou-se para o monte a fim de o observar.

Um carreiro estreito e tortuoso, ora perdendo-se por entre bosques, ora reaparecendo outra vez para se perder de novo, como uma falsa esperança que morre e revive na imaginação ardente, ia sinuoso e irregular terminar-se no cabeço do monte: ali estava assentada a ermida, que caía em ruínas. A violência dos ventos já a tinha despojado de quase todo o telhado; mas com parasitas, que se enredavam umas com as outras por mil maneiras, cobriam o seu teto, que se mostrava verde e florido; caneleiras bravas, ipês majestosos//manacás odoríferos//escor-diam a ermida aos olhos dos passageiros que apenas a descobriam em parte, e de redor dela, dominando, ornando e dando vida e majestade ao monte, bosques umbrosos. . . moitas de formosos arbustos. . . dorsos negros de rochedos, surgindo do seio da terra. . . despenhadeiros e bibocas horribes, campinhos breves cobertos de verde grama. . . um regato, que primeiro corre em mil voltas, e que depois se debruça e logo se despenha

no abismo, e tãda essa riqueza, enfim, da natureza brasileira, e por cima cobrindo tudo isso o céu branco e bonançoso.

Américo estêve algum tempo parado a contemplar em silêncio tanta beleza, tanta magnificência e tanta variedade de quadros.

— ! Isto é grande! é imenso! disse êle enfim, tomando uma larga respiração.

— E aquilo? perguntou-lhe o amigo estendendo o braço e apontando para um lado da ermida.

— Aquilo, o quê?

— Olha!

— O que é?

— A doida.

— Então...

— Silêncio: apcia-te, se não queres que sejamos descobertos.

Os dois mancebos apearam-se, e Camilo guiou o seu companheiro a um lugar vizinho, onde por detrás de algumas árvores puderam esconder os cavalos e observar sem ser vistos.

IV

A DOIDA

Essa mulher que era tida por Camilo e por muita gente, segundo ele dissera, na conta de uma infeliz doida, era magra, porém de elegante estatura; acabava de sair da ermida arruinada, e dirigiu-se a passos lentos e com a cabeça caída para o chão, como meditando, para o lado do monte onde havia um horrível despenhadeiro.

— Que idéa fatal! disse Américo tremendo.

— O que é isso?... que tens? perguntou-lhe o companheiro: estás tremendo?...

— A loucura e o despenhadeiro!... eu receio... murmurou aquêlê.

— Silêncio.

A figura da mísera doida tinha alguma coisa de fantástico e de romanesco, observada principalmente naquela hora de crepúsculo e naquela solidão da montanha; alta, tôda vestida de branco, o seu vestido largo, sem enfeites e apenas levemente apertado na cintura, assemelhava-se a uma mortalha; seus braços nus caíam esquecidamente e como paráliticos; seus cabelos negros, bastos e ondeantes, soltos ao acaso, desciam como uma nuvem sinistra até quase chegar-lhe aos pés; o andar dessa mulher era gracioso, e tudo nela cheio de um encanto imenso e de uma singular magia. De tão longe os dois mancebos não podiam apreciar-lhe o semblante.

— Então? perguntou Camilo.

— Adivinha-se que é bela, respondeu Américo.

A doida ia sempre andando vagarosa e melancólica: às vêzes, tendo de atravessar um grupo de árvores, ela desaparecia por entre os ramos verde-negros, como a lua por detrás de uma nuvem escura, e pouco depois surgia adiante, como uma dâma fantástica saindo de uma gruta encantada.

Finalmente a doida chegava à borda do horrôso despenhadeiro.

A montanha abria-se ali até a sua base, cavando assim no seu seio um abismo profundo e medonho, semeado de rochas ponteagudas; o regato, que brincava em mil voltas pelo monte, vinha ali despenhar-se com um ruído sinistro; um rochedo negro e triste levantava-se sobranceiro na bôca dêste abismo, que era conhecido entre os habitantes pelo nome de — *Porta do Inferno*.

A doida subiu com passo firme e vagaroso o rochedo negro, e chegando ao seu cume sentou-se com o rosto voltado para o despenhadeiro; descansou a face na mão

direita, e ficou pensativa. A brisa da tarde espalhava seus belos cabelos, voava com eles, varria a negra pedra; e a doida meditava à borda do abismo.

— Eu tremo por ela! disse Américo.

— Silêncio, repetiu Camilo.

— Mas é que se ela fizer um movimento menos calculado... se perder o equilíbrio, enfim, cai por força naquela cova sem fundo!

— Silêncio! tornou o companheiro.

Um momento depois a doida, sem levantar a cabeça, sem mudar de posição, nem fazer o mais leve movimento, começou a cantar com uma voz repassada de melancolia e cheia de angélica doçura.

Os dois mancebos ficaram embebedos, respirando apenas, a escutar aquêlê tão doce cantar da doida:

Filha do meu coração
Junto a mim vem te sentar;
Já chegou a noite escura,
É tempo de repousar;
Se não tens sono, me escuta,
Uma história vou contar.

Foi um dia, Dona Branca
Sua velha mãe deixou,
E, sòzinha, descuidosa,
Pela selva se entranhou.
"Não entres naquêlê bosque!"
Muita vez a mãe bradou.

"Dentro da selva fatal
Scrpe traidora se cria;
"Filha do meu coração,
"Tu és a minha alegria,
"Não entres naquêlê bosque!
Muita vez a mãe dizia.

10
 Foi um dia, Dona Branca
 Junta à selva passeava,
 E a pobre mãe, que dormia,
 Com sua filha sonhava:
 "Não entres naquêlê bosque!"
 Sonhando a velha clamava.

E um cantar enternecido
 Dentro da selva se ouviu;
 Foi uma voz encantada
 Que a pobre môça atraiu:
 Dona Branca entrou no bosque,

Mas o canto lhe fugiu
 Pela selva se internando
 Dona Branca andava... andava...
 Incauta, quando mais perto
 Dêsse canto se julgava,
 A encantada voz sonora

Muito ao longe se escutava.
 Morre o dia, a noite chega,
 Todo o bosque escureceu;
 E tarde então Dona Branca
 Do que fêz se arrependeu;
 Pobre môça andara muito...
 Tanto andou que se perdeu!

Pobrezinha! desolada
 Soltou gritos; mas em vão!
 Ao longe apenas se ouvia
 Uma triste exclamação:
 "Não entres naquêlê bosque,
 "Filha do meu coração!"

De repente a selva tôda
 Como um fogo se acendeu:
 Dona Branca estremeccendo
 Os seus passos suspendeu,
 E brilhante como o raio
 Treda serpe o colo ergueu.

Era mágica serpente
 Que com voz de anjo falava!
 Tinha um olhar que prendia
 Quando em alguém se fitava,
 E quando um seio mordida,
 Como que o seio beijava!...

E êsse olhar ardente e fixo
 Todo em Branca se fitou,
 E a coitada, pobre môça!
 Quêda, imóvel se deixou
 Enquanto a serpe traidora
 Pouco a pouco se chegou.

E as frias brisas da noite
 Em tôrno soprando estão,
 Trazendo lá de bem longe
 Uma triste exclamação:
 "Não entres naquele bosque,
 "Filha do meu coração!"

O belo, mimoso corpo
 A serpente enfim tocou;
 Foi docemente subindo
 Até que ao seio chegou;
 Lá, ergueu fatal cabeça,
 E inflamado olhar brilhou.

Dona Branca então exclama
Cheia de remorso e dor:
"Meu seio poupa, oh, serpente!
"Um seio de puro amor. . .
"É puro. . . é virgem; não manches
"Tira-me a vida, é melhor."

E os ecos da selva horrível
Zombando dessa aflição
De Branca às vozes respondem
Com a dorosa exclamação:
"Não entres naquêlê bosque,
"Filha do meu coração!"

Vil, insana, sem respeito
Inocência, que gemeu,
Três vêzes no virgíneo seio
Falaz serpente mordeu;
E depois, mais fera ainda,
No ar desapareceu.

Só, perdida, no deserto,
Dona Branca errante vaga;
Queima-lhe o seio um venêno,
Que é fogo que não se apaga;
E já tarde a mãe lembrando
Um remorso atroz a csmaga

Tinha o seio envenenado,
Mas, aí dela! não morria;
O venêno era uma mancha
Que lavar-se não podia;
Causava uma dor tão forte,
Que um bem a morte seria.

Noites inteiras chorando,
Com o pranto que derramava
A nódoa do níveo seio
Aflita e triste lavava;
E quanto mais o fazia,
Mais viva a nódoa ficava!

Ao desespero levada,
Seus lindos, braços feriu,
E lavou a nódoa horrível
Com o sangue que saiu;
E, baldado o esforço dela,
Mais clara a nódoa se viu.

Era um veneno tremendo,
Que o seu seio denegrira!
Era uma dor sem remédio,
Que a vêzes a morte inspira;
Era uma nódoa que nunca
Nem pranto, nem sangue tira!

Soltou a voz soluçando
Repessada de aflição:
"Oh, serpente! lava a mancha!
"Oh, fera, tem compaixão!"
Só os ecos responderam,
E responderam que... não!

"A tua voz encantou-me,
"Fôste a minha perdição;
"Amci-te... podes salvar-me;
"Serpente, tem compaixão":
Só os ecos responderam,
E responderam que não!

Rolou então pela terra
 A chorar desesperada;
 Chorava, chorava muito,
 Té que parou de cansada
 E levantando a cabeça,
 Soltou medonha risada,

Nunca a viste? . . . podés vê-la,
 Vagando na solidão!
 Magra . . . louca . . . desvairada,
 Repetindo a exclamação:
 "Não entres naquele bosque,
 "Filha do meu coração! . . ."

A doida calou-se e ficou como tinha começado a cantar, e cantando até o fim, imóvel e com os olhos embebidos no abismo, *(como se fôra uma estátua graciosa.)*

— Que voz! . . . murmurou Américo. Que alma aquela tão repassada de dor! oh! deve ter sofrido muito . . . faz pena!

— É verdade.

— Deve ser bem desgraçada!

— Provavelmente.

— Como se chama ela?

— A doida.

— Mas o seu verdadeiro nome? . . .

— Ninguém o sabe: é um mistério que ainda se não pôde descobrir.

— É notável! E há que tempo apareceu aqui esta mulher?

— Ninguém o pode dizer com certeza.

— Ora, eis aqui uma cousa que me está furiosamente atiçando a curiosidade!

Nisto *(principiou a doida outra balada)* mas o fogaoso alazão rinchou, e aquella mulher misteriosa ergueu-se ime-

diatamente, e voltou-se para o lado da estrada observando.

— Ah! maldito cavallo! disse Américo.

— Na verdade, que para um caso destes o seu mouro era muito melhor.

A doida descobriu enfim os dois mancebos, e descendo precipitadamente do rochedo, sumiu-se por entre o bosque, depois de soltar uma risada nervosa e terrível.

— É a risada de D. Branca? disse Camilo.

— Sim, observou Américo; aquella mulher foi mordida pela serpente.

V

A FAZENDA DO RIO CLARO

f. 83-84
f. III

No Brasil dá-se o nome de *fazenda* a um estabelecimento agrícola em grande ponto; mas, ao norte da provincia do Rio de Janeiro, como ainda em outras provincias, é esse título especialmente reservado às fábricas de açúcar.

E dêsse lado da provincia do Rio de Janeiro, e pouco mais ou menos a dez léguas de distância da cidade de Niterói, que se acha situada a fazenda do Rio Claro.

Até o ano de 1847 a fazenda do Rio Claro fôra apenas um simples sítio de lavrador; mas, por morte de seu dono, que era devedor de elevada quantia a um opulento negociante da corte, este, que recebera o sítio em pago do que se lhe ficara devendo, elevou-o à categoria de fazenda, mandando levantar uma fábrica de açúcar, cuja primeira moagem se destinara para o dia de S. João.

Cumprê lançar uma rápida vista dolhos sobre o teatro do drama.

No dorso espaçoso de uma elevada montanha, e prolongando-se por um vale encantador, apparece o vasto campo da fazenda do Rio Claro.

É grata aos olhos essa dilatada campina tóda coberta de verde grama, primeiro desdobrando-se pela encosta de um monte orgulhoso, depois alcatifando parte de um vale alegre e modesto; e tóda lisa como o céu, e verde como o mar visto de longe, apenas aqui ou ali deixando erguer-se uma árvore frondosa, a cuja sombra vai o gado abrigar-se das horas mais ardentes do dia; e limitada de um lado pelo monte, de cujas costas se derrama, e à mão direita por uma série de montanhas que se debruçam umas sôbre outras, que se vão sucedendo sempre umas às outras sob variegadas formas, cobertas de matas virgens, de selvas seculares, entremeadas de enormes massas de rochedos, cavadas de profundos precipícios, banhadas por torrentes e catadupas; e à mão esquerda e enfim pela frente, continuando em uma planície imensa semeada de outeiros e de morros, bordada de bosques, de fazendas, de sítios, de casas mais ou menos elegantes, e de choupanas mais ou menos humildes, recortada por opulentos rios e modestos regatos, enriquecida de campos verde e de lagos límpidos, e prologando-se mais e mais, até que em tudo isso os mesmos quadros se vão reproduzindo ao longe em miniatura, e prolongando-se ainda mais, até que o véu do horizonte põe um térmo ao majestoso panorama.

É belo de ver-se, e é sublime de ouvir-se, a torrente impetuosa que se despenha da primeira montanha dessa serrania majestosa no campo da fazenda em um belo leito de granito, com o troar de uma borrasca incessante, que primeiro espuma caindo das alturas, e que depois desencabresta mugindo como um touro furioso, e enroscando-se pelo campo como uma serpente gigantesca, correndo mais além sôbre uma cama de areia fina e clara, e depois de deslizar-se em mil voltas desaparece por entre as árvores de um bosque, rápida e veloz como ainda a serpente que foge, e finalmente reaparece lá, longe na

vastidão da planície, para fertilizar outras terras e unir-se por fim de todo embebida no mistério do horizonte.

Até aqui a mão de Deus embelezando a natureza, que se ostenta grande, formosa, sublime, terrível, digna d'êle. Daqui por diante, as obras do homem limitadas e imperfeitas como o homem mesmo.

À primeira vista a fazenda do Rio Claro simula o aspecto de uma pequena vila.

Na base do monte ergue-se uma casa espaçosa, assobradada e pouco elegante; tem apenas um andar; do lado direito dela levanta-se graciosa a pequena capela da fazenda com sua modesta torrinha; do lado esquerdo a casa se termina por um terraço, que domina um vasto jardim ainda muito pobre de flôres, e que mostra ser há pouco tempo começado.

Depois da capela pela parte direita e do terraço pela esquerda, seguem-se as casas dos feitores e as senzalas dos escravos, tôdas caiadas de novo e alvejando aos raios do sol, ou destacando-se no meio do campo à noite e ao clarão da lua.

Por detrás da casa principal e de tôdas as outras, um pomar vasto, mas pobre ainda de frutos escolhidos e particularmente de exóticos.

De qualquer das janelas da casa podem os olhos de um observador alimentar-se com a profusão de variadas e belas cenas daquela rica natureza, e ao mesmo tempo estender-se pelas diversas estradas que vêm abrir-se no campo da fazenda, e considerar tôdas as casas do estabelecimento.

A vinte braças de distância do rio vê-se o engenho (a fábrica), vasto edificio, feio, sem proporção nem beleza, e que hoje se concebe e levanta como se concebia e levantava há cem anos passados.

De um lado do engenho estende-se o curral, longo cercado descoberto, onde o gado se recolhe e passa a noite dormindo e ruminando.

Ao lado do curral estava marcado o lugar para a bagaccira; é o depósito dos restos da cana duas vezes pisada pelas moendas; a bagaccira assinala a antiguidade de uma fábrica de açúcar.

Mas vizinho do rio, do que lhe fica o engenho, levanta-se uma máquina de serrar, movida por água.

Cercando o campo da fazenda, mostram-se risonhas e esperançosas as roças daquele ano e as já preparadas para o outro.

Aqui, o vasto canavial erguendo suas hastes empalhadas, ou dobrando-as umas sobre as outras ao sopro da ventania.

Ali, o verde mandiocal estendido na planície, e que agitado por frescas brisas simula o oceano encapelado.

Em toda a parte o trabalho... a vegetação... a esperança...

E no centro de tudo isto o campo da fazenda do Rio Claro, como o coração daquele corpo: quatro estradas abrindo-se nêle.

E lá... no cabeço de uma das montanhas, uma casa velha mal descoberta por entre um grupo de árvores.

É a ermida arruinada.

O dia 24 de junho de 1847 deveria presidir à primeira moagem da fazenda do Rio Claro, que acabamos de descrever: era apenas chegada a antevéspera desse dia, mas já então muita gente havia daquele belo sítio, que remoçara depois de velho, conquistando a aristocrática denominação de fazenda.

Já no scio dela borbulhava o prazer... e para ela, e a tomar parte na festa que se preparava, se dirigiam Américo e Camilo, quando foram interrompidos em sua viagem pela aparição e pelo canto da misteriosa habitante da ermida arruinada.

Mas o alazão rinchou... a doida desapareceu no bosque, e os dois improvisados amigos saltando sobre os

cavalos os largaram a tóda brida, para chegar com o dia à fazenda, e poder Américo mostrar-se às senhoras montado no pisa-flôres.

VI

A CHEGADA DE AMÉRICO

A casa já está cheia de convidados; grande número de belas senhoras dava interêsse e vida à reunião; algumas delas muito vivas, muito amigas de conversar, de rir, de criticar sem nenhuma cerimônia, e mesmo à vista de todos, estavam por isso mesmo dizendo que tinham vindo da côrte com a família de Cristiano para ter uns quinze dias de festa na roça; outras, um pouco tímidas, e acanhadas às vêzes, e às vêzes tão espertas como as primeiras, rindo-se a furto, criticando em segredo, entendendo-se mútuamente com os olhos, e em certas ocasiões beliscando-se para melhor se entenderem, eram filhas e habitadoras das circunvizinhanças, que vinham tomar parte na festança do vizinho.

Tôdas elas porém estavam vestidas com mais ou menos gôsto; tôdas elas tinham encantos, graça e espirito, e nenhuma representava perfeitamente êsse tipo que ainda não foi, e que entretanto merece bem ser estudado — a nossa môça da roça.

A respeito dos homens, pode-se aplicar as mesmas observações.

Não há exageração nem inverosimilhança no que fica exposto: a civilização das reuniões, a côr, o modo da côrte tem já conquistado algumas léguas além da cidade de Niterói; não é a mesma cousa certamente... falta sempre um não sei quê; mas em certos lugares do interior, quem assiste e observa uma partida, uma assembléia,

um banquete, hoje, lembrando-se da côrte, reconhece e diz: — isto é como lá.

Na fazenda do Rio Claro estava pois reunida uma dessas sociedades agradáveis e encantadoras, que fazem esquecer os pesares do passado, e que não dão tempo para se pagar o tributo dos cuidados do futuro.

Cristiano e Gabriela, sua digna espôsa, desfaziam-se em obséquios para com seus hóspedes.

Adriana, interessante filha dêsse estimável par, brilhava por seus encantos e prendas; completamente revoltada contra a inatividade, em guerra aberta com o sossêgo, descansava da fadiga da dança, tocando ou cantando; e, apenas acabava de fazê-lo, de novo pedia para dançar; ria e brincava, e obrigava as suas companheiras a fazerem como ela: Adriana era a festa.

Brincava-se pois com fervor e alegria: as senhoras não se faziam rogar; os homens esqueciam as calculadas cerimônias da côrte.

O ar da roça, a festa do campo tem isso: uma respeitosa liberdade a preside; as etiquêtas, as faceirices e até as fidúcias desaparecem; o coração se dilata prazenteiro e livre nesse imenso horizonte, como se apertado e contraído se acanha no salão da côrte alcatifado ricamente e ornado de ouro, de sêdas, de lisonjas e de mentiras.

Todavia parece que algum convidado e bom amigo ainda faltava na fazenda do Rio Claro.

Cristiano e Gabriela chegavam de espaço em espaço a alguma das janelas como para observar se algum cavaleiro aparecia; e quando ouviam o bater de alguma cancela do campo da fazenda, animavam-se ambos com uma leve esperança, que logo depois se desvanecia, e então olhando sentidamente um para outro, pareciam dizer-se — não vem hoje.

Além dos donos da casa, mais alguém passeando constantemente no terraço tinha os olhos fitos na estrada: era um homem alto, magro, meio calvo, pálido, mas de fisionomia nobre e insinuante. Esse personagem que mostrava contar pouco mais de quarenta anos, e que parecia muito estimado pela família de Cristiano, era médico e chamava-se Benedito.

Mas uma quadrilha viva e brilhante acabava de chegar a seu termo, e Adriana com as faces em fogo e com o peito arfando sentara-se enfim ao lado de outra môça da sua idade, para descansar alguns momentos.

Aproveitemos os rápidos instantes em que a filha de Cristiano cede ao império da fadiga, para descrevê-la muito ligeiramente.

Adriana é uma bela môça de dezoito anos, alta, delgada e graciosa; tem um rosto que brilha à luz que vibram dos lindíssimos olhos pretos; seus cabelos castanho-escuros erguem-se em largos bandós, primeiro sôbre duas faces aveludadas, e depois vão perder-se em um verdadeiro labirinto que forma o seu penteado; a pureza de seus lábios de virgem pode só ser igualada pelo encanto de seu sorrir de feiticeira; a perfeição de seu colo, a delicadeza de suas mãos, a delgadeza de sua cintura, a gentileza de seu corpo, dão-lhe o cetro de rainha no meio de tôdas as belas senhoras que se acham na sala.

A môça que está sentada ao pé de Adriana é apenas quatro anos mais velha que ela; sem poder passar por formosa, é sem dúvida insinuante e agradável; pálida, flexível e esbelta, tem garndes e belos olhos pardos, embora um pouco ressentidos das vigílias e da fadiga de uma vida tôda passada em bailes e festas; o som da sua voz é doce, mas talvez um pouco afetado; a alvura de suas mãos deslumbra a vista, e o seu olhar, seus gestos, seu sorrir, suas palavras denunciam um coração que se perdeu no turbilhão dos saraus, ou que se embebeu todo

no galanteio; entretanto no meio dos prazeres daquela reunião em que se achava, essa jovem parecia melancólica e pensativa.

Entfim, Adriana tomou uma larga respiração, e como tendo exalado tôda a fadiga, a que por momentos se dobrara, voltou-se para a môça pálida, e cravando-lhe no rosto um olhar malicioso, disse:

— Estás triste, Leonor?

— Triste?... repetiu Leonor como despertando de um cismar involuntário: ah!... não; tu, Adriana, tu...

— Eu? então o que é que eu tenho? acaba.

A môça suspirou, e voltando os olhos para um elegante mancebo que estava sentado defronte delas, respondeu apenas:

— Tu és muito feliz.

Adriana corou e replicou:

— Eu te compreendo; mas também não creio que a tua tristeza provenha de inveja que tenhas do que chamas minha felicidade.

— Oh! certamente!...

— Que tens tu pois para assim te mostrares tão abatida e melancólica? pesa-te êste ar da roça? ou tens saudades de alguém que ficou na cõrte?... Ah! agora creio que adivinhei, porque teu seio se agitou, como se dentro dêle o coração tivesse dado um pulo!...

— Fala baixo, Adriana, repara... êle tem os olhos fixados em ti...

— Pois vamos para aquela janela... provavelmente queres dizer-me muitas cousas a respeito de uma certa pessoa que te faz contar as horas por anos, e que teima ainda em não querer chegar.

As duas môças levantaram-se e dirigiram-se a uma janela para fugir dos olhos curiosos do cavalheiro que se achava sentado defronte delas; mas se Adriana não passasse olhando disfarçadamente para outro lado, pode-

ria ter apanhado um rápido sinal da inteligência trocado entre Leonor e uma senhora idosa que conversava com o mesmo homem de quem as duas pareciam querer fugir.

— Está vendo, Sr. Frederico?... disse a senhora idosa ao cavalheiro: as suas advogadas não dormem!

— Mas os meus adversários velam, respondeu êle sorrindo-se.

Frederico era um homem alto e muito bem feito: tinha os cabelos pretos, a fronte alta, e os olhos cheios de um fogo, que êle sabia moderar ou inflamar à vontade; seu rosto era de verdadeira beleza varonil; seus lábios eróticos prestavam-se tão facilmente a um sorrir de desdém, como ao mais expressivo sorrir de amor; delicado em seus modos, agradável na conversação, insinuante e perigoso, êsse homem, que apenas contava trinta anos, tinha já uma vida rica de loucuras e cheia de escândalos.

A senhora com quem Frederico estava conversando começava a entrar no último período da vida; era de estatura regular, gorda, trajava com apurado gosto, trazendo nos seus ornatos um leve sinal de viuvez, chamava-se Fabiana e era tia de Leonor.

Descrivendo estas duas personagens perdemos o princípio da conversação das duas môças; aproveitamos o resto ao menos.

— Mas deveras êle te ama? perguntava Adriana a Leonor, sem reparar que suas faces coravam, e que, um temor convulsivo agitava lentamente seus lábios.

Leonor ou não notou, ou fingiu não perceber nenhuma daquelas traiçoezinhas do belo rosto da amiga.

— Mas êle te ama?... dize?... deveras êle te ama?...

— Como queres tu que eu responda com segurança a êsse teu — deveras — quando se trata de um homem, Adriana?

- Ao menos porém êle te disse?
- Os homens dizem tanta coisa!...
- Confessas enfim que as aparências...
- Êles aparentam tudo quando querem!

Adriana bateu com seu pèzinho de princesa sôbre o soalho e disse com viveza:

— Os homens!... os homens!... não se trata dos homens: trata-se de um homem; não falamos dêles, falamos d'êle.

— Adriana! respondeu Leonor recuando um passo e mostrando-se admirada, os teus olhos têm um fogo que me espanta! O que devo eu pensar do que estou vendo?

Adriana serenou de improviso, e desatando a rir, abraçou a amiga e murmurou-lhe ao ouvido:

— Ciumenta! pensas tu que eu deseje ser tua rival?

Leonor sossegou por sua vez: era admirável como aquelas duas môças sossegavam tão depressa!

— Entretanto, continuou Adriana, sinto dizer-te que passarás aqui uns quinze dias de penitência.

— E por que?

— Porque está visto que êle não vem.

— Oh! não: êle há de vir.

— Prometeu-te? perguntou Adriana corando outra vez.

— Prometeu-me... não sei; mas disse-se.

A filha de Cristiano não sabia encobrir as sensações que experimentava; sentindo que o fogo lhe subia ao rosto, voltou a cabeça exclamou:

— Dancemos!

Mas, em vez de chamar os pates à sala, foi apressada sentar-se ao piano, e ficou imóvel e sem tocar.

Cristiano e Gabriela tinham-se chegado de novo a uma janela, e tinham embebido olhos descojsos em uma

larga estrada, que alvejava na planície, e que depois se quebrava formando um ângulo para vir perder-se ao atravessar uma breve floresta, que ela partia em duas.

O sol havia desaparecido por de trás das montanhas: seus últimos raios não se ostentavam mais ao longe derramando um brilho encantador na cúpula dos bosques: a luz do crepúsculo, melancólica e doce, permeava já entre o dia e a noite.

— Qual, disse Gabriela, não vem.

— Roem-nos a corda, acrescentou Cristiano.

— Tanto pior para ele, disse Fabiana; a sua repartição, com todo o seu expediente, emolumentos, velhos e novos direitos, não vale a fazenda do Rio Claro.

— Em todo caso far-nos-á grande falta, tornou Cristiano.

— Eu digo que ele vem, disse Leonor.

— Mas é quase noite, e o tal Sr. Américo tinha-se comprometido a vir jantar hoje conosco.

— Não importa, disse Adriana levantando-se risinha e prazenteira do piano, eu já estou sossegada, e espero vê-lo chegar bem cedo.

— Por quê?

— Porque D. Leonor é quem o assegura, e deve ter boas razões para isso.

— Adriana! já você começa?

Benedito apareceu à porta da sala, e por alguns momentos sua fronte se enrugou, como se llic doesse o que acabava de ouvir.

— Adoeceria o nosso Américo?

— Pois não! acudiu Frederico: Américo não adoecem morte: daqui a duzentos anos será chamado o novo Cagliostro.

— Então por que não virá?

— É sempre difícil de explicar o procedimento de Américo.

— Menos isso, acudiu o médico forcejando por dar a suas palavras um tom agradável. Américo é um composto de extravagâncias e de virtudes; explica-se pois facilmente tôda sua vida: as extravagâncias por uma cabeça de fogo, e as virtudes por um coração de anjo.

— Anjo!... anjo papudo então.

— Oh! lá vem êle! exclamou uma voz.

— Como? pois Américo há de vir por aquela estrada particular?

— São dois cavaleiros.

— Aquêlê que vem em um cavallo russo é meu filho, disse um ancião.

— E o outro?

— Não conheço: oh!... espere... o cavallo é também de meu filho... é o alazão.

— Quem será?

— Se fôsse êle!

— A figura é de Américo.

— É êle!

— Não é.

— É êle; não tem dúvida.

— Como diabo foi o Américo parar na fazenda do Sr. Mariano?

— É que se dirigiu pela sua má cabeça, disse Frederico com um afetado sorriso.

Benedito respondeu aquella ironia com um olhar desdenhoso.

— Viva o Américo! bradou Cristiano, que em certas ocasiões parecia mais um rapaz, do que um grave pai de família; viva o Américo!

— Dois foguetes! exclamou Frederico; quero saudar a chegada de Américo.

— Não atire foguetes, senhor, observou Mariano; aquêlê cavallo alazão é quase o demônio...

— Que importa! vem cavalgado por um demônio completo; não há perigo; dois foguetes!

— Ao terreiro! ao terreiro!... vamos dar-lhe vivas.

— Minhas senhoras, ninguém as obriga a não gritar.

— Assim não vai bem, Sr. Frederico, disse Cristiano; se quiser que as moças gritem, ordene-lhes que não digam palavra.

— Minhas senhoras, silêncio!

As senhoras começaram a falar tôdas ao mesmo tempo, fazendo uma bulha capaz de ensurdecer a qualquer.

— Ó rapaz! traze fogo depressa.

Os homens precipitaram-se para o terreiro a fim de receberem Américo triunfalmente; as moças preparavam seus lençinhos brancos.

Adriana estava ao pé de Leonor.

— Parabéns! disse aquela.

— Linguaruda! murmurou Leonor, dando um beliscão na amiga.

Com efeito Américo e Camilo chegavam enfim à fazenda do Rio Claro.

O famoso alazão galopava galhardo e orgulhoso, rinchando e bufando com ardor. O estouvado mancebo via completos os seus desejos: chegava ainda com um resto de dia, e mostrava-se às senhoras montado no Pisa-flôres.

— Preparam-te uma recepção brilhante, disse Camilo, chegando-se a Américo; mas o meu parecer é que te deves apear, se não queres passar por uma horrorosa vergonha.

— Eu apear-me?... havia de ser bonito! mas então o que há?

— Vejo foguetes na mão de um homem, e se êles sobem ao ar, êsse cavalo te lança por terra necessariamente.

Por única resposta, Américo chegou o esporim no ventre do alazão, que deu três arrancos e correu à desfilada.

Estavam já a dez braças da casa. . . Américo sorria-se observando o triunfo que lhe preparavam, quando souou um grito:

— Viva o Américo!

— Viva! viva! bradaram todos.

As moças agitaram seus lenços; Frederico fêz subir ao ar os foguetes, e, ou por acaso ou de propósito, um dêles passou tão perto de Américo, que quase o tocou.

Apenas o primeiro foguete acabava de escapar das mãos de Frederico, o ardente alazão, espantado e furioso, voltou-se rapidamente sôbre os pés, e, desesperado por se ver sustido pelo cavaleiro, desatou em um jôgo violento e impetuoso: em poucos instantes rebentaram-se ambos os estribos, e Américo, obrigado a segurar-se apertando com as pernas o ventre do cavalo, ainda mais o desesperou, porque o feria com o esporim.

As senhoras soltaram gritos de espanto, já por três vêzes Américo estivera a ponto de cair. . . a um fortíssimo arranco do cavalo as cilhas se rebentaram. . . e como se conhecesse o perigo em que ficara o cavaleiro, o enfurecido animal dobrou de esforços, e ia finalmente, com mais um novo salto, livrar-se do senhor contra o qual se revoltava, quando se sentiu sustido pelo freio por duas mãos tão fortes, que o obrigaram a curvar-se bufando de fadiga e de raiva.

Benedito havia corrido em socorro de Américo.

— Obrigado, doutor! exclamou o mancebo saltando em terra ao mesmo tempo que o selim caía a seus pés; obrigado.

O doutor apertou Américo nos seus braços.

— Qualquer outro teria caído dez vèzes! disse.

E depois, afastando-se e falando consigo mesmo, continuou:

— O coração lhe bate com tanta regularidade como se nada lhe tivesse acontecido!

A êsse tempo Américo já se achava cercado por tôdas as senhoras e cavalheiros.

VII

A HISTÓRIA DA VIAGEM

Américo entrou na sala seguido imediatamente por Benedito e logo depois por tôda a sociedade.

— *Eis aí Telêmaco que marcha adiante de Minerva!* disse rindo-se Fabiana.

— E que seguramente esbarrrou-se logo com Calipso, a quem tenho a honra de dirigir os meus cumprimentos! respondeu o mancebo.

— Machucou-se, Sr. Américo...! perguntou cuidadosa Gabriela.

— Feriu-se?

— É impossível que se não magoasse!...

— Sou como um pero, minhas senhoras! e com uma vontade desesperada de cantar, de dançar e de fazer loucuras!

— Pois essa vontade desesperada, observou Leonor, não está muito em harmonia com o tempo que nos fêz esperar a sua boa chegada.

— Seria eu tão venturoso, que pudesse ter causado saudades a alguém? perguntou Américo, voltando insensivelmente os olhos, como se procurasse alguma pessoa que ali não estava.

— Oh! muitas! respondeu Leonor dando um passo para diante dêle.

— Senta-se para aqui, e conta-nos as causas da tua demora; disse Benedito puxando Américo pelo braço e fazendo-o sentar em uma cadeira junto do sofá, onde por acaso se achava Adriana.

A jovem senhora estava ainda pálida e trêmula do susto que tivera pelo perigo que o mancebo tinha corrido: ao vê-lo chegar-se para perto dela, sorriu-se docemente e perguntou:

— Não sofreu nada, Sr. Américo?

— Nada, absolutamente, à exceção do pesar que me causa o susto que tiveram as senhoras.

— Ainda bem; mas ao menos de hoje em diante não deve mais montar em cavalos bravos.

— Minha senhora, aquêles formoso alazão é um cordeiro... antipatiza com foguetes e bombas, e mais nada; muitos homens conheço eu a quem o cheiro da pólvora incomoda tanto como a êle.

O companheiro de viagem de Américo appareceu à porta da sala.

— Oh lá! chega-te, Camilo; minhas senhoras e senhores, tenho a honra de apresentar-lhes o meu particular amigo, o Sr. Camilo; é um mocetão completo, que tem na sua mesa as mais apetitosas iguarias, e nas suas cavaliças os melhores cavalos do mundo!

— Desde quando conheces tu aquêles espalhabrasas?... perguntou Mariano ao ouvido do filho.

— Desde duas horas, meu pai.

— E é já teu particular amigo?

— Parece-me um excelente môço.

— E a mim um doido.

— Dancemos! dancemos! exclamou Américo levantando-se.

— Alto lá, Sr. Américo, disse Benedito, há de nos pagar o tempo que levamos a esperá-lo, contando-nos a história da sua viagem.

— É verdade, disse Leonor, sentando-se defronte do mancebo: eu estou ansiosa por saber o motivo de tanta demora.

Adriana fez um movimento de impaciência, enquanto tôda a sociedade veio cercar o recém-chegado.

— Ora, pois, disse Américo: por onde querem que eu principie?

— Pelo princípio, está visto.

— Muito bem: acordei hoje às quatro horas da madrugada para viajar...

— Se fôsse para ir à repartição acordava às dez do dia.

— Isso lá é verdade, minha senhora; a pátria é uma mãe muito carinhosa, e não exige de seus filhos que acordem de madrugada.

— A história... a história...

— Aluguei uma falua no Faroux, embarquei-me, e cheguei a Niterói às cinco horas da manhã: ao desembarcar-se quebrou-se a prancha, e eu caí no mar e molhei as pernas até os joelhos.

— Mau princípio de viagem.

— Fui a um hotel: quis almoçar, e não tive o que deram-me ovos choccos fritos em manteiga rançosa, com pão de três dias e café queimado... era uma tisana!

— *Que infelicidade!*

— Fui a uma cocheira, e pedi um bucéfalo; desejei que me considerassem um herói de Ariosto ou de Baiardo, e apenas me consideraram o herói de Cervantes; em lugar de Orlando ou de Reinaldo, D. Quixote ou Sancho Pança: a diferença é pequena; pedi que me dessem um hipogrifo, e deram-me um elefante; em uma palavra alugaram-me um cavalo mouro, do qual me hei de lembrar *per omnia soecula soeculorum*.

— Amém, Sr. Vigário! disse Leonor.

— Obrigado: faz gosto ser vigário quando se pode ter um sacristão como eu tenho!

— Adiante... adiante, disse Benedito.

— O tal mouro que aluguei era realmente uma peça de encomenda: comprido como o orçamento da despesa pública, magro como os cofres municipais, velho como um ministério que dura mais de seis meses, feio como um ano financeiro sem créditos suplementares, era por cima de tudo isso eminentemente vagaroso como tôdas as obras nacionais.

— Oh! que terrível cavalo!

— Sim, aquêlê maldito cavalo deveria por força ter sido propriedade de algum inglês, em quando foi novo, e de algum boleiro amante da pinga depois que envelheceu.

— Mas por quê?

— Primeiramente, porque não andava senão de trote, e em segundo lugar porque empacava defronte de tôdas as tabernas. Façam portanto idéia, minhas senhoras, dos tormentos por que passei! A história desta viagem singular hei de eu escrevê-la em 4 volumes... por ora contento-me com falar-lhes do fim dela, como falei do princípio.

— E o meio?

— O meio é o segredo dos meus quatro volumes: em resumo porém soufriu entre o princípio e o fim um sol tão ardente, que por um triz escapei de ser vítima de uma combustão de nova espécie; uma fome tão desesperada, que, quando cheguei à fazenda do meu amigo Camilo, comi como uma tropa de timbaleiros; e um cavalo tão manhoso e roncciro, que, ao mesmo tempo que me fazia soltar gemidos pungentes, fazia desatar estrepitosas gargalhadas a todos quantos me encontravam!

— Finalmente...

— Finalmente, errei o caminho... o mouro deu um salto e atirou-me de pernas para o ar.

— Caiu?...

— É verdade... é verdade... caí do maldito elefante; mas essa queda foi uma felicidade para mim, porque achei uma alma piedosa que me deu bom jantar, excelente cavalo, a melhor companhia possível, e finalmente descobri aqui perto um mistério de poeta, um segrêdo de romancista, isto é, uma cousa que ninguém entende, e que, custe o que eustar, hei de eu acabar por entender.

— Então o que é? o que foi?

— Vi uma ermida arruinada, um abismo profundo e uma mulher sem juizo!...

— Como? perguntou Benedito.

Américo disse tudo que havia observado, visto e ouvido.

— Tem razão, observou Leonor: é um mistério capaz de acender a curiosidade da pessoa mais indiferente do mundo!

— Eu protesto que hei de decifrar o enigma; juro que penetrarei aquêl segrêdo; porque, dê a cousa no que der, antes de voltar para a côrte farei uma visita à ermida arruinada.

— Não faça tal, senhor! exclamou um homem de cinquenta anos, e que era vizinho da fazenda do Rio Claro; não faça tal: basta já o que fêz... não vá adiante.

— Pois então o que foi que eu fiz?

— Metade de sua desgraça: estive espiando o que faziam as feiticeiras da ermida arruinada; pois bem, saiba que vai ser infeliz; se ama alguém será desprezado ou verá perdidos os seus amôres; se está para casar hão de roubar-lhe a noiva; se espera alguma fortuna ficará por

certo sem ela... tudo enfim lhe sairá às avessas; porque espiou o que se passava ao redor da ermida arruinada!

A maior parte dos circunstantes desatou a rir; mas o velho não fez caso disso; estava pálido e trêmulo.

— E se eu fôr lá?... se eu penetrar na ermida? perguntou Américo.

— Se o senhor fôr lá... há de ser arrastado para o abismo... se o senhor fôr lá... há de haver uma morte... isto não falha.

— Meu amigo, eu não creio em bruxas.

— É porque o senhor não sabe a história da *Bôca do inferno*.

— Mas o que é a *Bôca do inferno*? perguntou Fabiana.

— É o abismo da ermida arruinada. As senhoras não sabem a história da *Bôca do inferno*?

— Não, senhor.

— Pois amanhã lhes contarei.

— Nada, conte hoje; conte agora mesmo.

— Não; é melhor amanhã; talvez que as senhoras não possam dormir esta noite.

— Qual! conte... conte: nós não somos medrosas.

Apertaram e teimaram tanto com o velho, que finalmente resolveram-no a contar a história.

Sentaram-se todos em roda do Sr. Leocádio, que assim se chamava o velho, e prestaram atenção ao que êle ia contar.

VIII

HISTÓRIA DA BÓCA DO INFERNO

Leocádio abaixou a cabeça e fitou os olhos no chão durante algum tempo, como quem estava pondo em ordem suas idéias; no fim de alguns minutos ergueu a

fronte, lançou em derredor um olhar misterioso, e tomando uma larga respiração, começou a história da Bóca do inferno.

— Provavelmente os senhores já hão de ter lido uma obra que se chama "*Memórias Históricas do Rio de Janeiro*" e que dizem que foi escrita por um certo Pizarro: eu cá não creio nessa, porque não me pode entrar nos cascos que um homem só tenha cabeça para escrever uns poucos de livros.

"Mas fôsse um ou fôssem muitos homens os autores de tais *Memórias*, o certo é que vêm nelas referida a origem e o princípio da ermida arruinada; quem conhece porém a história da nossa terra, vê logo que tal Pizarro andou inventando explicações, e fêz apenas uma novela a tal respeito.

"É verdade que elle se baseia em documentos officiaes, e apresenta certidões de doação da capela e de terras para seu patrimônio, o nome do fundador, etc.; mas isto de documentos officiaes é tudo peta, e o que é certo e mais que certo é o que diz o povo; porque segundo o ditado antigo, *vox populi, vox Dei*.

— Já se vê que o homem fala latim como um padre... dos modernos, murmurou Américo ao ouvido de Benedito.

— Deixa-te de brincados, disse-lhe o médico; ou presta ou finge ao menos prestar atenção à história do bom velho.

Leocádio continuou:

— Aquella ermida há de ter já os seus cento e trinta anos; e eis aqui como ella teve princípio, e o mais que a respeito della se sabe, conforme minha tataravó contou à minha bisavó, minha bisavó à minha avó, minha avó à minha mãe, e minha mãe a êste criado de VV. SS.

"Quem levantou aquella ermida não foi o sujeito de quem fala o tal Pizarro: o caso passou-se pela maneira

seguinte. Há cento e trinta e tantos anos, que pela conta não perca, appareceu por estas terras um homem alto como um gigante, com olhos e cara de gato como uma onça, com os cabelos grossos, duros e tesos como um javali: era um bicho!... andava escondido, comia frutos e raízes agrestes, bebia a água ds charcos, e dormia em tocas de árvores ou nas furnas dos penedos, como uma fera em seu covil.

— Com efeito! faz arrepiar os cabelos.

— Pois foi tal e qual: o povo sobressaltou-se com a presença de semelhante animal de nova espécie, e queixou-se ao vigário da paróquia, que foi procurar o monstro no deserto: encontrou-o um dia sentado à sombra de uma árvore, e interrogou-o com sua autoridade sagrada.

“O selvagem, que lançara um olhar furioso sobre o padre, escutando a sua ordem poderosa, começou a tremer da cabeça até os pés.

“— Fala, bradou-lhe o padre: ordeno-te que fales: quem és tu?

“— Excomungado!... Excomungado! gritou o miserável fazendo horríveis contorsões.

“— É quem te excomungou?...

“— Uma voz que eu tenho aqui dentro!... respondeu êle apontando para o coração.

“— E que fizeste?... fala.

“O infeliz tremeu com mais terror ainda.

“— Queres confiar-me a tua vida em confissão?

“— Não: bem alto! quero que todos saibam o que eu tenho feito no mundo.

“— Pois fala.

“— Padre! fiquei órfão poucos meses depois de haver nascido; minha figura terrível, minha fisionomia feroz me tornava objeto da antipatia e da repulsão de todos. No mundo só me tinha ficado um irmão, o único homem que me amou; criou-me, cercou-me de

cuidados; pois bem, quando eu tive vinte anos, apaixonei-me pela esposa de meu benfeitor, e tive inveja da riqueza que ela possuía; e matei meu irmão para roubar-lhe a mulher e a fortuna...

"Padre! meu irmão tinha deixado dois filhos, lindos e inocentes; o mais velho contava apenas dois anos; e eu, eu que me havia feito seu padrasto, uma noite... afoguei com minhas mãos meus sobrinhos para me apoderar da herança que lhes pertencia.

"Padre! precipitei-me de crime em crime; aborrecido por todos, a todos aborreci... Minha mulher ficou louca... e desde esse momento perdi-me de todo... Insultei as cãs da velhice... imolei a inocência no altar de minhas paixões... e a infância chorou debalde de joelhos a meus pés!...

"Embriagava-me com o cheiro do sangue! quis dar a meus olhos o espetáculo do incêndio, e aproveitando o silêncio da noite entreguei às chamas o palácio do rico e a cabana do pobre; e quando ouvi os lamentos dos infelizes desatei risadas de escárnio!

"Estava farto de fazer mal aos homens, quis também insultar o poder de Deus: penetrei no interior de uma igreja, roubei os ornamentos dos santos, profanei os altares, e também entreguei às chamas o templo!... Oh! mas quando de longe, do cume de um monte observava o incêndio... oh!... pareceu-me ver no meio das chamas um braço vingativo, que se levantava ameaçando-me... era o braço de Deus! quis fugir aterrado... e do seio do bosque pareceu-me sair uma voz que me bradava: — *Excomungado! excomungado!*... Era a voz de Deus! e dentro de mim, quando eu todo tremia, quando meus cabelos se eriçavam, eu sentia um veneno que me abrasava as entranhas; e uma serpente, um abutre, me mordida o coração, parecia que me exaltava, que se animava, e que vencía quando eu me reconhecia repro-

vado pelo Céu! Padre, êsse veneno, êsse abutre era o demônio! era o demônio que me governava, e que eu tinha dentro de mim.

"O padre aterrado persignou-se, e ao sagrado sinal o excomungado principiou de novo a tremer, e agarrou-se com as unhas ao tronco da árvore junto da qual estava.

"Não podia haver a menor dúvida: o homem tinha o diabo no corpo.

"O padre levou um ano inteiro às voltas com êle a trabalhar por livrá-lo da influência do espírito maligno: de três em três dias se dirigia ao bosque onde o encontrara, e empregava todos os seus piedosos esforços para regenerar o pecador perdido.

"Mas todo êsse trabalho foi perdido: o homem continuava sempre furioso e desesperado, e o seu semblante exprimia nos traços decompostos e terríveis o estado de sua alma.

"No fim de um ano, como eu ia dizendo, o padre supôs ter descoberto o segredo; julgou ter recebido uma inspiração, e perguntou ao excomungado:

"— Infeliz, onde está o dinheiro que roubaste? . . .

"O homem-bicho soltou um grito pavoroso; e o padre continuou sem hesitar:

"— Infeliz, o diabo que te atormenta está escondido no dinheiro que roubaste; dize, onde escondeste tuas riquezas? . . .

"A voz do padre era imperiosa; o miserável não teve remédio senão obedecer, e internando-se pela floresta chegou enfim junto de um grupo de rochedos no meio dos quais havia uma furna, e dentro dela três grandes caixões cheios de ouro: era uma riqueza imensa! . . .

"— Tu és um criminoso e um malvado, disse-lhe o ministro sagrado; e êsse dinheiro que aí escondes não

te pertence; dize, poderás ainda restituir essas riquezas aos herdeiros daqueles a quem assassinaste? . . .

— Não! não! não! bradou o excomungado bramindo como um fera.

— Pois então, se queres paz e sossêgo neste mundo e salvação no outro, emprega êsse ouro em levantar uma igreja, uma capela ou uma grande obra pia.

“Depois de uma luta de muitos meses o padre venceu o demônio, o excomungado cedeu, e levantou aquela ermida, que hoje está arruinada e para a qual se recolheu.

“Entretanto o ouro era tanto, que dos três caixões um só foi bastante para tãda a obra da ermida; apenas soube disso, o padre correu a ter com o tal tratante, que se começava a regenerar, e mandando-o carregar os caixões para a borda de um abismo horroroso, que existe a poucas braças da capela, disse-lhe:

“— Nesse ouro que te resta está ainda escondido o demônio, e é necessário que te livres completamente de suas garras: seja êste abismo a porta do inferno; e atira com êsse dinheiro o espírito maligno dentro dêle.

“Aí então é que houve luta desesperada! o excomungado agarrava-se com os caixões do dinheiro como um gavião com os restos de uma prêsa que fizera! . . . Não havia já para o padre esperança de vitória; mas . . . ouviu-se uma espécie de ronco no abismo . . . a terra tremeu em tórno dêle . . . o padre e o criminoso recuaram espantados, e desprendendo-se um rochedo que se levantava na bôca do precipício, caiu dentro dêle, levando consigo uma grossa camada de terra, e de envolta os caixões cheios de ouro, que desapareceram no abismo.

— Eis a bôca do inferno! clamou o padre: o demônio caiu dentro dêle!

“O santo homem enganava-se; o espírito maligno tinha ficado no corpo do miserável.

— O excomungado apenas viu sumirem-se os dois caixões, soltou um grito e caiu para trás; quando voltou a si, ergueu-se, bradando — ouro! ouro! ouro! — começou a correr em roda da bôca do inferno, respondendo sempre às esconjurações do padre com êsse grito terrível — ouro!ouro! ouro!...

“Finalmente, depois de correr uma hora, o excomungado parou, e sentou-se à bôca do abismo, olhou para o padre com olhos desvairados, e disse:

“— Eu quero o meu dinheiro!... ouro! ouro! ouro!...

“O padre quis deixar o excomungado descansar algum tempo: esperava que, passadas as primeiras impressões que lhe causara a perda de tantas riquezas, êle tomaria a atendê-lo; mas bem depressa viu que o miserável ia pouco a pouco estendendo as pernas para dentro da bôca do inferno, devorando o fundo do abismo com olhos esbugalhados e côr de sangue.

“— Infeliz! que tentas fazer?

“— Vou lá em baixo, respondeu o excomungado; eu quero o meu dinheiro... ouro! ouro! ouro!

“— Lá em baixo está o inferno...

“— Ouro! ouro! ouro!... gritou pela última vez aquêlê homem perdido, que já tinha metade do corpo dentro do abismo.

“O padre correu para êle; mas foi tarde... chegou apenas a tempo de ver o corpo do excomungado tombar de peneiro em peneiro, de tronco em tronco, e depois desaparecer no fundo do negro precipício.

“— O ouro é o diabo!... exclamou o padre persignando-se.

IX

O DIABO COXO

— Não há que duvidar, disse Américo; a história do Sr. Leocádio é mesmo de arrear os cabelos!

— Tem somente o defeito de ser um pouco inverossímil, observou Fabiana.

— Como assim? perguntou o narrador.

— Quero dizer, mas sem a menor intenção de offendê-lo, que custa-me bastante a acreditar nela.

— Pois, minha senhora dona, foi tal e qual: minha tataravó, que era uma santa mulher, a contou a minha bisavó, minha bisavó, à minha avó, minha avó à minha mãe, e minha mãe a este seu criado, que não é homem de mentiras.

— É o que vale! se não fôsse o poderoso e respeitável testemunho de toda a sua família, haveria muita gente que duvidasse do fato.

— Pois então, disse Leocádio mui orgulhoso da impressão que lhe parecia ter produzido a sua história, preparem-se as senhoras e senhores para se admirarem ainda mais.

— Por quê?

— É que, se até aqui tive de falar-lhes do excomungado, agora vou contar-lhes o que mais sucedeu na tal ermida; e teremos por consequência a história do diabo coxo.

— Ainda a ermida!

— Atenção!

Leocádio tornou a lançar um olhar misterioso por toda a assembléa, tornou a tomar uma larga respiração, e falou.

— A origem singular da ermida e o fim extraordinário e fatal do seu fundador causaram verdadeiro espanto ao povo destes lugares; começaram a circular sinistros boatos de aparições sinistras nas circunvizinhanças *daquela montanha*. *Dizia-se que de noite, e em horas mortas, via-se uma figura branca e pavorosa, rezando ajoelhada à porta da ermida, e que, quando pretendia entrar dentro dela, uma mão invisível e forte a empurrava para trás, e a figura desaparecia soltando gemidos pungentes: a sombra era a alma do morto, e a mão que a arrastava para longe da porta sagrada era a mão do diabo.*

— Vamos a pior, Sr. Leocádio!

O velho prosseguiu:

— Outras vezes, mas de noite e também em horas mortas, via-se a mesma figura, mas agora com proporções colossais, correndo em roda do abismo... suas vestes brancas voavam levantadas por uma brisa tão fria que enregelava, e da boca desse gigante do inferno saía um grito agudo e penetrante: — ouro! ouro! ouro! — e logo depois ouvia-se o baque de um corpo, que tombava no fundo do abismo.

"A consequência do aparecimento destas abomináveis sombras foi que ninguém mais passou de noite por perto do monte, que ficou assim entregue ao poder dos espíritos infernais; a ermida caiu em um abandono completo; não houve quem se atrevesse a tomar conta dela, e pôsto que tivesse sido edificada com todo csmêro e solidez, entregue ao furor do tempo e privada dos cuidados humanos, bem cedo começou a estragar-se.

"Assim se passaram cincoenta anos: já haviam morrido quase tôdas as testemunhas do caso tremendo que referi; já alguns incrédulos duvidavam da veracidade dos fatos que eram contados pelos filhos, que os tinham ouvido de seus pais, quando uma outra personagem, não

menos misteriosa e fatal do que o excomungado, appareceu na terra.

— Ora vamos a ver...

— Meus senhores e senhoras, o que agora vou contar não foi visto por minha tataravó, que desgraçadamente tinha já morrido; porém minha bisavó, que tudo testemunhou, contou-o à minha avó, minha avó a minha mãe e minha mãe a êste seu criado.

“Há cêrca de oitenta e tantos anos chegou um dia a estas terras um homem desconhecido: ninguém soube de onde êle vinha, nem para onde ia, nem como se chamava; era um môço de trinta anos, pouco mais ou menos, de estatura ordinária, muito bem feito, rosto muito agradável, maneiras insinuantes, cabelos pretos, olhos negros e brilhantes... enfim, um mancebo verdadeiramente elegante: todos porém lastimaram um grande senão que lhe tinha pôsto a natureza: era coxo.

— Eis aí temos o diabo em cena.

— O tal desconhecido não pediu nem pão nem água e nem pousada a ninguém: por acaso ouviu contar a história da ermida, e desatando a rir, declarou que estabeleceria a sua morada exatamente no cimo da montanha; e com effeito para lá se dirigiu, e lá ficou sem se importar com as aparições noturnas.

— Era corajoso!

— Qual corajoso! era o diabo em pessoa.

— Ah!

— Entretanto êste novo incógnito em nada se parecia com o primeiro, que fôra o fundador da ermida: o excomungado mostrava ser um homem de idade já madura, e êste, pelo contrário, parecia um mancebo na flôr dos anos: um era feio e intratável, e êste outro, pelo contrário, tão bonito como acessível e agradável. Diziam todos que o seu único defeito era ser coxo; admiravam-se porém que, sem recorrer a pessoa alguma, êle passasse

vida regalada, e apparecesse sempre em tôda a parte bem vestido e com as algibeiras recheadas de lindas peças de ouro.

"Correu assim algum tempo, e, como o desconhecido não fizesse mal a ninguém, desapareceram algumas suspeitas que se haviam levantado contra êle; até mesmo notou-se que o mancebo fazia a todos o bem que podia, e que para isso nunca se fazia rogar.

"Mas no meio das demonstrações da gratidão popular, que naturalmente principiou a pronunciar-se a favor do desconhecido, alguém fêz observar uma terrível coincidência: nunca o mancebo fêz algum bem que não viesse logo após um grande mal ferir aquêle que o tivesse recebido; nunca entrara em uma casa, mesmo para fazer algum beneficio, que a desgraça não caísse como um raio sobre a família que habitasse debaixo daquele teto.

"Apontaram-se logo diversos fatos; por exemplo:

"Em um dia de horrosa tempestade correu tôda a aba de um morro, sobre a qual estavam as roças de um lavrador pobre e carregado de filhos; antes de todos, o desconhecido chegou à casa da desolada família, e derramou no seio dela a consolação, deixando aos infelizes uma boa soma de dinheiro; ora, na noite dêsse mesmo dia, e sem se saber como, ardeu a casa do lavrador, e seus filhos ficaram órfãos, porque o mísero pai morreu queimado.

"Outro dia um viajante estava a ponto de ser levado pela corrente do Rio Claro engrossado pelas chuvas; o desconhecido appareceu de repente, lançou-se n'água e salvou o viajante; mas poucas horas depois tendo o infeliz continuado a sua viagem, o cavallo desencabrestou, e precipitando-se em um despenhadeiro desapareceu para sempre com êle.

"Como êstes, referiam-se mais vinte ou trinta casos fatais.

"O desconhecido era principalmente grande conhecedor de ervas e raízes, e curava tôdas as moléstias, e ainda mesmo aquelas a que os licenciados não tinham podido dar volta; mas que importava isso? se fazia levantar da cama um bom marido, logo que êle voltava as costas, a mulher, que escapara de ficar viúva, tinha um ataque repentino e morria.

"Se com seus remédios salvava um filho, com sua maligna influênciã matava a mãe; atrás do seu benefício vinha sempre infalível, inevitável o malefício.

"Em consequência do que acabo de dizer, já ninguém queria saber dos remédios nem das curas milagrosas do desconhecido; e combinados todos êstes fatos, e estudada bem a vida do tal incógnito, o povo caiu enfim na verdade, e compreendeu que êsse incógnito não era mais do que a alma do excomungado ou, melhor ainda, o mesmo diabo em pessoa; e tanto mais que êle trazia um senão terrível, era coxo.

"Por aquêlê tempo adoeceu um rico fazendeiro dêste lugar; chamava-se Guilherme: bom para os pobres, honrado e temente a Deus; era viúvo e tinha uma única filha que fazia as delícias da sua vida: chamava-se Ovídia.

"Ovídia era a beleza da terra; jovem formosa e cheia de virtudes, dava fortuna a quem se chegava a ela, e encantava os velhos dias de seu extremoso pai; quando a menina o viu às portas da morte, chorou como boa filha que era, e, querendo a todo custo salvá-lo, exigiu que se chamasse o desconhecido.

"Esquecia-me de dizer que Ovídia estava para se casar com um belo mancebo chamado Reginaldo.

— Com effeito! observou Fabiana; o Sr. Leocádio tem de cor todos os fatos e todos os nomes, não lhe esquece nada!...

Leocádio olhou meio desconfiado para a senhora que o interrompia, e respondeu:

— Senhora dona, foi minha bisavó que contou à minha avó, minha avó à minha mãe, e minha mãe a este seu criado, que não é homem de mentiras.

— Vamos, vamos, Sr. Lcoádio, disse Adriana.

O narrador continuou:

— Quando Reginaldo ouviu o que pedia Ovídia lembrou-se que, segundo o que até então se observara com todos, se o diabo coxo viesse acudir ao velho Guilherme, salvá-lo ia certamente; mas logo depois alguma pessoa bem cara a êle morreria naquela casa: ora estava claro que a vítima não podia ser outra senão a própria Ovídia.

"O noivo fêz portanto quantas reflexões lhe inspirou a razão e o amor; mas tudo foi baldado; Ovídia teimava sempre: contanto que seu bom pai escapasse, pouco lhe importava morrer, dizia ela.

"Não houve outro remédio senão ceder às exigências da môça: mandou-se chamar o diabo coxo.

"Chegou o fatal mancebo, e foi introduzido no quarto do velho: no fim de uma hora saiu, foi buscar ervas e raízes cujas virtudes conhecia, e começou com zêlo e cuidado a administrar seus remédios ao doente.

"No fim de três dias Guilherme estava de pé: tinha sido um cura estrondosa!

"Entretanto o mancebo desconhecido teimava em demorar-se naquela casa contra o seu costume antigo, segundo o qual apenas fazia tomar um remédio a um doente, retirava-se como seguro do resultado dêle.

"Havia o que quer que fôsse então nos modos do tal diabo coxo: seu rosto belo e alegre tomara uma doce expressão de melancolia, o seu olhar ardente e penetrante estava sem cessar cravado no semblante de Ovídia.

"Reginaldo, que não podia deixar escapar nenhuma destas circunstâncias, e que, com muita razão, se afligia

com o que observava, aproveitou um momento em que se achou a sós com o desconhecido, e perguntou-lhe, um pouco incivilmente talvez, se ainda não considerava Guilherme livre de perigo. O desconhecido, diabo coxo ou não, sorriu-se com um amargor inexplicável, e respondeu:

— Ainda me é preciso ficar aqui outros três dias.

"Reginaldo olhou meio espantado para o misterioso mancebo, que continuou:

"— A razão da minha demora o Sr. saberá no fim de cinco minutos.

"— E por que não agora mesmo?

"— Porque não precisarei dizê-la, visto que a sua noiva há de entrar nesta sala no fim de cinco minutos para dizer-me que seu pai teve um novo ataque.

"Reginaldo empalideceu.

"Ficaram ambos os mancebos olhando um para o outro pouco mais ou menos o tempo necessário para se passarem cinco minutos.

"— E agora, disse friamente o desconhecido.

"Reginaldo ouviu um pungente grito de dor, e pouco depois Ovídia entrou na sala, e lançando-se para o misterioso mancebo gritou-lhe:

"— Acuda! meu pai morre! . . .

— Não morrerá, senhora, respondeu êle; sua filha vai salvá-lo.

"Tirou depois do bôlso um vidro que continha uma água muito clara, e pediu a Ovídia que bebesse algumas gôtas daquela água; que com ela umedecesse os lábios, e depois fôsse beijar a fronte de seu pai.

"A mãe obedeceu prontamente às ordens do desconhecido; mas apenas tinha bebido a primeira gôta daquela água, olhou com surpresa para o mancebo e corou.

"Depois correu para onde estava seu pai, deu-lhe um beijo na fronte, e viu que êle se levantava de novo como se nada houvesse então sofrido.

"Na noite do sexto dia o desconhecido fêz reunir o velho, o noivo e a môça na sala, e disse-lhes :

"— Velho, eu te curei; mas tua filha devia pagar com a vida teu restabelecimento: venci o meu destino, e ela não morrerá; para isso já a fiz beber algumas gôtas de um licor misterioso; cumpre porém, ainda, que respire o perfume de uma flôr encantada.

"O velho e o noivo olharam para Ovídia.

"— Sim! sim! eu quero a vida!... disse com ardor a môça.

"O mancoço apresentou-lhe então uma rosa formosíssima, cujas pétalas pareciam umedecidas pelo orvalho da noite.

"Ovídia recebeu a rosa e respirou sua fragrância; quanto mais a respirava mais desejava fazê-lo:

"— Que aroma!... exclamou ela com indisível alegria; que perfume delicioso!...

"Reginaldo pediu-lhe licença para cheirar a rosa, e a um volver de olhos do desconhecido a môça consentiu.

— Não sinto aroma algum! disse o noivo espantado.

"— Guardai essa rosa no scio, senhora, tornou o mancoço.

"— O que sentis?... dizei.

"— Sinto um calor que anima, que dá vida, que exalta...

"— Ainda bem!... exclamou o misterioso desconhecido com entusiasmo; agora posso retirar-me.

"Dizendo isto, saiu; mas Ovídia acompanhou-o até à porta, e aí aproximando seu lindo rosto e tocando com seus lábios o ouvido do mancoço, murmurou docemente:

"— Eu vos amo.

— Entramos agora na história do diabo amoroso! exclamou Fabiana, que não podia estar muito tempo sem falar.

— E o mais é que os tais contos fantásticos do Sr. Leocádio não deixam de ter seu interêsse.

— Faz gosto ver a atenção com que o Sr. Américo está ouvindo a história da ermida arruinada, observou Leonor.

— Pois se eu já disse que pretendia escrever um romance!

— Mas os senhores interrompem a cada instante o Sr. Leocádio, acudiu Adriana; assim não será possível nunca chegarmos ao fim da história.

— Continue, continue, Sr. Leocádio.

O velho prosseguiu.

— Não é preciso dizer que o desconhecido tinha dado um filtro a Ovidia para se fazer amar, ou que, como pensaram muitos naquele tempo, a filha de Guilherme havia ficado sujeita ao poder do espírito maligno.

“Passou-se um mês: durante êle disseram alguns que, tôdas as noites à meia-noite, rebentava um tufão violento e tempestuoso, que soprava do lado da ermida arruinada, e que logo depois na fazenda de Guilherme aparecia por baixo da janela do quarto de Ovidia uma figura humana: era o desconhecido; a um sinal convencionado abria-se a janela, e Ovidia se mostrava; conversavam então ambos a respeito dos seus amôres.

“Mas com o fim do mês tinha chegado a época marcada para o casamento de Reginaldo e Ovidia; Guilherme chamou sua filha e anunciou-lhe que dentro de três dias se devia realizar a festa nupcial.

“— Meu pai, respondeu ela, eu não me quero casar com o Sr. Reginaldo.

“— Como? perguntou o velho surpreso.

“— Eu amo a outro, senhor.

“— E a quem?

“— Ao homem que vos salvou a vida.

“— Que!... a um desconhecido?...

— Eu o conheço desde a vossa moléstia.

— Ao...

— Dizei, senhor:

— Ao diabo coxo?...

A moça corou até à raiz dos cabelos, e chorando de vergonha e de dor respondeu:

— Meu pai, não creio nas colônias de um povo ingrato: amo aquêles que me conservou meu pai.

— Ordeno-te que o não ames.

— Não posso, senhor.

Teve então lugar, como era bem de prever uma luta desesperada entre o pai e a filha; a moça esgotou debalde todos os recursos, lágrimas, rogativas, empenhos de amor final, tudo foi em vão: a autoridade paterna levantou-se firme e severa contra a louca paixão de Ovídia.

Chegou a noite; à hora costumada o tufão rugiu, e pouco depois o desconhecido e Ovídia viram-se e falaram-se durante muito tempo.

No outro dia a noiva estava fria, calma e como disposta ao casamento; Guilherme nem ao menos notou que sua filha tinha as faces afogueadas e o olhar desvairado.

A última noite, enfim, ia passar para a moça solteira; o sol do outro dia devia presidir o seu casamento.

— Meu pai, disse Ovídia, teimais sempre em sacrificar-me a Reginaldo?

— Sim.

— Então estou decidida.

No dia seguinte, logo ao amanhecer, tudo se achou pronto na fazenda de Guilherme para a celebração do casamento de Reginaldo e Ovídia; faltava só a noiva.

Ovídia tinha desaparecido.

Nada pode descrever o desespero de Guilherme e Reginaldo; adivinharam imediatamente o lugar onde a

infeliz deveria estar escondida. O nome do raptor saiu ao mesmo tempo da bôca do pai e do noivo.

‘O diabo coxo havia entrado na casa de Guilherme; a desgraça entrou nela também pouco tempo depois d’ele: era o destino fatal que se realizava.

‘Mas um grito horrível de furor e de vingança foi soltado por Guilherme.

— À ermida! à ermida! disse êle.

‘E poucas horas depois, o pai e o noivo marchavam à frente de vinte homens armados para disputar ao diabo coxo a posse da infeliz Ovídia.

‘Animados pelo desejo de vingar-se, o velho pai e o jovem, noivo conduziram a sua gente à ermida da montanha: a viagem foi curta, porque o ódio emprestava asas aos ofendidos.

‘Guilherme e Reginaldo marchavam na frente, e logo que principiaram a subir a montanha pelo íngreme trilho que conduz à ermida, viram o desconhecido, ou o diabo coxo, e Ovídia com os braços entrelaçados, e sentados ao lado um do outro sôbre a negra rocha que domina o abismo, que se chama bôca do inferno.

‘Ovídia tinha a fronte ornada com uma coroa de noiva, e o desconhecido estava êbrio de prazer.

‘Avistando aquêles que o procuravam, o desconhecido deixou por alguns momentos Ovídia, e dirigindo-se a Guilherme disse-lhe de longe:

— Senhor! vossa filha e eu nos amamos, a paixão nos une e nos cega, a vós cumpre agora marcar o nosso leito de núpcias; se consentís nessa união, ela será em vossa casa ou na minha; mas se quiserdes arrebatá-me Ovídia, o nosso tálamo será no fundo do abismo.

‘Por única resposta Guilherme voltou-se para os seus e bradou-lhes:

“— Fogo!

“Uma descarga estrondou: Ovídia deu um grito de dor; mas bem depressa sossegou, vendo o seu amante correr para ela: nem um só dos tiros dados havia ferido o diabo coxo.

“Então passou-se uma cena horrorosa.

“O desconhecido e Ovídia apertando mutuamente suas mãos mostraram-se em pé sobre o rochedo e à borda do abismo.

“Guilherme, Reginaldo e os seus correram furiosos contra o diabo coxo, e para arrancar de suas garras a vítima.

“— Meu pai! bradou Ovídia; vós me sacrificais... quereis que o meu leito nupcial seja o fundo do abismo?... meu pai! tende piedade de mim!... abençoai a minha paixão!

— Avante!... gritou o velho aos seus.

“Em resposta àquele grito, o diabo coxo e a infeliz abraçaram-se terna e apertadamente, deram um no outro um beijo de fogo, e abraçados como estavam, precipitaram-se no abismo.

“Soou um grito geral.

“O velho pai caiu para trás desmaiado, e ficou estirado como se estivesse morto.

“Reginaldo correu para a borda do abismo, e olhando para dentro d'ele, viu pendurados nos galhos de algumas árvores e nas pontas dos rochedos alguns pedaços de vestidos manchados de sangue, e no fundo tudo negro... e tudo em silêncio... nem um gemido.

“— É a porta do inferno, disse êle.

“— A paixão é o diabo, acrescentou um ancião que se havia aproximado.”

X

A IDEIA DE FREDERICO

Apesar das interrupções de D. Fabiana, e do tom de zombaria que ela dera sempre às suas palavras, e a despeito da incredulidade com que quase todos tinham ouvido Leocádio, era evidente que a história da ermida havia produzido alguma sensação sobre a assembléa; porque reinou durante algum tempo silêncio profundo na sala.

Leocádio saboreava, olhando para os circunstantes, o triunfo que alcançara sobre aquêles espíritos fortes; mas no fim de alguns minutos foi ainda Fabiana quem abriu de novo a conversação.

— E que mais? perguntou ela ao narrador: já tivemos a história do diabo transformado em ouro, e do diabo arvorado em paixão amorosa; que mais agora?

Todos olharam para Leocádio.

— Mais nada; e creio que para desgraças já não foi pouco.

— E portanto, ficou de novo a ermida desabitada, em consequência da má fama que adquiriu?...

— É verdade: desde êsse dia fatal em que a infeliz Ovídia foi levada nos braços do diabo coxo para o fundo do abismo, ninguém mais até hoje se animou a penetrar na ermida, e a se demorar lá por muito tempo, sem que algum grande infortúnio lhe não sobreviesse.

— Isso é preocupação, meu caro.

— Não, não é: os senhores zombam da credulidade, e do que chamam prejuízos do povo; mas não têm razão. O povo não sabe fazer raciocínios intrincados, porque não é sábio; julga porém melhor do que os sábios, porque julga pelos fatos e só pelos fatos.

— Que terrível paradoxo!...

— Então o que foi que julgou e decidiu o povo a respeito da ermida? diga-nos tudo.

— O povo julgou que o diabo se tinha apoderado daquele monte, e que embora não pudesse entrar na ermida, contentava-se com apoderar-se daquelles que se expunham a demorar-se nos arredores dela.

— A primeira consequência não está contida nos princípios; observou Américo, que havia estudado lógica por Genuense.

— O povo julgou que a entrada do abismo era com efeito a porta do inferno, e que no fundo devia haver alguma comunicação subterrânea por onde o diabo se dirigisse, quando lhe aprouvesse, às regiões infernais.

— Esta agora é melhor ainda!...

— O povo julgou que em tórno da ermida passavam de noite mistérios abomináveis e infernais; que o diabo vinha nas horas mortas pôr-se de espreita a ver se podia surprender novas vítimas; e que enfim as sombras do excomungado e de Ovídia tornavam por algumas horas ao mundo para sentar-se na pedra negra, ou passear pela montanha ao clarão da lua.

— Romantismo!... romantismo!... mas tem o defeito de ser um pouco sedição.

— O povo julgou ainda, porque os fatos que já referi, e muitos outros que não quero agora relatar, o obrigaram a isso; o povo julgou, digo eu, que, quando alguém ia observar mesmo de longe o que em tórno da ermida se passava, principalmente depois da entrada do sol, alguma desgraça acontecia ao curioso; e se, ainda mais, ousava subir à montanha, visitar aquêles lugares, chegar-se junto ao abismo, e mesmo penetrar na ermida, então, ai dêle!... o infortúnio ia além... uma morte devia sobrevir... uma vítima nova devia cair nas garras do demônio!

— Então, pobre Sr. Américo!

— Meus senhores e senhoras, continuou Leocádio; o que o povo julgou e julga ainda, o que dantes acontecia pode e deve acontecer também agora.

— Oh! que terrível profecia!

— Foi por isso que eu lastimei que aquêlê senhor houvesse demorado a sua viagem para observar o que se passava em tôrno da ermida, e é por isso que eu peço de *todo coração* que não se atreva a subir à fatal montanha.

— Mas, Sr. Leocádio, peço-lhe que repare que falta ainda um ponto muito importante da história da ermida arruinada, e cuja explicação muito desejamos ouvir, observou Frederico.

— E qual é?

— O aparecimento dos novos habitantes dêsse lugar misterioso.

— Sim... sim... é verdade.

— O que posso eu dizer a tal respeito?... por ventura seria eu tão louco que me metesse a querer resolver tais arcanos?... sei que há alguns meses as portas da ermida se abriram e que ela ficou sendo habitada; dizem-me que uma mulher velha, uma môça doida, e uma menina que brinca e ri, moram em cima da montanha, e olham às vêzes para o fundo do abismo; eis aqui o que eu sei, e creio que não se precisa saber mais.

— Então por quê?

— Porque tudo está claro como a luz do meio dia: é o diabo que se mostra debaixo de novas formas; é o diabo que se apresenta trajando saias e vestidos... ora é boa!... seria a primeira vez que assim apparecesse?...

Tôda a assembléia desatou a rir; o próprio Dr. Benedicto, sempre sério e grave, não pôde conter-se, e tomou parte na hilaridade geral.

— Os senhores riem-se... permita Deus que não venham a chorar ainda, eu digo que estamos em vésperas

de novas desgraças; sustento que o diabo está ali mostrando-se a todos os olhos na figura de uma velha, de uma môça e de uma menina.

— Tríplice tentação diabólica! desta vez ninguém lhe escapa!

— Sim: é o diabo que chora nos olhos da velha, que canta na voz da môça, e que ri nos lábios da menina; e quem quiser enxugar aquelas lágrimas, deixar-se enternecer por aquêles cantos, ou seduzir por aquêles risos, está infalivelmente perdido.

Acabando de pronunciar estas palavras, a que soube emprestar um tom sinistro, Leocádio levantou-se como quem não tinha mais nada para dizer, e foi recostar-se em uma janela.

— Portanto, Sr. Américo, disse Adriana forcejando para sorrir-se; nada mais de ermida arruinada.

— Ao contrário, minha senhora, pretendo fazer-lhe uma visita amanhã mesmo: diz-me o coração que o que ali se passa, em vez de ser um terrível mistério infernal, é uma grande desgraça humana.

— Dir-se-ia que o senhor enterneceu-se demais ouvindo o canto da doida...

— Um pouco... devo confessá-lo.

Então já vejo que seriam inúteis todos os nossos pedidos para que abandonasse o pensamento de tornar a vê-la, disse Leonor.

— Veio-me uma idéia extravagante! exclamou Frederico.

— Extravagante! observou Américo: querem ver que me estão roubando o privilégio das idéias extravagantes!

— Qual é?... qual é, Sr. Frederico; perguntou Fabiana.

— Mas para que ela tivesse lugar, seria preciso que o Sr. Cristiano a adotasse.

— Adoto-a, respondeu o digno hóspede: eu voto por tôdas as extravagâncias toleráveis e admissíveis nestes quinze dias.

— *Regnum meum est in hoc mundo* por êstes quinze dias, disse Américo alegremente.

— Mas qual é a sua idéia, Sr. Frederico?...

— Temos amanhã fogueira, dança, e noite de folgado, não é verdade?...

— Sem dúvida; havemos de festejar como pudermos a véspera de S. João, respondeu D. Gabriela.

— Pois então proponho que sejam formalmente convidados para tomar parte na festa as misteriosas habitantes da ermida arruinada: eis a minha idéia.

— O que é que diz, senhor?! exclamou Leocádio, dando um pulo da janela para o meio da sala.

— Ofereço um aditamento à proposta do Sr. Frederico, acudiu Américo: proponho que eu seja o portador do convite.

— Nada: hei de ser eu...

— De modo nenhum; iréi eu...

— Protesto...

— Então vamos todos...

— Silêncio, senhores, haja ordem, exclamou Cristiano: decidam primeiramente as senhoras se votam a favor da primeira proposta.

Houve então uma discussão tão desordenada, discursos tão interrompidos, tantas risadas e tanto barulho, que durante meia-hora não se pôde perceber uma só palavra de qualquer das digníssimas oradoras!

Tornou-se porém notável Adriana; porque nem deu a sua opinião, nem acompanhou o prazer ruidoso das outras suas companheiras.

Enfim, depois de uma luta desesperada, Cristiano conseguiu fazer-se ouvir, e exclamou:

— Está fechada a discussão e ninguém fala mais. Vamos agora a saber: o que decidiram as senhoras?

— Que se convide!... que se convide!... gritaram as môças.

A própria D. Gabriela, a espôsa de Cristiano, ria-se e falava como qualquer das môças mais bulhentas.

Cristiano reparou que sua filha nada tinha dito, e perguntou-lhe:

— E tu, Adriana, tu que dizes?

— Que se não faça tal convite, meu pai.

— Está em minoria!... está em unidade!... clamaram as outras.

— Estará, observou Américo; mas notem bem minhas senhoras, que não seria a primeira vez que a unidade derrotasse a centena: dizem que há uma terra onde já se observou êsse milagre.

— Embora, acudiu Gabriela; o voto de Adriana não pode valer mais que o de nós tôdas: passou que se fizesse o convite, e há de se fazer.

— Está dito: falou a dona da casa, que é uma espécie de rainha absoluta aqui, disse Cristiano: decidiu-se dois a primeira questão entre as senhoras; agora vemos nós os homens chegar a um acôrdo sôbre outra.

— Sim, sim; quem levará o convite?

— Eu, que dei a noticia da doida, disse Américo.

— Eu, que fui o autor da proposta, disse Frederico.

— Eu... exclamou outro.

— Eu... acudiu um quarto.

— Proponho que o encarregado do convite seja o Leocádio.

— Nem que me serrassem!... gritou o homem espantado: eu não sou louco.

— Pois vamos todos...

— Não: escreva-se antes um convite assinado por todos nós, e mande-se um criado levá-lo.

— Apoiado! apoiado!

— Pois vá feito... escreva-se o convite.

— Hoje não, acudiu Adriana: basta já de ermida arruinada e de histórias de almas do outro mundo... façam o que quiserem amanhã... hoje dancemos.

— Dancemos!

— Sim; vamos dançar.

— É admirável! disse Leocádio; a pessoa que no meio de tôda esta gente mostra mais juízo e prudência é uma môça que terá, quando muito, dezoito anos, e que ainda há pouco me parecia uma cabecinha de vento!

Leocádio foi interrompido nas suas reflexões pelo piano que dava o sinal do comêço de uma quadrilha.

XI

O RESTO DA NOITE

— Protesto contra o piano! exclamou Américo deixando-se ficar em pé no meio da sala.

— Então por quê?

— Pois não estão vendo?... o piano rouba-nos a Sra. D. Adriana, que deve por fôrça dançar! declaro que não danço tocando uma senhora.

— Agradecida, Sr. Américo; mas as histórias da ermida deixaram-me a cabeça tonta, e o piano é um remédio santo para tonteiras.

— Nada, eu sou homeopata, e curo com os semelhantes: o melhor remédio para tonteiras é uma boa valsa.

— Pois valsarei daqui a pouco.

— Sr. Américo, disse Leonor muito baixinho ao ouvido do mancebo; se não fôr um sacrifício para o se-

nhor, estou pronta a aceitar uma contradança, a que D. Adriana pareceu não dar muito valor.

Américo olhou meio admirado para a senhora que assim lhe falava, e encontrou-a com os olhos fitos nêlc e sorrindo-se maliciosamente.

— Foi uma repreensão com que me quis castigar, minha senhora?

— Não; é que o Sr. Cristiano estabeleceu ainda agora o reinado das extravagâncias, e eu entendi que em tal caso eram as senhoras que deveriam pedir contradanças aos cavalheiros.

— Sendo assim, não me resta senão agradecer a honra da escolha.

Quando Américo foi com Leonor tomar um lugar na quadrilha, Frederico e Fabiana trocaram um sorriso, que por ninguém teria sido percebido se Benedito não tivesse os olhos cravados nêles.

— Receci bastante, Sr. Américo, disse Leonor, que, apesar do meu pedido, não lhe pudesse mover a dançar comigo esta contradança.

— Mas por quê... creio que não é a primeira vez que tenho a honra de ser o cavalheiro de tão distinta senhora.

— Eu disse — esta contradança...

— Então o que tem esta?

— Não sei.

— Já vejo que tem na mente pôr em torturas a minha afamada curiosidade.

— Não... não por certo.

— Em todo caso, minha senhora, peço-lhe uma explicação.

— Não posso: daqui há pouco o senhor me comprometeria.

— Eu nunca comprometi a ninguém na minha vida: diga-me o que há... não vê que já estou incomodado?

— Olhe... já perdeu dois compassos... a senhora de vis-avis está dançando só...

— Bem... lá se foram dois compassos por sua causa... lembre-se que mos fica devendo.

No intervalo da segunda à terceira contradança, Américo foi o primeiro a dirigir a palavra a Leonor, e nem ao menos reparou que Adriana o observava com um olhar abrasador e quase colérico.

— Pague-me os meus dois compassos, minha senhora.

— Mas como?

— Dando-me a explicação do enigma que me repetiu ainda há pouco.

Leonor pareceu refletir.

— Diga...

— O senhor, jura não dizer a ninguém o que lhe vou contar?

— Juro... juro...

— Palavra de honra?

— Oh! então o negócio é tão grave assim?

— Palavra de honra, Sr. Américo?

— Vá: palavra de honra.

— E principalmente a D. Adriana nem meia palavra, sim?

— Nem uma sílaba, nem uma letra vogal nem consoante; está dito.

— Pois bem: eu sei que o senhor está loucamente apaixonado por D. Adriana.

— Bonito! e quem lhe fez essa descoberta?

— Ela mesma.

— Ela? repetiu Américo voltando os olhos para

Adriana, que imediatamente abaixou os seus sôbre o teclado.

— Não olhe assim, senão ela desconfia, e eu não lhe digo mais nada.

— Está bem: continue.

— Primeiramente, falei verdade ou menti?

— Ora... as senhoras nunca mentem.

— Então confessa?

— Não, senhora, eu nunca estive loucamente apaixonado por ninguém.

— Em uma palavra: ama, ou não ama?

— Mas que espécie de interesse lhe inspira o desejo de saber o estado do meu coração?

— Queria resolver um problema sôbre a vaidade de Adriana.

— Há de ser um pouco difícil a descoberta do valor dêsse x.

— Quer a prova de que eu tinha o direito de o julgar assim perdido de amôres por ela?

— Quero, pois não! há de ser uma prova um pouco inquestionável; mas venha.

— D. Leonor! D. Leonor!... disseram a um tempo algumas vozes.

— O que é?

— Já perdeu dois compassos... dance.

— Eis ali, Sr. Américo, por sua causa.

— Estamos pagos, minha senhora.

— Adriana começava a tocar com tanta viveza, que parecia sômente desejosa de levar ao fim aquela quadri-lha o mais depressa possível.

Um instante depois, Américo prosseguiu perguntando a Leonor.

— Vamos, minha senhora: e a prova?

— A prova?... de que mesmo?... já me não lembro do que estávamos conversando.

— Ora... a prova da minha morte de amor por D. Adriana.

— Pois bem: ela me disse que tinha tanta certeza da sua paixão, que apostaria mil contra um em como o senhor viria passar aqui os nossos quinze dias de festa, ainda que hoje chovesse raios e coriscos.

— Apostava mil contra um!... estas senhoras apostam com suma facilidade; porque de ordinário, quando perdem, agarram-se a qualquer desculpa, e acabam sempre por provar a nulidade do contrato.

— Disse mais, que me podia demonstrar de um modo irresistível o poder que tem sobre o senhor.

— E como?

— De mil maneiras. Por exemplo: asseverou que, quando ela não dançava, o senhor não dançaria com nenhuma outra senhora, e desafiou-me à obrigá-lo a fazer o contrário.

— Portanto...

— Oh! mas também era impossível que um cavalleiro bem educado resistisse a um pedido formal feito por uma senhora, como êsse que eu lhe fiz.

— Também aí tem razão.

— E como nós ambas calculássemos com isso. ela declarou que o castigaria exemplarmente.

— Pior: então estou ameaçado?... e qual deve ser o meu castigo?... minha senhora, tenha dó de mim: veja que já estou tremendo.

— Ande, Sr. Américo, dance: não quero que digam que o estou distraíndo.

Daí a pouco a conversação continuou.

— Não percamos tempo, minha senhora, diga-me: qual é o exemplar castigo que me espera?

— Adriana assegurou-me que, ainda quando o senhor não pudesse furtar-se ao dever de dançar comigo,

seria pronto a correr aos pés dela no fim da contradança para implorar o seu perdão.

— Bem; até aqui eu como um pecador humilíssimo: e depois?

— É depois o senhor choraria a noite inteira para dançar com ela, e sempre debalde: Adriana lhe diria que *sim três vêzes, e tôdas as três vêzes* o deixaria ficar sentado, a menos que seus pais lhe não ordenassem o contrário.

— Só isso?

— É mais ainda; e muito mais ainda: porém o resto guardo para mim, e só lhe direi depois das primeiras experiências.

— Mas, *minha senhora, D. Adriana não poderia dizer que eu tivesse feito nenhuma declaração de amor.*

— É verdade que me não disse tal; assegurou-me até o contrário disso, acrescentando todavia que não tinha necessidade de declarações para asseverar o que dizia e assegurar que o senhor era o mais louco dos seus adoradores.

— *Dos seus... por conseqüência ela deve de ter muitos outros...*

Leonor desatou a rir com uma expressão de diabólica ironia; depois de alguns momentos sufocou o riso e disse:

— Qual! não: o senhor é o primeiro e único amor de Adriana.

Américo mordeu os beiços e abafou um gemido que lhe partia o coração; fingiu-se porém sossegado e perguntou:

— D. Leonor, e a sua amiga lhe disse também porque é que ela assim se julga tão superior às outras senhoras, que possa ostentar um império absoluto sobre mim?

— Ora, por que me não havia de dizer?

— Muito bem: conte-me isso.

— Fiz-lhe a mesma pergunta que o senhor acaba de me dirigir.

— E ela?

— Respondeu-me concisamente com um *tenho* três vêzes repetido, e cada qual bem capaz de convencer a um cego e a um surdo.

— Qual foi então *êsse* *tenho* três vêzes repetido?...

— *Êi-los*: *tenho* encantos, disse-me; portanto, Sr. Américo, um surdo poderia ver sua beleza e não resistir a ela.

— E se fôsse o cego?

— Tenho prendas, continuou; e por tanto um cego, que não fôsse surdo, poderia ouvir sua voz harmoniosa, ou os doces acordes arrancados por ela ao piano, e ficaria perdido de amôres.

— Mas se fôsse cego e surdo?

— Tenho um rico dote, concluiu Adriana; e portanto, Sr. Américo, um homem que fôsse cego e surdo, mas que chegasse a saber que a minha amiga é riquíssima, não poderia deixar de sentir-se loucamente apaixonado por ela.

Leonor carregou de um modo muito significativo sôbre as palavras — *loucamente apaixonado por ela*.

Américo fingiu um sorriso: era outra vez ocasião de dançar, e interrompeu-se aí a conversação.

— D. Leonor, disse Américo quando teve tempo de dirigir-se de novo a seu par; D. Leonor, franca e sèriamente diga-me: a sua amiga ao falar-lhe no seu rico dote, referia-se a mim?

— Sr. Américo... parece que lhe fiz mal... o senhor está tão sério.

— Qual? respondeu o mancebo rindo-se; estou descansando para rir-me outra vez daqui a pouco, como costumeo.

— Antes isso.

— Mas tenha sempre a bondade de responder à minha pergunta: quando D. Adriana disse: — tenho um rico dote — referiu-se a mim?

— Quer absolutamente sabê-lo?

— Sim.

— Referia-se.

Américo fêz-se pálido como uma estátua de mármore; depois sossegou, fitou em Leonor um olhar prescrutador e perguntou:

— Ainda agora pediu-me a minha palavra de honra, e eu lha dei; também agora eu lhe vou pedir a sua.

— Mas por quê?

— D. Leonor, não tenho a menor intenção de ofendê-la; mas às vèzes as senhoras gostam de zombar e de se divertir com os sofrimentos dos homens: vingam-se por essa maneira dos dissabores que por nossa parte lhes causamos.

— Não eu, Sr. Américo.

— Às vèzes também duas senhoras que se sentam juntas, que se festejam, que se abraçam e se beijam, são duas inimigas, que se detestam e se hostilizam, e que não perdem meio algum de comprometer uma à outra.

— O que quer dizer com isso?

— Nada, nada que possa ofender à senhora: quero sòmente que me diga se em tudo quanto acaba de conversar comigo não houve de sua parte simplesmente a idéia de zombar de mim.

— Oh! não, senhor.

— Pergunto-lhe, D. Leonor, se a senhora é verdadeira amiga de Adriana; se a não detesta, se a não hostiliza?

— Somos amigas de coração.

Faria pena a qualquer a ingenuidade de Américo; êle continuou:

— Enfim, peço-lhe que me diga debaixo de sua palavra de honra também se é absolutamente verdade tudo quanto me disse há pouco.

— Absolutamente verdade.

— A sua amiga asseverou-lhe tudo quanto acabei de ouvir há pouco?

— Sem a menor dúvida.

— Palavra de honra, D. Leonor?

— Palavra de honra.

Américo não proferiu mais palavra durante o resto da quadrilha; entregou-me exclusivamente à dança: dançou e saltou como um frenético.

Finalmente conduziu Leonor a uma cadeira e retirou-se para o terraço; não viu que a senhora com quem acabava de dançar trocava um sinal de intelligência com Fabiana.

Mas Benedito, que as observava, franziu os supercilios e foi ter com Américo.

XII

A CORDIAL AMIGA

A noite estava mais que fresca; estava fria como tôdas as noites da última metade do mês de junho; entretanto assim como Américo, acabando de dançar, se sentira abrasado de calor e se dirigira ao terraço, assim também Adriana, deixando o piano, fôra debruçar-se a uma janela.

A um mover-se de olhos de Fabiana, Leonor levantou-se da cadeira onde estava sentada: seu rosto, que se mostrara alegre e vivo durante a quadrilha que acabava de ter lugar, tomou uma expressão de desagrado ou de

ressentimento, e em seus lábios se mostrou um meio sorriso de amargor e de ironia.

Como se passasse indiferentemente pela sala, Leonor dirigiu seus passos para a janela em que estava Adriana, e quando passava junto daquela, de quem se dissera cordial amiga, deixou cair como um raio estas breves palavras:

— Falsa como tôdas!

Adriana voltou-se logo, como se sentisse a mordedura de uma serpente, e dando um passo para colocar-se diante de Leonor, perguntou-lhe:

— O que é que dizes?

Leonor pareceu querer devorar o rosto de Adriana com os olhos, e com voz trêmula e comprida repetiu:

— Falsa como tôdas!...

Adriana ficou alguns instantes em silêncio, como quem não compreendia o que queriam dizer aquelas palavras que pela segunda vez soavam a seus ouvidos: quando pôde falar perguntou com desconfiança e azedume:

— Leonor, que sentimento predomina em ti agora, a zombaria ou a hipocrisia?

— E ainda em cima ofendes-me?

— Entedamo-nos: ou queres escarnecer de mim, ou pretendes enganar-me, ou (para desculpar-te de algum modo) talvez não estejas em ti...

Leonor chegou-se para a janela:

— Não estou em mim, confesso; mas quem disso tem culpa és tu, que pagaste a minha franqueza com a mais indesculpável deslealdade.

— Eu desleal!... eu!...

— Sim, tu mesma, Adriana.

— Leonor, tu tens na consciência o contrário do que estão dizendo teus lábios.

— Oh!... e por que diria eu o contrário do que penso e creio?

— Não sei; mas o certo é que o dizes.

— E se eu provasse o contrário?

— O quê?... que eu fui desleal uma só vez na minha vida?

— Sim: desleal ainda há pouco, nesta mesma noite, e nesta mesma sala.

— Desafio-te a isso.

— Adriana!

— Fala: confunde-me se podes!

— Não... não o farei...

— Eu estava bem segura de que não havias de falar.

— Sim; porque adivinhavas que eu te não queria dar esse prazer.

— Perdeste o juízo, Leonor?

— Não, não perdi nada... acredita que ainda não perdi nada; entendes, Adriana?

A filha de Cristiano olhou meia espantada para Leonor.

— Como és fingida! disse-lhe esta.

— Outra vez!... sempre teimando em supor mal de mim, e não querendo nunca falar claramente!

— Mas se eu quisesse...

— Desafiei-te...

— Adriana!

— Desafio-te de novo.

— Pois bem, eu vou dizer tudo; mas com uma condição.

— Qualquer que ela seja, aceito-a.

— Juras por tua mãe que o que vais ouvir agora da minha boca não o dirás a ninguém no mundo?

— E se fôr alguma coisa que seja absolutamente necessário dizer-se, Leonor? perguntou Adriana mostrando-se desconfiada.

— Pois não falarei.

Adriana levantou graciosamente os hombros, como querendo dizer — que me importa.

— Eu logo vi que não quererias ouvir.

— Tenho mêdo de tanto mistério, Leonor.

As duas môças ficaram em silêncio durante alguns momentos, Leonor olhando disfarçadamente para o céu, cujas estrêlas parecia querer contar, e Adriana um pouco irritada, batendo com a ponta de seu mimoso sapatinho no soalho.

Por fim foi ainda a sobrinha de D. Fabiana que se resolveu a falar.

— Queres que eu fale, ou não?

— Quero, sim.

— Para ires imediatamente falar.

— Se não fôr necessário, não o farei.

— Juras-me que ao menos por êstes quinze dias.

— Não juro nada.

— Promete-me que não irás tomar satisfações ao Sr. Américo.

— Eu, tomar satisfações?!!

— Sim.

— Era o que faltava!

— Asseguras-me que o não farás?

— Sem hesitar... eu o protesto.

— Pois então sabe que te considero desde um quarto de hora uma amiga desleal e falsa.

— Agradecida... mas pelo quê?

— Porque eu fui franca contigo; confessei-te os meus sentimentos; confessei-te que amava aquêle môço, e que me supunha amada.

— Bem: e que mais?

— E tu me ouviste fria, insensível, como se te fôsse indiferente esta confidência; leste no meu coração aberto como um livro, e não quiseste abrir-me o teu, e

me fechaste pelo contrário o teu como um usuário que tranca o seu cofre com sete chaves.

— Ainda não te compreendo, Leonor.

— Oh! comprehendes-me, comprehendes-me perfeitamente! eu digo que tu devias ser franca e leal comigo; digo que me devias também confiar o teu segredo e dizer-me tudo.

— Tudo o quê?

— Devias dizer-me: Leonor, eu também amo o teu escolhido, e elle também me ama ou finge amar-me.

— Leonor!

— Quererás negá-lo ainda?

— É quem teria o direito de asseverar que eu amo esse mancebo?

— Quem!... eu.

— É quem to disse?

— Quem mo disse, Adriana?... deveras queres que eu te responda?

— Sim, exijo-o.

— Pois quem mo disse foi...

— Acaba de uma vez.

— Foi elle mesmo.

— Elle mesmo!!!

Adriana recuou dois passos como tomada de espanto.

— Sim, repetiu Leonor: foi elle mesmo.

— Pois mentiu: respondeu Adriana tornando a si da veemente impressão que experimentara.

— Não; agora já não o podes negar mais: depois que elle mo disse, os meus olhos tiveram as provas do que eu acabava de ouvir.

— E o que foi que viram teus olhos?... perguntou Adriana sossegadamente.

— Não queres saber primeiro o que ouviram os meus ouvidos?

— Ou uma cousa ou outra... escolhe tu mesma e fala.

— Dás licença que eu tire uma pequena vingança da tua deslealdade?

— Pois não!

— Nesse caso escolho para dizer-te aquilo que te há de doer mais: prefiro contar-te primeiro o que êle me confiou.

— Vamos lá.

— Adriana, quando me achei no meio da sala para dançar, e me vi ao lado do Sr. Américo, não tendo nada em que conversar falei de ti...

— Obrigada; mas isso é modestia... tens um espírito que fala por quinze dias sem interrupção, mesmo não se ocupando de cousa alguma.

— Fiz o elogio de tua beleza e de tua virtude, e sabes o que êle me disse?

— Que eu era feia e má... não foi isso?

— Oh! não: disse-me que tinhas um defeito, que eras muito ciumenta: e como eu duvidasse, mandou-me que te observasse...

— E o que viste!

— Vi que não tiravas os olhos de nós dois, e que, à medida que a nossa conversação se animava, tu empalidecias, ou pelo contrário coravas fortemente. Então obriguei o meu cavalheiro a explicar-me êsse singular fenómeno, e êle confessou-me tudo.

— E o que te confessou?

— Que tu o amavas; que tinhas tido a coragem de ser a primeira a dizer-lhe... que por êsse simples fato te supunhas com tais direitos sobre êle, que até lhe não querias consentir que dançasse com outra senhora, quando ficasses sentada.

— Leonor, disse Adriana depois de refletir um momento; o que tu acabas de dizer é tão mesquinho, é de

tanta miséria de invenção, é tão ridículo e mesmo estúpido, que ou o Sr. Américo foi bem incivil para estar dez minutos a divertir-se à tua custa, ou a paixão te embotou por tal modo o espirito que já nem sabes arranjar uma história.

— Adriana, tu me insultas!

— Não; eu digo apenas o que sinto.

— Pois então fica sabendo mais, que, ao reconhecer a tua deslealdade, entendi que devia também incomodarte, ferir-te... ou antes tornar bastante clara a nossa posição e decidir de uma vez a nossa luta.

— Que luta?... eu não luto, nem lutarei jamais contigo.

— Impus portanto ao Sr. Américo o sacrificio de se não dirigir a ti durante o resto desta noite, de não dançar hoje contigo a menos que não quisesse quebrar todos os compromissos que tem comigo. Creio que falei bem claramente.

— Ele?... perguntou Adriana sem reparar que com essa pergunta se denunciava.

— Ele não densará comigo esta noite.

Adriana lançou sobre Leonor um olhar terrível, e voltando o rosto e vendo Américo entrar de novo na sala, deixou aparecer em seus lábios um sorriso de indizível desprezo.

Leonor parecia querer falar ainda; mas a filha de Cristiano, que o pressentiu, cortou-lhe a palavra dizendo:

— Ou tu mentes, Leonor, ou êle mentiu: ou tu és louca, ou êle um miserável; e em todo caso tenho sido bastante tola em perder o meu tempo aqui a ouvir doidices, em vez de aproveitar a noite dançando e divertindo-me.

E dando alguns passos para o meio da sala, Adriana exclamou:

— Dancemos!...

Brilhava nos lábios de Adriana um sorriso angélico; e entretanto ela tinha o inferno no coração.

A dança prolongou-se até às três horas da madrugada, e nem uma só vez Américo se chegou a Adriana para pedir-lhe a honra de dançar com ela.

XIII

ANTES E DEPOIS DO ALMOÇO

Havia já tanta gente na fazenda do Rio Claro, que, não sendo possível acomodá-la tôda na casa de vivenda, acertou Cristiano de reservar esta exclusivamente para as senhoras, desterrando os homens para um vasto salão e uma galeria que se comunicavam com o engenho.

Na manhã que seguiu ao dia da chegada de Américo, Cristiano, que estava à janela esperando que seus hóspedes se resolvessem a aparecer para servir-se o almôço e que murmurava já contra a preguiça dêles, porque nem achava com quem matasse o tempo conversando, viu finalmente virem chegando dois bons amigos novos, e já seus conhecidos, que se aproximavam trazendo seus cavalos a galope.

Esses dois amigos eram Mariano e Camilo, seu filho: morando perto da fazenda do Rio Claro, êles não se tinham podido resolver a passar o resto da noite fora de sua casa, apesar das instâncias de Cristiano, compromettendo-se apenas a voltar no dia seguinte logo pela manhã.

— Ora, graças, exclamou Cristiano descendo para receber os recém-chegados! graças, que já tenho com quem conversar.

— Pois ainda se dorme por aqui? perguntou Mariano.

— Estão no primeiro sono, meu amigo.

Mariano puchou do bôlso do colête um antigo relógio de prata, e examinando-o, disse admirado:

— Pois já são dez horas da manhã!... mas não admira, porque os senhores da cidade têm fama de preguiçosos.

— Se dá licença, disse Camilo, eu irei despertar pelo menos ao meu amigo Américo.

— Vá, vá, Sr. Camilo; e quanto a nós, meu bom vizinho, subamos e conversemos.

Camilo dirigiu-se ao engenho, e Cristiano e Mariano entraram na casa e foram recostar-se a uma janela.

Mariano era um homem de estatura regular; tinha sessenta anos e ninguém lhe daria mais que cincoenta; era gordo, sem ser disforme, e mostrava gozar uma saúde de ferro; tinha os cabelos castanho-claros, o rosto oval e com uma côr que denunciava a predominância do seu temperamento sangüíneo; seus olhos eram grandes e inteligentes, sua bôca perfeitamente regular e ornada de belos dentes iguais e bem conservados; tinha as mãos avermelhadas pelo sol e cobertas de uma penugem de cabelos ruivos; de fisionomia franca, e às vêzes enuviada por um ar de desconfiança; de uma bondade rude, mas evidente; de uma honestidade sem pretensões; era um verdadeiro tipo do nosso bom lavrador!

Mariano começara a entreter relações com Cristiano somente há poucos meses, e apenas lhe fizera uma visita de cumprimento, e acudira depois algumas vêzes ao seu chamado para lhe dar os conselhos de sua experiência a respeito do nôvo estabelecimento agrícola do Rio Claro.

Entretanto os dois vizinhos pareciam estimar-se já bastante, e a prova irrecusável da amizade de Mariano estava patente na condescendência com que êle deixava a direção de sua fazenda para acudir aos convites de Cristiano.

Os dois vizinhos levaram a conversar uma longa hora; Mariano, estendendo o braço e apontando com o dedo, procurava mostrar a Cristiano o rumo das terras da fazenda do Rio Claro, cujos limites conhecia melhor que o dono: falara depois dos prejuízos da lavoura da cana-de-açúcar; lamentara a praga e a barata, que tanto mal fazem às canas; bradara contra o govêrno porque só sabe impor e cobrar tributos, e não mandar consertar estradas e fazer pontes, e enfim pronunciara-se formalmente contra a colonização europeia, e queixava-se do preço elevado dos escravos e da falta de braços.

Depois de muito conversar sôbre tão sérios assuntos, calaram-se ambos, até que Cristiano, para dar comêço a nova conversação, perguntou:

— Então, vizinho, há quantos anos é viúvo?

— Há três, e fui casado dezoito anos.

— Custa muito a perder-se uma fiel companheira de tanto tempo!

— Oh! muito! muito, vizinho! e então a minha, que me ajudou a ganhar o que eu tenho!

— E quantos filhos lhe deixou?...

— Um, que é o meu Camilo; quis tirá-lo desta vida trabalhosa da lavoura, e arranjei-o em coletor da vila; mas no fim de dois anos não estive mais para aturar as massadas que lhe davam na tesouraria, fi-lo fazendeiro, e mais nada.

— Foi melhor assim.

— De certo; não fica a gente devendo nada a ninguém: o lavrador só depende de Deus, que dá o sol e a chuva.

— Então não teve filhas?

— Filhas?... tive e não tive, respondeu Mariano suspirando.

— Não o compreendo bem; mas nem lhe peço que se explique.

— Por quê?

— Porque bem vejo que se entristeceu.

— Paciência; mas já agora deixe-me falar... é triste! porém a gente não pode resistir e fala sempre: é quase uma queixa que faço quando falo muito... e portanto é também uma consolação.

— Pois diga, diga.

— Não tive filha, porque minha mulher, que Deus tenha em glória, só me deu um filho, o meu Camilo; mas tive uma filha, porque quando meu pai morreu, recomendou-me uma irmã que eu tive, e que era dez anos mais moça do que eu.

— E perdeu essa irmã?

— Meu pai a deixou ainda bem menina, e ela ficou sendo a companheira e o encanto de minha mulher, e uma verdadeira filha para mim: fêz-se moça e era bela... Em uma festa da nossa freguesia, um homem da cidade a viu e enamorou-se dela... amaram-se ambos: esse homem era bom e honrado; pediu-a em casamento; ela disse que sim, nós aprovamos a sua escolha, e lá se foi a minha Hortênsia!...

— Hortênsia?!!

— Sim, era o nome de minha irmã.

— Continue, meu bom vizinho.

— Os dois esposos viveram felizes durante muitos anos; mas há três...

— Há três?

— Sim... há três: foi uma época bem fatal para mim, porque há três anos morreu minha mulher e no meio da dor de minha viuvez, soube que meu cunhado também tinha morrido!

— E sua irmã?

— Oh! minha pobre irmã!... recebi uma carta dela despedindo-se de mim, e participando-me que, não lhe sendo possível viver mais em uma terra onde havia

perdido seu marido, partia para Portugal, como de fato partiu, e nunca mais soube noticia da desgraçada! . . .

— Choremos ambos, pois, meu vizinho, disse Cristiano! êsse golpe feriu-nos a ambos ao mesmo tempo!

— *Como?*

— Seu cunhado não se chamava Fernando?

— Seu cunhado e sua irmã não tiveram uma filha?

— É verdade, que lá se foi com a mãe pela barra fora.

— Pois bem, meu vizinho, *Fernando era também meu cunhado, era irmão de minha mulher: nós somos quase parentes.*

Mariano apertou em seus braços Cristiano, e começou a soluçar.

— Basta, basta, meu amigo; resigne-se como eu me resignei.

— Mas também o senhor nunca mais teve noticias dela?

— Nunca mais, respondeu Cristiano olhando tristemente para o amigo.

— Paciência, disse êste, cravando os olhos no céu.

Depois de alguns momentos, Cristiano continuou:

— Lembro-me agora que ouvi muitas vêzes falar no seu nome em casa de meu cunhado, e que por sinal era o senhor o padrinho de sua sobrinha.

— Exatamente, e que linda menina!

— Admira-me porém de nunca tê-la encontrado na casa de Fernando, na côrte.

— Fui poucas vêzes à cidade e, quando ia, não me demorava mais que vinte e quatro horas.

— Ora bem, meu vizinho, se já não é possível remediar-mos o mal passado, sirva ao menos o que acabamos de ouvir um do outro para apertar ainda mais os laços de nossa amizade; repito-lhe outra vez: nós somos quase parentes.

Por única resposta o velho lavrador apertou afetuosamente contra o peito a mão de Cristiano.

Neste momento os preguiçosos hóspedes invadiram a sala, e pouco depois foram almoçar.

Quando no fim do almoço voltava toda a sociedade outra vez para a sala, Cristiano reteve ao seu vizinho e a Benedito, com os quais se dirigiu a sua mulher:

— Gabriela, disse êle, abraça o nosso bom vizinho, que nos pertence mais do que pensávamos! Doutor, o Sr. Mariano era cunhado do teu amigo do peito; Gabriela, aqui tens o irmão da nossa boa Hortênsia; abraça-o.

A mulher de Cristiano abraçou cordialmente o velho lavrador, não podendo porém conter um movimento de surpresa ao ver que seu marido lhe recomendava, por um sinal, que guardasse silêncio.

— Não quis apresentar-vos o Sr. Mariano e fazer esta declaração diante de toda a sociedade, porque embora seja ela composta de amigos nossos, nem todos compreenderiam a dor e ao mesmo tempo a doce consolação que estamos sentindo.

Mariano e Benedito apertavam-se nos braços um do outro.

— Basta, disse Cristiano; não é preciso por ora que ninguém mais saiba do nosso reconhecimento: livremo-nos de perguntas indiscretas, e da necessidade de explicações intermináveis: meu bom vizinho, vá para a sala, e sossegue, para que não suspeitem nada.

Mariano aceitou o conselho de Cristiano, e quando este o viu desaparecer, disse à sua mulher e a Benedito:

— O pobre homem sabe apenas metade da história das desgraças de sua irmã: acredita na sua partida para Portugal; deixemo-lo pois em sua esperançosa ignorância. Oh! não lhe demos nós o golpe fatal.

— Sim, convém poupá-lo: parece uma honrada e excelente pessoa, observou Gabriela.

— Pois estamos entendidos, disse Benedito: para todos nós a infeliz Hortênsia partiu efetivamente para Portugal.

Os três amigos foram interrompidos pelo ruído que se fazia na sala e pelas vozes que chamavam Cristiano.

— O que é isto?... o que querem?... perguntou êle *aparecendo*.

— O convite... vamos ao convite!

— *Que convite?*...

— O convite das misteriosas habitadoras da ermida arruinada.

— Ah!

— *Quem escreve?*... quem escreve?...

— O dono da casa, está visto.

— *Quem assina?*

— Todos.

— Pois vá feito... escreva, Sr. Cristiano, escreva.

Cristiano sentou-se à mesa para escrever.

— Está você feito uma verdadeira criança! disse Benedito.

— Ah! meu doutor, que remédio! mas o melhor da função é que você há de também assinar o convite. Ora, eis aqui; escutem: "Cristiano e os seus amigos tomam a liberdade de convidar as senhoras que *moram* na ermida arruinada, para virem assistir hoje à primeira moagem do seu engenho nôvo".

— Está sério demais, não serve.

— Há de ser assim, disse Cristiano; eu nem zombarci, nem consentirei que se zombe com duas pobres senhoras.

Dizendo isto, assinou o convite, e passou a pena a Frederico que estava a seu lado.

No fim de um quarto de hora a carta de convite achou-se coberta de assinaturas: apesar porém das maiores instâncias, Adriana, Benedito, Matiano, Camilo e alguns moradores das circunvizinhanças não quiseram assinar.

Leocádio fêz mais do que isso, protestou, arengou, e saiu finalmente da sala para não assistir a um ato que êle considerava imprudente ou louco.

O mais atilado dos criados de Cristiano foi encarregado da carta, e partiu a galope para a ermida arruinada.

XIV

ATÉ A HORA DE MEIA-NOITE

Até o acender da fogueira o dia se passou na fazenda do Rio Claro em conversações, dança e jôgo.

O criado que fôra mandado à ermida arruinada, voltou no fim de uma hora, e tôda a sociedade se reuniu para receber a resposta das misteriosas convidadas.

— Nunca pensei que êste desgraçado voltasse com a cabeça em cima dos ombros! disse Leocádio olhando para o criado.

— Então? perguntou Cristiano: que resposta nos trazes?

— Não pude trazer nenhuma, senhor.

— Pois não viste ninguém na ermida?

— Vi de longe uma senhora perto dela.

— Não falaste?

— Falei, sim, senhora; mas ninguém me respondeu.

— Conta o que se passou.

— Ao subir a montanha vi uma mulher vestida de branco, que apenas me pressentiu correu para dentro da ermida.

— E depois? . . .

— Entrei na ermida e não vi ninguém: tomei por uma porta que ia dar em uma pequena saleta, e aí achei uma outra porta fechada, e ouvi dentro as vozes de duas pessoas que conversavam e que pareciam temerosas.

— É que mais?

— Bati na porta muito tempo inutilmente, e como me não quisessem abri-la, pus a carta por baixo da porta.

— É depois?

— Senti que haviam apanhado a carta, e pouco depois ouvi um surdo gemido, e a voz de uma criança que gritou mamãe!

— É singular!

— Gritei que esperava pela resposta, e fiquei esperando mais de meia hora; mas não ouvi o menor ruído.

— E não descobriste nada?

— Olhei pelo buraco da fechadura e não pude perceber nada... estava tudo escuro, e tudo em silêncio.

— Misericórdia! exclamou Leocádio.

— Mas enfim... perguntou Cristiano.

— Tendo esperado muito tempo debalde, e vendo que ninguém aparecia nem falava, vim dar parte do que tinha acontecido.

— Observaste alguma coisa de extraordinário na ermida ou perto dela?

— Nada, não senhor.

— Nem sentiste cheiro de enxôfre! perguntou Leocádio, que estava pálido e trêmulo.

O criado não pôde responder, porque rebentara uma gargalhada geral no meio da sociedade.

A um sinal de Cristiano, o criado retirou-se da sala.

— Deus permita que este convite não acabe por nos trazer algum mal, disse timidamente Adriana!

— O que é isto?... dar-se-á porventura que te deixes escravizar por vãos prejuízos, como o Sr. Leocádio? perguntou Cristiano.

A môça não respondeu.

Durante algum tempo não se falou senão nas misteriosas personagens da ermida arruinada: cada qual explicava a seu modo a vida daquelas mulheres desconhecidas de todos, e que de todos desafiava a curiosidade.

— Basta já de ermida arruinada! exclamou finalmente Cristiano; ocupemo-nos de outra cousa, e honra àquele que mais se divertir e mais nos divertir!

No meio porém das contradanças que se executavam, em derredor das mesas onde se jogava e ao pé daquelas que em meia voz às vêzes conversavam, se um observador atento estudasse as fisionomias e combinasse palavras, olhares e ações na aparência insignificantes de algumas das pessoas que naquela casa estavam, concluiria de pronto que uma intriga subtil e tenebrosa se forjava contra um mancebo e uma jovem inexperiente.

Desde a noite que acabara de passar, Américo não se dirigia uma só vez a Adriana para dançar com ela, e por sua parte também a filha de Cristiano não achava uma só palavra de agrado ou de gracejo para obsequiar Américo.

Leonor colhia o fruto de sua intriga e continuava, sempre que ocasião se oferecia, a aumentar ainda mais o maior ressentimento que separava já os dois jovens.

Convém dizê-lo: Américo e Adriana não eram dois namorados, amavam-se ambos em segredo; mas nenhum deles tinha-se animado até então a patentear ao outro o sentimento que nutria: era um amor puro, inocente e belo, que estava ainda em botão, escondido no mistério daqueles dois corações.

Entretanto, e como sempre succede, algumas pessoas haviam adivinhado a afeição nascente de Américo e Adriana. Cristiano e Gabriela não tinham sido dos últimos a descobrir o segredo que começava a agitar o seio de sua querida filha; mas como se lhes conviesse aquê

amor, como se aprovassem a escolha do coração de Adriana, cada vez agradavam mais a Américo e o tratavam com tanto carinho e bondade, que pareciam olhá-lo como filho.

Este procedimento dos pais de Adriana admirava a muitos, porque Américo era pobre, não tinha de seu senão o seu emprêgo, cujo ordenado chegava apenas para as despesas de um moço solteiro, e sobretudo o mancebo não tinha família, nem parentes, pois fôra ao entrar na vida, marcado logo com o sêlo de um grande infortúnio: era um enjeitado, e tinha sido criado por uma velha caridosa que o encontrara uma noite à porta de sua casa envolvido nas primeiras fachas.

Ora, acrescia a isto que Adriana deveria ter um rico dote e era a única herdeira de Cristiano, podendo portanto esperar fazer um brilhante casamento.

Entre os pretendentes que naturalmente requestavam já Adriana, sobressaía Frederico; adivinhava-se porém, à mais simples observação, que Cristiano e ainda mais Gabriela toleravam, mas não estimavam Frederico.

Sem desanimar, com a consciência do seu desvalimento, Frederico teimava em suas pretensões, e, reconhecendo que tinha necessidade de uma protetora ou advogada junto de Adriana, apadrinhara-se com uma amiga da família de Cristiano, que, ou por afeição que tributasse ao pretendente infeliz, ou por outra qualquer consideração que o seguimento desta história talvez ponha a descoberto, tomara a peito defender a sua causa.

Esta advogada e protetora era Fabiana; e Leonor, semeando a intriga entre Américo e Adriana, não fizera mais do que obedecer às ordens de sua tia.

Em compensação Américo tinha também, mas sem pedir nem procurar, um protetor zeloso e fiel: era Benedito que, desconfiando dos projetos e das traições de

Fabiana e Frederico, não os perdia nunca de vista, e cuidadoso os observava sempre.

Benedito passou o dia todo procurando penetrar as maquinações e as tramas dos inimigos de seu protegido, e não pôde deixar de entristecer-se reconhecendo que tanto Adriana como o próprio Américo coadjuvavam com um proceder irrefletido e inexplicável a causa de Frederico.

Américo, alegre e folgazão, dava pasto a seu gênio, brincando, gracejando, rindo-se sem cessar; mas ao mesmo tempo podia-se suspeitar que o mesmo riso de seus lábios escondia o desassossêgo de seu coração; que a sua ruidosa alegria era então menos espontânea e mais calculada, e que êle enfim fugia sempre de se encontrar com Adriana e de lhe dirigir a palavra, procurando ao contrário com uma preferência muito sensível a companhia de Leonor.

Adriana estava fria e calma; ninguém a podia dizer triste, e todos reconheciam que ela se mostrava menos alegre do que na véspera: leves olheiras roxas desenhando-se por baixo de seus olhos, e êstes, ligeiramente injectados, denunciavam que a filha de Cristiano ou tinha passado velando a noite inteira, ou havia chorado na manhã da-quele dia.

Frederico cercava de atenções e cuidados a inexperiencede môça; hábil como um sedutor, êle unia a delicadeza de um cavalheiro que respeita aos extremos de um namorado que ama: suas lisonjas e seus compromissos não eram impertinentes, nem ridículos; saíam de sua bôca tão bem meditados, que pareciam verdades naturalmente partidas da consciência; eram por isso mesmo mais perigosos, porque com mais prazer se faziam ouvir, e com mais facilidade passavam dos ouvidos ao coração de Adriana.

Ou fôsse por vingança ou por gratidão, a filha de Cristiano parecia pela primeira vez atender sem constrangimento a Frederico: às vêzes, e especialmente quan-

do Américo lançava um olhar sôbre ela, um meigo sorriso abria-se nos lábios de Adriana, como uma terna e eloquente resposta aos obséquios do cavalheiro que a requesitava.

Se é possível, Benedito, que nada perdia de tudo quanto se estava passando, sentia-se ainda mais contrariado e triste do que Américo.

Assim se passou o dia todo, e assim também começava a se passar a noite.

As oito horas, pouco mais ou menos, desprendeuse do meio de uma enorme fogueira, armada no terreiro e defronte da casa, a primeira labareda, e daí a pouco subiram ao ar os primeiros foguetes e começou a ter lugar essa festa ruidosa da noite da véspera de S. João, que é irmã gêmea da de Santo Antônio e de S. Pedro no Brasil, porque tôdas se passam do mesmo modo.

Ninguém ignora do que consta essa festa: no recôncavo e nas casas dos nossos lavradores, que ainda se conservam fiéis aos antigos costumes de seus pais, antes de se entregarem ao prazer, à dança, aos fogos, começam todos por pagar o seu tributo à religião; ilumina-se um altar, que está numa capela, ou que se improvisa numa sala, ajoelha-se a sociedade, e entoa-se uma ladainha; repetem-se orações, canta-se um hino religioso, rende-se graças a Deus, e só depois tem lugar a festa verdadeiramente profana que se passa metade dentro de uma sala e nas janelas da casa, e metade no terreiro em tórno da fogueira.

Na sala dança-se, canta-se, tiram-se sortes que incomodam ou enchem de esperanças as môças; jogam-se prendas, e entre uns e outros destes passatempos aparecem as bandejas cheias das canas assadas e dos suculentos carás e batatas.

Nas janelas as senhoras queimam rodinhas de fogo, e os homens pistolas de fortes rojões, enquanto os mais

entusiasmados dentre elles correm ao terreiro e fazem voar pelos ares as bombas, subir às nuvens os foguetes e correr em mil voltas os buscapés, espécie de pequenos demônios de fogo.

Ainda há alguns que se ufanam de provar sua destreza, saltando por cima da fogueira, no meio dos gritos e dos aplausos dos espectadores.

Repeti tudo isto cem vêzes até quase o amanhecer, imaginaí que de instante a instante rebenta aqui e ali um grito estrondoso de *viva S. João!* que é repetido por cinquenta vozes, e aí tendes em duas palavras tãda esta festa buliçosa, ardente, agradável e desejada, que tem lugar no meio do inverno, e na qual nunca se pode sentir frio.

Exatamente assim se estava passando a noite na fazenda do Rio Claro; o ardor aumentava à medida que se iam passando as horas; ninguém cuidava senão de se divertir e de embeber-se no prazer da festa, quando de repente e ao ouvir dar meia-noite, Frederico erguciu-se e disse:

— É notável! até agora nenhum de nós se lembrou ainda das nossas convidadas!

— É verdade! é verdade!

— Não quiseram atender ao nosso convite.

— Não vêm... não vêm...

— Quem sabe, ainda não é tarde.

— Não brinquem com uma cousa tão séria, disse Leocádio.

— Ora... se viessem...

— Havia de ser muito divertido!...

Nesse momento sentiu-se na sala que o ruído que reinava no terreiro, ao redor da fogueira, cessara como por encanto.

— O que será isto? perguntou Cristiano.

— Sinto que se me arrepiam os cabelos, disse Leocádio.

Ouviu-se um leve rumor à porta da sala; todos olharam e viram aparecer a figura majestosa de uma mulher vestida de branco e coberta com um véu da mesma côr, que lhe caía da cabeça até os pés.

— Eis-me aqui, senhores, disse a personagem misteriosa que acabava de mostrar-se.

XV

A DOIDA

As senhoras, pálidas e trêmulas de espanto e de terror, chegaram-se umas às outras sem poder articular palavra! Leocádio deixou ouvir um surdo gemido e ficou quase desmaiado na cadeira; e, durante alguns momentos, nem mesmo o dono da casa se levantou para receber a convidada!

A mulher que acabava de mostrar-se à porta da sala era de estatura alta e graciosa; havia em seu porte alguma coisa de majestoso e nobre; estava vestida tãda de branco; o seu vestido, apesar de ser apenas levemente apertado na cintura, deixava adivinhar as mais encantadoras formas; um véu, também branco e tão longo que lhe tocava os pés, encobria perfeitamente seu rosto; seus braços e suas mãos, deixando apenas perceber a côr negra de seus bastos e compridos cabelos e sentir o brilho ardente de seus olhos pretos, que se viam luzir a despeito do véu, como o astro do dia através de uma nuvem.

A história da ermida arruinada, o modo insólito e inesperado por que essa mulher se apresentava, seus vestidos e seu véu, que a moda desconhecia, e que mais pareciam pertencer a um século passado do que ao nosso,

o ar de mistério, enfim, de que ella se mostrava envolvida, tudo, tudo concorria para torná-la interessante ou terrível aos olhos daqueles que a tinham nesse momento diante de si!

Para a imaginação de uns ella era como uma aparição fantástica, para outros a sombra de um finado escapada por entre os poros de uma laje sepulcral; para estes um gênio maléfico; para alguns talvez uma vítima ou uma louca.

A voz com que essa mulher pronunciara as primeiras palavras ao apparecer à porta da sala, era argentina; deveria ser sonora, mas conhecia-se que trazia o acento próprio do disfarce, era contrafeita e afetada.

Depois de ter deixado passar alguns minutos em silêncio, a mulher misteriosa, com os braços encruzados sobre o peito, esperava imóvel e graciosa, como uma estátua, que alguém se levantasse para recebê-la.

A confusão e a surpresa nos homens, e o susto nas senhoras tinha, durante os primeiros momentos, paralizzato todas as línguas: o primeiro que se arrancou à admiração foi Américo, que levantando-se dirigiu-se à misteriosa convidada:

— Sejas bem-vinda, senhora! disse elle oferecendo-lhe a mão.

— A minha mão está impura, respondeu a mulher ao mancebo; não é portanto digna de tocar na vossa.

Depois avançou alguns passos para o meio da sala, e lançando em torno de si um olhar ardente, e talvez sinistro, que se escapava de seus olhos, como a luz de dois inflamados carbúnculos, ella deixou cair os braços, que conservava encruzados, e disse:

— Eis-me aqui! mandastes convidar as pobres ermitas para talvez servirem de objecto de vossas zombarias durante uma noite: eis-me aqui pois!... zombai.

A voz daquela mulher tomara um acento de cólera mal comprimida, e as suas palavras caíram no meio da sociedade como um desatío terrível.

Cristiano levantou-se, chegou-lhe uma cadeira e disse:

— Estais enganada, senhora; os meus hóspedes são objetos sagrados... quem os ofendesse me ofenderia: aqui ninguém se lembraria de zombar de vós.

— Homens do prazer e das festas! que interêsse tínheis então em ver no meio de vós três entes desgraçados: uma velha que chora, uma criança que não pensa, e uma môça que doideja?... dizcil

— Queríamos ver-vos ao pé de nós, descobrir as causas de vosso misterioso retiro, adivinhar as vossas desgraças, e consolar-vos ou felicitar-vos, se fôsse possível: eis tudo.

— Curiosidade e piedade!... murmurou a mulher com voz trêmula: a curiosidade... incomoda-me; a piedade... rejeito-a.

— Sentai-vos, disse Américo.

— Deveis estar cansada, sentai-vos, repetiu Cristiano.

— Não; só uma cousa me cansa, é viver.

Essas palavras, pronunciadas com um tom de indizível melancolia, derramaram a tristeza em todos os semblantes.

Adriana levantou-se enternecida, livre já de tôda a espécie de terror, aproximou-se da mulher de véu, e procurando abraçá-la, disse:

— Vinde para junto de mim... eu saberei ser vossa amiga...

A desconhecida afastou-se de Adriana, e respondeu:

— Afastai-vos, menina; não toqueis no meu corpo, que está amaldiçoado... não me toqueis... fugi de mim... eu respiro a peste.

— Senhora...

— Curiosidade e piedade!... repetiu ela; a curiosidade deve estar satisfeita, senhores: por que eis-me aqui!... vêde-me, como eu posso ser vista, coberta com um véu, escondendo o meu rosto... porque o meu rosto é hediondo!

— É impossível!... é impossível!... exclamou Camilo, em quem a vista da doida havia produzido a mais forte impressão.

— Mancebol!

— Tirai o vosso véu, senhora; porque sois beia por força!

— Obrigada, mancebol disse a doida, e fazendo surgir debaixo do seu véu uma mão branca, fina e delicada como a mão de uma princesa, descansou-a sobre o ombro de Camilo, e continuou dizendo:

— Também é só sobre o vosso ombro que descansará hoje a mão da pobre doida.

Ao toque dessa mão aveludada e bela, Camilo estremeceu de prazer e comoção.

— Eu vos fiz mal... talvez... perdoa-me! balbuciou ela retirando a mão.

— Oh!... não...

— É impossível que lhe fizesse mal, observou Américo muito naturalmente; porque estou certo de que a mim me faria muito bem!

A doida fingiu não ouvir o que acabava de dizer Américo, e tornando a lançar o seu olhar de fogo em tômo dela, encruzou de novo os braços sobre o peito e repetiu:

— Curiosidade e piedade! a curiosidade está pois satisfeita: falta a piedade não é assim?

— Senhora!

— Satisfiz a curiosidade; rejeito a piedade; mas cumpre que eu pague com gratidão essa virtude que se queria exercer comigo.

— Sois injusta conosco.

— Sim! piedade por piedade; porque alguns entre vós vejo eu, que merecem bem piedade, e embora outros sejam apenas dignos de desprezo.

— Senhora!... disse Frederico como se com êle se entendessem as palavras da doida.

— Eu vos conheço a todos, senhores! eu vos conheço a tôdas, senhoras! vou dizer quem sois, e Deus permita que nas minhas palavras se apanhem avisos e conselhos que possam ser úteis àqueles de quem por minha vez tenho aqui piedade!

Os cavalheiros e as senhoras olharam uns para os outros espantados.

Frederico quis moderar a impressão produzida pelas palavras da doida, e disse rindo-se:

— Temos feitigarias e buena-dicha!... vamos lá... isto diverte como outra qualquer cousa.

A mulher misteriosa lançou sôbre Frederico um olhar terrível, e voltando o rosto para o seu lado direito, encontrou em primeiro lugar Américo e disse:

— Bom coração, extravagante cabeça!... não conheceste teus pais, Américo; não tiveste quem, como um gênio benéfico, te guiasse pelo caminho da vida, e nem por isso caíste nos abismos dos vícios; ainda bem! isto te faz honra; mas tens muito orgulho no coração, cuidado!

— Leu-me por dentro e por fora, palavra de honra!... observou o mancebo rindo-se.

— Cristiano! Cristiano!... continuou a doida; foste feliz até hoje, és bem honrado; mas és também fácil e imprudente: não vês que tens uma filha; que é um tesouro?... com a porta da tua casa aberta sem reflexão a todos, não pensas que por ella pode entrar um ladrão que tente roubar-te tua jóia preciosa?... Cristiano! Cristiano!... cuidado!

O pai de Adriana recuou três passos como ferido por um raio.

— Deus te salve, doutor!... disse a doida com voz comovida dirigindo-se a Benedito: Deus te abençoe, coração angélico... homem honrado... amigo devotado... alma cheia de virtude. Deus te salve! oh! sê a providência no meio desta família... doutor! doutor! cuidado!

A surpresa aumentava cada vez mais: a doida encarou face a face a velha Fabiana.

— Eis aqui a inveja, exclamou ela: Fabiana, tu és a inveja... onde tu chegas está o perigo; quando eras moça fazias mal às outras moças por ciúme e maldade; hoje que és velha, tu as persegues por inveja, por inveja, por muita inveja!... oh! tôdas vós outras, cuidado!...

— Insolente!... bradou Fabiana.

— És tu, Gabriela?... continuou a doida falando à esposa de Cristiano; tua vida tem até hoje corrido calma e doce no seio da virtude e da felicidade; mas quem sabe o que te prepara ainda o futuro? Gabriela, boa e santa esposa, mãe extremosa não arredes os olhos de tua filha... cuidado!

— Meu Deus! exclamou Gabriela escondendo o rosto entre as mãos!

— Misera Leonor! disse a doida encontrando com os olhos a sobrinha de Fabiana: misera Leonor! tens uma tia que te faz o instrumento de sua inveja, que te gasta e te embota o sentimento! que de uma jovem pura e generosa te faz uma mulher egoísta, leve e sem futuro: és moça e não crês mais no mundo; teu corpo é jovem e tua alma está envelhecida; és bela, e já não és sensível: julgam que amas a cem, e tu não amas um só... teu coração é como um árido deserto... estéril... feio... inóspito: tu não és má, e fazes mal; tu és falsa, podendo ser ingênua; Leonor, Leonor... a velhice para ti há de ser terrível, cuidado!

— Esta mulher veio aqui para nos insultar? tornou Fabiana acesa em cólera.

A doida não mostrou ter ouvido o que dissera Fabiana, foi repetindo um por um os nomes de todos aquêles que ia encontrando com os olhos, e dando-lhes conselhos, ou dirigindo-lhes acres censuras: nenhum cavalheiro, nenhuma senhora tinha podido escapar ao conhecimento daquela mulher misteriosa.

Enfim, ela chegava às últimas cadeiras.

— Eis aqui um homem quase desmaiado, disse; é Leocádio: pobre homem! não sou feiticira nem demônio, sou doida.

Leocádio respondeu com um surdo gemido: a doida passou adiante.

— Mariano! meu nobre e homado ancião, Deus te guarda no céu o prêmio dos justos; tens lá um lugar de escolha a par de tua espôsa!...

— Oh! não é doida... é anjo! exclamou o velho chorando.

— Tu Camilo, prosseguiu ela dirigindo-se ao manco, segue os passos de teu pai, e eu te juro que nunca te apartarás da honra; não imites os jovens fátuos; sê bom, honesto e simples como teu pai: zela o seu nome e basta.

— Ouviste? disse Mariano apertando a mão do filho; ouviste? faz o que ela te aconselha, ouviste?

— Enfim... Frederico! ei-lo aqui... o vaidoso, o falso, o sedutor! oh!... tremci vós todos: eis aqui o gênio do mal, tremci! êste homem é um algoz, e onde êle está deve estar perto uma vítima escolhida: dize, quem é agora a infeliz que premeditas tornar desgraçada?... pois eu mesma descobrirei a verdade.

A doida volveu um olhar perscrutador, penetrante e ardente por tôda a sala; cravou-o fixamente no rosto de

cada uma das senhoras qua se achavam sentadas em tórno dela:

— Ninguém... ninguém... nenhuma... mas é possível... Oh! meu Deus!... meu Deus!... não me enganava!...

Os olhos da doida tinham encontrado em uma cadeira isolada, e que ficava perto de uma janela, a filha de Cristiano: Adriana apenas sentiu frio em seu rosto aquêlê olhar penetrante, estremeceu da cabeça até os pés, e corou tão fortemente, que a mulher misteriosa viu-lhe de longe o rubor das faces e caiu de joelhos exclamando:

— Cuidado!... cuidado!... cuidado!...

Ninguém comprencendeu o que se acabava de passar, só Adriana e a doida, que retirou apressadamente os olhos da filha de Cristiano, e sem pronunciar o nome dela, apenas repetia de joelhos:

— Cuidado!... cuidado!...

— Mas quem é?... de quem se trata? perguntou uma voz imprudente.

— Ela e eu sabemos, respondeu a doida.

Depois voltou-se para Benedito e disse:

— Doutor, cuidado!

— Mulher! quem és tu? perguntou o médico.

A doida apontou para cima, como se quisesse mostrar o céu, e respondeu:

— Deus o sabe.

Depois voltou-se para a assembléia que continuava sempre surpreendida, fêz um movimento gracioso com a mão direita e desapareceu pela porta da sala.

Enquanto homens e senhoras se aglomeravam à porta da sala para vê-la sair, Camilo correu à janela.

Ao dar os primeiros passos no terreiro, a brisa da noite que ventava fresca suspendeu por um curto mo-

mento o véu da doida, e ao clarão da fogueira, Camilo pôde ver-lhe de relance o semblante.

— Oh! exclamou êle, é um anjo! . . .

A doida o ouviu, e, voltando-se ainda uma vez, respondeu-lhe tristemente:

— Não, Camilo, eu sou apenas uma mulher desgraçada.

XVI

O MÉDICO E O DOENTE

A noite ia tocar a sua última hora; a festa da véspera de S. João estava terminada; as senhoras se haviam recolhido, e os homens se retirado para a casa do engenho. Mariano e Camilo tinham partido para sua fazenda.

Da fogueira restavam apenas quatro toros abrasados cercando um montão de brasas aqui e ali meias encobertas por uma camada de cinza.

Reinava profundo silêncio.

A casa que os homens ocupavam era uma dependência do engenho, e compunha-se tôda ela de uma sala que se terminava por um gabinete de cada lado e com janelas para o campo, e no fundo por uma vasta galeria ou varanda com parapeito olhando para o centro do engenho.

A fadiga de uma noite inteira de festa havia submergido em profundo sono todos os amigos e hóspedes de Cristiano.

A sala estava em completa escuridão, e na varanda uma vela quase extinta e presa em um lampião soluçava nos últimos e vacilantes clarões, espalhando intermitentemente uma luz duvidosa e fraca.

De repente surgiu a figura de um homem em uma das extremidades da varanda: era Benedito que velava ainda.

O doutor não tinha podido esquecer a súbita e inesperada aparição da mulher misteriosa, e ainda menos as palavras, os conselhos e as tremendas verdades que ela deixara ouvir, com uma revelação terrível de seus lábios.

Combinando o que dissera essa mulher com o que elle próprio estava observando e testemunhando na fazenda do Rio Claro (haviam dois dias), Benedito começava a tremer pela sorte de Adriana, e se revoltava contra Frederico e Fabiana.

Meditando sôbre tais idéias, o doutor passeava ao longo e em tôda a extensão da varanda, parando às vêzes apenas em baixo do lampião para examinar as horas no seu relógio à mercê dos clarões titubeantes da luz que estava prestes a extinguir-se: dir-se-ia que Benedito esperava sômente ver romper a aurora, ou chegar uma hora aprazada.

Como quer que fôsse, o passeio ao longo da varanda ia sempre se repetindo, quando uma vez enfim Benedito apercebeu na extremidade oposta, e caminhando para elle, alguém que vinha pouco a pouco surgindo da sombra.

O médico parou, fitou os olhos na figura que vinha vindo, e ao vê-la, passar por baixo do lampião, reconheceu Américo; então avançou para elle.

Américo estava tão absorto ou tão embebido em suas reflexões, que não viu Benedito chegar-se junto d'elle.

— Também não pudestes dormir, Américo? perguntou o médico passando-lhe a mão sôbre o ombro.

O mancebo não pôde reter um pequeno grito de surpresa; mas, reconhecendo Benedito, abaixou os olhos como confundido.

— Causei-te mêdo?

— A mim? respondeu Américo levantando outra vêz a cabeça: oh!... não: sou muito doido para ter mêdo...

— Pois juro-te que me pareceu.

— Não me fizeste mêdo, doutor, surpreendeste-me.

— Ah!

— Tive pêjo de que alguém me encontrasse a passear por esta varanda a tais horas; tive vergonha, eu confesso, tive vêrgonha de que houvesse quem me pudesse tomar por um namorado.

— Namorados quase todos o têm sido, Américo.

— Mas isso não tira que o namorado seja sempre desfrutável.

— E todavia...

— Todavia o que, doutor?

— Tu o és.

Américo fingiu que dava uma risada.

— Nem sabes fingir que te ris!

— Doutor!

— Américo, tu estás doente, e eu sou médico: conversemos.

— Eu estou de perfeita saúde.

— Estás mentindo.

— Nunca me senti melhor.

— E por que passeavas a estas horas a meditar sozinho?

— Tomava o fresco.

— Boa lembrança! tomava o fresco em uma madrugada de junho passeando em uma varanda aberta!... bem digo eu que estás doente.

— E vós, meu doutor, porque passeáveis? estais doente também?

— Eu?... não: passeava pensando em muita cousa, e pensando particularmente em ti.

— Em mim?

— Sim; na tua moléstia.

— Pois bem, doutor, neste caso aqui estou, curai-me; mas, antes de tudo, dizci-me o que tenho, já que eu não posso adivinhá-lo.

— Américo, estás doente de amor; tu amas.

— Ora... ora...

— Amas a filha de Cristiano, amas a nossa Adriana, e fazes muito bem nisso.

— Ah! então faço muito bem nisso?

— Sem dúvida, porque ela é digna do teu amor.

— E se não fôsse? perguntou Américo com voz trêmula e ressentida.

— Conta-me o que há, disse Bedito.

— Doutor!

— Escuta, Américo. Tu fôste no primeiro dia de tua vida abandonado por teus pais, na porta da casa de uma pobre velha: tua bárbara mãe, teu miserável pai...

— Alto lá, doutor; houve uma razão bastante forte para obrigar meus pais a abandonar-me; mas êles não foram por certo miseráveis e bárbaros: essa velha era pobre, e teve, desde que me recebeu, dinheiro bastante para tratar-me e educar-me, como se tratam e educam os filhos dos ricos.

— Bem... bem... êsse pensar te faz honra; mas, simples engeitado, sem um nome de família... sem recomendações nem protetores, tens merecido a estima de todos que te conhecem, e conquistado uma reputação de honestidade que te faz honra.

— Obrigado.

— Tendo-te conhecido ainda pequenino, porque sabes que fui sempre o médico da mulher que te adotou; tendo-te acompanhado sempre com os olhos, e aplaudido o teu proceder, fiz-me insensivelmente teu amigo, e te amo deveras como se fôsse teu pai.

— Eu o sinto, doutor! respondeu Américo apertando afetuoso a mão de Benedito, que sentiu cair sobre ela uma lágrima de gratidão.

— Creio, portanto, continuou o médico, que tenho direito a merccer a tua confiança.

— Por certo, senhor.

— Américo, eu conheci, antes de todos, que amavas Adriana; dize: enganar-me-ia?

— Não, doutor; julgaste bem.

— Agora, digo-te mais: reconheci igualmente que Adriana te amava; dize: enganar-me-ia?

— Devo crer que sim.

— Como? . . . por quê?

— Doutor, dissestes que eu estava doente, e que querieis ser o meu médico: vou dizer-vos tudo, ou pelo menos tudo quanto posso dizer-vos.

— Ainda bem.

— Amei com effeito a filha do Sr. Cristiano; mas até hoje tenho-a amado em silêncio, em segredo, e firmemente resolvido até a não fazer-lhe a confissão de meus sentimentos.

— E por que motivo?

— Porque sou engeitado e pobre, e não quero dever a minha fortuna a uma mulher, qualquer que ela seja.

— Orgulhoso!

— A minha idéia era esta: estudar e trabalhar de noite e de dia com fervor e sem descanso, até criar um nome, uma posição e uma fortuna; mas tudo, tudo devido a mim e a mim só; e, depois de ter realizado êste pensamento, correr então a ela e dizer-lhe: eis-me aqui Adriana; queres accitar o meu nome?

— Américo, lembra-te das palavras da mulher misteriosa; ela te disse: "tens muito orgulho no coração, cuidado!"

— Doutor, neste ponto eu não cedo um centil.

— Continua.

— Firme neste propósito, nunca disse a Adriana uma só palavra que tivesse relação com o amor que lhe tinha; entretanto, devo também confessá-lo, cheguei a persuadir-me de que ela me distinguia, e talvez fôsse capaz de amar-me.

— E eu digo que ela te ama.

— Animado por uma doce esperança, senti que se redobrava a minha coragem, e que o amor me dava forças para vencer todos os obstáculos que no mundo se levantam diante do pobre e do desprotegido; mas vim a esta festa, e nela, desde ontem, doutor, o meu castelo está voando pelos arcs!...

— Como?

— Doutor, eu não sou amado: Adriana é vaidosa como as outras presumidas de sua idade, e, o que é mais, julga-me por êsses fátuos, por êsses jovens ridículos ou indignos que em tôda parte cercam e festejam a mulher solteira que tem dinheiro.

— Américo, tu és injusto.

— Desgraçadamente sei que o não sou; e se eu pudesse falar...

— Fala.

— Não posso! não posso!... exclamou o mancebo torcendo as mãos desesperado.

— O que sabes tu, Américo?

— Sei muito, sei demais!...

— Pois fala.

— Se eu vos digo que não posso?

— Mas por que não podes?

— Doutor! estou prêso; dei minha palavra de honra, que não contaria a ninguém aquilo que me contaram.

— E quem foi?

— Não mo pergunteis; não vo-lo posso dizer.

— Mancebo! desconfia dos intrigantes e do teu orgulho: estás vendo que já cometestes uma imprudência.

— Qual foi ela?

— A de te deixares prender pela tua palavra: não se deve jurar facilmente pela honra, Américo.

— Tendes razão, doutor.

— Queres um conselho de amigo?

— Dizei-o.

— Pede amanhã ao Sr. Cristiano a mão de sua filha.

— Doutor! quereis ver-me repellido?

— Faze o que te digo.

— Não; de modo nenhum, enquanto eu não tiver um nome, uma reputação e uma fortuna.

Benedito, contrariado, guardou silêncio, e, depois de meditar algum tempo, disse:

— Vai dormir, eu to peço.

Américo, sem dizer palavra, voltou-se, entrou na sala e atirou-se na cama.

Benedito continuou ainda a passear; mas quando lhe pareceu que Américo já teria conciliado o sono, entrou por sua vez na sala, tomou uma bengala, dirigiu-se à porta, pôs a mão na chave, e depois, como se arrependesse de abri-la, foi a um gabinete, abriu cuidadosamente uma janela, saltou com ligeireza no campo e tomou o caminho da ermida arruinada.

No fim de meia hora de apressada marcha, Benedito chegou à ermida: reinava profunda escuridão por tôda parte; a natureza parecia mergulhada em um oceano de geada!

A porta da ermida estava fechada. Benedito bateu, e pouco depois, ouvindo rumor, pronunciou o seu nome, e mandou que lhe dessem entrada: a porta abriu-se logo, êle entrou, e fechando a porta sôbre si, desapareceu.

Já o sol se anunciava na luz duvidosa do crepúsculo, quando Benedito saiu cautelosamente da ermida, e voltou com passo apressado para a fazenda do Rio Claro.

— Ninguém me viu, disse êle consigo, acabando de descer o monte.

E ao mesmo tempo surgia de uma moita de arbustos, que ficava a poucas braças da ermida um belo mancoço.

— É o Dr. Benedito, murmurou êle.

Esse mancoço era Camilo.

XVII

A PRIMEIRA MOAGEM

Cristiano quis marcar a primeira moagem do seu engenho novo com a solenidade religiosa e campestre, de que os antigos não prescindiam nunca em iguais casos, e que alguns repetem no primeiro dia da moagem de todos os anos.

No corpo principal da fábrica estava armado um altar singelo e pequeno.

O engenho amanhecera todo ornado de ramos de palmeiras e de flôres agrestes.

Desde o romper da aurora os carros, armados de bandeiras e cobertos das áureas flôres de ipê e de graciosas ramagens, conduziam canas para o picadeiro ao som das cantigas dos carreiros.

Os escravos mostravam-se todos alegres e vaidosos de sua roupa nova e limpa, e atentos ao sino da fazenda, que repicava assinalando a festa do dia.

Às dez horas da manhã, Cristiano entrou no engenho seguido de sua família e de todos os seus amigos.

Um sacerdote ajoelhou-se junto do altar, e entoou uma ladainha, respondida não só pelas senhoras e amigos de Cristiano, mas ainda por todos os seus escravos.

Depois o padre ergueu-se e, repetindo as orações adequadas, benzeu uma por uma e aspergiu com água benta tôdas as casas e peças da fábrica, concluindo por pedir a proteção do Altíssimo a favor do fazendeiro e de sua nascente lavoura.

Concluído o ato religioso, Cristiano deu a voz para o comêço da moagem.

As bêstas já estavam prêsas no seu pôsto, e as almanjarras, que deveriam ser ocupadas pelos escravos, foram de improviso conquistadas por Américo, Camilo, Frederico e outro mancebo.

Benedito ofereceu, em uma salva de prata, feixe de três mimosas canas, prêsas com laços de fitas, a Adriana, para que ela fôsse a primeira a dar às moendas o seu frutuoso alimento.

Cristiano, trazendo nos braços uma grande bandeja cheia de outros iguais feixes de canas, os foi oferecendo e repartindo pelas senhoras, que se collocaram à distância conveniente para succeder a Adriana junto das moendas.

— Vamos! bradou Cristiano.

Os quatro mancebos tocaram as bêstas, e ao som de alegres cantos começaram elas a trotar.

Adriana estendeu os braços e entregou o seu feixe de canas às moendas; depois dela vieram as outras senhoras fazer o mesmo, e o precioso caldo começou a correr no meio dos aplausos de tôda a sociedade.

Alguns momentos depois as senhoras, entregaram o cuidados das moendas, e os mancebos as almanjarras aos escravos desejosos de tomar o seu lugar.

A sociedade dividiu-se então em diversos grupos: uns passeavam conversando ao longo da extensa varanda, que devassava tôda a fábrica, ou debruçados sôbre o parapeito acompanhavam o movimento do engenho, seguindo com os olhos os escravos que corriam do picadeiro para as moendas levando sôbre os lombos pesados feixes de canas, enquanto outros carregavam para fora os montes de bagaço, resultante das canas já moídas.

Alguns examinavam as caldeiras e fornalha dentro da qual crepitava a lenha que se queimava.

Outros visitavam a caixa de encaixe, observavam o tanque do mel e a casa dos alambiques.

Dominando todo o ruído das conversações alegres, que a cada canto se travavam, as cantigas agrestes, mas melancólicas dos escravos que ocupavam as almanjarras, se entornavam umas depois de outras no scio do engenho.

A alegria radiava em todos os semblantes e a esperança no coração do fazendeiro.

— Enfim! enfim! . . . exclamou êste depois de duas horas de trabalho da fábrica; enfim eis aqui as premissas da nossa moagem! ?

E dizendo isto, mostrava triunfalmente um criado que o acompanhava, trazendo nos braços uma bandeja.

E logo com tal efusão de prazer, que todos lho estavam lendo nos olhos, começou a oferecer a seus hóspedes taças de caldo de cana, que acabava de sair fervendo da taxa.

Pouco antes das duas horas da tarde as senhoras retiraram-se para tomar algum descanso antes do jantar.

Dos cavalheiros uns continuaram a divertir-se no engenho outros prenderam-se a uma mesa de jôgo, alguns sentaram-se na varanda a conversar sôbre a lavoura, e Américo e Camilo saíram a passear pelas margens do Rio Claro.

XVIII

FABIANA

Fabiana entrou pé por pé no quarto da filha de Cristiano: a moça descansava recostada em seu leito; apenas a viu ergueu-se como surpreendida.

— Assustei-a, D. Adriana?... perguntou a velha.

— Oh! não.

— Talvez que se sobresaltasse ao ver-me chegar, apanhando-a só no seu quarto.

— Mas por quê?

— Quem sabe?... continuou Fabiana afetando um sorriso; talvez que receasse que eu de repente arrancasse um punhal do seio para cravá-lo no seu coração, ou que viesse enganá-la como a serpente enganou a Eva, ou enfim que gênio do mal, feiticeira, demônio, que sou, viesse procurar prendê-la em minhas rêdes e perdê-la com meus sortilégios!

— Mas por que me diz isto, D. Fabiana?...

— Oh! pensa que já me esqueci da cena misteriosa de ontem à noite?... daquela célebre mulher que conhece a todos, sabe a história de todos, e que me pintou com tão horríveis côres?

— Pois eu já não me lembrava de tal.

— Não me pôde acontecer outro tanto, que nem dormi esta noite, nem descansei esta manhã!

— Portanto; é melhor não falar nisso.

— Pelo contrário, foi para tratar disso que aqui vim encontrá-la sòzinha.

— Deverás?!

— Pois então! eu havia de sofrer que se me insultasse injusta e imprudentemente sem ao menos trabalhar

para descobrir o segredo da incomparável personagem misteriosa que ontem à meia-noite aqui apareceu?

— E descobriu, D. Fabiana?

— Vai sabê-lo; mas antes de tudo, D. Adriana, consulte bem a sua memória; lembre-se de tôdas as conversações que tem tido comigo, e diga-me: eu já lhe pedi que prestasse atenção aos cumprimentos que porventura lhe faz o Sr. Frederico... bem entendido, eu não sei mesmo se êle lhe faz cumprimentos...

— Não, nunca me falou em tal.

— Por acaso alguma vez na minha vida já me ocupei em demonstrar-lhe as conveniências do seu casamento com êsse homem?

— Não, por certo.

— Deveras, nunca me ouviu palavra a semelhante respeito?

— Nunca, nunca.

— Pois cis aí como são as cousas! sofri todos aquêles insultos de ontem; pintou-se-me como uma serpente e um demônio, sòmente porque passou pela imaginação de alguém, que eu protegia junto da senhora pretensões justas ou inconvenientes que dizem ter o Sr. Frederico!

— E quem foi êsse alguém?

— Um homem a quem estimo e respeito; um homem sério e honrado.

— Um homem sério e honrado?

— É verdade: honradíssimo!

— E quem é êle?

— O Dr. Benedito.

— É impossível! exclamou Adriana.

— Pois é a própria verdade.

— É absolutamente impossível: o Dr. Benedito nunca praticou, nem era capaz de praticar uma ação menos nobre.

— Ele é a honra personalizada, eu o sei; não ignoro também que não mereço suas simpatias; mas nem por isso o estimo menos.

— Como então foi isso?

— É uma história um pouco melindrosa, que eu não me animaria a contar-lha se não me sentisse armada pelo direito da defesa: quizeram porém desacreditar-me na sua opinião, D. Adriana; assiste-me portanto o dever de vingar o meu crédito, e de me não deixar assim sacrificar.

— Eu lhe escuto, D. Fabiana.

— Já lhe preveni que referiria uma história de alguma importância, e creio que posso contar com a sua discrição.

— Sem dúvida.

— E espero que fique entre nós o que vou expor, tanto mais que não direi nada que não vá desculpar de algum modo o último procedimento do Dr. Benedito.

— Pode ter a certeza de que me mostrarei digna da sua confiança.

Adriana, meia desconfiada, meia receosa, nem por isso estava menos curiosa.

— D. Adriana, disse a tia de Leonor, nenhum homem nasce perfeito, e ainda o mais honrado e honesto comete na vida erros e faltas, e tem sempre de que pedir perdão a Deus.

— Há perto de trinta anos, não estou bem certa da época, mas sei que há mais de vinte e quatro anos, o Dr. Benedito cometeu uma falta importante e grave, e dessa falta lhe proveio um sério cuidado no mundo.

— E qual foi ela?

— Teve um filho sem que a mãe da pobre criancinha fôsse sua mulher à face da Igreja; ainda mais: essa mulher, nem pela sua posição, nem pelos seus antecedentes, podia ser sua esposa; era uma dessas criaturas de crédito perdido e de fama vergonhosa, que êle não pode-

ria sem pêjo apresentar a seus amigos e nas sociedades como a companheira de sua vida e a escolhida de seu coração; era uma mulher má e perversa, que não traria senão opróbrio ao homem que fôsse seu marido.

— Adiante... adiante, D. Fabiana.

— Essa mulher foi a mãe do filho do Dr. Benedito.

— E essa criança? perguntou Adriana tremendo sem saber porquê.

— Reconhecendo que não podia casar com a mãe de seu filho, e como homem de coração e de honra não podendo também abandonar o fruto de seu erro, o Dr. Benedito abraçou-se com o último recurso que lhe restava...

— E o que fez então?

— Mandou engeitar seu filho.

— Oh!... será possível?...

— A criança foi uma noite deixada à porta de uma pobre mulher velha, a quem êle precedentemente dispusera para receber o mísero engeitado, que encontrou um momento depois de exposto uma boa ama para aleitá-lo, e todos os cuidados que têm os filhos dos ricos.

— E essa criança? tornou a perguntar Adriana, cuja curiosidade aumentava a cada momento.

— Essa criança... o filho que um homem honesto e honradíssimo teve a desgraça de ter de uma mulher perversa... desacreditada... perdida... desprezada pelos homens e amaldiçoada por Deus, recebeu na pia batismal o nome de...

— Acabe...

— Américo.

Adriana sentiu que estava a ponto de desmaiar! Fabiana, de seu lado, fingiu que não observava aquela extrema comoção, e dando à filha de Cristiano o tempo necessário para sossegar, continuou depois:

— Sim, o filho de Benedito, e de... chamava-se ou antes, chama-se Américo.

— Será possível, meu Deus!

— É absolutamente verdade.

— E como se chegou a saber?

— Ainda quando eu não tivesse muitas razões particulares para afirmar o que digo, bastava saber o que todos sabem, para assegurá-lo.

— Oh! meu Deus!

— Ouça, D. Adriana: o Dr. Benedito não passava um dia que não fôsse ver aquela criança estranha na casa da velha que a adotara; foi o Dr. Benedito quem preparou e pagou os mestres de Américo, e muitas vêzes êle trazia o engraçado menino a nossas casas para mostrar-nos, como dizia, o seu protegido. Ora, por melhor coração que se tenha, nunca se lava a piedade até êste ponto.

— E o que mais? perguntou Adriana.

— Américo, pobre enjcitado e adotado por uma velha, que nada tinha de seu, pôde entretanto receber uma educação esmerada, graças ao Dr. Benedito, e graças ainda a êle, conseguiu, quando contava apenas vinte e um anos, ser nomeado para um excelente e não pouco rendoso emprêgo.

— D. Fabiana, se o Sr. Benedito é pai do Sr. Américo, não tem feito mais do que o seu dever.

— Oh! sem dúvida: eu penso absolutamente do mesmo modo, e nem no que acabo de dizer há uma só palavra dita em desabono dêsse homem honrado, a quem tanto respeito.

— Bem, continue.

— Se o Dr. Benedito não fôsse pai do Sr. Américo, já teria reconhecido que tudo quanto a caridade pode aconselhar estava feito a favor do pobre enjcitado; mas sendo, como é, seu pai, é outra cousa!... assiste-lhe a

obrigação de protegê-lo sempre, e de trabalhar constantemente pela sua felicidade.

— Também isso é certo.

— E é ainda mais certo que o Sr. Américo não pode por ora dispensar os cuidados de seu pai; todos nós conhecemos o Sr. Américo: não há melhor coração, nem pior cabeça; não há generosidade de que ela não seja capaz, nem loucura que êle não pratique.

Adriana cravou um olhar perscrutador no rosto de Fabiana, que simulando não o perceber, prosseguiu:

— Não sei porque é, mas eu gosto de um rapaz assim; nunca pude tolerar um môço com gênio de velho; acho engraçado ver um jovem cheio de ardor e de fogo, pensando pouco, realizando a primeira idéia que lhe vem à cabeça, enchendo o mundo com o seu nome, ocupando o público com a história de suas extravagâncias, não sabendo ser usurário e nem mesmo econômico; amando ardentemente uma môça durante um baile, e esquecendo-a por outra na noite seguinte:

— Mas isso é ser louco...

— Não, menina, é ser môço; e é fazer o que é próprio dos môços; pois acaso se pode tolerar um homem de trinta anos, como o Sr. Frederico, que dizem ser o meu protegido, com aquêle ar de ministro de estado, sempre tão sério, tão frio, tão comedido, medindo suas ações, pesando suas palavras?... eu prefiro os môços, môços, e por isso gosto muito mais do Sr. Américo, embora êle não se mostre muito meu amigo.

— Mas... continue o que estava dizendo, D. Fabiana.

— O Dr. Benedito tem-se visto tonto com as travessuras do Sr. Américo: é positivo e seguro que o nosso jovem amigo ainda praticou ato algum do qual lhe possa redundar descrédito, mas é môço e gosta do que os môços gostam: não há amor que lhe baste, nem

dinheiro que lhe chegue: é louco por dançarinas e adora musica italiana com tanto extremo, que gasta somas enormes em presentes às primas-donas: ora, para isto não lhe chega o ordenado, e portanto, não há mês em que o protetor não pague o que êle chama — loucuras de seu protegido.

— Mas, em abono da verdade, não é isso o que diz o Dr. Benedito.

— Boa dúvida! então o pai havia de desacreditar o filho, e principalmente aos ouvidos daquelles a quem mais desejava encobrir os pequenos e mais que desculpáveis defeitos dêle?...

— Mas por que motivo?

— É o fim da história, D. Adriana.

— Pois vamos, vamos... há um não sei quê em tudo isto...

— O Dr. Benedito entendeu que o melhor remédio que poderia aplicar para curar as extravagâncias de seu filho era casá-lo.

— Casá-lo!

— Sim, e principalmente casá-lo bem, e bem rico; porque casando-o bem rico, ainda no caso de não aproveitar o remédio, ficava êle dispensado de acudir com um crédito suplementar no fim de todos os meses aos apertos do Sr. Américo.

— E que mais?

— Naturalmente, como bom pai que é, o Dr. Benedito procurava para seu filho uma esposa bela, virtuosa, rica e...

— E... o quê?... acabe.

— Achou uma que reúne tôdas essas condições.

— É qual é?

— A filha do seu primeiro amigo, disse Fabiana rindo-se, uma senhora do meu conhecimento, que se chama D. Adriana.

— Senhora! . . .

— Ora, eu entendo que o Dr. Benedito pensou muito bem, e que não podia acertar melhor na escolha que fêz; e quanto ao Sr. Américo, de todo o coração declaro que se tivesse uma filha, talvez lha desse em casamento; porque, afora a desagradável consideração da qualidade da mãe do noivo, não vejo que lhe falte nada para ser um môço completo.

— E que mais? . . .

— Entretanto, o Dr. Benedito acreditou que eu me propunha a criar dificuldades à realização do seu projeto; julgou que eu estava protegendo supostas ou reais pretensões do Sr. Frederico, e cego pelo amor de pai, sua razão se nublou, e com a intenção de me tornar suspeita, forjou uma comédia, que ontem à noite teve as honras de sua primeira representação!

— Como?

— Ele só, ou talvez êle e o Sr. Américo, aproveitaram-se de duas forasteiras, de duas mulheres miseráveis e indignas, que habitam a ermida arruinada; ensinaram à mais hábil dêlas um papel difícil, uma longa e curiosa lição, que efetivamente cla veio aqui repetir ontem à noite; cercaram essa mulher de mistério para torná-la mais interessante, e . . . e . . . eu fui a vítima!

— Mas de que modo pôde saber? . . .

— Oh! eu tenho também a minha polícia; e depois, era tão fácil penetrar o segredo? . . . Diga, D. Adriana: que mal podia eu ter feito àquelas mulheres da ermida arruinada?

— Realmente nenhum.

— E, todavia, a tal senhora de ontem lançou-se a mim como uma inimiga de muitos anos, mostrou conhecer-me de muito tempo, e insultou-me como se insulta a um miserável.

— Ê realmente notável!

— Diga mais: que mal também poderia ter feito àquelas desgraçadas o Sr. Frederico?

— Nenhum... nenhum, certamente.

— E entretanto, contra o Sr. Frederico também se atirou violenta e terrível a nossa misteriosa convidada, ao mesmo tempo que cobriu de bênçãos e elogios ao Dr. Benedito e ao Sr. Américo: ora, o que quer dizer isto?

Adriana não respondeu palavra.

— D. Adriana, acredita em feiticeiras e em mágicas?

— Não, por certo.

— Como, pois, explica a ciência infusa daquela mulher de ontem?... como compreende que ela possa nos conhecer a todos, um por um, saber os nossos nomes, indicar as nossas famílias, como ontem o fêz?

— D. Fabiana... eu não sei... isto faz andar a cabeça à roda!

— Pois eu sei! sei o que fizeram; mas fizeram uma injustiça, principalmente a mim. O Dr. Benedito pode muito bem tratar do casamento de seu filho sem ultrajar-me, nem perseguir-me.

— Talvez que se engane a respeito do Dr. Benedito, D. Fabiana.

— Não, não me engano; sei muito bem o que digo, e porque o digo.

A velha e a moça ficaram em silêncio durante algum tempo: depois Fabiana concluiu dizendo:

— D. Adriana, eu não quis senão reabilitar-me no seu conceito; tudo quanto disse é verdade, mas só o disse para acobertar-me de toda a suspeita injuriosa: agora, o que lhe rogo é que não me comprometa com o Dr. Benedito deixando-o saber o que eu acabei de lhe confiar.

— Descance, D. Fabiana; eu sei ser discreta.

Fabiana levantou-se, e dando um beijo na fronte de Adriana, retirou-se sossegadamente.

Desde que Adriana se viu só, fechou por dentro a porta de seu quarto, e desatou a chorar.

XIX

CONFIDENCIA

— Camilo, disse Américo, as originalidades e as extravagâncias estão no meu caráter: de ordinário gosto de fazer aquilo que os outros gostam de não fazer; quando em certo tempo estive em Nova Friburgo, tive inveja de um inglês que no mês de junho saía de madrugada a passear em mangas de camisa; extasici-me um dia vendo um alemão comer pimentões com melado; até já admirei uma vez a coragem de um guapo tapaz de vinte e cinco anos, que se casou com uma velha de cinquenta!...

— Rica?

— Ora... qual! se fôsse rica seria tido na conta de homem de juízo, segundo a moral da época, e além disso era um fato muito comum para poder entrar no meu programa de originalidade: casou-se com uma velha feia, pobre e carregada de filhos.

— Era um doido.

— Não; era um pecador arrependido que se entregava à penitência.

— Bem; mas ao que vem isso?

— Vem para te dizer que, apesar da minha tendência para tudo quanto me cheira a extravagância, estou achando demasiadamente esquisito êste passeio às duas horas da tarde, com um sol ardente e por um campo nu; estou suando em bicas!

— Ah! estás suando?

— E tu também não o estás?

— É verdade: descansemos, pois, à sombra daquele ingazeiro.

— Muito bem pensado: tenhamos juízo dez minutos por dia ao menos.

O ingazeiro, de que falara Camilo, com seu tronco tortuoso, sua copa frondosa e meio inclinado para o rio, que beijava de passagem suas raízes, oferecia aos dois mancebos uma sombra agradável e fresca.

Apenas chegados junto da árvore, Camilo sentou-se sobre uma raiz nodosa e grossa que surgia da terra, e Américo subiu e foi deitar-se em um dos braços do ingazeiro.

Depois de descansar alguns momentos, Américo tirou da cabeça o seu chapelinho de Chile, passou o lenço pelo rosto e pelos cabelos, e olhando para baixo, deu com Camilo a olhar fixamente, para as águas límpidas do rio.

— Que diabo estás tu a olhar, Camilo?

— Eu? perguntou êste levantando prontamente a cabeça.

— Descobriste porventura arcos de ouro no fundo dêsse rio?

— Não: por quê?

— Vês aí algum formoso rosto de mãe d'água que te encanta?

— Vejo, sim.

Américo deu um pulo da árvore abaixo.

— Onde, rapaz? perguntou êle; ensina-me a descobrir as mães, ou ainda melhor as filhas d'água no fundo do rio; porque eu tive sempre o máu costume de gostar mais das filhas do que das mães.

— Américo, disse Camilo tocando com a mão na testa; a beleza encantada que eu vejo no fundo dêste rio, como em tôda parte, está aqui.

— Ai?... está visto que dei um salto sem proveito: também é regra que os saltos quasi sempre são prejudiciais; mas vamos a saber, quem é que tens aí dentro da cabeça?... dize: provavelmente algumas das jovens belezas que vietam da côrte; toma cuidado, Camilo, não te deixes levar das primeiras impressões: pászaro que canta muito, custa muito!

— Enganas-te: as tuas belezas, fracas impressões me fizeram.

— Ah! então são amôres velhos, afeições da terra?

— Menos.

— Pior! nem de lá, nem de cá?... então donde é a sedutora?

— Não sei.

— Bravo! gosto disso: o mistério é o adubo do amor: tens o meu gôsto.

— É disso que tenho mêdo.

— Como?... tens mêdo de ter o meu gôsto?

— Não; mas não quisera que tivesse o meu.

— Estamos na mesma; explica-te.

— Américo, eu te convidei para passcar com a intenção de me explicar contigo.

— Excelentemente! e por que não o fizeste logo?...

— Hesitava.

— Pois não tinhas de quê: eu sou o melhor homem do mundo para explicações; decido tudo em duas palavras.

— Mas tens o defeito de não deixar ninguém falar.

— Isso também é verdade: fala.

— Américo, até ontem eu não comprehendia verdadeiramente o que era amor.

— E hoje comprendes?... pois olha, ou achaste a pedra filosofal, ou estás enganado! o amor é uma geringonça mais atrapalhada do que o abecedário chinês,

ou as leis do império: até a presente data ainda não houve quem comprehendesse semelhante troca-tintas?

— Pois se o não compreendo, sinto-o.

— Ah! isso é outro caso: continua.

— Tinha ouvido falar, tinha lido a história de paixões ardentes que começam, que rebentam de improviso, e ria-me...

— Não te devias rir: o amor às vèzes anda tão devagar como um coxo, e outras tão depressa como o correio elétrico; às vèzes é monótono como um carro puxado a bois pelas estradas, por onde não tem de passar o presidente da província, e outras tão rápido como uma locomotiva que voa ao impulso do vapor; às vèzes é um bicho que se chama preguiça, e outras um passarinho que tem nome de andorinha; às vèzes. . .

— Mas dêste modo tu não poderás ouvir-me hoje?

— Teus razão; porém eu também tenho... eu cá sei o que sinto... fala.

— Sim: ontem comprehendí, que se pode amar de repente, e mesmo contra vontade.

— Ontem?... já me repetiste duas vèzes ontem, e por ora não adivinho nada! está visto que sou um estúpido!

— Américo, ontem eu ouvi de perto uma voz que já muitas vèzes me encantara de longe: oh! ouvi-a, e a doçura indizível dessa voz se entornou em minha alma!...

— Mau!

— Adivinhei através de um fino véu os dois mais formosos olhos que Deus tem acendido com o fogo do soll...

— Pior!

— E graças ao sôpro inesperado de um benigno favónio, o véu que encobria êsse rosto ergueu-se por um instante; mas êsse instante bastou para perder-me de

todo! porque eu vi o rosto mais belo que uma imaginação de poeta poderia conceber...

— *Péssimo!*

— Até aqui era somente o mistério que me seduzia, e apenas o timbre suave e harmonioso de uma voz angélica, o fogo de uns olhos que brilhavam a despeito de um véu, e um rosto encantador apenas visto de relance; mas hoje...

— Hoje, o quê?

— Hoje não pode mais ser ilusão; hoje eu vi a realidade.

— Conta-me isso.

— Américo, tu te comprometeste a subir o monte da ermida arruinada: afirmaste que empregarias todos os meios para ver de perto essa mulher que um povo estúpido tem na conta de doida.

— É verdade.

— Pois bem: jura-me que nada disso farás?

— E por quê?...

— Porque se chegasses a ver de perto essa mulher, tu te apaixonaria loucamente por ela.

— E que te importava isso?

— Oh! muito! tu serias meu rival.

— Camilo!

— É certo: doida ou não, eu amo-a.

— Já a viste?

— Escuta; eu não dormi toda esta noite; desde que ela apareceu-nos ontem, senti-me escravo de um encanto inexplicável; quando ela saiu da sala segui seus passos até o terreiro; ao deixar a porta uma leve aragem levantou seu véu branco, e ao clarão das chamas da fogueira vi um rosto que não me pareceu de humano: tanto tinha de belo! nada pode descrever a sua formosura arrebatadora! nada o fogo brilhante de seus olhos negros! nada a graça indizível de seu andar de fada!...

— Camilo! querem ver que tu tens veia de poeta? pois se é assim, dou-te os pêsames... mas... como ias dizendo, isso foi ontem... e ontem era de noite, ao luar, através de um véu e ao brilhar das chamas de uma fogueira, e portanto...

— E portanto, não dormi o resto da noite.

— Palavra de honra, que a consequência não está contida nos princípios.

— Acompanhei meu pai à fazenda, continuou Camilo; durante a viagem êle, sem querer, acendeu ainda mais minha imaginação, ou deu mais vivo impulso ao meu amor nascente, porque no caminho não me falou senão dessa mulher misteriosa que tinha sabido em duas palavras conquistar sua simpatia e admiração. Desde que percebi que meu pai dormia, saí de casa e dirigindo-me à ermida arruinada, subi o monte e escondi-me no centro de um grupo de arbustos, donde podia ver tudo sem ser facilmente descoberto.

— E o que viste?

— Eu queria a todo custo observar de mais perto à luz do dia a mulher encantadora, que desde algumas horas me ocupava todo.

— Mas o que viste?

— Primeiramente, e logo que cheguei, vi passar por diante de mim um homem que foi bater à porta da ermida.

— E êsse homem...

— Oh! eu o aborreci sem conhecê-lo! mas...

— E êle entrou?...

— Depois de esperar algum tempo, falou, disse o seu nome, talvez, e a porta abriu-se.

— Abriu-se!...

— E êle entrou; eu ia lançar-me fora do meu esconderijo para penetrar também dentro da ermida, quando senti que haviam de novo trancado a porta. Esperei...

— E depois?

— No fim de muito tempo, pareceu-me um século, a porta abriu-se de novo... julguei ouvir soluços, julguei que duas pessoas choravam; e logo depois o homem passou diante de mim... estava amanhecendo... à luz do crepúsculo, conheci-o...

E quem era êle?

— O Dr. Benedito.

— O doutor!... o doutor!... Por conseqüência fui logrado esta madrugada.

— Conservci-me escondido na minha posição, e esperci que sáisse alguém da ermida: não tardou muito que apparecesse aquella mesma por quem eu velara tôda a noite...

— E então?...

— Oh! passou a dois passos de mim... estava como sempre vestida de branco, mas não trazia um véu cobrindo-lhe o rosto...

— Viste-a portanto.

— Oh! mas não se pode descrever essa mulher que vi: de dia é mil vêzes mais bela que de noite.

— É célebre!... representa por conseqüência uma exceção de regra mais sem exceção, que tenho conhecido!

— Não pude conter-me: acompanhei-a cautelosa-mente, fazendo caminho por entre os arbustos e as árvores: à mão direita da ermida, e a algumas braças de distância do abismo, a natureza cavou um lago pequeno, mas pitoerseo, todo sombreado de árvores frondosas, e aqui e ali semeado de pequenos rochedos que ou se debruçam em suas margens, ou surgem do meio de suas águas claras e mansas.

— Está tudo muito próprio para o caso.

— À sombra de uma dessas árvores e sôbre um desses rochedos, sentou-se a formosa incôgnita.

— E depois?

— Estêve calada muito tempo, olhando para o lago, como ainda agora eu olhava para o rio...

— E depois?

— Cantou.

— O quê?

— Aquela mesma balada que ouvimos.

— E depois?

— Olhou de repente em tórno de si, como se tivesse sentido algum rumor, e levantando-se logo depois, correu para a ermida.

— E tu?

— Eu fiquei imóvel no lugar em que me achava, como se com a mulher, que fugira, tivesse também fugido a minha vida!

— Mas antes dela fugir?

— Vi-a!...

— E o que mais?...

— Mais nada.

— Por consequência, és um tolo, e juro-te que agora esta consequência está contida nos princípios.

— E o que querias tu que eu fizesse?

— Ora! queria que lhe aparecesses, e que a obrigasses a ouvir-te a falar-te...

— Américo, tu não terias coragem de arrostar um olhar severo dessa mulher.

— Então é um ente privilegiado?...

— Creio que sim.

— E o que pretendes fazer?

— Amá-la.

— Isso é fácil.

— Merecê-la.

— E para quê?

— Para que ela seja minha...

— Tua o quê?...

— Minha mulher, disse Camilo, sem hesitar.

— Camilo!

— Sim, disse, e hei de conseguí-lo: não creio no que assoalha um vulgo estúpido; aquella criatura angélica não é uma mulher perdida, não; há muita pureza no seu rosto para que o seja: Deus não criaria tantos encantos senão para ornamento da virtude. E sobretudo, Américo, eu saberei quem é essa mulher, e a história de sua vida, ou antes, de suas desgraças.

— E se em vez de um serafim fôr um demônio?

— Em tal caso, creio que morreria de dor.

— Bem, disse Américo, tudo isto está muito bonito; porém, por mais que me desvaneça de ter merecido as honras desta confiança, concordarás comigo, que é muito natural, que eu te pergunte se me contaste toda esta história só pelo prazer de ter um confidente, ou por mais alguma coisa?

— Quis tudo confiar-te por duas razões.

— Vamos a elas.

— Primeiramente para pedir-te que abandones a idéia que tinhas de visitar a ermida arruinada.

— Camilo, já me comprometi a isso mesmo a uma outra pessoa.

— Outra pessoa! e a quem?

— Ao Dr. Benedito.

— Ainda êle! pois também era a respeito dêle que eu te queria falar. Américo, que conceito fazes tu do Dr. Benedito?

— O melhor possível.

— Perdoa-me, se te vou parecer ridículo; mas, dize: poderia-se acreditar que o Dr. Benedito fôsse um namorado?

— O Dr. Benedito namorado!... exclamou Américo, desatando a rir como um perdido!

— Sim... responde?

— Não, pela minha vida.

— Entretanto a sua visita à ermida arruinada...

— É um mistério que eu estimaria muito que me explicasses.

— Ah! se êle a amasse!...

Camilo pronunciou estas palavras com um tal acento de ciúme, que Américo rompeu de novo em uma estrepitosa gargalhada!

— Tu és feliz, Américo; tu te ris... zombas de tudo... estás sempre contente!

O rosto de Américo tornou-se de súbito sério e grave; Camilo sentiu sua mão apertada entre as do seu amigo, que lhe disse:

— Dir-te-ei uma palavra, que não ma ouviria ninguém. Camilo, desde que aqui cheguei, quando os meus lábios riem, o meu coração se despedaça.

— Mas ris sempre!

— Oh! sim! e rir-me-ei ainda diante de todos! O desgraçado inspira compaixão, e compaixão é o que eu não quero inspirar nunca.

— Fala, Américo; abre-te comigo.

— Não.

— Mas por quê?... não te mereço confiança?

— Não quero que tenhas piedade de mim.

— E portanto a mulher misteriosa te conhecia bem: tu tens muito orgulho!

— É isso mesmo.

XX

OS PAIS E O AMIGO

Após um descanso de duas horas, as senhoras mostravam-se de novo, e, como é muito natural os cavalheiros deixavam o engenho e corriam à sala para lhes fazer companhia.

Benedito chegou-se a uma janela, onde conversavam Cristiano e Gabriela, e apontando para uma mesa, onde jogavam um homem e uma senhora, perguntou:

— O que se faz ali naquela mesa, meu caro e bom Cristiano?

— Joga-se, doutor.

— E você está bem seguro disso?...

— Pelo menos, assim o creio.

— Ah! pois bem: joga-se; mas quem são mesmo aquêles dois parceiros, D. Gabriela?

— Doutor, respondeu a espôsa de Cristiano, você quer passar por míope?

— Diga sempre.

— É D. Fabiana que joga o écarté com o seu predileto amigo Frederico.

— Bem... bem... E qual dos dois perderá no joguinho?

— Provavelmente Frederico, disse Cristiano.

— Pois eu afirmo que não.

— Em tal caso perderá D. Fabiana, disse Gabriela.

— Também assevero que não.

— Então nem um nem outro...

— Ainda menos: eu tenho a certeza de que alguém está exposto a perder muito naquele jôgo!

— Doutor, você está com uns ares de mistério, que poderia chegar a assustar-nos.

— Não querem adivinhar quem está exposto a perder muito naquele jôgo?... pois eu lhes vou dizer: é uma jovem e interessante senhora, que se chama Adriana.

— Sempre a mesma idéia, doutor!

— Ali não se joga, Cristiano; ali se conspira. D. Gabriela, lembre-se do conselho da mulher misteriosa: cuidado! cuidado! cuidado!

— Doutor! você assusta-nos!... se sabe alguma coisa, porque o não diz?

— O navegante, amestrado pela experiência, prevê a tempestade antes que ela rebente; lê os avisos da borrasca, que se aproxima nas nuvens, que se enrolam ou que deslizam no céu! não sei nada, e sei muito... ali naquela mesa conspira-se!

Gabriela deixou cair um pouco a cabeça e se pôs a meditar tristemente.

— Mas, dado o caso que êles estejam conspirando contra a felicidade de minha filha, o que poderia eu fazer sem provas e apenas abalado por suspeitas que se não explicam?

— A minha opinião há muito tempo que a expressei francamente: eu tinha fechado a porta àqueles intrigantes.

— Uma amizade antiga como a de D. Fabiana...

— E que tão cara nos há custado, não é bem verdade?

— E além disso, aquela consideração...

— Aquela consideração, Cristiano, eu a esqueceria até o momento em que a amizade que tributamos a um ente querido nos obrigasse a fazer o contrário.

— Pois bem; nós a temos tratado bem friamente, e apesar disso ela teima em freqüentar a nossa casa, e até mesmo improvisou-se convidada, e fêz-se acompanhar de Frederico para tomar parte na festa do nosso engenho novo.

— Razão de mais para se desconfiar daquela mulher, disse Benedicto.

— E em tais circunstâncias o que devemos fazer?... decida você, doutor.

— Cristiano, aquella mulher é nossa inimiga, e quer ferir-nos no que nós temos de mais caro: suspeita que Américo seja meu filho, e supõe, com razão, que nós tenhamos em mente casar esse mancebo com a nossa Adriana; assim, pois, entende ela que, desfazendo esse projeto de casamento, descarrega sobre mim um golpe terrível, e casando mal a nossa bela menina, faz ao mesmo tempo a desgraça dela, a desgraça de D. Gabriela e a tua!

— E seria possível. . .

— Oh! ela trabalha ao menos com tôdas as suas forças, e eis ali aquêlê miserável sedutor, que é a carta com que joga atualmente!

— E você pode supor que ela chegue a conseguir os seus fins?

— Quem sabe! . . . em tais casos tôda prudência é pouca, Cristiano.

Nesse momento Gabriela levantou a cabeça e disse tristemente, repetindo as palavras do médico:

— É verdade! em tais casos tôda prudência é pouca, meu Cristiano.

— Pois então velemos sem cessar, velemos todos pela nossa Adriana, e também pelo nosso Américo.

— Mas não basta velar.

— Meu Deus! tornou Gabriela, será possível que se não seja senhor da sua própria casa!

— Oh! sim! é possível, quando o dono da casa é fraco e indeciso como Cristiano.

— Doutor!

— É o teu defeito, Cristiano; não tens decisão, nem fôrça de vontade; chegas a ser mau pelo excesso da tua bondade. Devias te lembrar que és responsável perante Deus e a sociedade pelo futuro de Adriana.

— Oh! sim! é verdade, murmurou Gabriela.

— Também tu, Gabriela?... disse sentidamente Cristiano.

— Também eu, à vista somente do Dr. Benedito: doutor! doutor! o meu coração de mãe tinha adivinhado tudo isto; no meu coração de mãe eu suspeitei sempre das intenções de D. Fabiana, e quando eu confiava a Cristiano as minhas suspeitas: “Estás louca, minha Gabriela; o Dr. Benedito está te pegando a sua mania!”

— Entretanto êle devia conhecer bem aquela terrível mulher!

— Ora pois, disse Cristiano, vocês deram-se as mãos para falar mal de mim, e estão se lamentando de modo que parece que estamos com os pés tocando a borda de um abismo!

— Talvez.

— Qual talvez, doutor! sejamos homens: se há um perigo diante de nós, façamos por livrar-nos dêle sem ofender ninguém, e vivamos alegres: pois será isto possível?

— Sem ofender ninguém... murmurou o doutor; olhem o fracalhão... e sempre o mesmo!...

— Vejamos: diz você que a velha Fabiana quer destruir os nossos projetos de casamento de Adriana e Américo; pois muito bem, casemo-los quanto antes, e está o negócio acabado.

— Adriana está tão criança ainda! disse Gabriela.

— Tinhas a idade dela quando te casaste comigo, tornou Cristiano.

— Mas o nosso Américo, observou ainda a prudente mãe, o nosso Américo tem uma cabeça tão ardente, um caráter vivo... que...

— Mais loucuras do que elle fiz eu quando era m^oço, e entretanto, tu o podes dizer, Gabriela, sou o tipo dos bons maridos! . . .

— Depois que passaste dos quarenta anos, meu caro; porque até essa idade eras tão bom como os outros!

— Então seguc-se que rejeitam a minha idéia?

— Eu quisera pensar ainda . . . Gabriela.

— E eu creio, observou Benedito, que se não deve perder muito tempo pensando inútilmente.

— Portanto, doutor, segue o parecer de meu marido?

— Certamente. Desde muito tempo que pensamos todos em realizar este casamento; para que, pois, retardá-lo mais? A nossa Adriana tem virtudes próprias, e o exemplo de sua mãe para ser a melhor das espósas; e quanto a Américo, que remédio terá elle senão ser o melhor dos maridos? . . . Américo é um homem de honra, e ama apaixonadamente a nossa bela Adriana: que mais nos falta? . . . devemos dar à maldade o tempo necessário para amadurecer seus projetos? . . .

Gabriela refletia ainda.

— Quem sabe? . . . tornou Benedito, amanhã talvez seja tarde.

— Pois então . . . faça-se quanto antes o casamento de minha filha, disse a boa mãe.

O Dr. Benedito esfregou as mãos de contente.

— Bem . . . bem . . . excelentemente; mas agora o que resta é que nos entendamos com os dois noivos: é verdade . . . quero dar-lhes uma noticia; já não é novo para nós que elles se amam, pôsto que não houvesse ainda entre elles a menor declaração; pois fiquem sabendo que estão ambos arrufados . . .

— Arrufados?... perguntou Gabriela sorrindo e corando ao mesmo tempo.

— Sem a menor dúvida: a causa dos arrufos não a sei eu, mas afirmo que a velha terrível entrou nisso: cumpre-nos portanto obrigá-los antes de tudo a fazer as pazes; tanto mais que o nosso cabeça de vento confessou-me que amava Adriana; mas que nunca se lembraria de pedi-la em casamento antes de ter uma posição e fortuna para offercer-lhe.

— Ao menos isso prova nobreza de sentimento, disse Gabriela; e tanto me alegra essa disposição, que peço licença para me incumbir de chamar à razão o nosso orgulhoso.

— Nesse caso, acudiu Benedito, caber-me-á o prazer de dar antes de todos os parabéns à nossa Adriana.

— E eu, disse Cristiano ternamente, erguerei os olhos ao céu para pedir a Deus a felicidade de minha filha, e depois os abaixarei, e irei cravá-los em um túmulo para perguntar a um finado se está contente comigo!

Gabriela apertou a mão de seu marido .

Ouviu-se um leve rumor na sala.

— É Adriana que entra...

— Ei-la, doutor! disse Gabriela.

Benedito dirigiu-se imediatamente a Adriana.

XXI

BENEDITO E ADRIANA

— Pensam certas senhoras, disse Benedito dirigindo-se a Adriana, que uma das maiores desgraças que lhes pode sobrevir é aparecer em uma reunião um velho

impertinente que as obrigue a perder meia-hora conversando com êle.

— Por que me diz isto, doutor? perguntou a môça.

— Queria ouvir a opinião da minha boa Adriana a tal respeito.

— Se eu mereço o nome que me dá de sua boa Adriana, está visto que não poderei pensar dessa maneira, e muito principalmente quando o tal velho impertinente fôr como o Dr. Benedito.

— Esta resposta me contenta, e me descontenta, minha Adriana.

— Como?...

— Contenta-me, porque vejo que poderemos conversar um pouco; que era exatamente o que eu desejava.

— E lhe descontenta, porque...

— Porque eu precisava sobretudo que a minha Adriana fôsse comigo hoje franca e sincera, mais do que nunca, e comecei logo por ter uma prova de que está muito lisonjeira.

— Fique certo, doutor, de que disse somente o que sentia.

— Pois bem, aceite neste caso o meu braço.

— Com muito prazer; e para lhe demonstrar a minha franqueza, confesso que tenho mesmo algum interesse nesta meia-hora de conversação.

— Sim?

— É verdade: quero lhe pedir a explicação de um certo fato, e depois, se me der licença, fazer-lhe uma pergunta talvez muito... audaciosa; mas também muito importante.

— Ora pois; vamos a isto, porque tenho igualmente objeto muito interessante de que tratar.

— Doutor, disse Adriana, observo que ainda não olhou com atenção para mim?...

Benedito fitou seus olhos no rosto da filha de Cristiano, e apressou-se a perguntar com voz comovida:

— Menina! por que choraste?... o que tens? ah! é verdade... eu não tinha olhado com atenção para ela.

— Ah, doutor! não é bem certo que desde que aqui chegamos, no meio dos cantos que se entoam, das contradanças que se tecem, no meio das alegrias, e no ruído das festas, pairam sobre minha cabeça não sei que projetos, que muitos sabem, e que só eu ignoro?... não é verdade, que se joga com o meu nome?... que se me vaticina desgraças?... doutor, não é verdade tudo isto?

— Sim, é verdade tudo isso, e mais alguma coisa ainda.

— Oh! e o que mais?

— Que os teus amigos velam.

— Amigos?... pois não o são todos?... seria possível que eu tivesse inimigos debaixo dos tetos de meu pai?

— Menina, disse Benedito, achariam alguns nessas palavras uma acusação a teu pai!

— Oh, não!... meu pai pode ser enganado como eu, talvez; mas nunca bom de mais, meu pai é um santo, e minha mãe o anjo de minha guarda.

— E isso mesmo!... tornou Benedito enternecendo-se e beijando a mão de Adriana.

— Mas o que há doutor, o que há?

— Minha Adriana, ainda não chegou a minha vez de falar.

— Pois bem, eu concluo; ou antes, vou já perguntar o que queria saber. Doutor, quem é aquela mulher misteriosa que apareceu aqui ontem à noite?...

Benedito pareceu surpreendido e contrariado por essa pergunta.

— Quem é aquela mulher?... repetiu Adriana; franqueza por franqueza, senhor!

— Menina, como posso eu saber o nome de uma pessoa que todos aqui desconhecem?

— A resposta não é positiva: perdão, doutor; mas eu preferia ouvir antes um não sei; porque juro, que partindo de um tal homem, acreditaria sem hesitar nêle.

— Pois bem; disse Benedito reconhecendo-se vencido; se tanta confiança te merece a minha palavra, não posso nem devo confiar menos no teu caráter: Adriana, o que te vou dizer não o disse ainda a pessoa alguma, e é segredo que não deve passar de nós dois.

Adriana abriu seus grandes e belos olhos, e os deixou por um instante penderes dos lábios de Benedito, que respondeu em voz baixa:

— Eu conheço aquela mulher; mas não posso dizer quem seja.

Adriana abaixou os olhos tristemente e pensou consigo mesmo que talvez a velha Fabiana tivesse razão.

— Então que é isso, menina?... estás tristes?

— Não é simples curiosidade o que me move a fazer estas perguntas, respondeu ela; tenho necessidade de sossegar o meu coração a certo respeito.

— Isso é fácil; abre-me êsse coração onde tudo é virtude, e nada reccies.

Adriana pensou alguns momentos, e depois perguntou ainda:

— E pode dizer-me desde quando conhece aquela mulher?

— Menina a tua pergunta me embaraça...

— Se é impertinencia demais...

— Não; a dificuldade está sòmente na precisão da resposta: se eu dissesse que apenas a conheço desde hoje de manhã, não diria a verdade; mas é certo, que foi sòmente ao amanhecer do dia de hoje que a reconheci.

— Como?

— Falei com ela hoje de manhã.

— Onde?

— Na capela arruinada.

— E antes de hoje?

— Nestes lugares, nunca.

— Nunca, doutor... nem ontem? nem há três?... nem há quinze dias?...

— Nunca nestes lugares, e nem ontem, nem há três, nem há quinze dias, nem há três anos em parte alguma.

— Ah! doutor!... exclamou Adriana abraçando o velho médico; que sossêgo! que felicidade que isto me causa!

— Menina, estás me abraçando à vista de tôda esta gente!

— Ora! o que tem isso?... eu não lhe abraço tantas vêzes à vista de minha mãe?...

O Dr. Benedito estava chorando de contente, e quando sentiu que os braços de Adriana não o apertavam mais, disse:

— Ora pois, minha feiticeira, então agora já chegou a minha vez de falar?

Adriana tornou-se de novo profundamente séria.

— Ainda não, respondeu: falta-me a segunda e última pergunta: mas esta, doutor, é ainda pior do que a primeira!

— Pior?

— Sim, e muito mais grave: olhe, eu tenho medo de ouvir ralar comigo; mas não é menos certo que preciso ouvir a sua resposta para sossegar de todo.

— Menina, fala, disse Benedito tomando-se pensativo, e voltando os olhos de fogo para o lado em que estava sentada Fabiana.

Depois de alguma hesitação, Adriana falou.

— Senhor, acredite antes de tudo que não tenho na mente a menor idéa de o incomodar e de lhe causar o menor vexame; pelo contrário...

— Adiante, menina: sei bem que me lastimas, e que és incapaz de qualquer má ação.

— Doutor, diga-me com franqueza, o Sr. Américo...

— O quê?... o quê!...

— O Sr. Américo é... seu filho?...

Benedito recuou dois passos, e encarou com olhos ardentes a filha de Cristiano.

— Perdão, doutor! . . . exclamou a menina, tomando-lhe de novo o braço; perdão!

— Como é perversa aquela mulher! murmurou com voz surda Benedito.

— Senhor! senhor! eu não tinha intenção de ofendê-lo.

— Não me ofendeste, não, menina: és uma pobre incauta; mas vê bem, que a tua mesma inocência te pode expor a bastantes perigos!

— Ah! meu Deus!

— Adriana: não vês que eu adivinho a mão que despediu o raio da calúnia? . . .

— Como, senhor?

— Eu digo, afirmo e juro que conversaste sobre estas cousas com a velha Fabiana.

— Eu não falei aqui no nome de D. Fabiana, respondeu Adriana lembrando-se da promessa que fizera.

— Partiu dela o golpe, eu o sei, continuou Benedito sossegando; nem preciso que mo digas; mas dentro em pouco lhe arrancaremos das mãos tôdas as atmas com que nos pretende fazer mal.

Depois, voltando-se de novo para Adriana continuou:

— Américo não é meu filho.

Adriana respirou.

— Mas do pouco que possuo a têtça parte lhe há de pertencer, e se em todo o caso um nome lhe fôsse necessário e êle quisesse o meu, eu lho daria.

— Basta, doutor.

— Estás portanto sossegada?

— Tanto, quanto era possível desejá-lo.

— Pois eu ainda não.

— E estará nas minhas mãos contribuir para o seu sossego, doutor!

— Sim, está, minha Adriana.

— Disponha de mim, meu amigo.

— Menina, conto com a franqueza que me prometeste. Eu sei que amas Américo.

Adriana fêz-se tôda côr-de-rosa.

— O vivo rubor que está acendendo tuas faces é já uma resposta, ou antes uma confissão bem clara dêsse amor, que aliás nenhum dos teus amigos leva a mal; exijo porém que teus lábios igualmente me respondam.

— Senhor!

— Tu amas Américo, menina?...

— Amava-o, doutor, respondeu Adriana tremendo.

— Amava-o?... como é isso então?

— Até ante-ontem à noite sentia bem que o amava; hoje não sei se o amo ou se o aborreço.

— E por quê?... fala.

— Porque, muito embora nunca lhe ouvisse uma palavra de amor, confesso que me supunha também amada por êle, e ante-ontem tive a certeza de que zombava de mim.

— Como?

— Ele ama outra, doutor!

— E a quem?

— Que importa a quem?... está visto que não me cumpre fazer questão dessa terceira pessoa.

— Mas se tudo isso fôsse também uma falsidade e uma calúnia?...

— Uma calúnia?!... repetiu Adriana com emoção; uma calúnia?... e com que fim?...

— Menina, com o mesmo fim que teve em vista quem te pretendeu fazer acreditar que Américo era meu filho.

— Ah! doutor!

— Inexperiente criança! por que te não lembras do conselho da mulher misteriosa? ah! recorda-te bem de suas palavras; ela disse: cuidado! cuidado! muito cuidado!...

— Meu Deus! exclamou a môça: o que fiz eu para me quererem fazer enlouquecer?!

— Deixemo-nos de exclamações, e vamos à resposta à minha pergunta.

— Que pergunta, doutor?...

— Se também êsse outro pretendido amor fôsse uma falsidade?

— Se fôsse uma falsidade... repetiu Adriana suspirando.

— Sim: que dirias?

— Oh! e quem me poderia afirmar isso?... quem me viria assegurar que me tinham feito acreditar em uma calúnia?

— Adriana, acreditas em mim?

— Como em meu pai, senhor.

— Pois eu to asseguro.

Adriana, apertou involuntariamente e com tanta força o braço de Benedito, que o obrigou a dizer-lhe sorrindo:

— Se te parece, abraça-me outra vez.

A moça tornou a fazer-se muito vermelha, e abaixando a cabeça, murmurou:

— Sou uma louca.

— Que louca! és apenas uma namorada.

— Doutor! disse Adriana erguendo orgulhosamente a cabeça.

— Oh! não é preciso que me olhes com tanta cólera assim; corrigirei imediatamente a minha expressão, e em vez de namorada, direi simplesmente apaixonada.

— Mas a que vem uma tal conversação?...

— A decidimos quanto antes uma questão bem importante. Ainda há pouco eu e teus pais falávamos a teu respeito, e assentamos todos, que chegasse a uma idade em que o casamento se começa a descejar.

— Creio porém que eu ainda não disse que o desejava.

— E eu com esta minha franqueza, continuou Benedito, declarei a teus pais que Américo te amava.

— Não sei se fez bem, doutor.

— Fui ainda adiante, e afirmei que tu igualmente amavas Américo.

— Senhor!

— Suponho que não disse mentira nenhuma.

— Oh! mas como hei de eu agora levantar os olhos para meu pai, e conversar com minha mãe? . . .

Adriana tremia de pêjo e de comoção, e Benedito sentia-lhe o palpitar freqüente e alterado do coração no braço, que a môça insensivelmente lhe apertava, encostando-o ao peito.

— Está visto que devo ainda esta noite sossegar-te pela terceira ou quarta vez.

— Ah! doutor!

— Menina, podes como dantes levantar os olhos para teu pai, e dirigir a palavra à tua mãe, porque há muito tempo que ambos tinham adivinhado teu amor, e qualquer dos dois o aprova com tanto ardor como eu.

— Será possível, meu Deus? . . .

— Ainda mais do que isso: todos nós fazemos votos pela vossa união, e eu tive o prazer de ser o primeiro a dar-te os parabéns pelo teu próximo casamento.

— Pelo meu próximo casamento? . . .

— Esta é boa! então que te admiras? . . . creio que amando ao nosso Américo, nutrias o desejo de te casar com êle.

— Mas . . .

— Ao que vem agora êsse mas? . . . teus pais aprovam o teu amor, e desejam o teu casamento: terás que dizer alguma cousa sôbre isto? . . .

— Tenho, sim doutor: tenho a minha vaidade de môça revoltada, e ainda uma dúvida dentro do coração.

— Doutor, confio muito na sua palavra; mas que razão teve para me assegurar que foi uma calúnia o que me disseram do Sr. Américo? . . .

— A melhor razão do mundo, a confissão ingênua do próprio Américo.

Adriana respirou, e logo depois perguntou com ardor:

— Pois êle o disse?...

— Ou eu fi-lo dizer, que é a mesma cousa.

— Como?

— Apanhei-o esta madrugada velando tristemente, obriguei-o a confiar-me os seus pesares, e êle não teve remédio senão confessar-me o que eu já sabia: eis tudo.

O prazer transbordou do coração ao rosto de Adriana.

— Estás contente?...

— Oh! não posso encobri-lo, doutor: agora só resta a minha vaidade de môça.

— E o que tem essa impertinente senhora?

— Desde ante-ontem à noite que o Sr. Américo me trata mal.

— Sim; e depois?...

— É que eu não posso nem devo dizer que sim à proposição que acabei de ouvir, sem saber as razões que dei para ser menos bem tratada: se eu procedesse de outra maneira, quem sabe o que êle pensaria de mim?...

— Entendo: faz-se, antes de tudo, necessário que o pobre rapaz venha de joelhos e humildemente pedir o seu perdão!... estas môças! estas môças!...

O Dr. Benedito estava tão contente do bom resultado da sua conversação com Adriana, que punha de parte, praticando com ela, a sua habitual gravidade.

— Pois bem, continuou êle, dentro em pouco veremos o nosso estouvado aparecer aqui ao pé de nós, como um pecador arrependido: terá lugar sem dúvida alguma um ato de conciliação, e, se me derem licença, quero eu ser o juiz de paz que diga a última palavra sôbre a questão. E fique sabendo, minha senhora, que me há de pagar muito bem pago todo êsse negócio!

— Mas pagar como, doutor?

— Ora, está visto, com um abraço bem apertado.

— E o que tenho feito, e farei sempre com muito prazer.

— Oh! lá está o maganão conversando com tua mãe. Adriana estremeceu.

— Sabes do que estão tratando?

— Eu não sei adivinhar, doutor.

— Exatamente do que acabamos de falar.

Adriana não pôde dizer palavra, não só porque começava a sentir-se muito comovida e acanhada, como também porque sua mãe, conduzida pelo braço de Américo, se chegava para ela.

— Basta de conversar, doutor, disse Gabriela sorrindo-se; os nossos amigos querem dançar uma contradança antes de jantar.

E depois, voltando-se para Adriana, continuou:

— Minha filha, o Sr. Américo deseja que sejas seu par nesta quadrilha.

Adriana cravou os olhos no chão, e, trêmula e vermelha de pêsjo, depôs sua mãozinha de anjo na mão que Américo não menos perturbado lhe oferecia.

XXII

GABRIELA E AMÉRICO

O Dr. Benedito acabava apenas de entrar no terraço com Adriana e de encetar a conversação, que acaba de ser referida, quando Américo appareceu à porta da sala, e voltou para todos os lados um olhar desejoso, embora disfarçado.

— A quem procuram seus olhos, Sr. Américo?... perguntou-lhe uma voz agradável e doce, que souou baixinha a seus ouvidos.

Américo olhou para ver quem lhe falava, e encontrou junto a si a esposa de Cristiano.

— A quem procuram seus olhos, Sr. Américo?...

O moço corou levemente, como se lhe tivessem surpreendido um segredo de seu coração, e respondeu hesitando e fingindo um sorriso:

— Procuro... a todos principalmente, minha senhora.

— Se a sua resposta não fosse uma evasiva, ela me poderia parecer pouco lisonjeira.

— Teria eu a desgraça de desagradar-lhe?

— Oh! de modo nenhum; mas entre tantas pessoas, muitas das quais lhe devem ser indiferentes, me parece que os seus olhos mesmo instintivamente poderiam procurar alguém com especialidade.

— Minha senhora, eu sou um estouvado e uma cabeça doida! mas, segundo a deliberação do Sr. Cristiano, estes dias de festa que gozamos pertencem ao do-

mínio das extravagâncias, e portanto estou no meu elemento, e ainda mais no meu direito.

— Sr. Américo, eu tenho o prazer de conhecê-lo há tantos anos, quantos tem exatamente de idade!...

— Tanto pior para mim; debaixo de um ponto de vista somente, bem entendido.

— Como?

— É que segue-se daí que a Sra. D. Gabriela tem sido testemunha de tôdas as minhas criaçadas e loucuras.

— Não era isso o que eu queria dizer.

— É o mesmo, minha senhora.

— Nada, nada, não é o mesmo; porque o que eu desejava significar-lhe é exatamente o contrário disso.

— O contrário?... querem ver que eu sou tido em conta de homem de juízo?...

— Ou melhor ainda...

— Deveras, minha senhora!

— Sim; na conta de um homem de honra.

Américo ficou sério.

— Sr. Américo, continuou Gabriela, o coração do homem ainda moço é um livro, que por mais que se esconda, pode sempre ser lido pelo olhar de uma mulher: os mancebos nunca são suficientemente dissimulados para esconder de todo o sentimento que lhes enche o coração. A mocidade não sabe mentir; apcsar dela, é sempre mais ou menos transparente.

Américo começou a empalidecer.

— Desde três dias que o senhor ri mais do que costuma, brinca, zomba e folga com um ardor que nunca

mostrou, apesar do seu gênio; pois bem, jamais o senhor esteve mais triste, jamais brincou e folgou com menos vontade; o seu rosto representa o contrário do que se passa no seu coração: o senhor sofre!

— Mas, com que fim estarei eu enganando aos outros e a mim mesmo?... animou-se a perguntar Américo, que principiava a sentir-se vivamente incomodado.

— Oh! aquela mulher misteriosa, que aqui appareceu ontem à noite, explicou tudo isso com uma única palavra: o Sr. Américo finge rir, finge-se alegre, instigado pelo único defeito do seu caráter.

— Qual é elle, minha senhora?

— O seu orgulho.

— Vejo bem que o meu orgulho está na ordem do dia: eu próprio sonhei com elle a noite passada.

— Sr. Américo, rogo-lhe que não zombe.

— Estou sério e grave como um ministro de estado, minha senhora.

— Quero dizer de onde principalmente provém esse orgulho, que é um verdadeiro senão no seu belo caráter.

Américo prestou atenção.

— O senhor sabe que um grande infortúnio presidiu o seu nascimento; não conheceu seu pai, nem sua mãe, não tem um nome de família, e vê bem no que se passa no mundo, que esse fato, que é apenas um erro dos pais, é muitas vezes transformado em uma injúria para o filho!

Américo transformara a palidez de seu rosto em um vivo rubor de vergonha.

O mundo injusto, mau, e cheio de prejuízos, mata às vêzes as nobres aspirações do homem, cujo nascimento é um mistério, com a recordação dêsse fato, que pode ser tudo, menos um crime, ou uma simples falta do filho; e ao mesmo tempo êsse mundo assim tão exigente dobra humildemente sua cerviz ao homem de grande fortuna ou brilhante posição, qualquer que tenha sido o seu berço; pois bem, o senhor viu o mundo assim, e quis que êle se não risse do seu infortúnio: e para isso o que faz?... primeiramente ri e zomba dêlc; não se abate diante de ninguém, porque a ninguém pede cousa alguma; rejeita qualquer favor que possa parecer uma proteção.

— Senhora! disse Américo levantando nobremente a cabeça, tenho tido protetores, e ainda não rejeitei dêles um só benefício...

— Um só homem tem tido o direito de fazer-lhos... É o Dr. Benedito, e êsse por quê?... porque desde a sua infância o habituou a olhá-lo como um pai e único protetor.

— E êsse me basta; entretanto, ainda não dei a nenhum dos meus amigos o direito de me considerar ingrato.

— Amigos?... e a quantas pessoas concede o senhor êsse nobre título?...

— A poucas, é bem verdade.

— Oh! pois eu desconfiava que, à exceção do Dr. Benedito, ninguém mais...

— Minha senhora, em que conta então tenho eu sido recebido nesta casa?... o que se supõe de mim?... serei eu porventura tão pequeno que não possa dar à Sra. D. Gabriela o título de minha amiga?...

Gabriela apertou vivamente a mão de Américo e prosseguiu:

— Agradecida, muito agradecida; eu precisava bem ouvi-lo responder-me assim; mas agora consinta que lhe diga: o seu orgulho não lhe permite compreender, nem desempenhar bem todos os officios e todos os sacrificios d'amizade.

— Terei eu merecido uma tão forte e dolorosa repressão?... perguntou Américo surpreendido.

— Ainda não; pode porém em breve vir a merecê-la; e vou provar-lho com o mais simples raciocínio.

— Eu a escuto, minha senhora...

— Se amanhã, por exemplo, a fortuna por um de seus caprichos o elevasse à mais alta posição, e pelo contrário reduzisse a meu marido e a mim a um estado de verdadeira miséria; e se amanhã o senhor se apresentasse em nossa pobre casa e nos dissesse: "achei meu pai, e tenho já um nome, e tenho já posição e riqueza; vós sois pobres; mas amo vossa filha, e venho oferecer-lhe a minha mão e o meu nome.

Américo sentiu que todo seu sangue reflua-lhe para o coração. Gabriela continuou:

— E a esse nobre oferecimento meu marido respondesse: "não vos dou minha filha; vós sois rico e ela é pobre; não quero que um dia lhe lanceis em rosto a pobreza de seus pais, e..."

— Senhora!...

— Responda, Sr. Américo: que lhe parecia a resposta de meu marido?...

— Minha senhora, eu não compreendo.

— Se meu marido lhe bradasse: "senhor! vós me insultais! vindes oferecer-me uma esmola?"

— Senhora, em tal caso eu teria somente oferecido o meu amor, e jamais uma esmola.

— E meu marido?...

— Ah! êle teria sido muito injusto fazendo um tal juízo de mim!

— E por consequência o Sr. Américo se queixaria com razão do orgulho de Cristiano; oh! é, pois, o orgulho um bem mau e pérfido conselheiro, não é assim?...

Américo abaixou a cabeça e murmurou:

— O meu orgulho é de outra espécie, senhora.

— É mil vêzes pior ainda, senhor! mil vêzes pior ainda; porque, escravo dêle, o senhor nos confunde a nós seus amigos com os vaidosos e soberbos; porque, escravo dêle, não sabe pagar com verdadeira confiança a estima em que o temos; porque, enfim, não nos conhece, não nos compreende e não nos sabe fazer justiça!

— Mas que fiz eu?... em que pude eu ofender meus bons amigos?...

— Senhor! persuade-se acaso de que a meus olhos de mãe e ao zelo paternal de meu marido tenha escapado o sentimento que lhe transborda do coração, e que a pesar seu se lhe está lendo nos olhos?

— Como?... o que quer dizer?... perguntou Américo, estremecendo da cabeça aos pés.

— Senhor, meu marido e eu desde muito sabemos que o senhor e minha filha se amam!

— Senhora, eu juro por minha honra...

— Sei tudo; nada preciso que me jure: sei que minha filha ainda não lhe ouviu uma palavra que não pudesse ser dita em presença de seus pais: mas nós, mas eu e meu marido, que desde muitos meses descobrimos e acompanhamos os progressos dêsse amor que bem vemos, que nossa filha também lhe paga; por que, diga, por que não despedimos de nossa casa, porque não fechamos a porta ao homem, que em seu orgulho se supõe somenos da felicidade que aspira?...

Américo pretendeu responder e não achou uma palavra!

— Oh! não compreende que os pais de Adriana abençoam o seu amor, e acham perfeitamente digno dela o homem de sua escolha?

Américo sentiu que seus joelhos se dobravam; Gabriela o susteve e continuou:

— E entretanto a sua cabeça se revolta contra o seu coração! o seu orgulho se levanta contra o seu amor! aceitando os conselhos dêsse orgulho mau e pérfido, odeia uma felicidade que pode ser sua, e que será também nossa; quer primeiro criar um nome e uma posição, encher um cofre de ouro, como se nós devêssemos vender nossa filha a uma posição e à riqueza!...

— E eu senhora, e eu? exclamou Américo.

— O senhor? tem o senhor a culpa de que Adriana seja rica?...

— Senhora, o homem pobre tem por único tesouro o seu coração e os seus sentimentos, e deve cuidar muito que não venha nunca a mais leve suspeita pô-los em dúvida.

— Sempre orgulho!... e nem ao menos repara que com o seu mau e pérfido orgulho levanta uma barreira diante da felicidade daqueles que o estimam!

Américo sentiu-se abalado por um sentimento novo para êle: era ao mesmo tempo prazer e desespêro que tinha n'alma; queria possuir um trono para oferecê-lo naquele instante a Adriana.

Gabriela compreendeu que era chegado o momento de pôr um têrmo à sua conversação com Américo.

— Sr. Américo, disse ella; não ocupei a sua atenção por tanto tempo, nem tratei de assunto tão sério e importante sem motivo: era o senhor quem se devia chegar a nós; mas, pois que o seu orgulho lhe embargou os passos, nós nos chegamos ao senhor; em nome de meu marido e no meu próprio, devo declarar-lhe que nós abençoamos de todo o coração o amor que tributa à nossa Adriana.

Gabriela ficou calada à espera talvez de uma palavra, e viu que Américo pretendia embalde responder, porque chorava: ambos felizmente estavam bastante afastados do resto da sociedade, para que a comoção de Américo escapasse dos olhos dos curiosos.

— Está bem, concluiu Gabriela alegremente; eu me dou os parabéns, porque vejo que o seu orgulho se está desfazendo em lágrimas.

— Ah! senhora! disse Américo, sinto que hoje se abriu para mim a porta do céu, e se eu não chegar até junto dos anjos, é porque sou um réprobo!

— Provavelmente é aquêlle o anjo a que se refere, respondeu Gabriela mostrando sua filha que entrava na sala pelo braço de Benedito; dê-me o seu braço; quero levá-lo para perto d'êle.

Américo, tremendo de alegria e de emoção ofereceu o braço a Gabriela.

XXIII

O ÉCARTÉ

Enquanto o Dr. Benedito conversava com Cristiano e Gabriela, e depois, durante tóda a conversação de Benedito e Adriana e de Gabriela e Américo, Frederico e Fabiana continuavam a jogar com uma constância e um interêsse visíveis!

As vêzes uma ou outra pessoa se aproximava da mesa, sem que por isso um só dos dois jogadores se distraísse.

Cristiano, um pouco desconfiado pelo que lhe dissera o Dr. Benedito, se conservara a alguma distância conversando e entretendo seus hóspedes; mas sempre com a sua atenção pendente do interminável écarté, e nem uma só vez pôde perceber um descuido, uma simples distração naquela mulher e naquele homem que, segundo Benedito, fingiam apenas jogar.

Fabiana jamais voltara um rei, que se esquecesse de lavar o seu tento, e de sua parte Frederico não cedia a palma à sua competidora ou cuidado e empenho que mostrava no jôgo.

— E impossível, pensou consigo Cristiano; é impossível que haja no mundo quem com tanta paciência e sangue frio se ocupe em enganar os outros! aquêles dois sujeitos jogam muito simplesmente, e não cuidam em outra cousa neste momento.

Entretanto Cristiano se iludia, e era, como sempre, vítima de sua boa-fé!

Frederico e Fabiana mostravam jogar sèriamente, mas pouco ou nada se importavam com o resultado do

jôgo: enquanto Benedito não apparecera na sala, conversaram ambos com cuidado e em voz baixa sôbre a questão que mais os interessava, lançando os primeiros fios de uma réde infernal, na qual pretendiam fazer cair Adriana; desde, porém, que o médico entrou na sala, sua conversação cessou, e trocando apenas monossílabos, que a todos pareciam relativos ao jôgo, observavam imperceptivelmente o seu terrível adversário, não perdiam um só de seus movimentos, e como que pretendiam beber no ar que respiravam as palavras que à distância se diziam aquêles que eram objeto de sua infatigavel e dissimulada observação.

Tanto trabalho para ocultar projetos que a moral seguramente reprovava, tão estranho procedimento no seio de uma família honesta e boa, só se podia explicar da parte da mulher pelo ódio, e da parte do homem talvez pela paixão.

O ódio era com efeito quem inspirava Fabiana; mas não era a paixão o que cegava Frederico.

Explicuemos o ódio da mulher.

Fabiana tinha sido bela, vaidosa, ardente e estouvada; em seus anos de môça alimentara a sua vaidade com os incensos de quantos apaixonados quiseram verter a seus pés ternuras sinceras ou fingidas; louca, como tôdas as loucas que a ela se assemelham, não se lembrara nunca que os anos fogem rápidos, que as graças murcham, e que os erros da juventude são pagos depois pelos remorsos da idade decadente. Fabiana marcou seus passos no mundo, quando fôra môça, por imprudências, que serviram de objeto às censuras, e às vêzes às calúnias da maledicência: vangloriara-se de contar um número excessivo de adoradores, ao tempo em que cada mancebo elegante vangloriava-se também de contá-la no número de suas conquistas passageiras: o coração de Fabiana perverteu-

se; ainda quando todos eram acordes em admirar sua beleza, duvidava-se já que houvesse quem fôsse verdadeiramente amado por ela, e pudesse sem receio, e quase sem pêjo, unir seu destino ao dela. Enfim, despertara Fabiana de seus sonhos de vaidade, e lembrara-se de que lhe era preciso um protetor e um amigo: um irmão de Gabriela concebera então por ela a mais veemente paixão; Fabiana pareceu também pagar com ardor o sentimento que inspirara; o himeneu devia em breve fazer a sua ventura, quando um homem terrível levantou-se entre ela e seu amante, como uma barreira insuperável.

Esse homem foi o Dr. Benedito.

Benedito, honrado e bom, mas severo até o extremo, julgava Fabiana criminosa, quando ela era apenas estouvada e imprudente. Amigo devotado do irmão de Gabriela, lançou-lhe em rosto esse amor que êle considerava loucura, e à fôrça de conselhos e de observações ponderosas, conseguiu vencer a paixão do amigo e impedir o casamento de Fabiana.

Desde essa época Fabiana votou o mais profundo ódio ao Dr. Benedito.

Talvez que Benedito houvesse contrariado e ferido o único amor que em tôda a sua vida sentira Fabiana; pois que, tendo-se casado o irmão de Gabriela daí a algum tempo, Fabiana ofereceu ao mundo o escândalo de ostentar à face dele essa paixão, que já era criminosa, pois que o seu objeto não podia mais corresponder-lhe sem ofensa grave das leis divinas e humanas.

O mundo falou, e chegou mesmo a morder com sua bôca de serpente a fama de Fabiana; porém ela não recuou, não se dobrou diante do mundo senão alguns anos depois, quando enfim se casou com um excelente homem, de quem ficou viúva no fim de alguns meses.

Muitos anos passaram, e de tôdas essas recordações do passado não ficaria uma única saudade no coração de Fabiana; ficou-lhe porém inalterável e insaciável o ódio que votara ao Dr. Benedito!

Não lhe sendo possível ferir diretamente o homem a quem detestava, Fabiana determinou feri-lo em um objeto que lhe era caro. O Dr. Benedito amava extremamente Américo; havia mesmo quem pensasse e dissesse que o mancebo era seu filho: a vítima foi portanto bem escolhida; faltava somente a ocasião para ser descarregado o golpe, e a ocasião também finalmente se mostrou azada.

Nos olhos de Américo e de Adriana lia-se um amor que a todos se desventura, e que só os dois jovens julgavam um segredo que cada um dêles encerrava zeloso no seio. Fabiana compreendeu que êsse amor era abençoado por Benedito e protegido pelos pais de Adriana; viu no casamento de Américo com a filha de Cristiano uma felicidade imensa para o seu inimigo, e projetou embaraçar essa união, e torná-la impossível, para vingarse de Benedito.

Fabiana tinha uma longa escola de intriga e de perfídia; não lhe faltaram, pois, os meios para fazer a guerra premeditada: precisava de um homem hábil que se apresentasse como rival de Américo, e acertou de pôr em campo Frederico, a quem soube deslumbrar com a perspectiva da riqueza da filha e única herdeira de Cristiano; tinha ainda necessidade de uma pessoa que desacreditasse Américo na opinião de Adriana, e colocou inseparável ao lado dela sua própria sobrinha, que se fingiu namorada feliz do protegido de Benedito.

O orgulho e o gênio ardente, e talvez extravagante de Américo, completavam os recursos de que dispunha Fabiana.

Eis ai, pois, a origem e os efeitos do ódio dessa mulher.

Mas agora cumpre dizer que não era a paixão o que cegava Frederico.

Estudemos o caráter desse homem para explicar o seu procedimento.

Tendo perdido seus pais aos vinte anos de idade, Frederico viu-se de repente senhor de uma fortuna colossal: bem depressa; esquecido dos conselhos paternos, entregou-se todo à vida do luxo, das dissipações e das loucuras: na companhia de mancebões estouvados e perdidos, para quem a moral é sempre quimera e o gôzo a única realidade, Frederico deixou apagar-se uma a uma em seu coração tôdas as generosas tendências que a educação havia ali plantado.

Rico demais para não ser ocioso, quando tinha tanta liberdade em idade tão verde ainda, não soube, nem quis, nem pôde trabalhar; deu ao jôgo as horas que roubava às mulheres, e as horas que lhe restavam do jôgo, gastou-as em banquetes e orgias.

Começando por freqüentar a sociedade de mulheres fáceis e perigosas, encorajado e prevenido por vitórias mal ou fingidamente disputadas, Frederico julgou tôdas as mulheres por aquelas que tinham marcado seus triunfos nos seus primeiros dias de perdição.

Essa idéia falsa e indigna, que rebaixava a mulher, que punha em dúvida eterna a sua pureza, e que a tornava escrava impudica do homem, cerrava o coração de Frederico aos sentimentos de um verdadeiro amor.

Julgando tão mal das mulheres, êle não podia ser o amante nobre e honesto de nenhuma delas: o seu papel estava marcado pelo seu êrro e pela sua depravação: Frederico não foi mais que um sedutor.

Gastando a mãos cheias a riqueza que herdara, pôde vencer fingidas virtudes, e quando muitas vezes parou diante da honra e da inocência, sua vaidade revoltada, em vez de render cultos à honestidade, vociferou contra ela, e negou insolente sua existência, como o ateu nega Deus diante de suas próprias obras.

O vício gastou ao mesmo tempo os tesouros e o coração de Frederico: no fim de alguns anos ele acordou pobre e infeliz; não tinha mais riqueza para oferecer à dissipação, e nenhuma afeição nobre e pura para consolá-lo no mundo; tinha o vácuo nos seus cofres e gêlo no coração.

Desde essa época correu desesperadamente à miséria e à vergonha; foi pedir aos usurários alimento para seus vícios, endividou-se com a certeza de não ter com que pagar a seus credores; mas compreendeu bem depressa que êsses mesmos recursos desapareceriam em um dia, que não podia estar longe, e que a sociedade egoísta e desmoralizada, que o pervertera, teria de fechar-lhe suas portas quando êle não tivesse mais ouro para dar-lhe.

Foi nestas circunstâncias que Fabiana mostrou a seus olhos o brilhante futuro, que esperava ao espôso de Adriana. Frederico sentiu-se abalado com a idéia de tornar a ser rico; a formosura da filha de Cristiano, suas graças e suas virtudes apenas tocavam de leve seu coração; mas o jôgo, o luxo e as orgias lhe mostravam a riqueza da bela môça como uma fonte de novos e ardentes gozos.

O sedutor, o homem pervertido, não amava: a paixão portanto não cegava Frederico.

Ele queria ouro e mais nada.

Fabiana trabalhando para sua vingança, Frederico trabalhando para seus vícios, observavam pois aquêles que

podiam contrariar seus projetos, e premeditavam tramas infernais para conseguir um triunfo, que seria por certo o sacrificio de uma vítima inocente.

A conversação certada e cuidadosa de Fabiana e Frederico tinha-se suspendido, como dissemos, à entrada do Dr. Benedito na sala; mas suas breves palavras que um ao outro rapidamente se diziam, os dois vigiando seus adversários, mostram bem que jogavam menos do que conspiravam.

Quando o Dr. Benedito se chegou a Cristiano e Gabriela, e começou a falar, Fabiana tinha dito:

— Ele nos observa... cuidado... fala de nós... ouvi o nome de Adriana...

— E também o seu, acrescentou Frederico.

— Está olhando para nós...

— Voltei o rei, e ganharei à partida! exclamou Frederico em voz alta.

— Veremos... disse sorrindo Fabiana.

Algun tempo depois continuaram:

— Questionam... o pai hesita... o nosso inimigo teima... Gabriela cede...

— Cede ao quê?

— Veremos...

— Eis Adriana...

— O Dr. Benedito deu o braço e começou a conversar com Adriana.

— Que lhe irá dizer?...

— Ele tem um ardor infernal nos olhos...

— Vai passear junto de nós: silêncio.

— Perderá a partida, Sr. Frederico?... perguntou Fabiana em voz alta.

— Minha senhora, ainda tenho as cartas na mão, e protesto jogar até o fim.

Depois êles viram Américo entrar na sala e Gabriela dirigir-se alegremente para êle:

— Está vendo, minha senhora?

— Sim, o jôgo se complica.

— E portanto...

— Quêrem que o Sr. perca a dama.

— Joguemos sempre.

Fabiana deu as cartas, e à medida que jogavam, se foram dizendo:

— Falam tão baixo!...

— Conspiram...

— Como nós.

— Mas êles estão de melhor partido.

— Porque o senhor hesita como um...

— Imbecil... não é assim?

— Não: como uma criança.

— Oh! mas é para hesitar...

— Quem não se expõe não ganha.

— Pois vou expor-me, exclamou Frederico; triunfo com o rei!

— Eis aí, respondeu Fabiana; entregue-lhe a dama! ganhou porque se expôs.

Finalmente, Gabriela, que era acompanhada por Américo e o Dr. Benedito, que dava o braço a Adriana, aproximaram-se.

Frederico e Fabiana ouviram as palavras da esposa de Cristiano, e viram Adriana passar para o lado de Américo.

— Então?... disse Fabiana.

— Tudo está perdido.

— E hesita ainda?

— Não: é tempo de jogar a última carta.

— Esta noite! murmurou com voz surda a vingança.

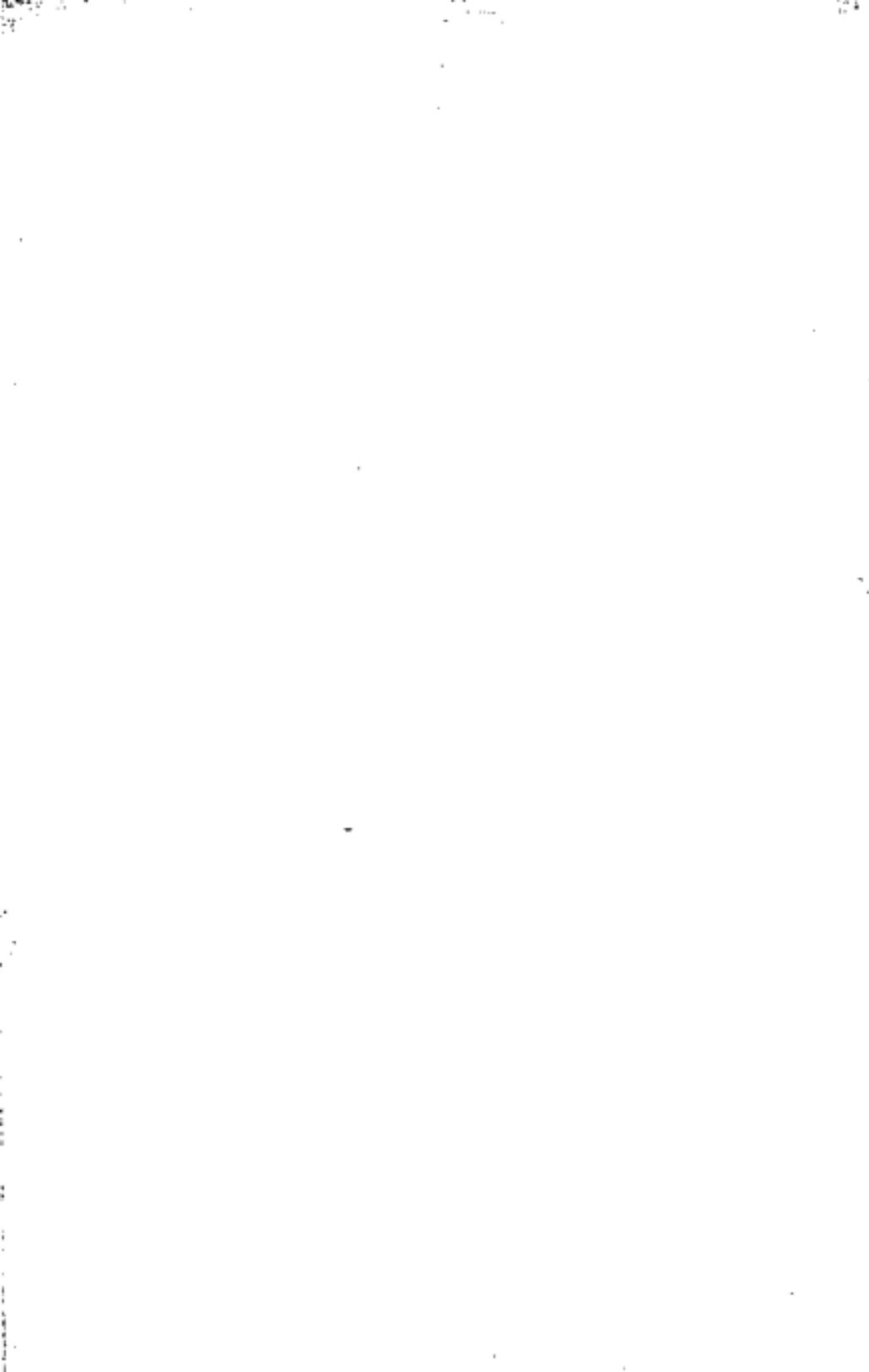
— A hora que fôr marcada, respondeu o vício no mesmo tom.

E no dar as cartas os dois se apertaram as mãos, como selando o pacto nefando e misterioso que acabavam de celebrar.

O Dr. Benedito tinha razão: Frederico e Fabiana não jogavam, conspiravam.

E o seu plano devia ser terrível, porque ambos haviam levemente estremecido apertando as mãos.

FIM DO 1.º VOLUME



A JANGADA

DE JÚLIO VERNE

Júlio Verne, nascido em Nantes no ano de 1828, faleceu na cidade de Amiens em 1905. Estudou Direito em Paris, advogando durante pouco tempo, pois sua vocação era antes literária do que jurídica.

Como escritor, principiou por tentar o gênero teatral, mas obteve reduzido êxito nessa experiência em que produziu alguns libretos de ópera-cômica. O êxito pleo e, a partir de então, sucessivo e permanente, surgiu com a publicação, em 1861, do romance *Cinco Semanas em Balão*. Aparecida inicialmente no *Magasin d'Education et de Recréation*, do famoso editor Etzel, essa obra foi a sua primeira contribuição para uma vasta série de livros de ficção-científica ou fantástica, nas quais antecipou, novelisticamente, numerosas invenções e proezas humanas. Invenções e proezas que, nos poucos, foram sendo convertidas em realidade: a última das antevistas juliovernianas ocorreu há pouco — foi a chegada do homem à lua. O que o leitor certamente viu pela TV, Júlio Verne anteviu por meio da imaginação.

De Júlio Verne, já disse um crítico, que foi, sem dúvida, o nome mais popular — e ilustre — da *science-fiction*, "o divulgador de maior ressonância das otimistas pretensões humanas baseadas no conhecimento científico", sendo o escritor "típico filho do século XIX que tanto confiou no aprimoramento do homem por intermédio do saber e da técnica."

Poucos escritores atingiram a massa de leitores alcançada por esse narrador fluente e de certa intuição para afinar com o gosto das multidões. Afirma-se que chegou a ser — e talvez o seja ainda — o romancista mais lido do mundo, o que não está longe da verdade se se tiver em mente que se encontra traduzido em todos os idiomas. Uma coisa é certa e indiscutível: com ele a juventude — e os adultos também — dos cinco continentes aprenderam a sonhar e a pensar num universo renovado — ou desvendado em seus mistérios — pela tecnologia, pelo conhecimento das ciências.

Como *Miguel Strogoff*, este novo lançamento da *Coleção Saraiva*, não é obra de antecipação — como o são, por exemplo, *Viagem ao Centro da Terra*, *Da Terra à Lua* e *Vinte Mil Léguas Submarinas*. É caracteristicamente um romance de linhagem geográfico-científica. Para os brasileiros *A Jangada* apresenta um interesse muito particular, pois sua ação decorre em cenário amazônico. História fascinante por sua trama narrativa de enredo acidentado e envolvente, *A Jangada* agradará, com certeza, à totalidade dos leitores desta série popular de livros.



JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

V I C E N T I N A

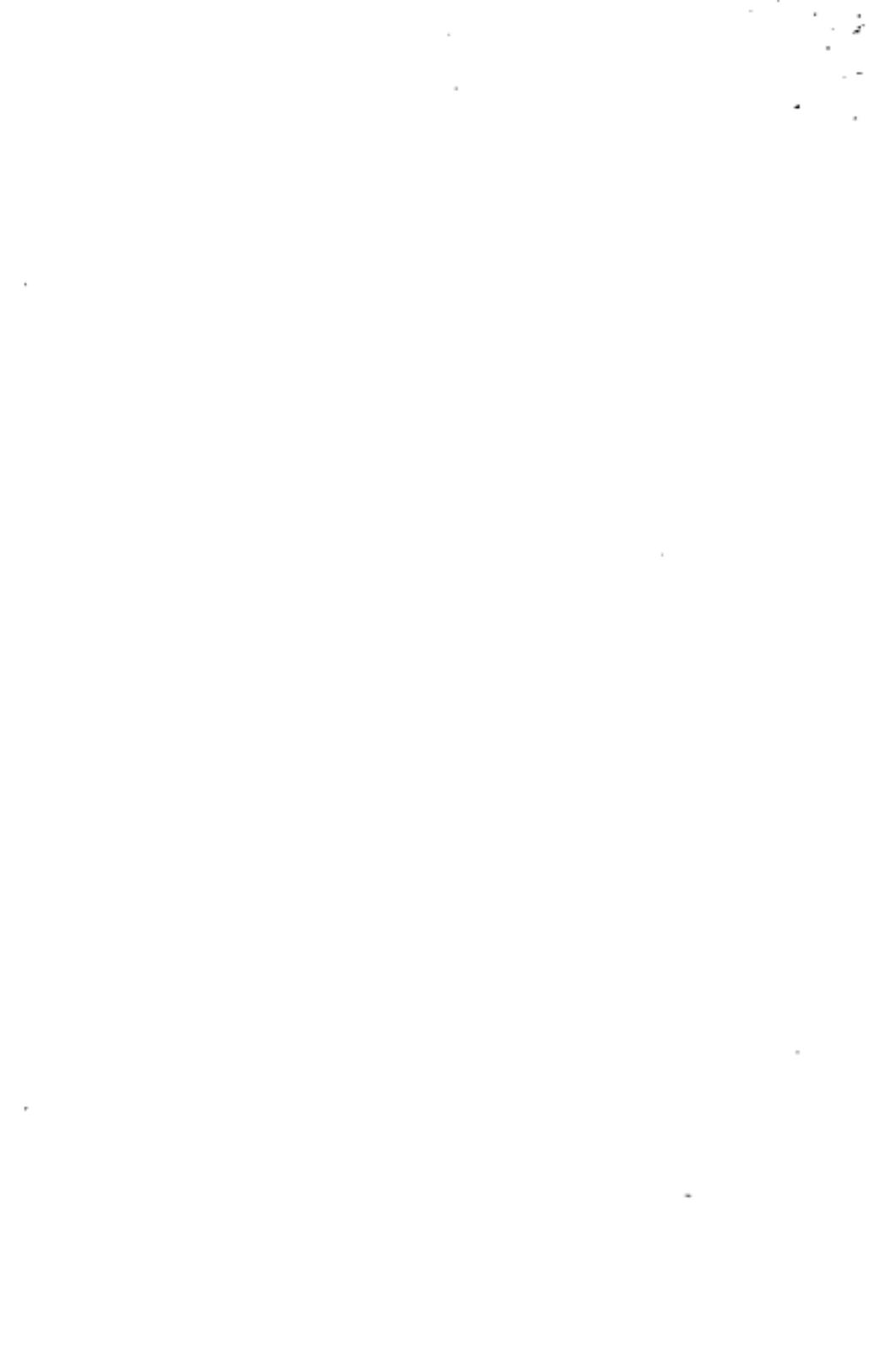
TOMO II

Helio

HL 1562

COLEÇÃO SARAIVA

261



VICENTINA

TOMO II

Edição Saraiva

VICENTINA

de JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

Nascido em São João do Itaboraí, no Estado do Rio, a 24 de junho de 1820, e falecido na então Capital Federal, em 1882. Joaquim Manuel de Macedo formou-se em Medicina, publicando, ainda estudante, o seu primeiro romance — *A Moreninha*, que lhe granjeou, desde logo, extensa popularidade. Foi poeta, teatrólogo, também de êxito, historiador, cronista e jornalista, ocupando-se, ainda, de trabalhos didáticos e políticos.

Considerando-se um seguidor de Balzac, o *Dr. Macedinho*, como era carinhosamente chamado, reconstituiu, em seus romances, os usos e costumes do seu tempo, produzindo incessantemente, e utilizando-se, em sua ficção, de estilo que se caracterizou pela naturalidade e movimento, no dizer de Jackson do Figueiredo que, completando o seu juízo sobre o autor dêle disse: "Foi igual, até ao fim, não só na sua desleixada plasticidade mas até nas suas intenções de moralista. Mas a sua obra, a tôdas as restrições que lhe possa fazer a critica mais autorizada, parece resistir galhardamente, tanto é verdade que, sob a sua forma pouco cuidada, há alguma coisa que se impõe ainda mais que a própria beleza literária — a vida, a vida ainda mesmo nos seus aspectos medloeres e prosaicos".

Não errou fosse seu rigoroso crítico, homem de outra geração e de outra mentalidade. Sua obra ali está, constantemente lida e relida, editada e reeditada, resistindo ao correr dos anos e à mudança dos gostos literários. Seu desleixo formal — que não era somente seu, mas até característica dos românticos, empenhados em dar à linguagem brasileira maior liberdade, fugindo nos rígidos cânones da construção lusada — permitiu-lhe uma narração mais vivaz, ágil e concorde com a própria expressão da gente do seu tempo.

Os aspectos medloeres e prosaicos da vida, que captou com tanta precisão, tiravam do romance brasileiro, por outro lado, qualquer viso aristocrático e tornavam-no o retrato vívido de uma sociedade nova, a burguesia e pequena burguesia de então.

Vicentina — que ora se lança para gáudio dos assinantes da *Coleção Saraiva* — é mais uma história bem ao feitio de Macedo: cheia de peripécias e graciosas situações, peripécias e situações que o mostram como escritor empenhado em compreender as tendências da alma popular.

HL
869.9332

M141V

19-?

v. 2

A CONTRADANÇA

Quando em obediência à voz de Gabriela os cavalheiros foram conduzindo à sala seus pares, Fabiana encontrou os olhos de Leonor, que olhava meio espantada para ela: a um movimento porém da tia, a sobrinha sossegou imediatamente.

Leonor era ainda muito m^oça para poder bem dissimular: Adriana indo dançar ao lado de Américo, a comoção que se observava neste, a palidez e a hesitação que se notava na filha de Cristiano, tudo indicava que o fio da intriga que os tinha separado, se quebrara enfim, ficando portanto desmascarada a traição, e conhecidos os traidores; Leonor pois olhava para sua tia espantada da sua derrota, e como pedindo um conselho.

Fabiana, tendo imp^osto à sua sobrinha a obrigação de fingir-se sossegada, perguntou imediatamente a Frederico:

— Não dança?

— Creio que não devo.

— Pelo contrário.

— Então vou pedir a D. Leonor o obséquo de dançar comigo.

— Não: dirija-se a outra qualquer senhora.

— Eu lhe obedeço cegamente.

— Sobretudo, nem prazer, nem tristeza: impassibilidade e sangue frio.

— Bem: vele por mim de longe.

— Eu o farei: entretanto ao mesmo tempo que seus olhos passearem descuidosos, os seus ouvidos estarão atentos e presos no p^osto...

— Onde dançam os dois felizes. . .

— Não, não vale a pena: é melhor que procure ouvir o que conversarem o Dr. Benedito e os pais de Adriana.

Fabiana era mais hábil que Frederico: uma mulher é sempre mais hábil que um homem em questões como essa de que se tratava.

Frederico levantou-se, e deixando o jôgo, foi dançar.

Aquêle que esperasse observar na contradança que ia ser executada o transbordamento do amor há tanto tempo comprimido nos corações de Américo e Adriana, e que se preparasse para apanhar nas aturas traidoras êsses doces e ternos juramentos, essas promessas ardentes, que mutuamente se fazem dois amantes extremosos, mostraria conhecer bem pouco ainda o coração humano.

O verdadeiro amor é sempre hesitante e temeroso: esconde, abaixa os olhos porque receia que rompa dêles vulcão que lhe abrasa o seio; em vez do discurso tem o monossílabo, porque a palavra lhe expira nos lábios, e as idéias são tão ardentes que a linguagem dos homens não as pode exprimir nunca; tremem os lábios, enregelam-se as mãos e palpita açodado o coração, porque. . . êle o não sabe, como não soube ainda ninguém que o sentisse.

Mas êsse olhar que se abaixa e que se esconde, êsses monossílabos que suprem os longos discursos, êsse tremor dos lábios, êsse gêlo das mãos, êsse palpitar do coração, essa hesitação, êsse pudor, êsse novo ser, isso é que é eloquência, que tudo diz, que tudo explica, que tudo confessa e proclama.

Américo e Adriana dançaram sem que se pudessem trocar uma só palavra: a furto se lançavam olhares rápidos e brilhantes, como se em cada um dêsses olhares um crime fôsse cometido; e se uma vez ou outra seus olhos se encontravam, estremeciam ambos, como estremeciam também, quando suas mãos se tocavam, ou sentiam o leve contato de seus vestidos.

Américo, tão vivo, tão espirituoso, tão loquaz, ardendo ainda mais em desejos de ver esclarecidas suspeitas, que lhe tinham enchido o seio de amargor, não soube ou não pôde achar uma frase para dirigir a Adriana, nem uma simples pergunta para lhe fazer.

Adriana, tão espirituosa que era, tão ressentida que estava das supostas ingratidões ou deslealdades de Américo, nem se quer se animou a procurar-lhe nos olhos, ou a confissão dessas faltas, ou o doce brilho da inocência.

Oh! mas êles, não dizendo nada, falaram tanto!... falaram a sua linguagem, a única que se pode falar, quando se ama deveras!

Amor não se explica, sente-se: os seios abalados doce e voluptuosamente por uma respiração ansiada e opressa são mais eloquentes do que os lábios que mentem tantas vêzes!

O leve rubor que assoma ao rosto, a pérola de ternura, que pende dos cílios, ou que rola pelas faces, a mão que se retira da mão que a toca de leve, o suspiro que se comprime, e que enfim se desata entrecortado: eis aí as expressões vivas, naturais e puras que denunciam o verdadeiro amor nas horas solenes e indizíveis, como essa em que se achavam dançando ao lado um do outro Américo e Adriana.

Assim succedeu com êles.

Olharam-se a furto, estremeceram quando suas mãos se encontraram, coraram às vêzes, suspiraram a pesar seu; quase sempre tiveram dentro da alma a glória, e no rosto a comoção e o pêjo.

A contradança terminou: Américo conduziu Adriana a uma cadeira e afastou-se, sem mesmo lhe agradecer a honra de ter com êle dançado.

Américo e Adriana, pois, não trocaram uma só palavra; não disseram um ao outro tudo quanto poderiam desejar ter dito.

II

FALAM-SE ENFIM

O sol marcava uma de suas horas de encanto: era aquela em que se aproximava do ocaso, derrama em despedida sobre a terra seus raios ainda brilhantes, já porém menos ardentes.

Os amigos de Cristiano voltavam às duas últimas horas do dia de um passeio campestre. Ninguém se tinha deixado ficar em casa, nem mesmo o prudente Leocádio, apesar de se dirigir o passeio para o lado da ermida arruinada: fizera algumas observações, é verdade, mas cedera à vontade da maioria, esquecido talvez de que a maioria não poucas vêzes deixa de ter razão.

Nem tôdas as senhoras se haviam querido prender aos braços dos cavalheiros: algumas preferiram ir passeando livremente, rindo e brincando umas com as outras.

Entre as poucas jovens que haviam preferido à liberdade a conversação dos mancebos, podia-se notar Leonor, que aceitara o braço de Cristiano: parecia melancólica e pensativa; sua tia já tinha achado ocasião para marcar-lhe o comportamento que lhe cumpria ter, e ela desempenhava fielmente o papel que lhe fôra determinado.

Adriana ia passeando ao lado de Américo. O feliz mancebo não se atrevera a pedir-lhe essa graça; mas Gabriela havia corrigido a tempo um erro, que era somente filho do mais explicável acanhamento.

Ao sair de casa, Gabriela tinha dito:

— Sr. Américo, Adriana pede o seu braço.

Américo obedecera a êste convite corando como uma donzela, e Adriana tremendo como uma criancinha que tem medo.

Alegre, vivo, espirituoso, não poucas vêzes estouvado, e ordinariamente desinquieto, Américo transfor-

mar-se desde a feliz contradança, que precedera ao jantar, em um homem sério, acanhado, humilde e silencioso: succede quase sempre assim; o amor se apraz destas transformações, e assim como faz do velho criança, do conquistador um escravo, do egoísta um homem dedicado e generoso, assim também gosta de mudar a loquacidade em silêncio, o fogo em gelo, o estouvamento em placidez e prudência, o movimento e a ação em inércia. O amor opera seus milagres em tais metamorfoses: êle é capaz de fazer com que um jornalista fale sempre a verdade, e até mesmo com que um deputado não peça favores aos ministros de estado; ainda não se pode provar que a sua influência chegasse ao ponto de fazer com que um ministro cumpra as leis conscienciosamente e não abuse; se tal consegue ainda, ficará acima de tôdas as dúvidas, que o amor é capaz de produzir impossíveis.

Dominado, pois, pelo sentimento poderoso e ardente que o occupava todo, Américo encetou o passeio, e o continuou por algum tempo sem dizer palavra àquela que já tinha o direito de considerar sua noiva; mas, enfim, necessário era acabar por dizer alguma coisa, a menos que não tivesse a extravagante idéia de querer passar por estúpido.

Abriu a bôca, pois, e disse hesitando:

— A tarde está bela! . . .

E calou-se como espantado do seu atrevimento, e, Adriana depois de um grande esforço, respondeu:

— Sim . . ., está muito bela . . .

Guardaram silêncio outra vez por algum tempo: enfim, o Dr. Benedito passou por junto dêles e disse:

— Vocês dois parecem mudos, ou inimigos, ou . . . ou . . . querem que eu diga? . . .

— Não! exclamou Adriana.

Benedito retirou-se sorrindo.

Américo reconheceu que estava representando o *mais triste papel*, e *determinou alcançar a todo custo uma vitória sôbre si mesmo.*

— Por que não quis que o Dr. Benedito falasse, minha senhora?...

— Eu... por nada.

— Oh! devia sempre haver alguma razão.

A môça não respondeu.

— Por que foi?... perguntou êle outra vez.

— Ora... porque o doutor diz às vêzes coisas que se não devem dizer.

— Mas êle é homem que fala sempre a verdade, e quando as verdades não ofendem, podem sempre se dizer.

— Às vêzes pensamos ser verdade o que realmente não é, murmurou Adriana corando e tremendo.

— Então o nosso bom amigo acredita que é verdade alguma coisa que realmente o não é, e que sem dúvida tem relação conosco, minha senhora?...

— Talvez.

— Oh! quem me dera poder adivinhar o que o doutor tinha no pensamento para nos dizer!...

Adriana abaixou os olhos.

— Talvez que a senhora o saiba.

— Pode ser.

— Quereria dizer-mo?...

— Para quê?... se eu o sei, também o senhor o deve saber.

O coração de Américo abriu-se ouvindo estas palavras.

— Oh!... pois se é aquilo que eu tenho no meu espírito: será ainda possível que não seja verdade?...

— O senhor o deve saber.

— Eu?... haveria quem duvidasse de mim?... eu pensava que era a senhora quem devia esclarecer alguma dúvida que porventura subsista ainda!

— Eu?... perguntou por sua vez Adriana: ah! senhor... é quase crueldade... e também eu não me queixei... porque também eu não tinha o direito de me queixar de nada...

— E poderia queixar-se?...

Adriana levantou seus belos olhos e os cravou no rosto de Américo, parecendo querer nos dêle ler o que se passava no íntimo de sua alma.

— Eu já disse que não tinha direito algum para me queixar, respondeu enfim tristemente.

— Mas supondo que o tivesse...

— Em tal caso, disse tremendo mas exaltando-se Adriana; em tal caso eu deixaria falar o seu próprio coração.

— Ah! senhora! e se o meu coração se atrevesse a falar, não se defenderia certamente, porque antes teria de acusar!

— E a quem, senhor?

— Sejamos francos, D. Adriana; creio mesmo que temos obrigação de sê-lo...

— Pois bem...

— Nunca até hoje ousaram meus lábios pronunciar a seus ouvidos uma só palavra que lhe tornasse patente o estado de minha alma e o sentimento que a enche tôda; entretanto, desde muito que eu sofro todos os martírios de um amor que se trabalha por sufocar!

Adriana tinha cravado os olhos no chão.

— Pode ser, continuou Américo, que eu tivesse podido vencer êste amor, que me parecia uma loucura, uma aspiração ao impossível; mas... permita que eu diga tudo, vaidade embora, cheguei um dia a pensar que eu não lhe era indiferente, e que o grito anelante do meu coração achava um eco no seu: tive razão de pensar assim?... diga.

— Não sei... murmurou Adriana.

— Oh! mas eu preciso que me responda, para que me anime a lhe dizer tudo... diga-me, pois... fale... seria verdade?...

— Talvez...

Por mais que tivesse escapado dos lábios de Adriana quase imperceptível êsse talvez, que era, a ingénua confissão do seu inocente amor, Américo sentiu cair no coração e abraçá-lo, como se fôra um raio cintilante: apertou insensivelmente o braço que Adriana lhe dava contra o coração, e, durante alguns momentos, guardou um silêncio eloquente, que era só quebrado por seu respirar anelante.

— Ah! pois bem! tornou êle enfim; se o céu tinha sido aberto a meus olhos, se a glória, se a mais suprema ventura me era assim concedida, como explicar os tormentos a que me condenaram desde que aqui cheguei?...

Adriana olhou espantada para Américo.

— Como explica êsse triste juízo que de mim se fez pouco antes da minha chegada, juízo que desmerecia meus sentimentos e rebaixava meu caráter?...

— Senhor, disse Adriana, a quem se refere quando assim me fala?...

— A quem me hei de referir senão à pessoa que me descarregou o golpe?

— E quem é essa pessoa?

— A senhora.

— Juro que lhe mentiram! exclamou com ardor Adriana; eu nunca disse uma palavra que pudesse ofender o seu caráter.

— E a frieza com que me tem tratado há três dias?... oh! quanto a isto, ninguém, ninguém me pode ter enganado!

— Senhor! pois que é preciso, eu falo: quem se deve queixar sou eu, e mais ninguém. Sou muito criança talvez, visto que tomo ao sério aquilo de que tantos

zombam, e cultivo com religião um sentimento, que é para outros simples distração às vèzes.

— O que quer dizer, minha senhora?...

— Quero dizer que o meu coração tinha dormido o sono da mais pura inocência, até o momento em que despertou ao soar dentro d'ele o eco d'esse grito de que o senhor falava há pouco.

— Oh! eu o pensava, e o agradecia a Deus, senhora!

— Quero dizer que, quando se tem despertado assim, dói muito saber-se depois que aquêlê, por quem despertamos, acorda ainda por distração ou por hábitos outros corações do mesmo modo!

— Mas é uma injustiça!...

— Quero dizer, continuou Adriana sem sentir que as lágrimas lhe caíam dos olhos; quero dizer, que eu sou fraca, e que não sei, nem quero combater; e que quando uma outra mulher se apresenta diante de mim, eu recuo: já fiz a experiência uma vez... uma mulher se apresentou, e eu recuei: senhor! eu tinha jurado a mim mesma não me expor a novas experiências...

— Ah! como é possível que o seu espírito pudesse conceber tão injusta idéia?...

— Fizeram-no conceber, senhor.

— Foi portanto uma intriga abominável; eu o juro por minha honra.

Adriana não respondeu; mas exultou, porque leu a verdade nos olhos de Américo.

— Mas quem foi o autor... quem se pôde lembrar de assim caluniar-me?... D. Adriana, diga-me?

— Não posso.

— Como?

— Comprometi-me a não dizê-lo, Sr. Américo.

O noivo de Adriana pareceu refletir; um momento depois perguntou a môça por sua vez:

— E quem foi que lhe disse que eu tinha feito mau juízo do seu caráter?... não poderia dizer-mo?...

— Também não posso.

— Mas por quê?... tornou docemente Adriana como querendo vencê-lo.

— Porque também estou prêso pela minha palavra, D. Adriana.

— Oh! é uma vingança!...

— Não, é uma verdade.

— Em tal caso tomaram bem as suas medidas.

— Quem sabe!... exclamou Américo; talvez que a mesma pessoa...

Um raio de luz brilhou aos olhos de Adriana.

— Talvez... é bem possível! disse ela.

E insensivelmente voltaram ambos os olhos para traz, como para observar a sociedade que os seguia no passeio, e suas vistas se fitaram no rosto de Leonor.

— É célebre, disse Américo sorrindo-se; olhamos ambos ao mesmo tempo para D. Leonor!...

— Foi uma coincidência, que se pode muito bem explicar, respondeu Adriana sorrindo-se também.

Leonor, que percebeu os sorrisos dos dois jovens, corou até à raiz dos cabelos.

— E ela corou! disse Américo.

— Entretanto, observou Adriana rindo-se outra vez, nenhum de nós dois faltou à sua palavra.

Nesse momento Américo viu diante de si um tênue regato, saltou-o primeiro, e deu depois a mão a Adriana para ajudá-la a passar.

As mãos dos dois jovens se encontraram: Américo apertou com enlêvo e paixão a de Adriana, e esta corando, embora de pêjo e confusão, pagou leve e docemente aquêlê primeiro sinal da confiança conquistada pelo seu amante.

Estavam, pois, feitas as pazes definitivamente.

III

A INOCENCIA

— A ermida arruinada! bradou a voz de um dos que mais adiante caminhavam!

Cristiano e seus amigos tinham prolongado o seu passeio além do campo da fazenda, e aquêles que mais se tinham adiantado, vencendo uma pequena volta que fazia a estrada, haviam já descoberto a ermida misteriosa.

— A ermida arruinada! repetiu a mesma voz.

— Silêncio! disse outra.

— Por que silêncio?... será porventura contagioso o terror do Sr. Leocádio?

— Não; mas esta é a hora em que costuma aparecer passeando no monte a bela doida, e se fizermos arruído, ella fugirá decerto, e não teremos o prazer de vê-la.

Tôda a sociedade acabava de reunir-se, formando um grupo compacto, no meio do qual mostrava-se pálido e trémulo o pobre Leocádio; algumas senhoras pareciam também um pouco assustadas.

— Uma idéia! exclamou Frederico.

— Atenção! as idéias do Sr. Frederico são muito aproveitáveis.

— Por mais que eu fôsse maltratado pela interessante ermitoa, que nos visitou na noite de ontem, nem por isso me esqueço de que a nossa gratidão nos impõe o dever de pagar-lhe a visita que nos fêz.

— Excelente!

— Proponho, pois, que subamos à montanha e vamos cumprimentar as habitadoras da ermida arruinada.

— Pela minha parte, disse Leocádio, declaro que nem de rastos conseguirão levar-me lá: isto é tentar o diabo!

— Desta vez sou da opinião do Sr. Leocádio, disse Gabriela: não devemos perturbar o retiro a que se condemnaram pessoas a quem não conhecemos.

— Proponho que voltemos para casa, acrescentou Leocádio a tremer; a Sra. D. Gabriela é da minha opinião.

— Também isso é demais, respondeu sorrindo-se a esposa de Cristiano: sou mulher, e portanto, naturalmente curiosa, e estimaria muito ver outra vez, ainda que de longe, a bela môça que a noite passada nos honrou com a sua visita.

— Vamos, pois, adiante...

— Tem mêdo?... perguntou Américo a Adriana.

— Não; sinto pelo contrário a mesma curiosidade que minha mãe confessou.

— Ainda bem: está visto, que não podia acreditar nas histórias que nos contou o Sr. Leocádio.

— Sim; mas desejava saber quem é aquela mulher que habita a ermida: o senhor não a conhece?...

— Cheguei aqui anteontem, minha senhora.

— Não é precisamente a resposta que eu pedia, e a menos que também lhe não impusessem segredo...

— Não a conheço, tomou Américo sorrindo-se; ouvi-a cantar no alto do monte, e vi-a depois na sua casa ontem à noite; disseram-me que é doida, e eis tudo quanto sei d'ela.

— Deveras?...

— Eu o afirmo.

— Oh! eis a ermida!...

Com efeito, acabavam de vencer a volta da estrada e de descobrir imediatamente a ermida arruinada.

Todos os olhos se volveram para o monte, e se concentraram no ponto em que através dos ramos de algumas árvores se descobria a ermida, que, como dissemos, tombava já em ruínas: foi ela também o único objeto que atraiu a atenção geral; ninguém se ocupava do belo panorama que se desdobrava por todos os lados; a

lembrança da mulher misteriosa acendia a imaginação e aguçava a curiosidade de tãda a sociedade.

— Oh! se ella apparecesse!... disse um.

— Silêncio!... ocultemo-nos um instante por detrás destas árvores...

— Não é possível... já não é tempo... ei-la.

— Ei-la, não... ei-las.

— É verdade...

Com effeito, acabavam neste momento de sair da ermida uma velha, uma môça e uma menina.

A môça estava, como de costume, vestida de branco, e dirigiu-se com passo vagaroso para o lado onde ficava o abismo.

A velha mostrava-se pelo contrario vestida de preto, e veio descendo o monte conduzindo pela mão a menina.

Enquanto a velha e a menina desapareciam nas voltas que fazia o estreito carreiro, que conduzia à estrada, a môça chegou à bôca do abismo e foi sentar-se sôbre o rochedo que o dominava.

Dai a pouco a velha, que tinha acabado de descer, chorava sentada à beira da estrada; a menina, que havia escapado da mão que a prendia, brincava rindo e saltando por entre os arbustos; e a môça, que olhava para o fundo do abismo, entoava um canto melancólico.

Cantava com sua voz sempre repassada de ternura, voz doce, maviosa e cheia de um não sei que de misterioso encanto, que prendia as almas, e como quem adormentava os sentidos de quem porventura a escutava.

Desta vez era assim o canto da môça:

Onde vais, peregrina imprudente,
Tão sem medo do mundo traidor?...
A teus pés não enxergas o abismo;
Porque cegam-te os raios do amor!
Peregrina! não ouves meu brado?...
Cuidado!

Crescem flôres à borda do abismo,
 Mas o opróbrio no fundo te espera;
 E no seio do monstro nefando
 Outro monstro — o remorso — se gera
 Peregrina! o remorso é pesado:
 Cuidado!

Vês o mundo, que rosas espalha
 Em teus passos de virgem formosa?...
 Se tombares no abismo, transforma
 Em espinhos cruéis cada rosa.
 Peregrina! êste mundo é malvado:
 Cuidado!

Este mundo! êle zomba da vítima;
 Êle aplaude o carrasco qu'infama;
 Não perdoa um só êrro à fraqueza,
 E do algóz as vitórias proclama:
 Peregrina! olha o abismo a teu lado:
 Cuidado!

Não escutas um grito doloroso
 Lá do fundo do abismo saído?...
 Ê talvez o remorso que arranca
 D'uma vítima um triste gemido.
 Peregrina! ouve bem êste brado...
 Cuidado!

"Mulher dos olhos formosos,
 "Feliz, porque és pura ainda,
 "Pensas tu, por seres linda,
 "Que há de o mundo te poupar?...
 "Sabe pois — também fui bela,
 "E vivo agora a chorar.

"Acreditei na mentira,
 "Em juramentos fingidos;

"Meus erros foram punidos,
"N'este abismo vim cair,
"N'este abismo onde o remorso
"Sem cessar 'stá-me a pungir!

"Aqui no fundo do abismo,
"De um algoz por mão pesada
"Sou n'um patíbulo açoutada
"Com tormento o mais atroz.
"Meu patíbulo é a ignomínia,
"E o remorso o algoz feroz!

"Oh, virgem! nunca te percas
"Nos ínvios trilhos do vício;
"Nunca te arraste ao suplício
"A paixão que me perdeu;
"Oh, virgem! segue a virtude,
"Que é o caminho do céu.

"Oh, virgem de olhos formosos
"Feliz, porque és pura ainda,
"Não penses, por seres linda,
"Que hás de escapar ao castigo:
"Oh! não caias n'este abismo;
"Não te pareças comigo."

Peregrina! êste grito terrível,
Este grito do abismo — foi meu!
A infeliz que os remorsos anseiam,
A infeliz que te avisa — sou eu!
Peregrina! receia meu lado...
Cuidado!

A môça calou-se, e como sempre, no fim de seus cantos, deixou cair a cabeça por entre as mãos e ficou imóvel.

Imóveis e silenciosos estavam também os observadores: não havia entre êles um só que se não sentisse abalado e comovido por aquela voz melancólica, doce e sonora, que acabava de entoar o canto da aflição e do *arrependimento*.

Todos os olhos estavam embebidos na mulher misteriosa e encantadora; mas viam apenas um vulto branco e gracioso assentado sôbre um rochedo negro, e apenas podiam distinguir as belas e compridas madeixas da formosa ermitoa, que os zéfiro estendiam sôbre suas vestes alvas, como uma nuvem negra destacando-se em um céu de alabastro.

Mas de repente a môça, que tantos supunham doida, ergueu-se, ostentando sua figura magestosa, de pé, como se pusera; olhou para o fundo do abismo de um modo sinistro... avançou mais um passo... e o pobre Leocádio, recendo vê-la atirar-se na bôca do inferno, soltou um grito pavoroso.

Escutando êsse grito inesperado, a mulher misteriosa voltou-se espantada, e como se tivesse descoberto aquêles que a observavam, desceu precipitadamente do rochedo, e, correndo, desapareceu por entre as árvores.

— Que estouvado!... exclamaram alguns.

— Camilo, disse Américo, o Sr. Leocádio fêz desta vez o papel do teu fogoso alazão.

Camilo não respondeu: tinha ainda os olhos pregados no rochedo, e com ambas as mãos apertadas contra o peito, como que continha à fôrça o coração que palpitava com violência:

— Oh! também lá se vai a velha!

— Como?...

— Olhe...

Com efeito, a velha levantara-se por sua vez, e subia com tanta precipitação para a ermida, que nem se lembrara da menina, que alguns passos brincava afastada dela.

As senhoras, que já haviam cobrado ânimo, foram as primeiras a correr para a estrada, e chegaram tão depressa ao trilho que subia para a ermida, que a inocente criança, que acabava de dar pela retirada da velha, viu-se de súbito cercada por elas, e reconhecendo que lhe era impossível fugir, desatou a chorar assustada.

Era uma bela menina, que mostrava ter sete anos de idade; tinha os cabelos louros e os olhos pretos, o rosto redondo e gracioso, e suas faces rubras como duas rosas; estava vestida com um vestido azul-claro que lhe descia um pouco abaixo dos joelhos, e calçava sapatinhos de marroquim; seu trajar, que não era rico, depunha contudo contra a fama da imensa pobreza das ermitoas.

No meio das suas lágrimas e por entre seus soluços, a menina deixava escapar de instante a instante num grito uma só palavra:

— Vóvó?... gritava ela.

De cada vez que soava êsse grito da menina, a velha, que subia o monte, voltava o rosto e olhava para baixo com expressão de susto e cuidado; mas imediatamente continuava a subir com precipitação.

A fôrça de carícias, de beijos e de palavras animadoras, as senhoras conseguiram sossegar a menina.

— Me larguem! dizia ela menos aflita.

— Espere... não tenha medo... nós a levaremos à sua vóvó.

— Não... não... mamãe não quer que vá ninguém lá em cima.

— Mas por quê?...

— Porque podem lhe fazer mal.

— Então você quer muito bem à sua mãe?

— Oh! muito! muito!...

— E sua mãe como se chama, minha querida menina? perguntou Gabriela.

— Chama-se mamãe mesmo.

Os cavalheiros acabavam de reunir-se às senhoras e rodeavam todos a menina, que os encantava com sua viveza, inteligência e prontidão de respostas.

— Quem é que mora com sua mãe?

— É vóvó e sou eu.

— Só?

— Pois então? . . . mamãe não quer mais ninguém.

— E se alguém chega à ermida? . . .

— Nós nos escondemos depressa.

— Menina, sua avó o que faz na ermida?

— Fia, coze e chora.

— Chora?

— Oh! sim! chora muito, coitadinha!

— E sua mãe?

— Mamãe canta . . . ah! mas fica tão triste quando se põe a cantar . . .

— E quando não canta? . . .

— Ajuda vóvó a trabalhar, e me ensina a rezar e a cantar . . .

— Ah! então você canta? . . .

— Ora . . . pois então.

— E o que é que você canta? . . .

— As cantigas que mamãe me ensina.

Adriana cobriu de beijos a menina, que fitando nela os olhos por alguns momentos, disse logo depois:

— Esta môça é bem bonita!

Gabriela pagou com novos beijos o elogio de sua filha.

— Você nos canta uma de suas cantigas? perguntou Adriana.

— Oh! não . . . não . . .

— Ora . . . por quê? . . .

— É muito triste . . . e quando eu canto, choro sempre . . .

— Mas para que há de chorar? . . .

— É porque as cantigas de mamãe são muito tristes...

— Cante sempre... cante...

— E se eu cantar, você me deixa ir-me embora?... perguntou a menina a Adriana.

— Deixo; eu lhe prometo.

— Está bom; então eu vou cantar uma cantiga muito bonita; mas se eu chorar, não faz mal.

Formou-se um círculo em torno da menina, que levantando os olhos para a ermida arruinada, como se quisesse inspirar-se com a lembrança de sua mãe, começou a cantar com sua voz de criança, argentina, mas suave e tão doce, e já tão triste, que pouco a pouco foi infiltrando a mais profunda melancolia em todos os corações.

Eis, pois, como era o canto da menina, e que, como ela mesma dizia, lhe tinha sido ensinado por sua mãe, que provavelmente compusera tanto a letra, como a música.

Minha mãe tão pobrezinha,
Coitadinha!

Não tem nada p'ra me dar:
Cada hora dá-me um beijo
E depois fica a chorar.

Minha mãe deu-me um tesouro,
Não de ouro,
Que ela é pobre e nada tem;
Mas um conselho materno
É um tesouro também.

"Escuta, filha querida,
"Minha vida!
Cada dia ela me diz,
"Ouve a lição que te ensino,
"Que não serás infeliz.

"Da mulher tôda riqueza
"É a pureza;
"Oh, filha! confia em Deus!
"Sê casta e boa, que os anjos
"Hão de c'roar-te nos céus.

"Tua mãe tão probrezinha,
"Coitadinha!
"Não tem nada p'ra te dar;
"Dá-te a lição da virtude,
"Que te repete a chorar."

E como se em seus anos ainda tão verdes pudesse bem compreender a dor imensa que vasara nesses versos o coração de sua mãe, a menina desfazia-se em pranto, misturando com soluços as notas melancólicas de seu canto.

Tôdas as senhoras choravam também, e enxugavam com beijos e carícias as lágrimas da inocência.

Quando a menina sentiu-se sossegada, levantou a cabeça e disse:

— Agora quero ir-me embora.

Adriana e as outras senhoras despregaram de seus cabelos e vestidos as fitas que traziam, e atando-as dentro de um lençinho branco, obrigaram a menina a aceitar êsse presente, que aliás ela devorava já com olhos desejosos.

— E se mamãe ralhar?... perguntou a menina ingenuamente.

— Diga-lhe que foi D. Gabriela que lhe fêz aceitar êsses enfeites para suas bonecas.

A menina bateu palmas de alegria com suas mãozinhas de querubim, e, saltando de contente, deitou a correr pelo monte acima: em uma volta do caminho voltou-se, sorriu-se, disse adeus, atirou beijos às senhoras e desapareceu.

O interêsse com que todos se haviam exclusivamente occupado da encantadora menina, foi causa de que ninguém reparasse em Fabiana, Frederico e Leonor, que formando um grupo à parte, à sombra de uma árvore, levaram a conversar em voz baixa e com ar misterioso durante todo tempo que os outros empregaram em admirar as graças e a viveza da interessante criança.

IV

CUIDADO!...

A sala ressoava outra vez com o ruído das contra-danças: a infatigável mocidade descansava do longo passeio da tarde entregando-se de noite a novos e inocentes prazeres.

Américo, ardente e apaixonado, perdêra enfim todo o acanhamento, que lhe sopeava o gênio vivo e alegre junto daquela que amava; e Adriana também, pela sua parte, vencendo o imenso vexame que durante uma tarde inteira a dominara, apenas moderava com uma doce e incéfavel comoção a alegria em que nadava sua alma.

Verdadeira satisfação parccia expandir-se em todos os semblantes: apenas um só mancebo mostrava tomar parte nos jogos festivos da noite, como obrigado para não representar uma exceção no meio daquela sociedade: êsse mancebo era Camilo.

Seu olhar às vêzes vagando indiferente por tôda a sala, às vêzes fixo em um objeto, que nem por isso via; suas faces levemente coradas; suas respostas em muitas ocasiões absurdas, tudo demonstrava que seu pensamento fugia do lugar em que seu corpo se achava prêso.

Alvo das zombarias e dos gracejos das senhoras, e talvez da curiosidade dos homens, só Américo podia ali comprehender a causa da distração e da melancolia do seu amigo.

Camilo se sentia cada vez mais abrasado de amor pela mulher misteriosa que habitava a ermida arruinada: a cada hora que passava, sua paixão parecia ir conquistando, dominando e escravizando tôdas as suas faculdades.

Os jovens, que na côrte se habituam ao viver de festas e de bailes, onde arrostram tôdas as noites a influência e o poder de olhares abrasadores e de voltuosas belezas, não podem, senão excepcionalmente, sentir essas paixões ardentes e irresistíveis que rebentam no coração daqueles que na vida do retiro e da solidão, as vêzes vêem de ano em ano, e às vêzes só de relance, peregrinas formosuras, que desabrocham e brilham ignoradas como flôres do deserto. Os primeiros não podem imaginar, porque estão vendo: os segundos não vêem, sonham de longe; e entre o amor de uns e de outros existe tão notável diferença, como entre aquilo que se vê e aquilo que se imagina, como entre a realidade, que é gêlo, e a imaginação, que é fogo.

Ajuntai ao espírito ardente e vivamente impressionável do mancebo da solidão e do retiro, a vida misteriosa dessa mulher de deslumbrante beleza, êsse trajar romanesco e desusado, essas madeixas negras e sôltas ao vento, *êsse andar compassado e suave como um resvalar de sombra, êsse encanto inexplicável em tudo que cercava a formosa ermitoa, e fareis, incompleta embora, uma idéia da paixão que ardia como um vulcão na alma de Camilo.*

Cego, pois cegos são todos aquêles que amam ardentemente, Camilo tinha querido vêr na formosura da bela desconhecida um vero espelho de sua vida; não compreendera que tais encantos pudessem ser animados por uma alma que não fôsse o sacrário de tôdas as virtudes; uma dúvida a tal respeito lhe parecia um sacrilégio.

Entretanto, a tarde que acabava de passar tinha deixado uma dúvida em seu coração: aquela menina que falara e cantara, enfeitada pelas carícias das senhoras, havia

pronunciado a seus ouvidos a palavra mãe; e essa palavra poderia ser a confissão de uma falta e de uma nódoa.

E no canto dessa tarde a misteriosa falara tanto em remorso! . . .

Era por isso que muitas vêzes aquela menina se mostrava à imaginação de Camilo como um remorso vivo, e era ainda por isso que êle estava mais triste e mais pensativo do que nunca até então.

Mas não era só Camilo que pensava na bela ermitoa e na interessante menina.

Ali mesmo, dentro daquela sala, onde todos pareciam exclusivamente ocupados da música e da dança, Cristiano e Gabriela, com o sorriso nos lábios para todos os seus hóspedes, confiavam em voz baixa um ao outro dúvidas, esperanças e pensamentos, que só êles talvez compreendiam.

— Gabriela, disse Cristiano, eu sinto como que um pressentimento. . .

— Seria extraordinário, Cristiano; mas eu também hesito já entre o receio e a esperança.

— Assim como eu! . . .

— Tenho nos meus ouvidos o timbre daquela voz... parece que a estou ouvindo. . .

— E o andar da pobre velha?

— É verdade. . . é verdade! . . .

— E reparaste no rosto da linda menina?

— Sim. . . sim. . . nada me escapou.

— Queres que te diga uma cousa? . . .

— Ô quê?

— Fizemos mal em não subir o monte e visitar a ermida.

— Não: tanta gente estava conosco, que. . .

— Tens razão; elas nos fechariam a porta.

— Há ainda uma outra cousa igualmente extraordinária.

— E qual? . . .

— Não ter o Dr. Benedito sentido o mesmo que nós sentimos.

— Quem sabe? . . .

— Mas se êle não nos disse palavra?

— Talvez guarde o seu segredo ou as suas dúvidas consigo.

— Se o obrigássemos a falar? . . .

— Ninguém obriga o nosso doutor a falar quando êle entende que deve guardar silêncio.

— Experimentemos.

O Dr. Benedito aproximava-se dos seus amigos naquele mesmo momento.

— Doutor, disse Cristiano, cada vez me convenço mais de que as senhoras têm mais idéias extravagantes que os homens!

— É uma compensação, respondeu Benedito, porque os homens põem em prática mais extravagâncias do que elas.

— Quer ver o que está fervendo na cabeça da minha Gabriela?

— Há de ser forçosamente algum pensamento generoso.

— Pois engana-se, porque é apenas uma loucura.

— Então em que pensa ela?

— No andar da velha, na voz da doida, e na fisionomia da criança que vimos esta tarde.

Os olhos de Gabriela estavam fitos no rosto de Benedito.

— É o que tem isso? perguntou êste sem se trair pela menor alteração fisionômica.

Cristiano levantou-se, e como se tivesse medo de ser ouvido, uniu seus lábios ao ouvido do Dr. Benedito e pronunciou duas ou três palavras.

Gabriela continuava a olhar fixamente para o médico, e viu que êle reprimira um movimento, que era menos de surpresa do que de desagrado.

— Que diz, doutor?

— O que já foi dito, respondeu êste friamente; não passa de uma idéia extravagante.

— Devemos, pois, apagá-la de todo em nosso espírito?

— Sim... sim... decerto.

— Não tem fundamento algum?

Em vez de responder, Benedito sorriu-se tristemente.

— Não falemos mais nisto, disse Gabriela.

— Sim... conversemos em outra cousa: quer dar-me o seu braço?

— Pois não, doutor; com muito gosto.

Cristiano ficou só, pensando ainda nas ermitoas: meia hora depois, Gabriela veio de novo sentar-se ao pé dêle.

— Então?

— É o que eu digo: quando êle teima em não falar, ninguém lhe arranca uma só palavra.

— Portanto, ficamos na mesma?

— Não; eu tinha uma idéia para te propor.

— Vejamos.

— Esta madrugada, ou, se quizeres, mais cedo ainda, quando todos estiverem dormindo, iremos juntos...

— Onde?

— À ermida arruinada, está visto.

— E não tens receio?

— De quê?... dos espíritos malignos com que sonha o pobre Leocádio?

— É se não nos quizerem abrir a porta da ermida?

— Se forem reais as nossas suspeitas, duvido que esta porta deixe de abrir-se à minha voz; e se estamos enganados, se somos vítimas da mais lisonjeira das ilusões..., paciência... será uma noite perdida, e nada mais.

— Bem: convenho em tudo, e darei oportunamente ordem para que nos tenham prontos dois cavalos.

— Nada de bulha, Cristiano; não temos necessidade alguma de cavalos: iremos a pé e absolutamente sós.

— Estás hoje bem animosa, minha boa Gabriela!

— Tenho uma grande e bela esperança no coração, meu amigo; e a esperança enche de coragem as almas mais fracas.

— Seja como te parecer... convém entretanto...

— Silêncio! disse Gabriela; Frederico vem dirigir-se a um de nós dois.

Com efeito, Frederico veio ter com Gabriela.

— Perdão, disse êle; mas um marido tem tanto tempo para conversar com sua mulher, meu caro Sr. Cristiano, que é uma verdadeira injustiça privar-nos da honra de passear, dançar e conversar com D. Gabriela.

— Eu julgava, pelo contrário, que obsequiava aos senhores obrigando-os a occuparem-se exclusivamente das môças, respondeu Gabriela.

— Tomara eu ser condenado ao agradável sacrificio da sua companhia durante a noite inteira, minha senhora; e pois que supõe que eu faria nisso um sacrificio, castigue-me com êle, eu lho peço.

— Veja bem, Sr. Frederico!

— Experimente, minha senhora, experimente, eu lho rogo.

— Não... não quero ser má: agradeço a sua demonstração de urbanidade e delicadeza; mas quero ao mesmo tempo poupar a sua paciência: vá procurar as môças.

— Entretanto era a honra de um passeio que eu vinha procurar merecer.

— Isto é teima! mas repare bem, que eu posso ter a crueldade de lhe impor a minha companhia por duas horas ao menos...

— Se não receasse impacientá-la, pediria que estendesse essas horas de duas a quatro... pelo menos.

— Pois bem, accito, disse Gabriela levantando-se e tomando o braço de Frederico: espero que nunca mais se lembre em sua vida de passear com uma velha.

— Uma velha, sim, minha senhora, uma velha de trinta anos de idade! . . .

— Trinta e sete, meu senhor.

— Pois ainda assim, uma velha de trinta e sete anos! . . . uma velha que ainda não pode ser senadora por falta de idade! . . .

— Uma senhora casada é sempre como uma velha, Sr. Frederico.

— Ah! por modo nenhum: se o casamento equivallesse à velhice, acabava-se de certo o mundo; porque não haveria mais senhora alguma que se quisesse casar.

A conversação nos bailes toma por ponto de partida o menor incidente, e é bem feliz aquêle que vê surgir das primeiras palavras uma questãozinha agradável e ligeira que possa servir de objeto às reflexões de um quarto de hora sem que o espírito se ressinta das banalidades que se dizem.

Frederico era hábil, tinha longa prática das sociedades, e não lhe faltava espírito; e como se quisesse demonstrar a Gabriela, que em seu juízo lhe fizera uma verdadeira injustiça, pôs em tributo todo o seu talento e todos os seus recursos para prender a atenção da espôsa de Cristiano, e para se tornar agradável a ela.

Não misturou nunca em sua conversação essas adulações sem gosto, êsses elogios estúpidos, que a certa classe de improvisados elegantes parece o único meio de entreter as senhoras; mas compreendendo bem que, quando se pratica com uma senhora, qualquer que ela seja, nunca se deve deixar de calcular com o seu amor-próprio, Frederico deixava escapar a cada momento em sua longa conversação uma palavra, que como que lhe saía desapercibida, uma idéia passageira, e que trazia sempre o cunho da ingenuidade, e que pareciam a expressão franca e não calculada do reconhecimento da beleza e do mérito da mulher com quem conversava.

Eram dèsses elogios que não podem ofender a modestia, e nunca dão lugar a ser repellidos, porque não se podem também agradecer: eram dèsses elogios que se não dizem claramente, mas que facilmente se deixam adivinhar.

A despeito de suas prevenções e do mau conceito que lhe merecia Frederico, Gabriela não podia esconder a si própria, o quanto lhe agradava a conversação do hábil cavalheiro: o seu passeio com Frederico foi pois se prolongando por muito tempo, e quando nisso pensava, ella, para dar uma satisfação e defender-se ante sua própria consciência, dizia consigo mesma, que teimava ainda em passear para realizar o castigo com que ameaçara Frederico.

Entretanto, esse passeio e essa conversação produziam uma impressão bem desagradável no espirito de Adriana!

A interessante môça lembrava-se que por muitas vêzes ouvira sua mãe discorrer à sua vista de um modo bem pouco lisonjeiro para Frederico, tratando de seu caráter e de seu procedimento; e exatamente nos últimos dias que se haviam passado, e ainda na véspera dèsse, que estava prestes a terminar, Gabriela lhe falara daquelle homem, e se pronunciara fortemente contra elle, e com um tom que bem demonstrava que o que se dizia era sobretudo um aviso que lhe dava.

Adriana lembrava-se mais das palavras misteriosas e quase proféticas da terrível ermitoa quando se apresentara na sala acudindo ao convite que recebera. Desde que ouvira estas palavras, e que escutara a ermitoa repetir tantas vêzes — cuidado! cuidado! parecendo dirigir-se tão claramente a Frederico, concebera, a pesar seu, verdadeiro mêdo dèsse homem; sua imaginação de môça tão facilmente excitável, representava-lhe com proporções gigantescas a maldade de Frederico, e emprestava a um homem ordinário e apenas atrevido, recursos e influência de um espirito superior e de fôrça descomunal.

Assim, pois, Adriana, inocente e ingênua como era, não podia compreender como sua mãe estava ouvindo com tanta amabilidade essa personagem terrível, que com tão negras côres lhe haviam pintado: quando Gabriela se sorria, ela estremecia tôda; quando a via responder com agrado a Frederico, olhava espantada, ora para seu pai, ora o Dr. Benedito, como se quisesse implorar o auxílio de algum dêles a favor de sua mãe.

A culpa da impressão veemente que estava sentindo Adriana, e da idéia falsa que predominava em sua alma naquele momento, provinha da exageração com que a própria Gabriela lhe falava de Frederico: querendo arredar sua filha do perigo que poderia correr o seu futuro, se chegasse a amar Frederico, êle o descrevera, marcando-o com traços terríveis, que agigantou desmedidamente um sedutor de proporções triviais.

É por isso que a exageração sempre é inconveniente e má, ainda mesmo quando se emprega para um fim bom e moral.

Algumas circunstâncias concorreram ainda para abrir o coração de Adriana ao receio e ao desassocego.

Ignorando as breves palavras que seus pais haviam trocado com Benedito acêrca das moradoras da ermida arruinada, Adriana não pôde explicar uma certa expressão de cuidado e de observação incessante com que Benedito olhava, ora para Gabriela, ora para Cristiano, senão pela mesma causa, que tanto o inquietava: parecia-lhe que o fiel amigo de sua família adivinhava alguma desgraça, e tinha pela primeira vez receio de ser franco com os seus velhos amigos.

Em uma outra ocasião achou-se por acaso sentada perto da velha Fabiana e de Leonor, mas de um modo que as duas pareciam não tê-la visto, e então ouviu a tia e a sobrinha trocarem em voz baixa as seguintes palavras:

— Eu te recomendo, disse Fabiana a Leonor, que faças muito por não dançar nunca mais com o Sr. Frederico, e que em nenhum caso passeies com êle.

— Mas por que, minha tia?...

— Aquêlê homem é um monstro! eu me tinha enganado com êlc.

— Como?

— O Dr. Benedito o conhecia melhor do que eu!... Ainda bem que a nossa pobre Adriana não lhe será sacrificada!

— Porém... minha tia...

— Oh!... é um monstro! mas eu nunca o supuz capaz de...

— De que, senhora?...

— Tu és uma tola... tanto melhor.

Adriana levantou-se ainda mais desassocegada da cadeira em que se sentara para descansar um instante.

Quando algum pensamento nos preocupa, pretendemos achar relação com êle em tudo quanto em tôrno de nós se passa. Adriana julgou que a tia de Leonor pensava, como ela, em sua mãe, e tremeu.

— Ao engenho! ao engenho! disseram algumas vozes.

Era um passeio que se propunha ao engenho, que ainda estava moendo: Adriana recebeu o braço de Américo, que correu a lho oferecer.

Um momento depois tôda a sociedade saía pela porta da casa para passar à fábrica, e alguém, aproveitando a confusão e o ruído que se fazia, murmurou ao ouvido de Adriana:

— Vela por tua mãe!

A môça não pôde reter um pequeno grito.

— O que tem?... perguntou Américo cuidadoso.

— Nada, respondeu Adriana procurando serenar; mas alguém me disse alguma cousa ao ouvido... Quem seria?

Voltaram ambos os olhos para trás, e entre outras pessoas, viram o Dr. Benedito, que se sorriu para êles.

— Foi o Dr. Benedito, sem dúvida, disse Américo.

— Mas por que se sorriu êle então? perguntou tristemente Adriana.

— Certamente para sossegá-la, pois que ouviu o grito que o susto lhe arrancou.

— Tem razão: êle é sempre bom para mim.

Gabriela já tinha deixado o braço de Frederico e acompanhava seu marido; trocavam ambos às vêzes palavras em voz baixa; Benedito os observava de perto, e nada disso escapava a Adriana.

O engenho estrugia com as cantigas rudes dos escravos, que, sentados nas almanjarras, tocavam as bêstas: êsses cantos nem cessaram, nem se modificaram com a chegada de Cristiano e de seus amigos: são êles um direito dos tocadores, e servem ao mesmo tempo para animar os trabalhadores e excitar as bêstas.

Os amigos de Cristiano gozaram por algum tempo do espetáculo variado que lhes offercia o trabalho da fábrica, e respirando ao pé das taxas um ar abrasado, vingaram-se do frio que haviam experimentado atravessando o pequeno espaço que separava a casa de vivenda do engenho.

A ceia, a dança e os prazeres chamaram de novo à sala os hóspedes de Cristiano; mas tinham êles brincado tanto e estendido até tão tarde o divertimento na noite anterior, que um pouco depois da meia-noite começavam a aparecer evidentes sinais de fadiga.

À voz de — vamos dormir — levantaram-se todos, e faziam os cavalheiros suas despedidas às senhoras, quando no meio dos cumprimentos, que uns aos outros se dirigiam, e dessa espécie de desordem que se observa ao desfazer-se uma numerosa sociedade de amigos, Adriana ouviu de novo soar a seus ouvidos as mesmas palavras que duas horas antes ouvira:

— Vela por tua mãe!

Dessa vez a pobre moça nem se quer teve fôrça para olhar para trás a fim de ver quem lhe dava o terrível aviso!

V

FABIANA OUTRA VEZ

Entrando no seu quarto, Adriana sentou-se na cama vestida como estava, e ficou pensando triste e profundamente.

Sua cabeça ardia, seus lábios estavam secos, seu pulso batia com a freqüência da febre, e sua imaginação, dominando-a exclusivamente, sopitava todos os conselhos que a razão em tal momento lhe poderia subministrar.

Que perigo corria sua boa mãe?... o que é que tinha fôrça bastante no mundo para vir perturbar a doce paz, que até então ela desfrutava junto de seu pai?...

Às vêzes, combinando tudo quanto observara durante a noite, não achava um motivo só que lhe devesse inspirar o menor receio; e então inclinava seu corpo gracioso, como se quisesse sossegadamente dormir; mas ao mesmo tempo erguia-se de súbito, parecendo-lhe ouvir soar a seus ouvidos as palavras cruéis:

— Vela por tua mãe!

Sua mãe era o maior encanto que ela tinha sôbre a terra; mais que a si mesma amava-a com todo o extremo com que pode amar uma boa filha.

Outra vez vinha-lhe à idéia o ir procurá-la na mesma hora, e abrir-lhe seu coração, confiar-lhe os seus receios, e pedir-lhe para velar ao pé dela; mas hesitava diante dêsse conselho de sua alma, temendo... ela mesma não podia explicar bem o que temia.

Qualquer que fôsse a desgraça que estivesse iminente sôbre a cabeça de sua mãe Adriana encontrava

sempre em sua imaginação a imagem de Frederico como o agente, como o causador deste infortúnio.

É um homem terrível! tinha dito três vêzes haviam dois dias Gabriela à sua filha: é um homem perigoso e fatal! a mulher que dêle se aproxima corre o risco de ser uma vítima!

Entretanto, Gabriela se mostrara durante tôda noite tão amável e tão complacente para com êle, para com êsse homem que lhe dardejara olhares de fogo!

Se havia, pois, um grande perigo para Gabriela, e se nesse perigo aparecia sempre na imaginação de Adriana a imagem de Frederico, o que é que podia ser?... de que é que se devia recear?

A cabeça de Adriana curvava-se sob o pêso da maior de tôdas as desgraças: a filha tinha mêdo de corar por sua mãe!

Mas sua mãe, tão nobre, tão pura, sua mãe, o môdêlo das espôsas, seria capaz de cometer, por pensamento só, uma ação de que se pudesse envergonhar?

A filha revoltava-se contra sua idéia... pedia perdão a Deus de ter mesmo concebido durante um instante tão indigno pensamento; mas dali a pouco... ela pensava outra vez.

Os seus sofrimentos iam cada vez se tomando mais insuportáveis, sua imaginação a cada momento se acendia em mais vivo fogo; Adriana convenceu-se de que o seu dever e o seu próprio sossêgo a chamavam para junto de sua mãe, e vencendo uma hesitação pueril, que até então a sustivera, ergueu-se do leito em que se achava sentada e disse:

— Confiarei tudo a minha mãe! oh! sim, ela me perdoará, se eu sou uma louca... vou falar a minha mãe.

E deu alguns passos para a porta que do seu quarto se abria para um corredor; mas, quando punha já a

mão na chave, sentiu que a porta por si mesma se abria, e viu logo depois diante de si a figura de uma mulher.

Adriana recuou espantada; mas finalmente reconheceu a velha Fabiana.

A tia de Leonor estava pálida e sobressaltada, em seu rosto lia-se a expressão do susto e do pesar.

— Oh!, tinha exclamado Adriana: o que é isto?

— Silêncio, D. Adriana, silêncio!

— Mas o que é isto?... eu tenho o coração cheio de medo... o que é isto?

— Sossegue... nem tudo está perdido...

— Perdido?... o que?... como?... o que há?...

— Silêncio antes de tudo...

— Oh! isto é capaz de matar! exclamou de novo Adriana deixando-se cair sentada na cama.

Fabiana sentou-se junto dela e apertou entre as suas uma das mãos da filha de Cristiano.

— Não sabe o que há?... perguntou.

— Não.

— Nem suspeita?

— Não.

— Então por que treme?

— Oh! nem sei... fazem-me tremer!

— Quem?

— Não sei.

— Pobre menina! tem razão...

— Mas razão de quê?... o que succede?...

— Nunca me hei de perdoar! ser eu a causa involuntária.

— Acabe... fale...

Fabiana parecia hesitar.

— Senhora, disse Adriana; eu tenho medo de enoidecer esta noite! diga: porque estava ali atrás daquela porta?

— Eu não estava atrás da porta, menina! respondeu a velha fingendo-se ressentida.

— Mas...

— Eu vinha dizer-lhe duas palavras bem tristes; mas, apesar do sacrificio que me era preciso fazer para dizê-las, obedecia à minha consciencia.

— Pois então por que não fala?

— Eu vinha pedir-he um conselho.

— A mim?...

— Sim; porque era a única pessoa a quem eu pôdia e devia me dirigir; trata-se de um objeto gravíssimo, e é preciso não perder um só minuto.

— Oh! fale..., fale...

— D. Adriana, sabe que fui eu quem introduzi na sua casa a Frederico?

— Sim, sci, respondeu a môça tremendo.

— Oh! e quem introduz uma pessoa em uma casa, quem apresenta um homem a uma familia, toma de certo modo a responsabilidade do procedimento dêsse homem, não é isso?

— Creio que se entende assim.

— Pois bem; declaro e juro que quando apresentei Frederico à sua familia, estava convencida de que apresentava um homem honrado, um cavalheiro completo.

— E... agora...

— Confesso ainda mais, confesso, bem que me custe a fazê-lo, que eu supunha com direito a esperar que Frederico viesse em breve a fazer parte da minha familia, casando-se com minha sobrinha; êle não se havia formalmente declarado a tal respeito; mas tudo parecia indicar que eram essas as suas intenções.

— E sua sobrinha...

— Eu lhe havia disposto absoluto segredo sobre tal objeto, e fiz bem, porque agora reconheço que...

— Acabe!

— Esse homem... é um miserável... um infame... em uma palavra... é...

— Diga...

— Um sedutor!

— Sedutor! . . . repetiu Adriana maquinalmente.

— Um terrível e abominável sedutor, que não respeita consideração alguma, e nem mesmo uma vida pura e os mais sagrados laços.

— O que quer dizer, senhora?

— O que eu quero e vou dizer é uma coisa horrível, disse chorando a velha Fabiana; mas que é preciso a todo custo dizê-lo para que, ainda a tempo, se previnam grandes desgraças!

A palidez, a comoção, a voz trêmula, e as lágrimas de Fabiana, davam às suas palavras o acento da verdade: Adriana esqueceu quanto lhe haviam dito do caráter dessa mulher, abafou as suspeitas que ela lhe inspirava, e com a maior boa fé do mundo entregou-se, pobre vítima, nas mãos do mais duro algoz.

— Então o que há? . . . conte.

— D. Adriana, disse a velha soluçando, a minha boa amiga, a sua excelente mãe . . .

— Minha mãe?!!

— Sim . . . está a ponto de tornar-se a mais desgraçada de tôdas as mulheres!

— Ah! e como?

— Um instante de alucinação . . .

— Quê! . . .

— Silêncio, menina . . . nós temos a desgraça ao pé de nós . . . silêncio! eu não quero ofender sua mãe, quero salvá-la . . . ah! minhas lágrimas não lhe estão dizendo o que eu sinto? . . .

A velha começou de novo a chorar e a soluçar de tal maneira, que Adriana comovida desfez-se também em lágrimas e apertou-a nos braços.

— Perdoe-me, disse ela, se desconfiei da credulidade de suas palavras! . . .

— Oh! não... não... reconheço que é muito duro ouvir dizer o que eu dizia, mas, minha filha, convém dizê-lo... assim é preciso...

— Eu lhe escuto.

— Por ora, nada há que possa manchar a vida de sua mãe... entretanto... muitos olhos viram a condescendência demasiada com que minha boa amiga escutava esta noite os ardentes protestos de Frederico...

Adriana escondera o rosto entre as mãos.

— E a fatalidade... deixou a alguém ouvir alguma coisa... que pode acarretar grandes infortúnios sobre esta casa.

— Um escravo seu... ouviu Frederico pedir, exigir e conseguir de sua mãe uma entrevista esta mesma noite... na sala que fica contigua à sala de jantar...

— É falso! exclamou Adriana revoltando-se.

— Oh! sim! sim! é preciso que o seja, disse Fabiana rapidamente; é preciso absolutamente que o seja; porque eu ouvi o escravo dizer tudo a seu pai, meninal!

— Misericórdia! exclamou Adriana apertando a cabeça entre as mãos.

— E a esta hora, continuou a velha, seu pai certamente finge dormir e vela... deixará que a hora da entrevista chegue... que a um leve sinal a infeliz vá à sala... e então... quem sabe... quem sabe que desgraça sobrevirá?!

— É falso! é falso por fôrça; minha mãe é um anjo!

— Oh! sim, sim; eu já disse que era preciso que isso absolutamente fôsse falso, e eis aqui como há de sê-lo.

Adriana escutava com intenção.

— Para chegar à sala de que se trata, é preciso que Frederico passe pela de visita... pois bem, eu lá me achei; lançar-lhe-ei em rosto a sua infâmia; fa-lo-ei retirar-se... velarei tôda a noite; e amanhã seu pai estará

convencido da inocência da minha boa amiga, e eu terei a coragem de, falando a sós com ela, mostrar-lhe o perigo a que se expôs o que é necessário fazer.

— Oh! sim... sim... disse Adriana entretanto, por que não disse tudo isso à minha mãe esta noite mesmo?

— Menina, é porque você não viu como seu pai a devorava com os olhos, e como era impossível dizer-lhe uma palavra sem que elle ouvisse.

— E ainda será tempo?... perguntou Adriana trêmula e ansiada; ainda será tempo?... oh! meu Deus! ou seja tudo isto uma mentira, ou morra eu antes de ver o dia de amanhã.

— Todavia... observou Fabiana; ocorreu-me uma dúvida, e foi por isso que aqui vim, para ouvir o seu conselho, menina; porque aliás tudo eu fazia sem que mais ninguém soubesse do que se vai passar.

Adriana pôs-se a escutar outra vez.

— Se eu fôr impedir esta entrevista, impedindo os passos de Frederico, consegui-lo-ei certamente: mas dirigindo-me amanhã à minha amiga, não terá ela de corar diante de mim?... e Frederico não ficará com a certeza de que uma pessoa estranha tem conhecimento da fraqueza, que estêve a ponto de perder a melhor das esposas?...

Adriana ajoelhou-se e exclamou:

— Perdão! perdão, se foi preciso que eu lhe ouvisse dizer tanto para correr ao posto onde me chama o meu dever de filha!

Fabiana reprimiu um movimento de infernal alegria, que de passagem lhe brilhara nos olhos.

— Eu saberei guardar êste segredo terrível, disse ela, como um túmulo guarda os restos de um finado.

— O escravo que falou, mentiu por força, continuou Adriana; minha mãe é nobre e pura; e quero ir eu mesma velar naquela sala para ter o direito de lhe

asseverar amanhã a inocência de uma santa mulher que se calunia!... cu vou...

— Espere, disse Fabiana; deixe-me sair primeiro: a bulha dos nossos passos pode fazer suspeitar alguma coisa a seu pai... cu me retiro já.

A velha saiu, e Adriana, ajoelhando-se de novo, ficou rezando durante cinco minutos, e tão embebida ficara na sua oração, que não ouviu o fraco ruído de uma janela que acabava de abrir-se cuidadosamente.

A velha Fabiana tinha chegado ao seu quarto, e entreabrindo uma janela que dava para o lado do engenho, deixou cair um lenço no terreiro.

Era um sinal sem dúvida alguma.

Adriana levantou-se enfim, apagou a luz e dirigiu-se, pé por pé, para a sala de visitas.

No momento em que a môça entrava na sala, abriu-se vagarosamente uma janela da frente, e um homem saltou com presteza e cuidado para dentro.

Ao clarão da lua Adriana reconheceu Frederico!

VI

TRAIÇÃO

Desde o jantar até chegarem a seu terno os divertimentos a que se voltara a metade da noite, Américo, ou de propósito, ou por acaso, não se aproximara uma só vez de Leonor.

Este procedimento contrariava visivelmente a sobrinha da velha Fabiana: durante tôda a tarde tinha ela cedido com paciência o campo a Adriana: mas no correr da noite pareceu um pouco incomodada com o exclusivismo com que Américo se entregava ao culto de sua amada.

Aproveitando um momento em que o mancebo passava junto dela, Leonor lhe havia dito:

— Por consequência a noite de hoje pertence tãda a Adriana e a mais ninguém, Sr. Américo?...

— É uma indenização, minha senhora; pois que tiveram a habilidade de me afastar dela dois dias e duas noites.

Leonor recebeu o golpe que naquelas palavras lhe era diretamente dirigido, e daí a pouco retirou-se da sala e fechou-se no seu quarto durante meia-hora: quando voltou de novo à sala, disse algumas palavras ao ouvido de sua tia.

— Escreveste?... perguntou esta.

— Sim, senhora, e trago comigo.

— Bem.

Leonor, que tomando uma parte ativa nos tramas que se urdiam contra Américo e Adriana, fôra no principio simplesmente um instrumento dócil e obediente à vontade de Fabiana, começava já a mover-se e agitar-se pela inveja que lhe causavam os triunfos da bela filha de Cristiano.

No momento da despedida, enquanto Fabiana pronunciava de súbito as palavras terríveis, que soaram aos ouvidos de Adriana, Leonor chegava-se junto de Américo, e passando ligeiramente um papel para as mãos do mancebo, dizia-lhe em voz baixa:

— Julga-me falsa e caluniadora... leia pois êsse papel, e verá... vele esta noite!

— Que é isto?... perguntou-lhe o mancebo.

— É a minha defesa.

Américo sorriu-se.

— E a minha vingança também, senhor! leia... e verá quem é que mente, e... vele esta noite!

Américo ia provavelmente dirigir uma nova pergunta; mas Leonor desapareceu a seus olhos misturando-se com as outras senhoras.

— Vele esta noite! . . . disse êle consigo; excelente conselho para quem não pregou ôlho a noite passada!

E por mais que desse pouca importância às palavras de Leonor, não pôde vencer a sua curiosidade; apenas se viu só, passeando pela varanda do engenho, chegou-se ao lampião, abriu o escritinho perfumado que lhe entregara a môça, e leu primeiro com ar risonho, e depois com exaltação sempre crescente, o seguinte:

“O senhor julgou mal de mim, e acreditando no que outros lhe disseram, considera intriga ou falsidade o que eu desinteressadamente lhe referi na noite da sua chegada a esta fazenda; pois bem: saiba que hoje mesmo, daqui a uma, duas ou três horas, quando todos dormirem, uma entrevista deve ter lugar entre Adriana e Frederico, na sala de visitas desta casa, duvida ainda de mim? . . . pode ter a prova ao ver o Sr. Frederico subir para a sala por uma janela que ficará aberta; e se quer prova mais evidente ainda, eu darei traças para que fique aberta a porta da rua, e então pode o senhor da saleta da entrada observar e ver com os seus próprios olhos tudo o que se passar dentro da sala. Vou deitar um cordão pela janela do meu quarto, e o senhor atará no cordão êste meu escrito, como um sinal, se quiser que eu lhe deixe aberta a porta da sala. Desejo-lhe boa noite.”

Acabando de ler, Américo fêz um movimento para romper o escrito; logo porém suspendeu-se, e depois de meditar algum tempo, saiu triste e cartancudo pelo engenho, dirigiu-se para baixo da janela do quarto de Leonor, e achando o cordão prometido, atou na extremidade dêle o escrito e retirou-se.

Uma hora depois, que lhe pareceu um século. Américo foi à porta da casa, empurrou-a e achou-a fechada; deixou passar outra hora e voltou; quando chegava junto da casa, sentiu que alguém dava volta à chave da porta; Américo sem hesitar empurrou-a, e abrindo-a, entrou, e viu o vulto ligeiro de uma môça que se retirava

apressada e cuidadosa: nesse vulto pareceu-lhe reconhecer Leonor, e sem que pensasse em segui-la, nem em chamá-la, cerrou a porta e sentou-se na saleta da entrada, que era contígua com a sala de visitas.

Comprimindo sua respiração, trêmulo, e hesitando entre a dúvida e o ciúme, Américo ficou ali contando os instantes por aflições e tormentos.

Tudo parecia concorrer para o bom resultado da intriga e da traição da velha Fabiana, e até mesmo aquilo com que ela não podia calcular.

Cristiano e Gabriela estavam dispostos, conforme haviam tratado, a aproveitar o sono de seus hóspedes para irem sós à ermida arruinada.

Quando lhes pareceu que todos dormiam, ergueram-se e dispuseram para partir.

Para não acordar, nem causar suspeita alguma aos escravos, entenderam ambos que lhes convinha sair pela frente; endireitaram pois por um corredor que os levava à sala; mas, ao chegar à porta desta, sentiram ruído, e parando, prestaram atenção:

O que aquêles extremosos pais viram foi para êles horrível, como era horrível o que da saleta observava Américo.

Como dissemos, apenas Adriana entrava na sala, uma das janelas se abriu, e Frederico saltou para dentro.

Américo, entreabrindo a porta que tinha diante de si, via tudo, mercê do clarão da lua que se derramava na sala.

Adriana deu um passo para Frederico, que pareceu ficar imóvel de confusão e sobressalto.

— Silêncio! e fuja! murmurou Adriana em voz baixa que só Frederico podia ouvi-la.

— Senhora! disse êste.

— Sei tudo... a desgraça está iminente... fuja... salve-se... e salve...

— Oh! murmurou Frederico, compreendo que talvez lhe devo hoje a vida, e não fugirei senão consentir que em prova do meu agradecimento eu lhe beijei a mão de joelhos.

— A minha mão?... nunca, senhor!

— Não fugirei...

— Senhor... eu o aborreço... o contato dos seus lábios mancharia a minha mão... eu o aborreço, repito!

Frederico ajoelhou-se diante de Adriana como se fôra um amante que assim quisesse agradecer finzas que acabasse de ouvir.

Américo não tinha podido perceber uma só palavra; via porém que os dois se falavam bem perto um do outro, e que Frederico se ajoelhara aos pés de Adriana.

— Retire-se, senhor! disse Adriana voltando a cabeça.

E nesse momento chegavam ao fim do corredor Cristiano e Gabriela, e entreabrindo também a porta, que os separava da sala, como fizera Américo, viram Frederico, ajoelhado, dobrar-se aos pés de sua filha, e depondo um beijo ardente na barra de seu vestido, levantar-se logo depois e lançar-se de um salto pela janela no terreiro.

Tudo isto passou com tanta rapidez, que já Frederico havia saltado, quando Cristiano se lançou furioso no meio da sala.

Ao ver seu pai, Adriana caiu sobre uma cadeira, como fulminada por um raio.

Cristiano, furioso, ia prorromper...

Gabriela caiu de joelhos diante d'êlc, pondo as mãos, como se orasse:

— Silêncio, senhor! silêncio!... murmurou ela chorando e tremendo ao mesmo tempo; oh! nada de ruído! não percamos de todo esta desgraçada...

Adriana abriu os olhos e viu seu pai volvendo olhares acesos de raiva, ora para ela, ora para sua mãe, e sua

mãe de joelhos como uma criminosa, pálida, desfigurada, trêmula e banhada em lágrimas. . .

Cega ainda, não compreendendo que era vítima da mais refinada traição, acreditando que seu pai persistia em desconfiar de sua mãe, chamou Deus em seu auxílio, e querendo salvar sua mãe, mesmo a preço de todo o seu futuro, levantou-se, e ajoelhando também, exclamou:

— Compaixão, meu pai! . . . eu amo este homem!

— Maldita! . . . ia dizendo Cristiano.

— Perdão! . . . balbuciou Gabriela, e caiu desmaiada.

VII

A MARGEM DO LAGO

Começava a romper o dia; os véus de neblina iam-se pouco a pouco adelgaçando e cedendo à natureza o império da luz, os canários sacudiam suas penas e entoavam alegres trinados; sucedia ao silêncio o ruído no seio mesmo da solidão.

A curta distância da ermida arruinada, porém, muito mais afastado da estrada, do que o estava o terrível precipício, a que se tinha dado o nome de Bôca do Inferno, via-se no centro de um bosquezinho solitário um pequeno lago gracioso e belo, em cujas águas mansas e límpidas se espalhavam os ramos de árvores frondosas, que se debruçavam sôbre ele.

Surgiam do seio do lago as pontas de alguns rochedos, como cabeças de gigantes negros, cujos corpos estivessem mergulhados dentro d'água; e em derredor desse lago, que se escondia no coração do bosque, como um mistério da solidão, ora novos rochedos se levantavam banhando os pés na linfa transparente, e vestindo-se de verde musgo ou coroando-se de arbustos enfezados;

ora um leito de relva fresca e viçosa dividia o bosque, como uma zona de verdura.

Sítio encantado e silencioso, grato e ameno retiro preparado pelo própria mão da natureza, o bosque cercava mais ou menos por todos os lados o solitário que se tivesse ali acolhido, e que só podia ver, além dessa muralha vegetal, o lago a seus pés e o céu sobre sua cabeça.

O dia vinha pois rompendo...

Como a lua plácida e formosa que, resvalando pouco a pouco e mansamente por detrás de uma nuvem branca, primeiro apenas se insinua e depois enfim se patenteia com toda a magestade de sua beleza, apareceu ao longe, meia encoberta pelo sendal de neblina, uma mulher, que a princípio se julgaria a visão vaporosa de um sonho, mas que à medida que se aproximava cada vez mais, ostentava as graças de uma formosura peregrina.

Era a bela e misteriosa ermitoa; era a doida, conforme dizia o povo; era o demônio, segundo o pensar de Leocádio; era um anjo, na opinião de Camilo.

Vinha, como costumava, vestida de branco; o fino tecido de suas vestes não podia preservá-la contra o rigor da estação; mas essa mulher inconcebível parecia indiferente aos pequenos sofrimentos e às dores passageiras. A semelhança desses velhos guerreiros, cujos corações foram temperados nos horrores das grandes campanhas, e que se sorriem aos perigos vulgares que assustam aos soldados novos, ela talvez muito desgraçada, tinha passado já por tão cruéis torturas, que não se sentia mais dos incômodos triviais.

Subiu por um dos rochedos que ficavam sobranceiros ao lago, e, chegando ao seu cume, deixou-se estar por alguns momentos em pé e imóvel, como se contemplasse o bosque que diante dos olhos tinha.

O primeiro raio do sol refletiu sôbre o vulto da mulher misteriosa.

Sua estatura era alta e magestosa; cabelos negros e luzentes caíam em bastos caracóis até os joelhos; sua fronte, elevada e bela, era branca como o mármore, e lisa como a superfície do lago; longos cílios pretos e graciosas sombranellas da mesma côr temperavam o brilho ardente de seus olhos grandes e de uma negrura talvez demasiada; seu rosto era pálido, destacando-se ainda mais no meio dessa palidez o rubor de uns lábios úmidos e belos, que escondiam alvíssimos dentes; a elegância de seu colo, a formosura de seus braços, a delicadeza de suas mãos brancas, a perfeição de suas formas e a delicadeza da cintura, que se desenhavam por baixo das vestes amplas e ondeantes que trazia, completavam os encantos dessa mulher fascinadora. Um pezinho breve e gracioso tinha avançado além da barra de seu vestido; nada pois lhe faltava para ser formosa.

Ajuntai-lhe agora involuntária voluptuosidade nos movimentos e nas posições que tomava o seu corpo, e essa voz melancólica e arrebatadora com que entoava seus tristes cantos no seio da solidão, e tereis feito uma idéia, talvez ainda imperfeita, da interessante ermitoa.

Ela, porém, sentou-se sôbre o rochedo, e embebendo os olhos no lago, ficou meditando.

Era doloroso o meditar da ermitoa: às vêzes sua fronte se anuviava, encrespavam-se seus supercílios, como se em seu espírito se agitasse uma idéia de ódio ou de vingança, que vinham ainda denunciar-se em seus olhos que vibravam olhares de chamas; às vêzes suas faces se acendiam em vivíssimo rubor, como se a púrpura de pêlo se viesse derramar sôbre o mármore daquele rosto encantador, e às vêzes também todos os seus traços se contraíam, seu coração palpitava veemente, seus lábios tremiam em violenta convulsão, como se a lembrança do

passado, e nela o remorso de um grande crime, pusesse em torturas a sua alma e desfigurasse o seu rosto.

Mas nem uma queixa, nem uma palavra escapava de sua bôca, e nem mesmo nesse dia se lembrava a ermitoa de entoar algum de seus cantos costumados.

Ficou durante uma hora inteira assim em silêncio e imóvel sôbre o rochedo simulando uma estátua primorosa, obra de um cinzel de gênio.

Finalmente, arrancou do seio do peito um suspiro ansiado e doloroso, e do seio do lago seus olhos esquecidos; ergueu-se, desceu pausadamente o rochedo, e ia sem dúvida retirar-se, quando de uma moita de arbustos, que vizinha demorava, saltou rápido e inopinado um mancebo que veio cair de joelhos a seus pés.

A ermitoa recuou um passo... um grito estava prestes a escapar da sua bôca...

— Perdão!... mas nada receeis!... exclamou o mancebo.

Era Camilo! a ermitoa, parecendo reconhecê-lo, sufocou o seu grito; porém, voltando-se com prontidão, quis fugir...

Camilo prendeu-se com ambas as mãos à barra do seu vestido, como um náufrago que se agarra a uma tábua salvadora.

— Oh! não! não!... dizia êle.

A ermitoa sentiu que não podia escapar às mãos do mancebo; voltou-se pois, e fria como o rochedo em que estivera sentada, perguntou simplesmente:

— Que me quereis?...

— O que quero de vós? oh! quero muito!

— Levantai-vos, disse a ermitoa.

Camilo ergueu-se, como se obedecesse maquinalmente à voz daquela mulher.

— Que me quereis?... repetiu ella.

— Antes de tudo dizer-vos que vos...

— Esperei, disse a ermitoa suspendendo e interrompendo o mancebo: adivinhei a palavra que íeis proferir; não posso, nem devo ouvi-la.

— E que importa que eu a não profira, se tenho no coração o sentimento que ela exprime?...

— Mancebo, se ainda é tempo, tratai de salvar-vos: o meu contato empesta, fugi!

Camilo ficara imóvel, e devorando com os olhos a encantadora criatura que tinha diante de si:

— Eu vos fiz mal, bem o vejo: possa agora a minha voz ao menos despertar em vossa alma a prudência e a razão. Mancebo, eu sou maldita, e não devo ser amada. Queríeis dizer-me que sou bela?... oh! também há serpentes que ostentam côres brilhantes... fugi!

— Não! eu ficarei, e vos seguirei por tôda parte, como a sombra do vosso corpo! eu me prenderei a vossos passos, e vos obrigarei a tomar-me disto ou a matar-me! mulher, quem quer que sejais, eu vos amo!

— Desgraçado!

— Eu vos amo! repetiu Camilo.

A ermitoa levantou os olhos para o céu com indizível expressão de profunda melancolia, e, depois de alguns momentos, disse:

— Amar-me!... amar a peregrina desconhecida e suspeita, que ontem appareceu na montanha, sem que se saiba donde veio, e que amanhã talvez desapareça para sempre, sem que alguém possa dizer para onde foi! amar-me! amar uma mulher misteriosa que se esconde no seio da solidão, como se tivesse vergonha de mostrar-se aos olhos do mundo; que vai tôdas as tardes sentar-se à borda do abismo, como se tivesse nalma a idéia do suicídio, e que nos seus tristes cantos ora desprende o grito do remorso, ora deixa ouvir a risada do desprezo!... amar-me! amar uma môça que o povo chama doida, e que vive com uma velha que de continuo chora, e com

uma criança que pode ser sua filha!... amar-me! oh! mancebo, sabeis acaso se me deveis amar?...

— Sei que vos amo, e não preciso saber mais, disse Camilo com ardor e fogo; sim! sois a mais bela das mulheres, e não podeis deixar de ser virtuosa e pura; à obra mais completa do Criador não podia faltar a graça divinal da pureza. Eu vos amo!

— Mancebo! a paixão vos cega, vos arranca ao domínio da razão. Tudo que me cerca indica que eu não sou digna de um amor generoso e nobre: pobre forasteira, por que desertei de meus lares?... mulher bela, como me julgais, por que me retiro do mundo e fujo dos homens?... cantora da solidão, porque canto somente remorsos e desgraças? e essa velha que me acompanha, por que chora quando eu canto?... e essa menina que me segue, porque se ri quando me olha?... mancebo! desconfiai de tanto mistério... fugi!

— Quem quer que sejais, um grande infortúnio obscureceu o vosso passado; eu bem o vejo; mas do infortúnio à desonra há uma distância imensa, no meio da qual existe um abismo donde não se sai com a fronte serena, como a vossa fronte, e com o semblante cândido e formoso, como o vosso semblante: fostes desgraçada, e eu sinto-me com forças para vos tornar feliz: basta uma palavra, dizei-a!

— Eu nunca a direi, respondeu fria e dolorosamente a mulher misteriosa.

— Escutai, disse Camilo com voz pausada e calma, como a do homem que num momento solene fala profundamente convencido no que diz; escutai! eu nunca tinha amado; escutei o vosso canto e senti-me comovido... era ainda tempo de escapar ao meu destino (porque o meu destino sois vós) se me afastasse destes lugares; fiquei, porém, e vi o vosso rosto através de um véu que a minha imaginação desnublava, e vi-o ainda depois à luz do sol, e neste mesmo lugar; tudo ficou

decidido; eu vos amo com um amor que há de dar-me em breve a ventura ou a morte; isto agora é irremediável; é um destino que se deve e que se há de cumprir: a ventura ou a morte; decidi.

Camilo calou-se e esperou a resposta da ermitoa: o tom de sua voz decidido e firme, a simplicidade e a concisão da declaração que acabava de fazer, o brilho ardente de seus olhos e os traços visivelmente alterados de sua fisionomia, fizeram estremecer a mulher misteriosa.

Ela cravou suas vistas no lago, como se lhe pedisse uma inspiração, e depois de alguns instantes de silêncio, sem mesmo volver os olhos para o mancebo, perguntou:

— E se eu não vos pudesse amar?...

— Matar-me-íeis.

— E se eu não fôsse pura?...

— Matar-me-ia eu.

A mulher estremeceu de novo: com seus olhos negros, formosos e abrasados, contemplou por algum tempo Camilo, que se conservava firme e inabalável; uma expressão de indizível amargura se derramou por um momento em seu rosto, mas logo depois suas faces se acenderam, suas sobrancelhas encrespavam-se, seus olhos vibraram raios ardentes, e com voz trêmula pela comoção, ou por algum outro sentimento mais violento, perguntou de novo:

— Morreríeis?... matar-vos-íeis?... mas se eu vos apontasse com o dedo a serpente que me tivesse mordido no seio?

— A serpente?! exclamou Camilo tomando-se lívido como a imagem da morte.

— Sim! e se eu vos pedisse vingança?...

— Senhora, eu vos vingaria primeiro e me mataria depois.

— E em prêmio dessa vingança...

— Morrer a vossos olhos.

A ermitoa curvou a cabeça tristemente: Camilo, ferido pelas palavras que acabava de ouvir, compreendendo

que na vida dessa mulher fascinadora havia já uma hora de fraqueza e de vergonha, sentia que em seu coração a esperança se trocava pelo desespero, a vida pela morte; quando pôde vencer a violência dos diversos afetos que em sua alma se debatiam, sua voz se desprendeou, e frio e calmo na superfície, perguntou por sua vez:

— Não mentistes?

A ermitoa ergueu o rosto, e encarou espantada o mancebo.

— Não sois pura? . . . repetiu êle.

— Eu não vos disse o que eu era; respondeu a desconhecida.

— Ouvi falar de serpente, e de vingança. . .

— Embora. . . o meu passado é ainda um mistério para vós e para todos. . .

— Menos para um homem, disse Camilo.

— E quem é êsse homem?

— O Dr. Benedito.

A ermitoa estremeceu por terceira vez.

— Mancebo! quem vos deu o direito de perturbar o retiro da desgraça, observando o que se passa na sua morada? . . .

— Eu vos amo: respondeu simplesmente Camilo.

— Camilo! disse com voz enternecida a ermitoa; sois a esperança e a consolação de vosso velho pai.

— Conservai-me pois para êle. . . se é que podeis fazê-lo ainda.

— Lembrai-vos do seu amor!

— Meu pai também vos estima.

— Eu o sei, e talvez mais do que êle o pensa.

— Explicai-vos!

— Não posso.

— Mulher! eu vos supus o gênio bom da minha vida. . . nessas vestes brancas vi o sendal de uma inocência, que deslumbrou-me. . .

— Ah! e agora?...

— Agora receio bem que sejais para mim somente o anjo da morte, e que nesses vestidos brancos me prepareis uma mortalha.

— Insensato!

— Sois o meu destino: o que eu sinto é mais do que amor, é delírio; não posso vencer-me... agora é impossível; não posso também esperar muito... a dúvida me trucidou. Quem sois?... dizei.

A ermitoa hesitava.

— Haveis de dizer-me quem sois: eu vos amo!

— O sol já brilha há muito tempo, respondeu a ermitoa; minha mãe me espera. Mancebo! pensai... refleti: se tiverdes força para me esquecer, agradecerei a Deus, e nunca mais me procureis; se a paixão porém vos cegar ainda... se a despeito do que ouvistes, desejardes conhecer-me, e saber quem eu sou, encontrar-me-eis à meia-noite sentada no rochedo da *Bôca do Inferno*.

— Pois bem, disse Camilo; até a meia-noite.

— Adeus, Camilo! disse a desconhecida, dando um passo para se retirar.

— Uma palavra ainda, tornou o mancebo suspendendo-a.

— O que quereis?...

— Saber o vosso nome ao menos.

A ermitoa sentiu-se comovida.

— Jurais pela alma de vossa mãe, e pela vida de vosso pai, que a ninguém o direis?...

— Juro, sim! como vos chamais?

— Vicentina.

A mulher misteriosa, correndo, desapareceu aos olhos de Camilo, que repetia doce e vagarosamente, como se quisesse saborear-lhe a doçura o nome de — Vicentina!

VIII

PAI E MÃE

Fabiana tinha conseguido mais do que esperava: em seu infernal trama ella sòmente pretendia desacreditar Adriana na opinião de Américo, pois que pelo conhecimento do carácter d'este mancebo estava bem segura de vê-lo desistir de suas pretensões junto à filha de Cristiano, e mesmo de obrigá-lo a rejeitar a mão de Adriana, se lhe offerecessem.

A fortuna fêz ainda mais a favor da traição; Cristiano e Gabriela haviam apanhado Frederico de joelhos aos pés de sua filha, e esta, pensando cumprir um santo dever, fingindo-se culpada, e dizendo-se amante de Frederico, tornava impossível o seu casamento com o noivo escolhido por seus pais, os quais também não podiam, nem deviam lembrar-se mais de concluir o casamento projetado.

Fabiana havia observado tudo quanto se passara na sala, e retirando-se a tempo para seu quarto, deu conta exata de tudo a Frederico em um bilhete, que terminava com o seguinte conselho: 'Tudo vai bem! nada de vãos receios; amanhã a sua primeira palavra seja um pedido formal de casamento'.

Pela sua parte Cristiano e Gabriela se haviam completamente esquecido da ermida arruinada, e das misteriosas ermitoas: o espetáculo de sua vergonha os tornara indiferentes a tudo mais.

Vendo sua filha de joelhos a seus pés, e ouvindo a fatal declaração do amor que ella acabava de confessar, que votava a Frederico, Cristiano procurou debalde achar uma resposta para dar à filha que o tinha iludido e ultrajado, e depois de encará-la com expressão de cólera, durante algum tempo, como se receasse acabar por ceder aos ímpetos dos violentos afetos, que o dominavam, es-

tendeu o braço e mostrou com um dedo trêmulo a porta à mísera Adriana.

A moça compreendeu aquêlle sinal, e obdecendo a seu pai, ergueu-se chorando e retirou-se para seu quarto.

Cristiano e Gabriela ficaram sós: um longo e terrível silêncio foi finalmente quebrado pelo pranto de ambos.

— Desgraça! horrorosa desgraça! exclamou Gabriela; o Dr. Benedito tinha razão!...

— Sim! e o culpado sou eu, disse com voz surda e trêmula Cristiano; o culpado sou eu... mas eu me vingarei...

Gabriela olhou para seu marido espantada do tom com que êle pronunciara aquelas palavras, e mais espantada e temerosa ficou ainda quando viu as chamas brilhantes que dardejavam seus olhos.

— Cristiano!... murmurou ella erguendo ambas as mãos para o marido.

— A ti, a mulher, bradou êste; a mim, o homem: irás dizer a essa velha pérfida e infame que nem mais um instante se demore em minha casa; quanto a mim... sei bem o que me cumpre fazer.

— Cristiano!...

— Senhora! pela primeira vez em minha vida ordeno-lhe que me obedeça.

— Bem, disse Gabriela animando-se; já sei o que me cumpre executar; creio porém, que tenho ainda o direito de perguntar o que pretendes fazer.

— Eu?... pois não o adivinhaste já?... sou então um miserável, um cobarde, para que se duvide do que hei de fazer?

— Vingar-me, disse Cristiano com os dentes cerrados.

— E nossa filha?... exclamou Gabriela caindo de joelhos.

— Nós não temos mais filha.

— Oh! e o mundo?

— O mundo!... o mundo!... repetiu o pobre pai estremecendo.

— E o crédito de Adriana?...

— Foi ela que o perdeu!...

— E és tu, Cristiano; és tu que vais publicar a sua vergonha?

Cristiano caiu sobre uma cadeira, fulminado pelas últimas palavras de sua mulher.

— Pensa bem, meu bom Cristiano; oh! não percas de todo aquella desgraçada.

— Embora... tomou o pai ofendido; embora... tenho o coração cheio de ódio... repito... nós não temos mais filha!... e eu quero vingar-me!

Cristiano ergueu-se de repente e ia se lançar para à porta; mas Gabriela de joelhos, como estava, o suspendeu abraçando-o pelos pés, e dizendo-lhe com uma voz entrecortada pelos soluços:

— Perdão! perdão para minha filha!

E levantando-se logo depois, começou a girar pela sala, como uma louca, balbuciando maquinalmente:

— Minha filha!... minha filha!...

Cristiano dobrou-se ante aquella dor imensa que agitava a sua fiel e dedicada espôsa, abraçou-a apertadamente, chorou como ella chorava, e disse:

— Gabriela! não me acabes de matar!

— Oh!... respondeu-lhe a espôsa: vê bem que não me mates tu primeiro!...

— Eu?... podes tu dizer isso?...

— Sou mãe, murmurou Gabriela com uma voz trêmula, mas cheia de indizível ternura.

— Mas o que queres então?... o que queres?... não vêes que temos na vida de Adriana uma nódoa horrível, que só se pode lavar com sangue?...

— Chegemo-nos para cá, disse Gabriela levando pela mão o seu marido, e dirigindo-se para o lado da sala que ficava mais distante do interior da casa; falemos

baixo... talvez que tenhamos acordado alguém e que nos escutem... falemos baixo...

— Sim... falemos baixo... repetiu Cristiano tremendo por sua vez.

— O sangue não lava manchas, disse a infeliz mãe; o sangue denuncia somente a vergonha daquele que se vinga: oh!... nada de vingança... a vingança acabaria somente a obra do infame sedutor!...

Cristiano torcia as mãos com violência e desespero; sua esposa tomou-lhe uma dessas mãos, apertou-a entre as suas, e continuou:

— O que eu quero é que se não perca de toda minha filha!... minha filha tão boa e tão pura... quis se fazer infeliz... paciência! mas agora devemos nós torná-la mais desgraçada ainda?...

— Mas... esse miserável...

— Oh! sim! esse miserável, a quem eu detesto, como ninguém o pode detestar; esse miserável é um ladrão que nos roubou nossa filha... mas... agora, Cristiano, ela está roubada... entendes?... roubada por ele... pelo infame, e nós não a podemos mais dar a outro.

O pobre pai respondeu com um surdo gemido.

— A ermitoa previa!... cuidado! muito cuidado! nos dizia ela; e nós não tivemos cuidado!

— Fui eu!

— Não; fomos ambos. É um castigo; é uma lição: as famílias que se estimam e que não menosprezam a sua honra, não devem abrir as portas de suas casas a pessoas sem moral e sem crédito; e quando cometem a fraqueza de as admitir em seu seio, não têm depois direito algum de se queixar das desgraças que por isso lhes sobrevêm!... um sedutor é uma serpente; nós recebemos em nossa casa a serpente, ela mordeu-nos... foi um castigo!

Cristiano deixou cair a cabeça.

— Agora o que nos cumpre é esconder ao mundo a nódoa...

— E amanhã?...

— Amanhã... não será amanhã, Cristiano; será coração e rir nos lábios.

— Oh! é horrível!...

— Amanhã... não será amanhã, Crisitano; será daqui a pouco, porque o dia vem rompendo: daqui a poucas horas virá o infame sedutor pedir-nos Adriana em casamento.

— E eu hei de curvá-lo a meus pés.

— Não! não! pobre e mísero pai! hás de, bem como eu, dizer-lhe que sim; porque Adriana não pode mais ser espôsa senão dêle.

— E sacrificaremos assim Adriana?

— E não está ela já sacrificada, Cristiano?... Ah! pensa bem... estamos perdidos... não há mais felicidade para nós; agora o que nos resta é escolher a desgraça menos insuportável.

— Que desgraça mais horrível do que ver Adriana casada com um miserável?

— Há uma ainda mais horrível do que essa: é ver o mundo olhar para Adriana com desprêzo; é ver a sua desonra propalada, e saber que cada homem que olha para ela a considera indigna de ser sua espôsa! oh! isto é que me mataria forçosamente... sim! eu não poderia resistir e sobreviver ao descrédito de minha filha...

— E êsse infame...

— Êsse infame virá daqui a pouco: os infames não amam; e êsse infame calcula somente com o dote de nossa filha; êle, pois, virá pedir-nos o que sabe que nós *não lhe podemos mais negar*.

— Mas Adriana... aquela hipócrita... tão esquecida da educação que lhe demos! aquela ingrata... nos *iludiu!*...

— Lamentemos-la antes, Cristiano; Adriana foi arrojada no abismo... como, não sei; mas agora, ainda que o soubéssemos, já era tarde para prevenir a desgraça.

— Deus lhe prepara um horroroso castigo! ela fez o seu infortúnio por suas mãos!

— Quando estávamos tão perto de assegurar a sua felicidade!... louca! infeliz!

— Oh! e agora, Gabriela, o que diremos nós ao Dr. Benedito?... o que diremos nós a Américo?... ah!... depois de tantos cuidados, de tantos desvelos gastos com ela, a ingrata agarrou-me pelos meus cabelos brancos, arrasta-me pelo pó das ruas, envergonha-me e desonra-me diante de todos!

— Cristiano!

— Ah! sim! dize pois: o que dirás tu ao Dr. Benedito?... confessar-lhe-ás tudo, não é assim?... Confessarás a nossa vergonha!

— Não... não, meu amigo; eu lhe direi simplesmente que nossa filha teve a infelicidade de amar ao... infame, e que...

— E que nós a sacrificamos ao infame! bem, bem, excelentemente! disse Cristiano com uma ironia desesperada; e a Américo, o que direi eu?... pouco mais ou menos a mesma cousa!

— Cristiano!

— E pensas que eles nos acreditarão?... oh! não! o doutor, que é bom e nobre, adivinhará a nossa vergonha, fingirá acreditar-nos, e chorará escondido a desgraça de seus amigos; e Américo, bem, mas estouvado... crês tu que ele se não vingue da afronta que vai receber?... crês tu que ele tenha piedade de nós, como o Dr. Benedito?...

— Américo é um excelente môço... e se elle suspeitasse o que se tem passado, não seria capaz de concorrer para aumentar os nossos pesares.

— Américo... tão estouvado! oh! se tenho medo deste dia que está amanhecendo: porque não morri eu ontem, meu Deus!

O pobre pai começou a chorar desesperadamente, e ajoelhando-se, ergueu as mãos e repetiu mil vezes:

— Meu Deus! meu Deus!... tende compaixão de um pai desgraçado! matai-me, meu Deus, matai-me!

Gabriela ajoelhou-se também, e lançando os braços em torno do pescoço de seu marido, puxou-o para si, e apertando-lhe a cabeça contra o seio, chorou com êle, dizendo-lhe por entre lágrimas:

— Deus é grande! Deus é grande! Deus é grande!

Aquela mãe extremosa, que já não tinha mais esperança alguma na terra para fazer feliz a sua filha, voltava seu coração exclusivamente para Deus.

IX

O ESTOUVADO

Dormiam ainda sossegadamente todos os hóspedes de Cristiano, bem que já fôsem sete horas da manhã, quando um criado anunciou a êste que Américo desejava falar em particular a êle e a Gabriela.

Os dois infelizes esposos estavam tristemente sentados defronte um do outro na sala de jantar, e estremeceram ouvindo o anúncio da inesperada visita de Américo.

— Faze-o entrar para aqui mesmo, disse Cristiano.

E depois que o escravo saiu, continuou voltando-se para Gabriela.

— Devia ser assim! é o estouvado que sabe tudo, e que vem lançar-nos em rosto a sua afronta e a nossa vergonha!

Gabriela não teve tempo de responder, porque Américo acabava de entrar.

O mancebo estava pálido e desfigurado: em seus olhos fundos brilhavam olhares de fogo, que êle procurava esconder não demorando nunca suas vistas em nenhum objeto; a despeito talvez de seu cuidado, notava-se em seus vestidos, como em seus modos, um desleixo que lhe não era natural.

— Perdoe-nos, disse Cristiano, se o não fomos receber na sala: minha mulher passou mal a noite, e...

— E também eu, senhor, também eu passei horrivelmente a noite, e vim aqui para dizer o motivo disso.

Cristiano olhou com uma indizível expressão de dor para sua mulher, que de sua parte sentiu que estava prestes a desfalecer.

— Estamos sós? perguntou Américo.

— Sim, respondeu maquinalmente o mísero pai.

— Senhora, disse Américo voltando-se para Gabriela, ontem senti que se me abria o céu, e deslumbrei-me à luz que tocou meus olhos.

O mancebo parou: via-se que falava à fôrça e que trabalhava para encadear sem desordem um discurso que estudara.

— Sim... a minha má fortuna e a minha posição bem mediocre não impediram que dois dos meus melhores amigos quisessem abrir-me o seio de sua família e honrar-me com o título de seu filho.

A ansiedade de Cristiano e Gabriela dobrava a cada palavra. Américo prosseguiu:

— Os senhores me levantaram acima do que posso merecer; mostraram a meus olhos a maior das felicidades... eu vi a virtude, a beleza, e, o que pouco importava para mim, mas o que a outros muito importa, a riqueza também: enfim, eu fiquei sabendo que não me seria impossível alcançar a mão da Sra. D. Adriana.

O mancebo respirou como fatigado e continuou:

— No primeiro momento, e durante todo o dia de ontem, o espetáculo de tanta felicidade que se me pro-

porcionava me desorientou... não pude pensar... nem refletir...; mas veio a noite... veio a reflexão, e eu lembrei-me, enfim, que já não posso dispor de mim.

Cristiano e Gabriela olharam espantados um para o outro.

— Senhores, prosseguiu Américo, eu tenho a minha palavra empenhada... fiz uma promessa de casamento na côrte... enfim, venho pedir perdão ou castigo, porque não me é possível aspirar à glória que me seria concedida.

Cristiano ia falar, mas o mancebo continuou:

— Peço licença para encarregar-me de dar tôdas as explicações necessárias ao Dr. Benedito, e, por último, creio que, depois do que acabo de dizer, a minha pronta retirada...

Gabriela levantou-se chorando:

— Meu amigo! disse ela, nós compreendemos tudo! fale ao doutor; mas... um derradeiro sacrifício... não nos deixe.

— Senhora, respondeu o mancebo, tanta bondade, quando eu sinto que ofendo com a minha leviandade aos meus bons amigos!

— Oh! senhor... senhor...

— Eu tenho a cabeça perdida... De que sacrifício me fala, senhora?... quer que eu fique, que me demore em sua casa, apesar da má ação que pratiquei?... ah!... não... não...

— Há de ficar, sim... e para sempre... embora se não case com nossa filha, oh!... sim! o senhor será, e é nosso filho: ouviu? o senhor é nosso filho!

Américo beijou a mão que lhe dava Gabriela.

— Bem... bem... mas eu darei tôdas as explicações ao Dr. Benedito; e a sua bondade, minha senhora, chegará ao ponto de desculpar-me perante a senhora sua filha, e de conseguir dela o meu perdão?...

— É muito! exclamou Cristiano; é muito! oh, nobre mancebo!... ainda há poucos momentos eu te dava o

nome de estouvado!... perdoa-me! perdoa-me! abraça-me, e chora comigo!

Américo lançou-se nos braços de Cristiano.

— Oh! disse Cristiano com arrebatamento: Américo! Américo! tu és digno de teu pai!

— De meu pai?... exclamou o mancebo levantando os braços: de meu pai?...

— Cristiano! bradou Gabriela.

— Ah! ah! quem era, quem é meu pai?...

— Mancebo! disse Cristiano; há segredos que não revelamos aos nossos melhores amigos, porque não são somente nossos.

— Tendes razão, senhor! disse com amargor Américo; tendes razão. Eu darei tôdas as explicações ao Dr. Benedito.

E acabando de proferir essas palavras, saiu da sala triste e vagarosamente.

X

O NOIVO DE ADRIANA

O mundo é um demônio, que às vêzes faz do fingimento um dever para a própria virtude; e assim como a hipocrisia chora com os olhos, em certas circunstâncias, em que tem o coração alegre ou sossegado, também, o homem nobre se vê forçado pelo mundo a rir às vêzes com os lábios, tendo o seio afogado em pranto e a alma dilacerada!

Os amigos de Cristiano enchiam a sala; a velha Fabiana estava pensativa, Leonor alegre, Frederico recostado a uma janela, sossegado e calmo, Adriana pálida e abatida, mas forcejando para diminuir a sua dor; todos os outros contentes, até mesmo Cristiano, que se sorriam e conversavam!

Cristiano e Gabriela sorriam-se, ora para um, ora para outro de seus amigos; mas nunca, ou só de relance, olhando para sua filha!...

E como não haviam de rir-se êsses infelizes pais, se ali de redor dêles estava o mundo... o terrível mundo, que podia suspeitar e adivinhar a sua desgraça, se em sua imensa tristeza êles deixassem entrever a causa da sua dor?

Quantas vêzes o ruído de um prazer simulado abafa os gemidos sinceros que um grande infortúnio arranca do coração! é porque também há dôres que fazem corar de vergonha, dôres que ninguém pode curar, infelicidades para as quais não há consolação possível, e que o mundo estúpido e mau lança a culpa delas aos próprios que as experimentam!

Só faltavam na sala o Dr. Benedito e Américo, Cristiano e Gabriela pareciam esperá-los com ansiedade e ao mesmo tempo com receio: finalmente mostrou-se à porta a nobre figura do médico.

O rosto do Dr. Benedito estava contraído e denunciava forte contrariedade; o seu primeiro olhar foi terrível, e caiu como um raio sôbre a velha Fabiana, que estava sentada defronte da porta; olhou depois com viva expressão de curiosidade para Adriana, e, enfim, encarando por último Cristiano, fêz-lhe com a cabeça sinal de que precisava falar-lhe.

Cristiano dirigiu-se com o seu velho amigo para o terraço, e dando-lhe o braço, começou a passear, dispondo-se a ouvi-lo.

— Adivinho, doutor, o motivo da aflição que em sua fisionomia se está lendo.

— Entretanto eu o vejo rindo.

— Agora... aqui, não.

— Mas quando entrou na sala...

— Doutor! na sala eu tenho obrigação de esconder o que sofro.

— Entretanto pouco disso... eu sou franco e não escondo nada.

Cristiano não respondeu.

— Acabo de estar com Américo, disse Benedito...

— Sim... e êle lhe disse o mesmo que me veio dizer há duas horas.

— Pois disse-nos a ambos uma mentira!

— Não me compete a mim procurar saber se êle disse verdade ou mentira.

— Então!...

— O Sr. Américo declarou-nos polida, mas formalmente, que não podia se casar com minha filha.

— Bem; e depois?

— Tudo está decidido.

— Mas se eu afirmo e juro que tudo isto é o resultado de uma nova intriga daquela velha pérfida e má?

— Desta vez não posso convir nisso, doutor.

— Por quê?

— Porque não compreendo como D. Fabiana poderia obrigar ao nosso Américo a vir confessar-me que já deu palavra de casamento a uma senhora na côrte.

— Ele disse-lhe isso?

— É verdade.

— Sim... sim... o cabeça de vento disse-me também a mesma coisa!

— Vê portanto...

— Vejo cada vez mais o gênio mau daquela velha embrulhando esta questão! Américo mentiu; porque ainda na noite atrasada confessou-me que amava sua filha.

— Suponho que se podia descobrir a mesma confissão no que êle me disse ainda hoje de manhã.

— Então, já vê...

— Mas ao mesmo tempo êle manifestou francamente a sua decisão, declarando que está obrigado a sa-

tisfazer à palavra que deu; e nisso prova que sabe cumprir com os deveres de homem de bem.

— E o que se passou durante o dia e a noite de ontem?

— Doutor, eu tenho obrigação de lembrar-me somente do que Américo me veio declarar hoje.

Benedito fêz-se muito sério, e disse:

— Eu pensava, Cristiano, que a respeito de Américo tu tinhas ainda outras obrigações.

— Sei que tenho, doutor, e juro que hei de cumprilas até o fim.

— Mas quanto ao casamento de Américo com D. Adriana?

— Não é possível.

Benedito tornou-se ainda mais sério, e disse sentidamente:

— Eu bem sei que para envolver-me nisto só tenho o direito da amizade, e pode ser que me haja adiantado muito.

— Doutor!

— Talvez mesmo por me adiantar muito em tudo que diz respeito a Américo, tenha dado lugar a que a maldicência morda na minha vida, dizendo-se que sou pai dêsse pobre mancebo.

— E está arrependido, doutor, do que tem feito por êle?

— Não: estou velho, sei o que é o mundo, não lhe dou satisfação, porque o desprezo, e faço o que entendo: hei de ainda continuar a proceder como até aqui, e tanto, que vou agora mesmo pedir-lhe um favor.

— A mim?

— É verdade: peço-lhe que suspenda por três dias qualquer decisão a respeito do casamento que tínhamos projetado para Américo.

— Também já não é possível, doutor, respondeu tremendo Cristiano.

— Como?... não é possível?

— É certo: o casamento de minha filha já está decidido.

O Dr. Benedito empalideceu.

— E com quem, Cristiano!... e com que?... será ao menos possível que eu saiba com quem?

— Recebi esta manhã uma carta de Frederico.

— De Frederico?

— Na qual elle me pedia a mão de Adriana.

— Sim... mas nem resposta lhe deste...

— E daí a pouco minha filha veio cair a meus pés, e falou-me de modo que...

— Acabe... acabe...

— Que me vi obrigado a fazer o que não queria!

— Isto, sim, é que não é possível!... exclamou Benedito.

— E entretanto, nada mais certo!

— Ah!... mas D. Gabriela ainda não sabe de semelhante projeto de casamento.

— Pelo contrário, minha mulher uniu-se a minha filha para conseguir o consentimento, que eu negava.

— É impossível! repetiu Benedito recuando dois passos...

— Doutor!...

— Apostaram todos de me endoidecer hoje, porque isto não pode ser senão uma zombaria!

— É uma triste realidade, meu amigo!

— Como?! pois haverá um pai que entregue sua filha a um homem sem crédito, e sem honra, e só conhecido pelos desregramentos de uma vida de deboches e indignidades?

Cristiano ficou calado.

— Ah! Cristiano! Cristiano! se tudo isto não e uma zombaria imperdoável, é pelo menos um ato de tão espantosa loucura, que o meu espírito ainda não lhe admite a possibilidade. Cristiano! Cristiano! Amamo-nos

como irmãos, desde a infância... olhei até hoje para Adriana como se ela fôsse milha filha... e êste golpe... êste golpe...

— Doutor! doutor!

— Cristiano, sempre fôste um homem fraco, leve e inconseqüente: eu não acredito no que me dizes; isto não pode ser, e não se fará; quero falar com tua mulher...

E dizendo estas palavras, o Dr. Benedito deixou Cristiano só no terraço, e entrando na sala, dirigiu-se a Gabriela e disse:

— Já sei que passou mal a noite, e que ainda não se acha de todo boa...

— É verdade, doutor; mas creio que não é cousa de cuidado.

— Vejamos sempre o que há..... tenho ordem de levá-la para dentro... vamos.

— Vamos, doutor; o poder dos médicos é absoluto. E saíam ambos da sala.

Cristiano não tinha dito a verdade em tudo ao Dr. Benedito.

Frederico, com efeito, escrevera uma carta lacônica, mas expressiva, pedindo a mão de Adriana, e exigindo uma resposta pronta; pois que, a não recebê-la, julgava-se obrigado a retirar-se imediatamente; mas Adriana não caíra de joelhos aos pés de seu pai, pedindo-lhe o sacrificio a que se via condenada.

Cristiano e Gabriela foram ao quarto de sua filha; obrigaram-na a sair com êles, e em uma sala retirada, o pai leu em voz baixa a carta que acabava de receber, e dobrando-a depois, disse:

— A vista do que se passou esta noite, creio, senhora, que é desnecessário perguntar-lhe a sua opinião sôbre a matéria desta carta; eu cedo às circunstâncias; vou responder que convenho no seu casamento: agora pode retirar-se; peço-lhe, por último, que enxugue o pranto, e que não faça com que alguém suspeite a minha vergonha.

Adriana estremeceu ante a idéia do seu casamento com Frederico, ergueu a cabeça para protestar; mas encontrou diante de seus olhos sua mãe desfeita em lágrimas, e olhando-a com uma dor imensa, porém ainda com indizível ternura: — pobre filha! murmurou apenas.

— Minha mãe!

A mãe que não a podia compreender, e que ao mesmo tempo não teve forças para resistir ao nome sagrado que Adriana soluçando pronunciara, abraçou-a apertadamente, e disse:

— Minha filha!... minha filha!... talvez sejas feliz... eu te abençoarei de todo o coração!

A filha escutando essas palavras, sentiu-se arrebatada pelo amor que votava à sua mãe; julgou ouvir um pedido, onde havia apenas uma consolação, e disposta já a todo e qualquer sacrifício:

— Sim, meu pai, exclamou! eu quero casar-me com o Sr. Frederico... eu o amo... e não hei de chorar mais!

E fugiu de novo para seu quarto.

Quando teve de aparecer na sala, Adriana trazia os olhos injetados e inchados, e queixava-se a cada pessoa que a ela se chegava de ter passado a noite em claro, com horríveis dôres de cabeça.

À entrada de Frederico na sala, voltou os olhos como se a sua presença a horrorizasse, mas pouco depois teve a coragem de sorrir-se para êle, ouvindo os cumprimentos que lhe fazia: seu pai estava perto.

A primeira vez que se encontrou nessa manhã com a velha Fabiana, disse-lhe com rapidez estas breves palavras:

— Caluniaram minha nobre mãe, senhora: daqui a pouco terá uma prova evidente de que não era a minha mãe que aquêle homem procurava.

— Estimo muito, minha filha, disse a velha.

O que, porém, Adriana mais receava era a presença de Américo: a maneira por que se comportara com êle no dia e noite antecedente, davam ao mancebo o direito de julgá-la ou louca ou muito repreensível. Américo tardava: o Dr. Benedito appareceu depois de todos, e ainda antes de Américo.

Enfim, êle também entrou na sala.

Um pouco abatido, mas alegre e vivo, como sempre se costumava mostrar, Américo veio dizer algumas palavras agradáveis, mas indiferentes, a Adriana, e logo depois misturou-se com os outros cavalheiros: nem uma só frase amorosa, êle que as dissera tantas no dia antecedente! e nem uma queixa, nem uma palavra que revelasse a menor suspeita!

Embora não pudesse compreender e explicar o procedimento de Américo, Adriana respirou.

Benedito e Gabriela entraram de novo na sala: a espôsa de Cristiano tinha alcançado um verdadeiro triunfo; pois que Benedito sabendo que era inevitável o casamento de Frederico e Adriana, havia protestado retirar-se logo, e Gabriela conseguira fazê-lo demorar-se.

— E sabe, dissera o velho médico, e sabe que é um horrível sacrificio êste que se me impõe?

— Sei, respondeu Gabriela; mas um dia o pagarei, e bem caro!

— Como?

— Aclarando-lhe um mistério ainda mais horrível do que o sacrificio que lhe impomos.

— Explique-se.

— Não; agora, não: ainda é cedo.

Benedito calou-se, e acompanhou triste e silenciosamente a espôsa do seu amigo.

À mesa do almoço, quando já todos se dispunham a levantar-se, Cristiano, com voz trêmula e comovida, disse:

— Meus amigos, tenho a satisfação de participar-lhes que o Sr. Frederico pediu-me a mão de minha filha.

e que o seu casamento com ela, mercendo a nossa aprovação, e sendo muito do gosto de Adriana, deverá em breve ter lugar.

Os parabéns que choveram sobre os noivos abafaram um longo suspiro de Gabriela.

A velha Fabiana sorria-se triunfante; Benedito estava pálido; Américo frio e impassível.

Mas no meio de todos estes parabéns a noiva desmaiou...

Quando ela tornava a si, nos braços de suas amigas, que a tinham socorrido, dizia uma senhora à velha Fabiana:

— Está decidido que também o prazer é capaz de matar!

— É verdade, respondeu a tia de Leonor; e depois acrescentou falando consigo mesma:

— Eis aqui como se engana o mundo!

XI

O ÚLTIMO FAVOR

Mal reanimada ainda nos braços de suas amigas, Adriana ergueu-se de pronto a uma palavra de sua mãe.

Gabriela, que temia sobretudo que alguém pudesse suspeitar o terrível segredo que perturbava a paz de sua família, e que podia pôr em risco o crédito de sua filha, não desamparava um só instante Adriana, e vendo-a tão triste, abatida e desalentada, quando parecia que só devia mostrar-se satisfeita e alegre, abraçou-a, e fingindo querer beijá-la, murmurou baixinho em seu ouvido.

— Reanima-te, minha filha! oh! é preciso que estejas bem contente!

Adriana levantou-se com a resignação na alma e o sorriso nos lábios.

Aquela boa mãe e aquela boa filha sofriam torturas cruéis uma pela outra, e não se podiam compreender!

Gabriela empregava todos os seus esforços e sacrificava tôdas as suas simpatias para salvar a honra de sua filha, que acreditava em perigo; e Adriana sacrificava o seu amor e todo o seu futuro; e ia entregar-se a um homem que não amava, para conservar ilesa e pura a honra de sua mãe, que supunha em perigo também.

Gabriela não se explicava com Adriana, porque, depois da cena ocorrida na noite que acabava de passar, julgava tôda explicação inútil; e Adriana não se explicava com Gabriela, porque tremia diante da idéia de fazer sua mãe corar a seus olhos.

O triunfo da intriga e do crime parecia portanto seguro. A velha Fabiana exultava; Frederico calculava já com o dote da sua noiva.

As senhoras retiraram-se enfim da sala onde se havia servido o almôço; Adriana deixou-se levar por elas, os cavalheiros as acompanharam, e ficaram sós o Dr. Benedito, Cristiano e Gabriela.

O velho médico estivera durante todo o almôço meditando profundamente, como se algum projeto se estivesse cuidadosamente organizando em seu pensamento: quando se viu só com os donos da casa, levantou-se e disse:

— Agora, nós: duas palavras sòmente.

A um sinal de Cristiano todos os escravos se retiraram, e os dois amigos e Gabriela se reuniram em grupo num dos cantos da sala.

— Já fiz um grande sacrifício, disse Benedito; creio que devem estar contentes comigo.

— Sim, respondeu Gabriela; nós reconhecemos o novo obséquo que lhe devemos.

— Creio, portanto, que posso retirar-me.

— Retirar-se?... e para onde?... perguntou Cristiano.

— Para a côrte; está visto.

— Ah! doutor!

— Pois ainda pretendem exigir mais de mim?...
ainda mais?...

— Sim, disse Gabriela; ainda muito mais.

Benedito encruzou os braços sôbre o peito e respondeu:

— Pois bem; vejamos: o que desejam que eu faça?... podem dizer tudo sem hesitação nem receio; estão vendo que, apesar do meu carácter, estou calmo e frio.

— Doutor, nós queremos que se não vá, e que fique conosco até o fim.

— Até o fim de quê?

— Até que tudo se complete, doutor: você é o nosso bom amigo, e a sua retirada podia dar lugar a alguma explicação desagradável.

Benedito encolheu os ombros, como quem dizia: não me importa.

— Ah!... não... não... não se mostre assim: agora mais que nunca precisamos da sua amizade; pois não vê que para Cristiano e para mim também êste casamento é uma verdadeira desgraça?

— E por que então o consentem?

— Porque não temos outro remédio, meu amigo!

— O que é que não tem remédio, quando se confia em Deus e se trabalha com fé e com força para vencer o infortúnio?

— Doutor, nada de perguntas, nem de observações; lembre-se do que lhe disse antes do almoço, e da paga que lhe prometi dar-lhe em trôco do seu sacrifício.

— Oh! mas essa paga virá bem fora de tempo!

— Paciência... mas verá então que nós não podíamos fazer senão o que fazemos.

— E eu?

— Fará o que tem feito até hoje; será o nosso fiel amigo da bonança e da adversidade.

— Portanto, não se me querendo dizer nada, exigem sempre de mim...

— Que fique, e que assista ao casamento de Adriana.

— Com Frederico?... disse tremendo Benedito.

— É verdade.

— Sabe, porém, que eu aborreço êsse homem.

— Sim, sabemos.

— Oh! mas não sabem porque eu o aborreço... não o sabem, não... porque é um segredo... e porque o segredo que se diz ao médico é tão sagrado como aquele que se diz ao confessor!

— Doutor... o que quer dizer?

— Nada: quem fala aqui é simplesmente o amigo; o médico deve ser mudo.

Cristiano e Gabriela calaram-se.

— Mas o que exigem de mim, continuou Benedito, é um sacrifício ainda maior do que êsse que acabei de fazer.

— Também não o ignoramos.

— Sim; porém eu tornei-me interesseiro, e vendo os meus favores por alto preço; quero pois a paga do meu sacrifício.

Cristiano e Gabriela fingiram que se sorriam.

— Eu falo sério, disse Benedito.

— Mas é que nós o compreendemos.

— Quero dizer que só me demorarei aqui, se subcreverem as condições que vou apresentar.

— Fale, doutor.

— Adivinho que Frederico não ama a nossa infeliz menina; somente o interesse o move; é portanto a minha primeira condição, que êle se case com escritura de dote e arras.

— Era essa a minha intenção, disse Cristiano.

— Provavelmente admiram-se de que eu teime sempre em me entremeter nos seus negócios domésticos.

— Oh... não... não!...

— Vou ainda adiante: é a minha segunda condição, que eu fique encarregado de apresentar na hora competente as testemunhas, que devem assinar a escritura.

— Nós contávamos com você, doutor.

— Eu não; isso nunca.

— Mas então...

— Encarrego-me das testemunhas.

— E quais são elas?

— Duas ou três.

— Porém quais?

— É outro segredo meu. Todos aqui têm atualmente o seu segredo; creio que posso também ter os meus.

— Sim... mas...

— Exigem de mim sacrifícios: por que não poderei eu impor condições?

— Parece uma extravagância...

— Ora, quem fala em extravagâncias?... o meu bom Cristiano, que acaba de condenar sua filha à maior de todas as desgraças.

— Doutor!

— Sim ou não?

— E se Frederico quiser saber os nomes das testemunhas?

— Diga-lhe o que me acaba de ouvir, e acrescente que é uma extravagância minha.

— E se ele insistir, e quiser oferecer algum de seus amigos para testemunha?

— Que ofereça e apresente cem; eu me contento com duas ou três testemunhas apresentadas por mim.

— Mas com que idéia?

— Já disse que é um segredo meu.

Cristiano e Gabriela tomaram a calar-se; e pouco depois Benedito acrescentou:

— Eu fico, meus amigos; eu os acompanharei até o fim, e não os deixarei um só instante, enquanto julgar que a minha amizade lhes pode ser útil.

Cristiano apertou a mão do velho médico, e Gabriela voltou o rosto para esconder as lágrimas que dos olhos lhe caíam.

— Sim, eu ficarei, continuou Benedito: e o que há pouco exigi como condição, peço somente como um último favor.

— E não nos explicará?

— Não, não posso; nem depende de mim.

— Como?

— O que eu posso somente dizer é, que ainda não disse a última palavra sobre este casamento... e a última palavra hei-de dizê-la eu!

— Doutor, explique-se...

Os olhos de Benedito acenderam-se.

— Essa mulher indigna e perversa, que trema!... essa mulher que jurou fazer a desgraça de todos aquêles a quem amo, que trema por sua vez; porque eu posso fazê-la cair a meus pés e chorar de joelhos diante de mim!

— Doutor! doutor!

— E êsse homem sem honra... êsse sedutor, essa fera...

Benedito suspendeu-se.

— Acabe, disse Gabriela.

— Pedi um último favor, disse o velho médico serenando: insisto e empenho tôda a amizade que mereço, para conseguí-lo.

— Doutor, ordene.

— As testemunhas da escritura de dote e arras serão apresentadas por mim...

— Sim, eu lho prometo.

— Palavra de honra?

— Palavra de honra.

— Cristiano! disse Benedito apertando fortemente a mão do amigo: veremos ainda com quem se casará tua filha.

XII

A BORDA DO ABISMO

Fazia uma noite horrível.

A atmosfera pesada carregava sôbre a terra, como se devesse sufocar o homem!

A noite escura e feia ameaçava tempestade: ninguém a diria uma noite dos nossos meses de inverno; sua pavorosa negridão era apenas rompida de instante a instante por brilhantes e sucessivos relâmpagos.

O céu estava negro; o vento rugia rojando-se por sôbre as árvores seculares da floresta, cujos ramos estalavam com um ruído sinistro.

Só faltava o trovão.

Ninguém passava nas estradas; as casas das fazendas e dos sítios estavam trancadas; fôra um louco aquêlê que se atrevesse em horas tais a assoberbar a fúria dos elementos.

Entretanto às onze horas da noite, pouco mais ou menos, abriu-se uma janela na casa de Mariano, e um mancebo lançou-se de um salto no terreiro.

Esse mancebo era Camilo, que, envolvendo-se cuidadosamente com uma capa, começou a caminhar a pé, mas com passo apressado, para a ermida arruinada.

Depois de meia-hora de marcha, principiou a subir o monte da ermida, e rompendo o silêncio que até então naturalmente guardara, disse, como se falasse com alguém:

— A noite está escura e tempestuosa! Quem sabe se ela se animará a sair da ermida?... não importa... vejamos sempre.

E continuou a subir com a mesma presteza com que viera.

Indiferente, pelo que dizia respeito à sua individualidade, ao furor da tempestade, Camilo sentiu que seu coração começava a palpitar açodado ao aproximar-se do abismo onde se devia encontrar com a mulher misteriosa.

A alguns passos apenas do abismo terrível, ainda não podia distinguir objeto algum, porque tudo era negro em tórno dêle; mas um relâmpago brilhou, e à luz da tempestade Camilo viu uma figura de mulher branca e imóvel, como uma estátua, sentada na rocha que dominava o abismo.

— É ela! disse estremecendo involuntariamente: é ela!...

E atirou-se para o sinistro sítio.

Um instante depois Camilo e Vicentina estavam junto um do outro e não se viam; um novo relâmpago iluminou a um tempo os semblantes de ambos.

— Eis-me aqui, Vicentina, disse Camilo com voz trêmula pela comoção que sentira ao ver-se perto da formosa mulher.

— Eis-me aqui também, Camilo, respondeu a môça com acento melancólico.

— Obrigado: viemos ambos apesar da tempestade. Sabeis o que isto quer dizer, Vicentina?

— O quê?... a tempestade?...

— Sim, a tempestade.

— Quer dizer que o céu te quis fechar o caminho da desgraça e da perdição, Camilo.

— Não, Vicentina; quer dizer que as nossas almas estão acima da tempestade que aterra os fracos e os que não amam; quer dizer que o teu amor me fará sorrir de ternura e felicidade ao pé mesmo da morte.

Um trovão surdo começava a ouvir-se ao longe.

— Ouvis?...

— O quê?

— O trovão, Camilo.

— Não; eu escutava o que me dizíeis, e ouvi também um suspiro que vos escapou do seio.

— Pois o céu troveja, Camilo, e começou a trovejar quando faláveis de amor. É ainda um aviso do céu: fugi.

— Vicentina, eu fico.

— E com que intento?...

— Podeis perguntá-lo?... quem marcou a hora e o sítio fostes vós; dissestes — à meia-noite e à borda do abismo; — eis-me aqui.

— E porventura me não encontrastes também?...

Que mais quereis?

— Ouvir-vos.

— Que vos direi eu, pois, Camilo?

— A verdade, a verdade só e mais nada. A minha primeira e última palavra já vo-la disse à margem do lago: quereis ouvi-la de novo?... repeti-la-ei mil vêzes com o mesmo fogo — eu vos amo! — respondi agora.

A mulher misteriosa guardou silêncio, como se estivesse refletindo; depois de alguns instantes perguntou:

— Vosso pai sabe que viestes aqui?

— Não.

— Já lhe confessastes o amor que me jurais e o amor que me pedis?

— Também não.

— E se depois de me arrancardes a confissão de um amor, que tanto mostrais desejar, vosso pai se levantar entre nós, o que fareis?

— Meu pai me ama.

— Por isso mesmo, Camilo.

— Não vos compreendo.

— Oh! pois é bem fácil; vosso pai vos perguntará: quem é a mulher que amais? e vós lhe direis apenas — é uma forasteira; — vosso pai vos pedirá explicação da minha vida de solidão e de isolamento, e vós lhe res-

ponderéis somente — é um mistério! — êle quererá saber como correu o passado da minha vida, e vós não lhe falareis senão das esperanças do futuro da vossa. Mancebo, não vêdes, não sentis que o vosso amor é uma desgraça?

— Fazei-o, pois, uma felicidade.

— Ah! e como?

— Dizei-me quem sois, donde viestes, e que motivo vos obrigou a procurar a solidão e o isolamento.

— Sabeis o que pedis?

— Sei que peço a minha vida.

— E se estivesse pedindo a minha morte?

Camilo estremeceu.

— Pensai bem vossas palavras, Vicentina! eu as colho, guardo-as, comparo-as uma a uma, e tenho já estremecido mil vêzes diante de uma idéia assassina.

— E que idéia é essa?... perguntou Vicentina sossegadamente.

Camilo não respondeu.

Os trovões surdos que rolavam ao longe de espaço a espaço iam-se pouco a pouco aproximando, e cada vez mais se amiudavam; os relâmpagos se sucediam com um clarão infernal.

— A borrasca está a ponto de rebentar, disse Vicentina; mancebo, separemo-nos.

— Não, respondeu Camilo elevando a voz, que se misturou com o trovão; eu vim aqui para ouvir-vos; e ainda me não dissestes nada.

E como visse que Vicentina não falava, prosseguiu:

— Mulher, não posso por mais tempo suportar uma vida que a dúvida tortura. Eu vos amo com essa ardente paixão que cega o homem a ponto de levá-lo ao crime. Vossa beleza desvairou-me... estou louco: haveis de ser minha à face de Deus e dos homens, ou eu morro. Já vo-lo disse mil vêzes, e o repito de novo.

— Camilo... ia dizendo Vicentina.

— Esperai agora; deixai-me ir até o fim, continuou o mancebo. Não vos peço um amor filho da piedade, não quero um afeto que nasça do coração e que seja irmão do meu; se me não podéis amar, dizei, e tudo estará acabado; o que mais suceder não será culpa vossa, nem me ouvireis uma só queixa.

— Mas se acaso...

— Escutai ainda. Vivo no mundo e entre os homens, e quero continuar a viver com eles sem que me seja preciso curvar a cabeça ou fugir da sociedade espantado pela vergonha; é preciso, pois, que não somente me deis o vosso amor, mas ainda que eu possa ufanar-me dêle. Sois pobre?... eu tenho bastante para tornar-vos rica. Há unicamente uma coisa que eu não vos posso dar, se não a tendes, e que é preciso que tenhais para serdes minha — é a pureza.

O ruído da tempestade abafou um soluço que escapara a Vicentina.

— Perdão, Vicentina, prosseguiu Camilo; perdão, se minhas dúvidas vos ofendem! oh! elas me doem mais ainda do que vos podem doer!... a dúvida é um demônio que hoje me persegue de continuo! a dúvida me trucidada e me mata! debalde, ao contemplar vossos encantos, me diz o coração que não podéis deixar de ser tão pura como os anjos, de quem tendes o rosto; debalde o mistério que vos cerca, a solidão a que vos condenais, o pensamento que domina em vossos cantos, o juízo do povo, que às vezes vos maldiz, tudo, tudo isso, a pesar meu, vem perturbar meus sentidos... ah!... dizem também que sois louca... não o sois... e às vezes quase que eu preferiria que o fôsseis! Vicentina! lembrai-vos do que me dissestes à margem do lago... eu ainda não me esqueci, e não esquecerei nunca... escaparam-vos palavras que talvez vos traissem: falastes em vingança: quem diz vingança, diz ofensa... oh! que ofensa pois vos fizeram? quereis um vingador? bem,

estou pronto a sê-lo, se o mereceis; mas dissei primeiro, que ofensa recebestes?

— Mancebo! a mulher que não estremece ao sibilar dos raios, não precisa de vingador quando se julga ofendida, porque tem valor para vingar a si mesma.

— Fôstes pois ofendida?

— Sim.

— E por quem?... dissei.

— Que vos importa?

— Oh! que me importa, quando eu juro que vos amo como um louco?

— Vós vos enganais, Camilo: amais-me apenas como um homem que se escraviza ao juízo e à opinião dos outros homens; sujeitais vossa paixão aos preconceitos do mundo e ao vosso amor próprio: eu não me queixo disso; pelo contrário, procedeis como é justo. Ide... encontrareis no mundo cem ou mil formosas mulheres mais belas do que me supondes agora, e tôdas elas isentas dêste mistério que me rodeia, e radiando candura e inocência: escolhei uma dessas para vossa espôsa, e sêde feliz.

— E vós?... perguntou Camilo com um acento terrível.

— Eu ficarei e morrerei na solidão a que entendi dever condenar-me.

— Repelis-me portanto?

— Ah! disse Vicentina com uma voz repassada de dor, porventura não sou eu a repelida?

— Vicentina! bradou Camilo.

— Oh! eu vos juro outra vez que me não estou queixando.

— Mulher inconcebível!... não vêdes que me atirais ao desespêro e à morte?

— E vós, Camilo, não compreendeis também que aumentais os meus tormentos?... ah! para que perturbaís o retiro de uma desgraçada?

— Porque o meu destino está pendendo de vossos lábios; porque eu não posso viver mais se não fôrdes minha; porque eu preciso do vosso amor como do ar que respiro. Oh! a esta hora solene de trevas e de tempestade, ao som da borrasca que troa, Vicentina, eu vos juro que, se eu não alcançar o vosso amor, ou se não puderdes ser minha, terei o meu jazigo neste abismo!

— Camilo!

— Eu vo-lo juro, repito.

— Desgraçado!

— Por tua causa, mulher!

— Oh! porque não pode êle ler o que se passa no meu coração!

— Patentear-mo! abri-me vossa alma, dizei-me tudo!

— Ah! que vois direi eu?

— Dizei-me quem sois e donde viestes; contai-me as vossas desgraças; aclarai-me o passado de vossa vida, e eu acreditarei em tudo que me disserdes.

— E depois?

— Depois?... a felicidade ou a morte.

— Oh! sempre a idéia sinistra.

— Quem sois! dizei.

— Chamo-me Vicentina.

— Onde viestes?

— Fugi do meio das festas.

— E por que fugistes?

— Ah! Camilo! com que direito perscrutais a minha vida?

— Porque vos amo, Vicentina.

— E sabeis já se eu pago êsse amor?

— Dizei-o... é verdãde... dizei-o antes de tudo: amais-me, Vicentina?

A môça não respondeu; chorava.

— Vicentina, amais-me?

— E de que me serviria dizer-vos que vos amo?

— Oh! amais-me então?... amais-me?

Vicentina ergueu-se; aproveitando o clarão de um fuzil, tomou entre as suas a mão de Camilo, e disse:

— Escutai-me; a revelação das minhas desgraças poderia ser desnecessária. Camilo, eu não vos responderei senão em presença de vosso pai; se ouvindo a história da minha vida, e conhecendo-me, êle julgar-me digna de seu filho, sabereis, nesse mesmo instante, se Vicentina vos ama ou não.

— Vicentina!

— A tempestade acaba de romper de todo... Não sentis que a chuva cai sôbre nós? adeus! separemo-nos; depois de amanhã, ao romper da aurora, verei se vosso pai vos acompanha ao seio da ermida. Adeus!

E estendendo a mão a Camilo, pôde ainda conter um suspiro ao sentir que êle lha beijava com ardor.

Ao estrondo dos trovões e à luz dos relâmpagos Vicentina recolheu-se à ermida, e Camilo desceu vagarosamente-a montanha.

XIII

A PARTIDA IMPEDIDA

A uma noite de tremenda borrasca sucedera um dia inteiro triste, nebuloso, frio, e todo êle passado em chuvarões, que de hora em hora se repetiam; apenas ao declinar da tarde o tempo se tornou sereno, e o céu despiu-se das nuvens tristes e pesadas que o toldavam, e a natureza ostentou de novo seu esplendor; mas as estradas estavam alagadas, os rios tinham engrossado, e por tôda parte se observavam os efeitos da tempestade.

Seguiu-se uma noite fresca e bela: era a noite que precedia a êsse romper da aurora em que Vicentina devia esperar na ermida arruinada Camilo e Mariano.

Corriam as horas; já os galos haviam por duas vèzes cantado; era mais de meia-noite, e na roça, onde se dorme cedo, todos deviam estar entregues ao sono.

Entretanto, quem tivesse penetrado na ermida aruinada poderia observar na casa, que lhe servira antigamente de sacristia, e que era então habitada pelas misteriosas ermitoas, uma luz que nunca a tais horas ali se vira acesa, e o ruído que faziam aquelas mulheres, que ainda se achavam acordadas.

A velha, a môça e a menina velavam em uma sala pequena e estragada pelo tempo, onde então reinava a desordem. Duas trouxas de roupa se achavam no meio da sala; via-se um antigo e rude leito a um canto, e os poucos e velhos trastes que àquelas pobres mulheres serviam afastados de seus lugares, como se elas se preparassem para uma mudança.

A velha diligente, apesar de seus cansados anos, ia e vinha de uma para outra parte, ajuntando e entrouxando a roupa que dispersa encontrava.

A menina, sentada no leito, observava espantada o que se estava passando diante dela.

A môça, em pé, defronte da menina, com os braços encruzados sôbre o peito, tinha os olhos fitos no chão e parecia meditar.

Passou uma longa hora, e no fim dela a velha parou diante de Vicentina e disse:

— Tudo está pronto, minha filha.

A môça estremeceu da cabeça aos pés, e logo depois respondeu quase maquinalmente:

— Vamos.

Mas ficou parada no lugar em que estava.

— Vamos, para onde, mamãe? perguntou a menina com voz sentida.

— Vamos viajar, Cristina, disse a velha.

— Ah! eu tenho muito medo de viajar de noite no escuro!

— Mas você vai ao pé de nós...

— E é muito longe, vovó?

— Só Deus o sabe! murmurou tristemente Vicentina.

— Ah! meu Deus! exclamou a pobre menina pondo as mãos.

Vicentina correu para ela, apertou-a contra o peito, e desatou a chorar desabridamente.

— Vicentina, disse a velha, coragem!

A moça cobriu de beijos a menina, depô-la outra vez no leito, enxugou as lágrimas e disse:

— Oh! sim; é necessário ter coragem; esta partida é inevitável; entretanto, minha mãe, como sem dor levaremos esta mísera criança por essas estradas cheias d'água, e através, d'esses rios engrossados pela chuva? ah! o que faremos?... havemos de ir dormir no meio dos bosques, expostas ao frio, e talvez a verdadeiros perigos, com essa pobre criança, que não tem ninguém por si no mundo?! Oh, minha filha! minha filha!

— Queres então ficar?

— Ficar?... e amanhã?...

— Ah! mamãe! exclamou a menina, fiquemos... é melhor ficar; eu tenho muito medo de andar de noite no escuro.

— Ficar?... oh! não, não; por modo nenhum: tudo é preferível a isso. Minha filha, eu te carregarei sobre meus ombros; olha, se não pudermos avançar muito, recolher-nos-emos a algum bosque, e então te irei colher alguns frutos silvestres... ou comerás o duro pão que ainda aqui nos resta de ontem... ouviste?... ouviste?... é preciso que partamos: tua mãe corre muito perigo ficando aqui.

— Ah! então vamos, mamãe.

— E vós, minha mãe?... tão velha e tão cansada! ah! vós, que envelhecesteis mais pelos desgostos que vos tenho dado, do que pelos anos, como, como vencereis

ainda estes trabalhos? oh! quantos infelizes tenho feito nò mundo! minha mãe... minha mãe! não me amaldiçoeis na hora de vossa morte!

— Vicentina! estás doida?

— Doida?... oh! mil vêzes antes o estivesse não sofreria tanto como sofro!

No auge de sua imensa dor, a mísera ajoelhou-se, ergueu os braços e exclamou:

— Justiça divina! estou bem castigada! sei que tenho merecido tôdas as desgraças que me acabrunham; oh! mas minha inocente filha, que não tem culpa dos meus crimes, porque há de sofrer também o castigo que só eu mereci?... e minha pobre mãe... minha pobre mãe porque...

— Oh! filha de minha alma! bradou a velha correndo para Vicentina e levantando-a nos braços: filha! não tenho eu também tanto de que me arrepender?... ah! choremos ambas; mas não queiras tu carregar sòzinha a culpa dos infortúnios que nos perseguem, e de que sou em grande parte a causadora!

Vicentina olhou com olhos ardentes para sua mãe, e disse:

— E desta repentina e desgraçada partida também vós tendes culpa, minha mãe?

— Não; mas tu és igualmente...

— Não... não... de que serve a mentira? esta partida é um novo castigo que me impõe a justiça divina por uma nova falta por mim cometida.

— Como?

— Esse nobre mancebo...

— Acaba...

— Esse mancebo que me ama com um amor tão puro e generoso... esse mancebo, para quem eu nunca deveria levantar os meus olhos... esse mancebo foi vítima talvez dos meus artificios; porque, minha mãe...

— Dize...

— Eu o amo.

— Infeliz!

— Sim! eu o amo desde o primeiro momento em que o vi, passando ao longe, tão garboso e tão belo, e que vós me dissestes quem era êle: sim, eu o amei... amei-o porque é bello, amei-o, porque é bom e generoso... amei-o, porque era fôrça que eu o amasse, ainda a pesar meu!

— Pobre filha!

— E desde então, pôsto que eu soubesse bem que uma barreira terrível me separava dêste mancebo, procurei cantar com voz mais doce, quando supunha que êle podia ouvir-me, e se fugia de seus olhos, fugia de modo que êle me visse mais tempo, e que mais tempo eu pudesse vê-lo também! e naquela noite funesta em que me apresentei na casa de Cristiano, minha mão passou no ombro de Camilo, ousei dirigir-lhe a palavra, e... fiz a sua desgraça, porque êle amou-me, minha mãe!

— Mas agora...

— Agora?... agora tudo está acabado; está perdido!... ah! porque não vi eu êsse pobre mancebo nos anos felizes da minha vida?!

Vicentina guardou silêncio por alguns instantes; pouco depois prosseguiu:

— Às vêzes me arrependo de não ter falado.

— Que dizes, Vicentina?

— Digo, minha mãe que eu poderia bem ter poupado bastantes horas acerbos a êsse nobre mancebo, rompendo a seus olhos o mistério da minha vida.

— E atrever-te-ias, desgraçada?!

— Era talvez dever meu fazê-lo; minha mãe, eu sinto que inspirei uma paixão veemente e invencível ao infeliz... sabeis?... êle falou-me cem vêzes em morrer... em matar-se; e quando falava, estava frio e calmo, como se essa resolução fatal estivesse já arraigada em sua alma. Oh! eu deveria rasgar o véu que cobre o meu passado,

para que elle me desprezasse e fugisse de mim... tenho remorsos, minha mãe, por não havê-lo feito; poderia dizer tudo, tudo, menos o vosso nome; a vaidade fechou-me a bôca... tive mêdo de que elle deixasse de amar-me; vou agora condená-lo talvez ao desespero!... ah! sou uma mulher má e indigna!

— Queres então ficar, minha filha?

— Ficar?... oh! não... não... ficar para quê? sou uma pobre louca! ficar, para quê? para abrir o meu coração a Camilo e dizer-lhe tudo? oh! minha mãe! como é que eu hei de dizer a êsse homem que sou indigna dêle, se eu o amo como nunca amei na minha vida!... não... é melhor partir... partir e para sempre... vamos!

— Sim, vamos.

— Ergue-te, minha filha! é tempo... talvez até seja bem tarde!... vamos!

E derramando torrentes de lágrimas, Vicentina foi buscar sua filha, que havia adormecido no leito.

A menina acordou sobressaltada, e vendo sua mãe a chorar, perguntou:

— Que aconteceu, mamãe?

— Nada, Cristina; é que chegou a hora da partida.

A bela menina, como se comprehendesse a dor de sua mãe e não quisesse argumentá-la, abalou no coração o mêdo que sentia, e, saltando fora do leito, disse:

— Vamos, mamãe, eu já não tenho mêdo nenhum.

As duas pobres mulheres prepararam-se então para sair da ermida, e já se dispunham a deixá-la para sempre, quando a porta da sala em que estavam se abriu de repente, e appareceu em frente o Dr. Benedito.

— Doutor! exclamaram ambas.

— Doutor! bradou a menina cõrrendo a abraçar as pernas de Benedito.

— Que quer dizer isto? perguntou Benedito admirado!

— Quer dizer que nós partimos, respondeu Vicentina.

— Partir?...

— Sim, e já.

— Mas, partir para onde?

— Para onde Deus quiser, doutor.

— Como?... pois partiam sem me dizer nada?

— Há dois dias que o não vemos.

— O que é então que dá causa a esta inexplicável partida?

— Doutor...

— Eu quero saber tudo, Vicentina.

A moça abaixou os olhos, e como se falasse aos ouvidos de um confessor, confiou ao Dr. Benedito toda a história do amor de Camilo.

— Pois eu vos digo que não haveis de partir disse o médico.

— E por quê?

— Porque, sobretudo, agora preciso eu de vós ambas.

— Precisaes de nós?... e para quê?

— Mais tarde o sabereis; agora o que está decidido é que não deixareis a ermida.

— E as conseqüências, doutor!

— Eu tomo a responsabilidade delas: basta já de loucuras, Vicentina; é tempo de sossegar!

— Sossegar... eu?

— Mas se daqui a pouco, perguntou a velha, chegarem Mariano e Camilo?

— Não o creio.

— Por quê?

— Porque Mariano tem bastante juízo para não condescender com as extravagantes idéias de seu filho.

— Que horas são, doutor?

— O dia deve vir rompendo, respondeu Benedito depois de olhar para o relógio.

— Oh! é a hora! . . . murmurou Vicentina.

— Hora de que, menina?

— De chegarem ambos.

— Pois veremos: eu digo que não vêm; mas, em todo caso, esperarei por êles.

Vicentina tomou sua filha nos braços e foi de novo deitá-la, enquanto o Dr. Benedito começava a passear em silêncio ao longo da sala.

Passou um quarto de hora em que nem a velha, nem Vicentina, nem o médico disseram palavra: no fim dêle ouviu-se passos na ermida.

— Há gente na ermida . . . disse a velha.

Vicentina tornou-se pálida e trêmula, e apenas balbuciou:

— São êles!

Bateram: o Dr. Benedito dirigiu-se à porta.

— Que vai fazer? perguntou a velha.

— Fazer entrar o pai e ordenar ao filho que espere.

— Oh! não, exclamou a mãe de Vicentina.

— Agora é inevitável, disse o médico saindo.

Vicentina e sua mãe correram uma para outra, e abraçando-se ambas apertadamente, desataram a chorar.

O velho Mariano e Camilo tinham com efeito chegado à ermida.

Ao mostrar-se a figura do Dr. Benedito, que saía do interior da triste morada das duas misteriosas ermitas, Mariano recuou dois passos, e seu filho não pôde reter uma exclamação.

— Não há que admirar, disse o médico; eu os estava esperando.

— Ainda bem, respondeu Mariano serenando; antes quero haver-me com um homem de juízo, do que com duas mulheres desconhecidas e suspeitas. Sabe, doutor, a loucura que se meteu na cabeça de meu filho?

— Sei tudo, e tudo se vai decidir em um momento.

— Como? perguntou Camilo.

— O Sr. Mariano entrará comigo para ver e ouvir a estas duas desgraçadas que aqui moram.

— E eu?

— O senhor terá a paciência de esperar aqui um quarto de hora.

— Senhor...

— Nada de observações, mancebo, disse o doutor: há segredos que não podem ser confiados a todos. Confie em seu pai, Sr. Camilo: vamos, entremos, meu amigo.

— Meu filho, disse Mariano, o Sr. Dr. Benedito é um homem de honra e de juízo, o que êle faz é sempre bem feito: espera aqui, pois que não deves entrar conosco.

Mariano deu a mão ao Dr. Benedito, enquanto Camilo ficava em pé e estático no mesmo lugar em que o deixavam.

Mas o mancebo, apaixonado e ardente, nem teve tempo de refletir: alguns momentos depois que seu pai entrara com o Dr. Benedito, escutou dois gritos que pareceram arrancados do coração: era de Mariano.

Não podendo conter-se, o mancebo lançou-se para o interior da ermida, esbarrrou porém contra a porta da sala, que estava trancada, e tremendo, sem saber porque, começou a bater nela com desespero, exclamando:

— Meu pai! meu pai! meu pai!...

Um instante depois a porta abriu-se, e Camilo que se ia atirar para dentro, viu diante de si seu velho e nobre pai soluçando e desfazendo-se em lágrimas:

— Meu pai! meu pai! que é isto?

— Meu filho, espera, disse o velho: tu não podes entrar ainda... vai, eu te peço pelo amor que me tens, vai esperar-me lá fóra!

E mal acabava de proferir estas palavras, tomou a trancar a porta.

XIV

OS DOIS AMIGOS

Camilo estava cansado de esperar: bem que as lágrimas de ternura que vira banhando o rosto de seu pai tivessem acendido em seu coração as mais doces e lisonjeiras esperanças, nem por isso mais suave lhe parecia a demora daquele que devia ser juiz do seu futuro, e talvez da sua vida.

Já tinha passeado cem vêzes ao longo da ermida, já o sol ostentava o esplendor de seus raios, quando Mariano lhe appareceu trazendo no semblante uma indizível mistura de comoção e de alegria.

— Meu pai! meu pai! exclamou Camilo correndo para êle; e então, meu pai?

— Meu filho, respondeu o velho com voz trêmula e alterada, vai esperar-nos na fazenda do Rio Claro, onde teremos de jantar.

— Oh! meu pai, uma palavra ao menos!

— De hoje a três dias tu saberás tudo.

— Três dias?

— Sim; porque até então o silêncio será ainda um dever.

— Meu pai. . .

Um olhar do nobre velho venceu a obstinação do filho, que abaixando a cabeça tristemente, obedeceu à ordem do pai.

Mariano voltou-se logo, e tornou a encerrar-se no interior da ermida, onde estavam Benedito e as mulheres misteriosas.

Obrigado a domar o seu ardor, e consolando-se com as esperanças que tinham brilhado para o seu amor nas lágrimas de Mariano, Camilo desceu pensativo a montanha; mas em vez de se dirigir à fazenda do Rio Claro,

cimbrenhou-se pelo bosque, que demorava entre a montanha da ermida e o campo da fazenda.

Procurava um retiro seguro e silêncio onde pudesse conversar a sós consigo mesmo e entregar-se a todos os sonhos que lhe inspirasse o seu amor: que lhe importava a sociedade, o ruído, a festa, se elle só pensava em Vicentina, e se tinha a certeza de não encontrá-la no meio dessas festas e desses prazeres de que fugia?

Havia ali no centro daquele bosque um sítio abrigado e aprazível, onde o rio corria docemente sobre um leito de pedrinhas claras e miúdas, e à sombra de árvores corpulentas e majestosas: Camilo conhecia o bosque, e mil vezes já tinha descansado à sombra dessas árvores depois de alguma eçada afadigosa, ou de um mais longo passeio: lembrou-se, pois, desse lugar retirado e delicioso, e para elle se dirigiu, certo de que ninguém o iria interromper em suas meditações; mas, quando pôde descobrir de longe o sítio que procurava, teve de parar contrariado ao ver que um outro homem chegara primeiro que elle àquele ponto do bosque.

Quem quer que era estava sentado na raiz de uma frondosa árvore, tendo as costas voltadas para o lado donde vinha Camilo: com a cabeça encostada ao tronco da árvore, os braços encruzados sobre o peito, e os olhos provavelmente fitos no rio, que a dois passos corria, esse homem conservava-se na mais completa immobidade.

Camilo não pôde resistir ao desejo de conhecer aquêle que tivera o seu mesmo pensamento, e que ali naquela solidão meditava tão absorto: foi, pois, se chegando pé por pé e cuidadosamente, até que enfim pôde reconhecer nesse triste solitário o seu estouvado e bulhento amigo.

Era com efeito Américo, que vinha artancar por algumas horas no seio da solidão a máscara com que escondia o rosto no meio da sociedade.

Lá, cercado da multidão, junto das senhoras, observado por elas, exposto aos gracejos e às zombarias dos seus companheiros das festas e dos prazeres, Américo precisava mostrar-se alegre e ruidoso como dantes, porque na sua tristeza poderiam ler a confissão da sua infelicidade e da sua derrota, e isso não podia êle tolerar com o caráter orgulhoso que tinha; e ainda mais, essa alegria fingida, que era uma máscara, ao mesmo tempo que se tornava uma necessidade que lhe impunha o seu orgulho, era ao mesmo tempo uma prova de dedicação, um sacrifício feito à amizade. Convinha que ninguém suspeitasse nada do que se passara entre êle, os pais de Adriana, e ela mesma: fazia-se preciso que ninguém apanhasse em um simples olhar de exprobração, que de seus olhos escapasse, o procedimento leviano e inexplicável da filha de seus bons amigos; convinha que na sua mentirosa alegria encontrassem os observadores a prova da indiferença com que êle via aproximar-se a hora terrível do casamento de Adriana e Frederico.

Mas Américo amava, ou, pelo menos, tinha amado perdidamente a filha de Cristiano; e quando se ama, não se sustenta impunemente um combate como êsse que Américo travava de continuo com o seu coração.

Quando a dor não se exala em gemidos ou em lágrimas, ou mesmo em exprobrações, e pelo contrário reflui e é abafada no coração, torna-se por isso mesmo mais terrível e mais fatal ainda: sofrer e ao mesmo tempo rir, é sofrer duas vèzes. A demonstração desta verdade podia achar-se no próprio Américo: três dias tinham sido suficientes para empalidecer seu rosto corado e vivo, para encovar-lhe os olhos e cercá-los dessas olheiras róxas, que são sempre indício seguro ou de prolongadas vigílias, ou de acerbos e abafados pesares.

Entretanto, apesar de todo o poder que tinha sôbre si mesmo e da sua imensa fôrça de vontade, Américo precisava às vèzes fugir do meio da sociedade para cho-

rar na solidão os tormentos que de todos escondia: não lhe bastavam para isso as noites que consumia velando; era-lhe necessário também furtar ao dia algumas horas para consagrá-las à liberdade do coração.

Em uma dessas horas de triste meditação é que viera encontrá-lo Camilo ali no seio do bosque: tão absorto se achava Américo, tão abismado em seus tristes pensamentos, que o seu amigo pôde, sem ser sentido, chegar-se até junto d'êlo.

Camilo levou algum tempo a contemplar admirado a profunda tristeza daquele mancebo, a quem sempre via rindo e folgando, e a quem encontrava ali no segrêdo da solidão, imóvel como o tronco a que se recostara, e abatido como o desengano.

Não podendo por mais tempo conter-se sem falar ao seu amigo, Camilo tocou-lhe com a mão no ombro e perguntou:

— Que é isto, Américo?

Ao contato da mão de Camilo e ao ouvir pronunciar o seu nome, o mancebo estremeceu tão fortemente, que o seu amigo viu-se obrigado a sustê-lo, receando vê-lo cair; mas de repente o rosto anuviado de Américo expandiu-se, o riso apareceu em seus lábios, o ardor nos olhos, e êle disse:

— Diabo! querem vêr que aquelas môças, com quem canto, danso e converso, não sei há quantos dias, me estão pegando ataques nervosos e faniquitos? olha, Camilo, estremecei até a ponta dos cabelos!

— E o que fazias aqui, Américo?

— Eu?... é boa!... estava compondo uma ode; o lugar é excelente para isso... interrompeste-me exatamente no épodo!

— Não podes enganar-me, Américo; tu estavas meditando triste e abatido...

— Queres então que quando um homem trata de fazer ode, que, aqui para nós, é coisa muito séria, esteja rindo e saltando?

Camilo cruzou os braços, e olhando com ar grave para Américo, disse:

— Encontramo-nos pela primeira vez há poucos dias; simpatizei contigo, e logo passei da simpatia à estima; e, finalmente, dei-te de todo o coração nome de amigo, porque adivinei em ti excelentes qualidades.

— Bem, e que mais?

— Já recebestes uma prova da amizade e da confiança que me mereces.

— Umaz poucas, segundo a minha conta; mas vamos à conclusão.

— A conclusão é que tu, Américo, não me estimas do mesmo modo.

— Camilo, tu tens uma lógica infernal! juro que nunca lestes o *Genuense*.

— Eu falo sério.

— Pois então explica-te melhor.

— Eu digo que já te abri o meu coração, e que tu sofres e não me abres o teu.

Américo voltou o rosto, e cravando de novo os olhos no rio, ficou pensando alguns instantes; depois tomou a olhar para Camilo, sorriu-se maliciosamente, e perguntou:

— Camilo, ainda estás com idéias de te fazer ermitão?

— Que queres dizer?

— Como vai a nossa bela ermitoa?

Camilo sorria-se também, e respondeu perguntando.

— Como queres que te responda?

— Segundo a gramática; pelo mesmo caso por que fiz a pergunta.

— Pois então lá vai: Américo, como passa a nossa encantadora Adriana?

Américo fêz-se pálido como a imagem da morte: quis ainda lutar e respondeu:

— Ocupa-se em tecer uma coroa de botões de laranjeira.

— E tu?

— Em fazer-lhe uma ode.

— Mentas.

— Oh lá! a palavra é pouco parlamentar.

— Mentas, repito: tu ocupas em enganar o mundo rindo diante dêle, e em chorar na solidão das florestas.

— Dou-te o direito de pensar como te parecer... isso não me faz mal nenhum.

— Mas ainda há pouco empalideceste.

— Já te disse que as môças tem-me pegado faniquitos.

— Bem; e dás-me o direito de dizer daqui a pouco na fazenda do Rio Claro que te encontrei neste lugar meditando, abatido e melancólico?

— Não, respondeu Américo sèriamente.

— Por que?

— Por nada.

— Pois então declaro-te, juro-te, que o hei de dizer.

— Não, disse Américo levantando-se; não o dirás, porque eu te peço que o não digas: para que expôr-me ao ridículo e às zombarias? não o dirás, Camilo.

— Bem, não o direi, nem um só momento pensei sèriamente em fazê-lo, entretanto não o esqueças, Américo; eu te aproximei do meu coração e te fiz ler o que se passava nêle, e tu me repeles do teu.

— Camilo, pareces criança!

— É verdade que nos conhecemos há poucos dias; mas isso prova sòmente que a expansão que te sobra no rosto, tenho-a eu no coração.

— Camilo!

— Adeus!

— Espera; tu me fazes bem; venceste-me... isto é, venceste o que eu podia deixar vencer, venceste o meu orgulho. Espera, eu te direi tudo, já que o queres saber.

— *Sim, quero, e tenho também que dizer-te.*

— Homem da minha idade, alma franca e leal, tu me ouvirás, e não te hás de rir, não é assim?... pois bem, eu te direi tudo o que posso e devo dizer... isso me fará bem e me consolará; senta-te ao pé de mim, Camilo, conversemos.

Os dois amigos sentaram-se um a par do outro.

— Sim, Camilo, disse Américo, eu soffro, eu tenho o inferno aqui dentro do seio: vê-me rir... vê-me brincar, zombar, e tomar parte nos jogos e nas festas?... pois bem, quando isso faço, chora-me o coração lágrimas de sangue: ah! eu sou muito desgraçado... porque amei uma mulher...

Américo hesitou; mas logo depois concluiu a frase:

— Sim... uma mulher que não me ama, e nunca... nunca quis atender ao meu amor...

— Entretanto, eu julguei...

— Nunca... nunca... isto é que é verdade, continuou rapidamente Américo: escuta; eu te contarei tudo quanto comigo se tem passado.

Camilo ouviu em silêncio a história que do seu amor lhe quis contar Américo; o generoso mancebo confiou ao seu amigo todos os pesares e tormentos; mas em sua relação habitualmente feita não deixou escapar uma só palavra que pudesse comprometer Adriana, nem mesmo deixar entrever os projetos que os pais dela tinham concebido para realizar o casamento de sua filha com êle.

— Ouviste, já tudo quanto eu podia dizer-te, concluiu Américo; fala-me agora tu da tua bela ermita; quero ouvir-te.

Camilo não se fêz rogar; confiou ao seu amigo tudo o que se havia passado entre êle e Vicentina, contentando-se somente com ocultar-lhe o nome dessa mulher misteriosa.

— Ainda bem, disse Américo depois que ouviu seu amigo; ainda bem que tôdas as esperanças não estão perdidas para ti; quanto a mim, estás vendo que tudo está acabado, tudo decidido.

— E isso me faz ter inveja da tua coragem, respondeu Camilo.

— Por quê?

— Ah! porque pelo menos eu não havia de ser testemunha do casamento de Adriana.

— E que farias?

— Não sei, respondeu com voz surda Camilo, e depois continuou: pelo menos fugiria dèstes lugares.

Américo tomou a levantar-se, e apertando a mão de Camilo, que se erguera também, disse-lhe:

— Camilo, esta madrugada levantei-me para partir... mas...

— Mas o quê?

— Achei já de pé o Dr. Benedito; o Dr. Benedito é um homem que lê nos meus olhos todos os meus pensamentos... adivinhou que ia partir... fêz-me falar... c...

— Acaba.

— Opôs-se à minha partida, e obrigou-me a ficar, com uma só palavra.

— E o que disse êle?

— Sabes que eu nunca conheci meus pais, e que sou um pobre enjeitado...

— Adiante.

— Pois bem; o Dr. Benedito me disse: fica, Américo, espera ainda; dentro de três dias haverá aqui alguma cousa... e pelo menos dentro de três dias tu saberás quem és!

— É celebre!

— Célebre o que?...

— Ainda há pouco meu pai despediu-se de mim na ermida com as mesmas palavras!

— O que te disse êle?

— O mesmo: 'de hoje a três dias tu saberás tudo!'

— Três dias!... disse Américo: Camilo, de hoje a três dias celebra-se o casamento de Adriana e Frederico.

— Três dias!... repetiu Camilo; e o Dr. Benedito estava lá na ermida.

— Três dias!... três dias!...

— Que devemos nós fazer. Américo?

— Nada mais simples, Camilo; devemos esperar três dias.

XV

BENEDITO E A NOIVA

Desde a fatal noite em que triunfara a traição da velha Fabiana, nada mais ocorrera na Fazenda do Rio Claro que fôsse digno de menção.

A luta se achava ainda travada, e talvez que com mais fôrça que dantes; mas era uma luta de outra natureza, e tôda se passava dentro dos corações.

Cristiano, Gabriela, Adriana e Américo lutavam, mas cada um dêles em silêncio, consigo mesmo para abafar no fundo do coração os verdadeiros sentimentos de que se achavam possuídos, e para ostentar um sossêgo e uma alegria, que estavam bem longe de todos êles.

Gabriela sobretudo não podia compreender como sua filha se deixara prender nos laços que lhe armara Frederico, e menos ainda convencer-se de que Adriana amasse realmente êsse homem: com o instinto do amor maternal adivinhava que sua filha era vítima de uma cilada terrível; debalde, porém, procurara ler no coração de Adriana: êsse coração não se patenteava mais a seus olhos como dantes; pelo contrário, parecia esconder cuidadoso um segredo qualquer.

Gabriela chorava, pois, sôbre a sorte de sua filha, e como o moribundo que estende ainda o braço para

convulsamente agarrar o último copo de remédio, derradeira esperança que lhe oferecem, Gabriela prendia-se ainda, qual o náufrago à tábua que resta ainda do navio despedaçado, às palavras animadoras do Dr. Benedito.

Mas qual era o pensamento dêsse nobre e velho amigo? . . . com que contava êle para, com tanta força e segurança, declarar que a última palavra sôbre êsse casamento sairia ainda de sua bôca? . . . ninguém o sabia. Debalde Cristiano e Gabriela haviam por diversas vêzes procurado penetrar o segrêdo de Benedito: misterioso pela primeira vez em sua vida, o médico negava-se a responder aos seus bons amigos que, de sua parte, por mais que o observassem, apenas tinham podido saber que Benedito algumas vêzes se afastava da fazenda do Rio Claro para dirigir-se à ermida arruinada.

Por mais que tivessem sentido muito viva curiosidade e desejos de conhecer as habitadoras da ermida, e de verificar certas suspeitas que haviam concebido a respeito delas, Cristiano e Gabriela, muito ocupados com os seus desgostos domésticos, não tinham tempo de pensar nos alheios: assim, pois, nem se lembravam de procurar descobrir os motivos das visitas do Dr. Benedito à ermida arruinada.

Meditando sôbre o infortúnio de sua filha, os dois esposos estavam de perfeito acôrdo em um ponto: acreditavam ambos que a velha Fabiana não podia ser estranha aos fatos que se haviam passado; ressentidos muito justamente contra ela, bem desejavam ver-se livres de sua incômoda presença; como, porém, despedi-la sem expor a mísera Adriana ao ódio e à vingança dessa mulher intrigante e fatal? . . . êsses infelizes pais sujeitavam-se, pois, ao sacrifício de tolerar em sua companhia aquela que consideravam como a principal ou talvez única causadora de sua desgraça.

Adriana não sofria menos: de contínuo agitada, não tendo uma só hora de sossêgo para pensar a sangue-frio no que ela se passára, atormentada pela lembrança de ir

pertencer ao homem que aborrecia, e pela idéia de ser mal julgada por aquêlé a quem amava, só podia defender-se diante de sua própria consciência, com a certeza de que se sacrificava para salvar a reputação e talvez a vida de sua mãe; silenciosa perante esta, porque temia vê-la corar a seus olhos, a pobre môça, escrava das prevenções de seu espírito, estremeceia a cada palavra que lhe ouvia dizer sôbre o seu casamento, e em cada palavra parecia-lhe ver a confirmação do terrível segrêdo que lhe confiara D. Fabiana.

Misera Adriana! uma imaginação exaltada e a inexperiência de seus verdes anos concorriam, sem ela o sentir, para completar a obra da intriga! E mais ainda: nos sofrimentos da pobre môça como que se podia ver um dêsses castigos que a providência divina impõe às vêzes e misteriosamente à humanidade.

Um dos primeiros deveres de uma boa filha, um dos meios mais seguros para que uma boa filha seja feliz, é ter sempre o coração transparente aos olhos de seus pais, e principalmente de sua mãe. Uma mãe, ainda quando encontra um êrro no coração de sua filha, é sem a menor dúvida a primeira que descobre logo motivos para desculpá-la e perdoá-la, uma mãe é a conselheira de sua filha, conselheira fiel, desinteressada e destinada por Deus; é o guia seguro e dedicado de sua filha, por quem está sempre pronto a sacrificar-se, e até a morrer.

Uma boa filha não tem direito de esconder nada de sua mãe; deve dizer-lhe tudo o que lhe succede, tudo quanto lhe dizem ao ouvido, e tudo o que sente e pensa; quando alguma cousa esconde dela, que é o seu bom anjo, o seu anjo da guarda, não é uma boa filha, é pelo menos uma louca, e Deus a castiga por isso.

Adriana, pois, estava sendo castigada por esconder de sua mãe o que se passava em sua alma; mas pode ser que Adriana tivesse já pensado algumas vêzes em abrir o seu coração aos olhos de sua mãe, e que hesitasse temendo vê-la corar diante dela.

Eis aí um outro êrro de Adriana; êrro filho de uma falsa piedade filial, ou antes êrro produzido por um outro anterior, e tão grave, que quase chega a ser crime, e em castigo do qual a pobre môça estava sofrendo tanto, podendo nada sofrer, se soubesse ter cumprido com seu dever de boa filha, que realmente era.

Adriana tinha cometido um êrro tão grave, que é quase um crime; eis aqui qual foi êsse êrro: deixando-se escravizar por sua imaginação ardente e exaltada, e dando ouvidos a uma mulher, contra a qual devia estar prevenida, ela julgou sua mãe capaz de praticar uma ação indigna; ora, uma boa filha não pode, isto é, não deve julgar mal de sua mãe, a menos que a evidência dos fatos venha tornar impossível a dúvida, e nesse mesmo caso a desculpa é sempre um dever.

Adriana julgou mal de sua mãe, e julgou antes da evidência que tomasse impossível a dúvida; cometeu pois um grave êrro; foi, sem querer, má filha, e a providência divina lhe impõe por isso nos seus acerbos desgostos um desses castigos misteriosos que às vêzes faz cair sôbre a humanidade.

O que Adriana devia ter feito, depois de ouvir as pérfidas confidências da velha Fabiana, era correr para onde estava sua mãe, chamá-la a seu quarto, sob qualquer pretexto, e dizer-lhe aí tudo quanto se havia passado e quanto lhe havia dito; mas em vez de assim praticar, ela julgou logo mal de sua mãe, primeiro êrro, que é quase um crime; e desde êsse momento não lhe abriu, não lhe patenteou mais o seu coração, levada por uma falsa piedade filial, segundo êrro, filho do primeiro que cometera.

O resultado desses erros era a sua própria desgraça — desgraça feita por ela mesma, por suas próprias mãos; — castigo misterioso do céu, porque não tinha sido boa filha.

Erros tais provêm quase sempre da educação que se dá aos filhos: o que se disse do hábito, devia também

dizer-se da educação: a educação pode ser uma segunda natureza.

Uma boa e desvelada mãe deve desde os primeiros anos acostumar seus filhos, e principalmente suas filhas, a ter nela a mais completa e ilimitada confiança; deve acostumá-los a pensar em voz alta a seus ouvidos, e a não lhe encobrir nada, nada absolutamente. Oh! quantas desgraças teriam havido de menos no mundo se as mães soubessem fazer-se as confidentes fiéis e dedicadas de suas filhas!

É por isso também que muitas vezes o pranto amargo, que uma mãe chora sobre os erros de sua filha, é ainda um desses misteriosos castigos que a providência divina impõe à humanidade!

Mas, enfim, não podendo resolver-se a confiar à sua mãe as tristes idéias que obumbravam seu espírito e as causas de sua desgraça, Adriana, devotando em silêncio os seus terríveis martírios, julgando às vezes ver o desprezo, e às vezes também a mais nobre generosidade na fingida indiferença e ruidosa alegria de Américo, e, finalmente, sofrendo a alto pagar de aflições os cumprimentos e obsequios de Frederico, viu com terror chegar a véspera do dia destinado para o seu casamento.

Esse dia era também o segundo dos três marcados por Mariano a seu filho para se desvendar a história das misteriosas crmitoas, e por Benedito e Américo para se aclarar talvez o segredo do seu nascimento, pois que o médico lhe havia dito — de hoje a três dias saberás quem és.

Logo depois do almoço Adriana, pretextando um ligeiro incômodo, retirou-se para o seu quarto, exigindo que a deixassem só, e que ninguém a fôsse incomodar.

Estava a pobre moça meditando no seu futuro destino e chorando sua imensa desgraça, não podendo deixar de irritar-se ao ouvir o som do piano que soava na sala, como se ninguém se doesse dos seus acerbos sofrimentos, quando sentiu que alguém batia na porta do seu quarto.

— Quem é? perguntou ela.

Enxugando apressadamente suas lágrimas, acrescentou:

— Eu tinha pedido que me deixassem descansar alguns momentos...

— Um médico nunca é demais no quarto de um doente, respondeu uma voz comovida.

— Ah! doutor! exclamou Adriana saltando do leito onde se deitara.

— Posso entrar?...

— Sim, sempre.

O Dr. Benedito entrou: sua fisionomia que se conservara sempre triste desde que se determinara o casamento de Frederico e Adriana, mostrava-se então expansiva e animada.

— Eu logo vi, disse êle, que a porta dêste quarto, que se fechava a todos, estaria aberta para mim.

— Ah! como sempre, e de hoje avante como até agora.

— Obrigado, menina.

— Doutor, reparo que me parece hoje mais alegre do que nestes últimos dias!

— É verdade.

— Poderá explicar-me a causa da sua alegria... perguntou Adriana um pouco ressentida.

— A causa da minha alegria talvez lhe pareça até estúpida, menina.

— Qual é pois?..

— É o seu incômodo.

— Como?

— Uma noiva que na véspera do seu casamento, a pretexto de um ligeiro incômodo, se retira para o seu quarto, deixando o noivo na sala, é porque se casa contra a vontade.

— Doutor!

— Ainda bem que não me disse que não: vejamos o pulso.

— D. Adriana, não preciso perguntar-lhe se acredita que eu tomo o mais vivo e o mais sincero interesse pela sua felicidade: tenho consciência do papel que represento no seio de sua família, e sei em que conta sou tido e a confiança que mereço. Pois bem: declaro-lhe que desde muito tempo me ocupo em pensar no seu futuro, e que forjei mil projetos a seu respeito, acabando sempre todos esses projetos no seu casamento com Américo.

Adriana ia já interromper Benedito; mas conteve-se, lembrando-se da promessa que fizera. O doutor continuou:

— Eu tinha, e tenho ainda muito boas razões para desejar vê-la casada com esse mancebo: uma delas é o conhecimento que tenho do caráter e dos nobres sentimentos de Américo; estou seguro de que êle a faria ou antes a fará feliz.

— Doutor, se continua dêsse modo, não poderei cumprir a minha promessa.

— Por quê?

— Porque vejo que me será necessário lembrar-lhe a cada instante que amanhã serei espôsa de Frederico.

Benedito não respondeu a Adriana, e prosseguiu no que ia dizendo.

— As outras razões porque eu desejava, e desejo, vê-la casada com Américo estão ainda envolvidas em um mistério, que em breve será finalmente aclarado: são, entretanto, bem poderosas essas razões!... Américo lhe pertence mais do que pensa.

— Como?... não percebo o que quer dizer.

— A seu tempo compreenderá tudo. Ora, é muito provável que eu tivesse abandonado todos os meus projetos a êste respeito, se fôsse eu a única pessoa a quem êles interessassem; mas não; seus pais, menina, tinham tanto empenho, como eu, em realizar o seu casamento com Américo; como, porém, nenhum de nós desejasse contrafazer a sua vontade, dando-lhe por espôso um

— D. Adriana, não preciso perguntar-lhe se acredita que eu tomo o mais vivo e o mais sincero interesse pela sua felicidade: tenho consciência do papel que represento no seio de sua família, e sei em que conta sou tido e a confiança que mereço. Pois bem: declaro-lhe que desde muito tempo me ocupo em pensar no seu futuro, e que forjei mil projetos a seu respeito, acabando sempre todos esses projetos no seu casamento com Américo.

Adriana ia já interromper Benedicto; mas conteve-se, lembrando-se da promessa que fizera. O doutor continuou:

— Eu tinha, e tenho ainda muito boas razões para desejar vê-la casada com esse mancebo: uma delas é o conhecimento que tenho do caráter e dos nobres sentimentos de Américo; estou seguro de que êle a faria ou antes a fará feliz.

— Doutor, se continua dêsse modo, não poderei cumprir a minha promessa.

— Por quê?

— Porque vejo que me será necessário lembrar-lhe a cada instante que amanhã serei espôsa de Frederico.

Benedicto não respondeu a Adriana, e prosseguiu no que ia dizendo.

— As outras razões porque eu desejava, e desejo, vê-la casada com Américo estão ainda envolvidas em um mistério, que em breve será finalmente aclarado: são, entretanto, bem poderosas essas razões!... Américo lhe pertence mais do que pensa.

— Como?... não percebo o que quer dizer.

— A seu tempo compreenderá tudo. Ora, é muito provável que eu tivesse abandonado todos os meus projetos a êste respeito, se fôsse eu a única pessoa a quem êles interessassem; mas não; seus pais, menina, tinham tanto empenho, como eu, em realizar o seu casamento com Américo; como, porém, nenhum de nós desejasse contrafazer a sua vontade, dando-lhe por espôso um

homem que não fôsse o escolhido do seu coração, esperamos durante muito tempo que viesse o amor facilitar a realização do plano que havíamos forjado. Graças a Deus, não esperamos debalde, vocês amaram-se... quero dizer, voêls amam-se.

— Doutor! por quem é...

— Quando descobrimos o segrêdo do seu coração e o amor ardente de Américo, demo-nos mutuamente parabéns, e enfim fizemos com que há poucos dias tôdas as explicações se precipitassem, e que ficasse em uma manhã tratado e decidido o seu casamento com Américo. Chegou agora a ocasião de me responder: é isto verdade ou não?

— É verdade, doutor; mas que importa?

— Não é verdade também, menina, que da sua bôca ouvi eu a confissão do amor que votava a Américo?

Adriana, que ia pouco a pouco e insensivelmente exaltando, corou ouvindo o que lhe perguntava Benedito, e respondeu:

— Essa confissão... o senhor arrancou-ma.

— Pois seja assim, arranquei-a; mas o certo é que a ouvi.

— E o que se segue daí, doutor?

— Segue-se que ninguém comprehende como no dia seguinte se tivessem embrulhado as cousas por tal modo, que se participasse a todos o seu casamento com êsse... Sr. Frederico!

— Pois bem; conclui de tudo isso que eu sou uma doida, disse Adriana quase desatando a chorar.

— Não, respondeu Benedito com voz solene; eu concluo de tudo isso que Adriana é sòmente uma vítima.

— Uma vítima!... exclamou a môça erguendo-se espantada e trêmula; uma vítima de que e de quem?

— Eis aí o que eu não sei ainda!

Adriana cravou os olhos no rosto do médico, e serenou pouco a pouco, vendo a expressão de franqueza e sinceridade que nôle estava, como sempre derramada.

— E para sabê-lo, vim hoje falar-te, minha Adriana.

— Doutor, eu não sou vítima de pessoa alguma.

— Oh! não! eu adivinho que houve uma intriga... uma traição... o que quer que seja de tenebroso e indigno; e no meio de tudo isso vejo a mão de D. Fabiana... sinto a influência maligna dessa pérfida mulher!

Adriana estremeceu.

— Confie-me tudo, disse o médico.

— Nada tenho que confiar-lhe, doutor.

— Houve uma traição.

— Oh! não! há simplesmente um destino.

— Eu não creio no destino, creio em Deus.

— E também eu, que para Deus apelo.

— Sei que não ama a Frederico.

— É certo, disse a môça com firmeza.

— Sei que seus pais vêm com dor ir realizar-se o seu casamento com êle.

— É verdade.

— Pois então como se explica isto?... quem lhe obriga a um tal sacrificio?

Adriana não pôde mais conter suas lágrimas; abraçou-se com Benedito, e escondendo o rosto no seio do dedicado amigo, começou a chorar desabridamente.

Benedito deixou Adriana chorar por alguns momentos, e, quando a viu mais sossegada, disse:

— Enfim, creio que agora vai falar!...

— Não, meu amigo, disse a môça tristemente: há segredos que se não podem confiar, nem mesmo a um homem como o Dr. Benedito.

O médico ficou por alguns instantes pensando, com os olhos fitos no chão; depois sacudiu a cabeça dolorosamente, e murmurou:

— E eu não entendo nada!

— Doutor, eu vou ser infeliz tôda a minha vida, disse Adriana chorando ainda; eu me condeno por minhas mãos a um martírio que só há de terminar com a morte; mas olhe, doutor, quando lhe disserem que eu

fui uma louca, assegure que eu sou apenas desgraçada; e se alguém fôr adiante e ousar atirar sôbre mim uma suspeita aviltante... ah! doutor, jure por Deus, que eu sou inocente e pura!

— Menina! cavaram um abismo entre ti e a felicidade!

— É certo.

— Pois bem... êsse abismo eu o farei desaparecer.

— Quê...

— Eu o juro.

— Doutor... eu estou tão perto do desespero, que sou capaz das maiores loucuras: se uma palavra só das que me ouviu chegar aos ouvidos de meus pais, eu...

— Sossega, pobre criança! o que saiu de teus lábios está encerrado para sempre no meu seio: sossega e espera...

— Esperar?... eu?

— Sim, tu mesma: eu prometo desfazer êste fatal casamento.

— Oh! não!...

— O dia de amanhã pertence-me: o dia de amanhã há de ser...

— De desgraça, doutor!

— Não; há de ser de combate.

— Como?

— Vê-lo-ás.

XVI

A PORTA DA CAPELA

Eram três horas da tarde. As quatro devia ter lugar o casamento de Frederico e Adriana imediatamente depois de ser assinada a escritura de dote e arras.

Em uma sala vasta e bela, que se estendia na extremidade direita da casa, e que por uma porta se comu-

nicava a capela, estavam já Frederico, Fabiana e o tabelião.

O tabelião sentado à mesa, onde tinha acabado de lavrar a escritura, esperava pacientemente que chegassem os signatários e testemunhas para terminar o trabalho de que fôra incumbido.

Frederico e Fabiana conversavam ainda em voz baixa junto de uma janela. A velha intrigante estava alegre, o noivo um pouco pensativo e triste.

— Meu amigo, dizia pela terceira ou quarta vez D. Fabiana, recomendo-lhe que triunfe dessa sua comção, que alguém poderia tomar por tristeza.

— Mas se realmente eu sinto um pêso enorme sôbre o coração!

— É um fenômeno que eu não posso compreender; dir-se-ia que vai casar contra a vontade!

— Não; mas receio... receio alguma cousa, que não sei bem o que é.

— Loucura!

— Oh! quem sabe o que terá ainda de acontecer hoje?

— Porém o que receia?

— Já disse que não sei; mas êsse velho e enfezado médico me assusta... Por que temou êle em querer encarregar-se de apresentar as testemunhas, que devem assinar a escritura?...

— Aquêlc homem foi sempre original: é uma nova extravagância que lhe entrou na cabeça.

— E por que se submeteram a essa extravagância os pais de Adriana?

— Ora!... não sabe a influência que exerce sôbre êles o Dr. Benedito?

— Sim... sim... porém êsse homem me aborrece, e não pode tolerar a idéia de me ver casado com Adriana; entretanto...

— Entretanto o quê?

— Desde três dias que seu rosto anuviado se expandiu... desde três dias que êle se sorri quando me olha...

— Pois se eu já lhe disse que é um original!

— E finalmente...

— Acabe.

— Aquela porta... disse Frederico apontando para a porta da capela.

— Sim, bem sei, respondeu D. Fabiana; é a porta por onde deve passar com a sua noiva para ajoelhar-se aos pés do altar.

— Mas...

— Mas o que, meu amigo?... declaro que o estou desconhecendo.

— Aquela porta está fechada!

— Abrir-se-á.

— Quando?

— A seu tempo.

— Oh! e sabe quem tem a chave dela?

— O seu futuro sogro, provavelmente.

— Não; é o Dr. Benedito.

— O que tem isso?

— Nada: acho apenas muito singular.

— Qual singular! é que o bom do velho teve vontade de assumir hoje o importante papel de sacristão.

— Todavia...

— Silêncio... êles chegam... é preciso triunfar de si mesmo, meu amigo.

— Eu me esforcei; vê-lo-á.

Cristiano, Gabriela, Adriana e seus amigos entraram na sala.

Cristiano vinha sério e grave: seus olhos encaravam com firmeza qualquer objeto; mas não se voltavam nunca para sua filha.

Gabriela, pelo contrário, mostrava-se muito comovida e tinha as vistas embebidas com indisível ternura no rosto de sua filha.

A noiva estava pálida e abatida, como uma vítima que caminha para o altar do sacrifício; seus olhos pregados no chão, se alguma vez se levantavam, era para fitar-se no Dr. Benedito. Dir-se-ia um condenado agarrando-se à derradeira esperança.

O velho médico apresentava-se com semblante carregado e severo: seu olhar tinha alguma cousa de brilhante e vingativo.

Américo e Camilo escondiam-se no meio dos numerosos amigos de Cristiano. Mariano trêmulo e agitado não se afastava do lado de seu filho, e muitas vêzes apertava-lhe a mão com inexplicável comoção.

Sentaram-se todos.

Camilo voltou os olhos e viu que Américo se havia tornado branco como uma estátua de gesso.

— Ânimo! disse-lhe ao ouvido.

— Não vêes que até me estou rindo?... respondeu Américo, cujos lábios tremiam convulsivamente.

— A escritura está pronta, disse o tabelião entregando duas fôlhas de papel a Cristiano.

— Bem... só nos falta assiná-la.

Cristiano olhou para o Dr. Benedito, que se conservara imóvel.

— Quem são as testemunhas?... perguntou o tabelião.

Sucedeu a essa pergunta um minuto de silêncio profundo.

O médico não se movia.

Frederico ia falar: mas Cristiano o atalhou, e dirigindo-se ao seu velho amigo.

— Doutor, disse, foi de sua vontade que lhe devêssemos o obséquio da escolha das testemunhas para esta escritura: a ocasião chegou.

O Dr. Benedito ergueu-se, avançou até o meio da sala, e ficou em pé e firme diante de Frederico.

O noivo e a noiva estremeceram ao mesmo tempo: um, levado de um receio inexplicável; a outra, de uma esperança ainda duvidosa.

A fisionomia grave e talvez sinistra do velho médico, e o silêncio obstinado que continuava a guardar, desafiaram a curiosidade de todos os circunstantes.

— O que será isto?... perguntou Camilo a Américo.

— Não sei; mas deve ser alguma coisa bem extraordinária!

— Três dias! disse o primeiro.

— Três dias! repetiu Américo: sim, chegamos ao terceiro dia.

— Aquêlê homem é doido, murmurou a velha Fabiana ao ouvido de uma senhora, ao pé de quem estava sentada.

— Então, doutor?... perguntou Cristiano.

Benedito guardou ainda silêncio.

— As testemunhas?... disse Frederico encarando o médico.

Benedito mediu Frederico da cabeça aos pés com um olhar onde se lia a cólera de mistura com o desprezo.

— O Sr. doutor, prosseguiu o noivo, quis ter a bondade de encarregar-se de apresentar-nos as testemunhas do nosso contrato: onde estão elas? o tempo urge.

— Tendes muita pressa, senhor? respondeu com voz trêmula e abafada o médico.

— Creio que a hora da assinatura do contrato é esta.

— Sim, é esta.

— E se o Sr. doutor não pode realizar o obséquio que nos queria fazer, algum dos nossos amigos presentes...

— Não, disse Benedito, eu não faltei nunca, nem faltarei jamais à minha palavra.

— Pois bem: quais são dentre os nossos amigos, que nesta sala se acham, as testemunhas que tem a bondade de nos oferecer?...

— Nenhum.

— Pois então...

— As testemunhas aparecerão a seu tempo... se forem necessárias.

— Se forem necessárias, senhor?!

— Sim.

— Julga pois que as podemos dispensar?

— Julgo.

— O Sr. doutor zomba; mas a ocasião me parece menos bem escolhida.

— Também não zombo nunca.

— Acabemos pois com isso, disse Frederico exaltando-se.

— Doutor, acudiu Cristiano, eu não posso compreender.

O médico interrompeu o pai de Adriana.

— Pois todos vão compreender-me bem depressa.

Voltou-se então para a noiva, que o olhava espantada, e exclamou:

— Menina! arranca êsse véu de teus cabelos e guarda-o; tira da cabeça essa coroa e guarda-a também!... Noiva! o dia de teu casamento não é êste... não chegou ainda!

— Senhor! bradou Frederico avançando dois passos...

O médico prosseguiu:

— Não chegou ainda, repito! O que se apresenta diante de nossos olhos não é a festa alegre de um casamento, é o préstito lúgubre de um sacrifício, que eu juro que se não há de consumir!

— Senhor! disse Frederico dirigindo-se a Cristiano: é necessário que se ponha um têrmo a esta cena escandalosa... se lhe falta a coragem para impor silêncio ao seu amigo, eu o farei calar.

— Doutor! exclamou Cristiano; não se pode compreender como...

Benedito não deu tempo a Cristiano para concluir a frase; voltou-se para os circunstantes e disse:

— Senhores! aquella interessante menina é uma vítima arrastada a um patíbulo! há neste projetado casamento um mistério que eu não pude ainda desnublar; mas assevero, que é a obra da intriga e da perfidia! Ouvi todos! Este casamento, que se projeta, não mereceu jamais a aprovação dos pais da noiva; e quanto a esta, lede todos nos seus olhos fundos e vermelhos, na magreza de seu corpo, na palidez e no abatimento de seu rosto a história dos mais horríveis martírios!

— É uma infame calúnia! gritou Frederico, interrogando com um olhar altivo os pais de Adriana e cla mesmo.

Mas Cristiano, Gabriela e a noiva ficaram calados, e apenas mostrando-se surpreendidos.

— Ali, no sacrário daquelle coração inocente e puro, continuou Benedito apontando para Adriana, está encerrado o segredo da traição, de que é vítima: que segredo é esse, não o sei ainda; mas que houve traição e perfidia, eu o juro! Quereis saber, senhores, quem são os autores dessa traição e dessa negra perfidia?... eu vo-los denuncio: é esse homem sem generosidade e sem honra, que quer arrastar aquella pobre môça ao altar para prendê-la em cadeias de ferro!

Frederico fêz um movimento ameaçador, e ia avançar um passo, quando parou ao ver a figura animada de Américo, que de um salto se colocou ao lado de Benedito.

— O outro, continuou o médico designando a velha Fabiana; é aquella mulher... intrigante e má!

— Sr. Cristiano! exclamou Fabiana: será possível que sejamos impunemente insultados em sua casa?...

— Doutor! disse êste; eu não posso consentir na continuação desta lamentável cena!

— Acabemos pois com ela, tornou Benedito: Menina, volta para teu quarto! Senhores, o casamento não tem lugar... está desfeito...

Frederico deixou ouvir uma risada de escárnio.

— Quê! perguntou-lhe o médico; pois o senhor insiste ainda depois do que acaba de ouvir?

Frederico respondeu com um olhar de insolente desprezo.

— Senhora! disse Benedito a Fabiana, levante-se e convença ao seu amigo e sócio de que não é mais possível concluir-se este casamento; depressa, e já! depressa e de joelhos aos pés da vítima; porque se ela não lhes perdoar, eu a vingarei.

Fabiana não deu resposta.

— Não se movem?... guardam silêncio?... não rasgaram aquela vil escritura?... ah! pois bem: tremam ambos! chegou a hora da vingança! Malfeitor! e tu mulher malvada, tremci! eu vou patentear vossos crimes.

Frederico e Fabiana estremeeceram ouvindo as últimas palavras do médico.

— Comprometi-me, disse êste, a apresentar as testemunhas que devem assinar a escritura: não falto nunca à minha palavra. As testemunhas vão aparecer.

Benedito tirou então do bôlso de sua casaca uma chave, deu alguns passos para a porta, que se comunicava com a capela, e disse:

— É tempo.

Todos os olhos embebeceram-se nessa porta que acabava de ser aberta.

Aproximou-se um vulto negro.

XVII

PRIMEIRA TESTEMUNHA: O LUXO

O vulto negro, que tinha começado por se insinuar na sombra, mostrou-se imediatamente depois a todos os olhos, aparecendo à porta da sala.

Era uma mulher alta e magra; vinha tôda vestida de preto, e um véu da mesma côr, que lhe caia até à

cintura, encobria-lhe completamente o rosto; mas por entre o véu e o vestido, e descendo ainda ábaixo do véu, estendiam-se seus longos cabelos já tão brancos como a neve.

Um murmúrio de admiração pareceu saudar a recém-chegada.

Quem era ela?...

O Dr. Benedito ofereceu-lhe a mão, e a conduziu até o meio da sala.

— Eis aqui a primeira testemunha, disse.

— Quem?... esta mulher?... perguntou Frederico.

— Sim, esta senhora.

— Uma desconhecida?

— E quem disse que ela é uma desconhecida?...

A recém-chegada não tendo querido aceitar uma cadeira, que Cristiano lhe viera oferecer, conservava-se sempre de pé, e em silêncio no meio da sala.

A curiosidade de todos os circunstantes, e principalmente de Adriana, Américo e Camilo, aumentava a cada momento; e se achavam ali tão ocupados todos em observar a desconhecida, que ninguém reparava, ao menos, no velho Mariano, que retirado em um canto da sala, chorava copiosamente, escondendo o rosto entre suas mãos calejadas e rugosas.

— Pois bem, tornou a falar Frederico; pois que é essa a primeira testemunha: como se chama ela?

— Esta senhora, respondeu Benedito, tem um nome, que eu não posso pronunciar sem ter contado primeiro a sua história.

— Sr. doutor, o tempo urge, e a hora é solene.

— Oh! sim! bem solene!... ouvi todos pois uma história, que vai fazer corar este rosto, que está coberto por um véu, e que fará curvar a cabeça a alguém que aqui se acha presente.

— Que impertinência! exclamou Frederico.

— Fale, doutor! disse D. Gabriela.

Frederico voltou os olhos para Fabiana e ficou surpreso ao ver a palidez que se tinha derramado no rosto da sua amiga.

Benedito começou a falar.

— A história que eu vou referir em breves palavras é ao mesmo tempo um castigo e uma lição: um castigo que vai sofrer esta pobre senhora, com a exposição ingênua e pública dos erros por ela cometidos, e uma lição para tôdas aquelas que me ouvem e que por ventura estejam trilhando o caminho errado por onde esta infeliz chegou à desgraça.

Todos os olhos estavam pendentes dos lábios de Benedito, que tomando uma larga respiração, prosseguiu assim:

— Conheci há alguns anos um homem generoso e honrado, que apaixonando-se por uma formosa moça, que vira pela primeira vez, por ocasião de uma festa em um certo lugar do recôncavo da província do Rio de Janeiro, pediu-a em casamento à sua família e dando-lhe a mão de espôso a levou consigo para a côrte. O homem generoso e honrado já não existe; mas sua viúva ei-la aqui... é esta senhora.

O médico interrompeu-se vendo o movimento de surpresa que faziam Cristiano, Gabriela e Adriana.

— Ninguém avance um passo... ninguém faça uma pergunta, ou ela desaparecerá para sempre!

Cristiano, Gabriela e Adriana ficaram imóveis; mas todos três comovidos, trêmulos e respirando com ansiedade.

Volvendo em tôrno os olhos, Benedito observou também que Fabiana, pálida e sobressaltada, parecia disposta a escapar-se da sala no primeiro momento que oportuno e fácil se lhe mostrasse; e como se tivesse adivinhado o pensamento dessa mulher perigosa, o médico dirigindo-se à porta que ficava defronte da que se abria para a capela, fechou-a, tirou a chave e disse:

— Também devem todos ouvir-me até o fim.

Respirou outra vez, como se muito lhe custasse a narração que ia fazer, e continuou:

— Esse homem, que a morte arrancou dêste mundo, era um simples empregado público; mas se era honesto para não poder ser rico, não tendo senão êsse único meio de vida, era também laborioso e infatigável para ganhar quanto se lhe fazia necessário a fim de viver sem vexame; e a mulher, que êle trouxera para a côrte, tinha por dotes principais a par de uma admirável beleza, a modéstia, a dignidade, a pureza; mas ao mesmo tempo a inexperiência. O espôso querendo ostentar a sua felicidade com o brilho da espôsa, de que com razão se ufanava, não se soube contentar com a doçura da vida doméstica, e com a sociedade de seus parentes e amigos provados: abriu as portas de sua casa aos amigos das circunstâncias e dos prazeres, e mais ainda, sem calcular as exigências do luxo, sem medir os perigos da vaidade, arrastou a jovem da solidão para as festas e os bailes. Aconteceu o que devia acontecer.

Benedito descansou um instante, e logo depois prosseguiu:

— Mas antes de ir além, cumpre que eu exponha um fato que precedeu a êste casamento. Esse homem tinha julgado amar a uma mulher, que o não merecia: um amigo abriu-lhe os olhos; fui eu êsse amigo; teve lugar um combate longo e difícil; enfim, porém, a amizade venceu: a mulher, que o não merecia, foi esquecida; mas sentindo-se ferida no ponto mais sensível do seu coração, jurou vingar-se; contra mim nada podia ela; contra a espôsa do seu antigo amante tentou tudo, e venceu.

Um gemido abafado interrompeu a narração de Benedito: êsse gemido não partira do seio da mulher vestida de preto; o médico fingiu não tê-lo ouvido, e continuou:

— Para vingar-se, a mulher desprezada introduziu-se na casa do homem que a desprezava, e aí cercando de

obséquios e de carinhos a inexperiente espôsa, traiçoeira uma vez, captou a amizade daquela que no fundo do coração aborrecia, e traiçoeira duas vêzes, procurou seduzir o homem que a rejeitara. Baldados foram todos os avisos, todos os conselhos da verdadeira amizade; o espôso traiu, deixando-se prender nos laços da mulher insana e pérfida.

Ouviu-se um outro rumor e o médico foi por diante.

— Não parou aí a traição: acompanhando incessantemente a espôsa traída aos teatros, aos bailes e às festas, fêz com traidores conselhos brotar em seu espírito o amor da ostentação e do luxo, que é tão natural nas senhoras. A espôsa jovem e bela, lançada no meio daquelas sociedades brilhantes e embriagadoras, onde a mulher combate com a mulher com o ardor dos olhos, com os encantos do rosto, com a delgadeza da cintura, e ainda também com a riqueza dos vestidos, com o valor das jóias e dos brilhantes; e, espôsa jovem e bela, e sobretudo inexperiente, sentiü-se abrasada pela febre da vaidade: um vestido mais rico que o seu era um tormento para ela, um aderêço mais valioso que aquêle que trazia roubava-lhe uma noite de sono, queria também vencer às outtas com adornos, como vencia com os encantos com que a dotara a natureza.

Um novo gemido interrompeu ainda Benedito; mas desta vez todos notaram que fôra a desconhecida quem gemera.

— Erro fatal! exclamou o médico dolorosamente; por que não hão de os homens saber conservar-se dentro dos limites marcados pelos seus recursos?... Oh! êsses bailes suntuosos de quantas misérias são causa e quantas lágrimas fazem chorar! Que a classe rica e abastada os freqüenta e promova é talvez conveniente; mas porque há de o pobre, ou aquêle que dispõe de mediocre fortuna, ir queimar nessas horas rápidas e infrutuosas o pouco que ajuntou, quiçá com privações sentidas no interior do lar doméstico?... Oh! o luxo! o luxo!... Quereis ver

os seus efeitos? . . . perguntai àquele empregado público, que apenas ganha bastante para viver pobremente, donde éle tirou, onde achou recursos para cobrir de custosas sêdas e de riquíssimas jóias a mulher e as filhas que faz brilhar nos bailes! perguntai-lhe, e se éle não responder, esperai alguns anos, e vereis a decifração dêsse mistério na miséria e na vergonha da sua velhice! Perguntai ao negociante, que apenas começa sua carreira difícil e perigosa; perguntai ao magistrado, que tem por único recurso o seu triste e insuficiente ordenado; perguntai a êsses e a tantos outros, que se acham nas mesmas circunstâncias, como é que se pôde fazer tanto com tão pouco, ostentar um luxo desmesurado com tão fracos meios, e se êles não responderem, achareis revelado o segrêdo nas quebras imprevistas, no aviltamento da justiça, no esquecimento dos deveres, na miséria e na vergonha enfim! Novos fcaros, o sol ardente do luxo lhes derrete as asas de cêra, quando pensam que mais alto voam, e os atira no abismo do opróbrio e dos remorsos! Oh! loucura fatal dos nossos tempos! Para que hão de querer os pobres ombrear com aquêles que são ricos!

Benedito parou um instante para respirar, e tomou imediatamente o fio da história que contava:

— Alguns anos se passaram; graças à intervenção incessante da amizade, o espôso infiel se resolvera enfim a quebrar os laços que o prendiam à mulher traidora; laços criminosos que um acontecimento doloroso veio tornar ainda mais pesado ao espôso arrependido. Nada direi por ora sôbre êsse acontecimento, não o revelarei ainda; tudo tem sua hora. A mulher má casou-se, e continua impávida a freqüentar a casa do homem fraco, que a repelira do seu coração, mas que não se animava a negar-lhe entrada no lar doméstico, porque hesitava ante a idéia de ter de dar explicações à espôsa. A vida dos saraus e festas foi entretanto continuando sempre, e talvez mais do que dantes; porque o espôso, desde que esquecera a fé conjugal, tinha um remorso no coração,

remorso agigantado por êsse acontecimento, que não expliquei, e esperava afogar o seu desgosto no turbilhão dêsses prazeres fugitivos; e a espôsa de sua parte havia já demais saboreado o doce veneno da vaidade, para poder escapar à sua perniciosa influência; tinha por muito tempo trazido sôbre seus ombros a túnica fatal oferecida por essa Dejanira dos salões, para não lançar-se com indomável frenesi no sorvedouro do vulcão; ouvira a sobras o elogio de sua beleza, observara bem e notara a impressão que causava nas assembléias para conseguir vencer-se, e fugir ainda a tempo de seus perigos. Honesta sempre, já porém muito vaidosa, não lhe bastavam mais os encantos da vida doméstica; e nem mesmo os cuidados que exigia uma linda filhinha, que o céu lhe concedera, tinham força bastante para fazer-lhe esquecer as sociedades, onde brilhava; muito pelo contrário, desde que a menina tocou aos quatorze anos, sua mãe a levou consigo aos bailes e às festas, sem pensar que pela mão a levava a um precipício horrível.

A mulher vestida de preto gemeu outra vez uma expressão de dor profunda e despedaçadora.

Benedito continuou:

— O tempo foi correndo; o fraco espôso foi também um pai fraco, e condescendia com os caprichos de sua filha, como obedecia às exigências que a vaidade inspirava à sua mulher. A ruína de sua parca fortuna tinha-se demorado muito; mas fazia-se enfim soar a sua hora terrível! os dias de reflexão e de arrependimento haviam finalmente chegado, e quando os amigos do infeliz lhe davam conselhos, e procuravam ainda animá-lo, obtinham por única resposta estas tristes palavras: — agora é tarde! estou perdido! — Oh! êle estava mais perdido do que pensava! O mísero sabia que tinha queimado sua fortuna no fogo de loucos prazeres: o mísero maldizia o luxo... e não contava ainda com a traição!... carregado de dívidas, tendo já vendido tudo quanto possuía, êsse honrado, mas fraco homem, via diante de si a mi-

séria produzida pelo luxo; não tinha porém aberto bastante os olhos para ver a desonra preparada pela mais infame traição!

O rosto do nobre médico tornou-se rubro de cólera: êle prosseguiu com voz alterada:

— Um dia fatal e sinistro êsse homem desgraçado, que tinha podido resistir ao aspecto da miséria, ouviu uma palavra, que lhe disse sua espôsa com o pranto nos olhos e o desespero no coração; êle a ouviu, e caiu para trás desmaiado. Sua filha estava perdida!

Dessa vez não foi um gemido que se escutou; foram dois escapados involuntariamente talvez a Cristiano e Gabriela.

— O gênio do mal tinha completado a sua obra! continuou Benedito; a mulher traidora, que roubara à amiga afagos de seu marido, cometera um crime horrível para perverter-lhe a filha! Oh! eu sei tudo! tudo!

Cristiano e Gabriela fizeram um movimento de indizível surpresa, enquanto Benedito, que fulminara com um olhar vingativo e terrível a velha Fabiana, continuou assim:

— Logo mais a história da mísera filha; concluíamos agora, e já, a do desgraçado pai: o infeliz nunca mais se levantou da cama; seus parentes e amigos não lhe puderam artancar uma só palavra; o segredo da desonra encerrado no peito mordeu-lhe o coração como um abutre. Três meses depois chamou sua mulher para junto de seu leito, aproximou de seus lábios o ouvido dela, e disse: — “Não me queixo de ti... nem dela; a ti devo pedir perdão... a ela deixarei a minha bênção; se concorrestes para a nossa perdição com a tua vaidade, e com o luxo, eu também corri para ela com a traição; porque eu te fui infiel, espôsa! Houve um tempo em que me deixei prender nos laços dêsse demônio, que atraçouu e perdeu nossa filha! Oh! perdão!... perdão!... reza por minha alma, e abençoa a nossa filha...”

— Agarrou depois com mãos trêmulas a cabeça de sua

mulher, uniu aos seus lábios os dela, deu-lhe um beijo... e nesse beijo exalou a vida!

A mulher vestida de preto tinha caído de joelhos, e soluçava desabridamente. Benedito continuou ainda:

— Passadas algumas semanas, a viúva e a órfã desapareceram inesperadamente da cidade do Rio de Janeiro; pobres e desgraçadas, a vergonha e ainda a vaidade as aconselhou a fugir do teatro, donde haviam ambas partido para Portugal, onde deviam encontrar pretendidos parentes; mas não! elas não partiram! a viúva, ci-la aqui!

E obrigando a mulher vestida de preto a levantar-se, o médico exclamou apresentando-a à assembléia:

— Sim! ci-la aqui! eis a vítima do luxo e da traição!... Não me pergunteis seu nome, que não vo-lo direi; mas se em todo o caso o quereis saber já, perguntai-o àquela mulher! perguntai-o continuou Benedito, apontando para a velha Fabiana; ela que vos responda; porque foi ela quem atraiçou a amiga, quem ofendeu a espôsa e quem perdeu a filha!

Todos olharam com espanto e horror para D. Fabiana, que pálida e trêmula estava a ponto de desmaiar.

— É falso!... balbuciou ela a custo.

— Senhor, continuou Benedito, dirigindo-se a Frederico: eis a primeira testemunha que ofereço para assinar o contrato do seu casamento; é uma vítima do luxo e da traição! aceita-a?...

Frederico não respondeu.

— Oh! pois bem! dar-lhe-ei ainda outra mais importante do que a primeira!

E avançou um passo para a porta da capela.

Cristiano, Gabriela e Adriana levantaram-se ao mesmo tempo, querendo aproximar-se da mulher vestida de preto; mas Benedito voltou-se logo, e, suspendendo-os, disse:

— Ainda não! nem um só passo para ela; deixem-me antes de tudo cumprir até o fim a minha triste missão.

Frederico conservava-se imóvel e abatido, voltando às vèzes, e como a mêdo, os olhos para a porta da capela.

— A segunda testemunha! disse Benedito em alta voz.

Como um condenado que se arrasta para o patíbulo, veio pouco a pouco aparecendo e aproximando-se pelo corredor, que se comunicava com a capela, uma figura branca e graciosa, a quem a comoção, e talvez a vergonha, fazia tremer convulsivamente.

XVIII

SEGUNDA TESTEMUNHA: A TRAIÇÃO

O vulto branco que acabava de aparecer era também de uma mulher: vinha ao contrário da primeira, tôda vestida de branco, e um véu da mesma côr de seus vestidos caía-lhe até os joelhos e lhe encobria completamente o rosto, do qual apenas se podiam apreciar os olhos que brilhavam através do véu, e também das lágrimas que por certo estavam derramando; seus cabelos negros, longos e ondeantes caíam-lhe quase até os pés, produzindo um contraste admirável com a alvura de suas vestes; estava, porém, tão comovida, que foi preciso que Benedito lhe fôsse dar a mão para que ela se viesse colocar a par da mulher vestida de prêto, sôbre cujo ombro apoiou a fronte com inexprimível expressão de dor.

Ao aparecer à porta do corredor a mulher vestida de branco, Américo, que acabava de adivinhar metade da triste história, agarrou com fôrça o braço de Camilo, e com palavras inspiradas pela amizade, impediu alguma exclamação imprudente que ao amigo pudesse escapar.

Mas era tão evidente o muito que estava sofrendo a recém-chegada, que Gabriela, que chorava abraçada com o seu esposo, exclamou:

— Oh! não, doutor! é muito!

— Assim se faz preciso, respondeu Benedito.

— Ah! não!... é como um castigo público: não!

— Ela o quis! tornou o médico; e demais, não temos diante de nós uma criminosa... temos uma vítima...

— Que poucos o saibam ao menos.

— Ela o quis assim!...

Frederico trêmulo, e com as feições alteradas, quis fazer um esforço para escapar da posição em que se ia achar.

— Senhor... começava êle a dizer.

— Silêncio! silêncio! exclamou Benedito, eu imponho silêncio ao algoz e vou falar.

A voz de Frederico tinha produzido uma impressão violenta na alma da mulher vestida de branco; apenas a ouviu, levantou a cabeça, que descansava sobre o ombro da companheira; sua comoção desapareceu, o tremor convulsivo que a agitava cessou como por encanto, deu dois passos para a frente, e quando Benedito acabava de pronunciar as últimas palavras, com que impusera silêncio a Frederico, ela exclamou:

— Sim! silêncio ao algoz! fale a vítima! sou eu que devo falar!

E arrancando o denso véu que a cobria, mostrou-se à assembléa com todo o esplendor da mais brilhante formosura.

Era... Vicentina!

— Vicentina! Vicentina! exclamaram por entre soluços algumas vozes!

— Vicentina! murmurou com voz lúgubre Camilo.

Cristiano, Gabriela, Adriana, Américo e Mariano tinham enfim corrido a abraçar as duas senhoras.

Um instante depois, arrancando-se aos braços que a enlaçavam, Vicentina estancou as lágrimas de ternura que derramara no seio de seus amigos, e, dando um passo, exclamou com voz firme e altiva:

— É tempo! fale a vítima.

Mas voltando os olhos, em que brilhava a cólera e a vingança, para cravá-los em Frederico, que era sem dúvida o algoz, encontrou em seu rápido volver o rosto alterado e descomposto de Camilo, que imóvel e arquejante a contemplava.

Vicentina não pôde resistir à indizível expressão de dor que se lia no semblante de Camilo; a força que lhe emprestara um profundo ressentimento, desapareceu ante os sofrimentos do ardente mancebo, que com tanto fogo a amava: ela reconheceu que de seus lábios ia partir a sentença mais terrível para Camilo... esqueceu a vingança tremenda pelo mais puro dos amôres; de firme e decidida que se mostrara, começou a vacilar e tremer, seus olhos inundaram-se de lágrimas... logo depois um véu escuro e denso lhe ofuscou a vista... sentiu que a cabeça lhe andava à roda, e que um frio glacial a enregelava tóda... estendeu os braços para diante exclamando.

— Doutor! doutor! graças a Deus, eu morro!...

E caiu sem sentidos nos braços de sua mãe, que correrá para ela.

Depois de alguns momentos de confusão e de espanto, Benedito dissipou todos os cuidados, dizendo:

— É apenas uma vertigem: eu respondo por ela.

— Doutor, seria melhor retirá-la daqui, disse Cristiano.

— Não; é preciso que a vítima esteja patente a todos os olhos: esta vertigem foi um favor do céu, porque eu falarei sem que ela me ouça, e o seu pudor sofrerá menos assim.

E antes que alguém pudesse fazer alguma nova observação, Benedito enctou a história de Vicentina.

— Eis ali, senhores, uma mulher na primavera dos anos, formosa como a virgem dos sonhos de um poeta, cheia de todos os encantos que lhe podia dar a educação mais desvelada, e ainda sobre tudo isso com um coração dotado de tôdas as virtudes: oh! quem ao vê-la há oito anos passados assim tão bela, tão graciosa e tão pura, não lhe teria predito uma vida feliz, e um futuro de risos e de flôres! pois bem; ei-la aí agora; o seu futuro foi de lágrimas e a sua vida marcada por incessantes tormentos. Quereis saber a causa de seus padecimentos?... eu vo-las digo: foram duas, a primeira, um grave êrro de seus pais; a segunda, a perversidade de uma mulher vingativa e de um homem sem coração; a mulher vingativa e má está ali, pálida e trêmula; o homem sem coração está diante de mim afetando sentimento no exterior, tendo porém a alma forrada da mais brutal indiferença!

Benedito apontou para Fabiana e Frederico, que se conservavam mudos, sentindo-se abatidos pela reprovação geral.

Benedito prosseguiu:

— Os pais daquela infeliz môça sentiram-se cheios de orgulho contemplando sua filha, que ao sair da infância mostrava-se tão bela, como se à porfia os anos tivessem querido enriquecê-la de graças e de encantos, e imprudentes arrastaram-na consigo às reuniões e às sociedades brilhantes e estrepitosas, onde gastavam a vida e queimavam a fortuna. Não se lembraram de que uma menina inocente e ingênua corre verdadeiros perigos no meio das lisonjas, das intrigas, das mentiras, e das seduções, que nas salas de um baile penetram nos corações com o ar que se respira! Levaram-na pois consigo e abandonaram-na quase sem defesa à embriaguez dessas festas e desses prazeres, em que se pode, sim, conservar a virtude, mas onde quase nunca se conserva a inocência! Que cegueira! uma menina de dez ou doze anos, que vive no lar doméstico alegre, expansiva e brincando,

anjo ainda, no scio ainda dessa celestial ignorância, que prova que ela é ainda mais do céu que da terra, mais de *Deus que dos homens*, é levada ao baile, e quando volta, já medita o resto da noite, já cisma na manhã seguinte, já observa como a olham, já calcula quando fala, já combina as palavras que lhe dizem; em uma palavra, já cora. Oh! para que cedo fazer pisar na terra a inocente pomba, que ainda voa perto do céu!... É um erro... grave erro; porque, além dêsse roubo que se faz aos anjos, prepara-se às vêzes uma vítima, quando o olhar providencial dos pais não está constantemente embebido na môça inexperiente e ingênuo, que ainda não sabe mentir, e que não comprcende que cem bôças lhe possam repetir em uma só noite a mesma mentira.

— Vicentina, continuou Benedito, viu-se desde o primeiro momento cercada nos bailes, a que a levavam seus pais, de um sem número de mancebos que incessantemente queimavam a seus pés o incenso perigoso das lisonjas; ouviu bem cedo, e habituou-se a ouvir juramentos de fingidos e de verdadeiros amôres; e sentindo acender-se em seu espirito a chama ardente da vaidade, sustentou por sua vez o combate pueril, que entre si estabelecem as senhoras no empenho de agradar aos homens e de suplantar umas às outras: tão bela ou mais bela ainda do que tinha sido sua mãe, Vicentina era o objeto de tôdas as atenções, e seus pais, observando seus triunfos e espécie de encantamento que ela produzia, sentiam redobrar o seu orgulho. A felicidade, a alegria daqueles imprudentes pais, a formosura e a imperturbável serenidade da encantadora môça despertaram a inveja naquela mulher que tinha uma vez atraído a espôsa, de quem se dizia amiga, e que jurou perder a môça que fazia o orgulho de seus pais.

— Entre os mancebos que com mais ardor e constância cortejavam Vicentina, um se notava sempre: era um homem a quem a natureza enriquecera com belos dotes físicos, mas, em cujo coração achavam guarida ví-

cios repreensíveis e perigosos: chamava-se, e chama-se ainda hoje Frederico. Tendo perdido seus pais quando sua educação estava apenas em meio, e havendo recebido em herança não pequena fortuna, êsse homem voltou as horas que devia consagrar ao trabalho, sòmente ao jôgo, aos prazeres menos lícitos e a tòda espécie de devassidão; dentro em pouco adquiriu uma celebridade vergonhosa, e todos o apontavam como um sedutor. Oh! sabeis o que é um sedutor?... é uma serpente que canta docemente até o momento de morder! é um algoz infame que beija e lambe os pés da vítima até arrastá-la ao altar impuro do sacrificio, e que depois a reple com a ponta de seu pé, ou a esbofetêa como o carrasco de Carlota Corday! Um sedutor é uma víbora que se acolhe e se aquece no seio da própria família que vai cobrir de luto! Eis o que é um sedutor; eis o que foi e o que será sempre aquêle homem!

A fôrça de se ver tão directamente agredido, Frederico se foi pouco a pouco arrancando do abatimento em que havia caído, e ouvindo as últimas palavras de Benedito, pôde já responder-lhe:

— Continue, senhor; leve ao fim esta cena de antemão preparada; veremos em que isto acaba.

E lançou um olhar, em que se lia a cólera e o despeito, sòbre Cristiano e sua filha.

Benedito, sem mesmo voltar os olhos para Frederico, prosseguiu:

— A mulher traidora apresentou-se a Vicentina como desinteressada protetora do amor de Frederico: pintou-lhe êste mancoço com as mais lisonjeiras côres, mostrou-se entusiasmada pela felicidade que esperava a môça inexperiente, e ao mesmo tempo ligou-se ao sedutor, cujo caráter conhecia, e animou-o a prosseguir no empenho de ganhar o amor de Vicentina. Inexperiente e descuidada, não devendo desconfiar de uma senhora que era recebida uma como amiga na casa de seus pais, gostando da sua companhia porque tinha a certeza de ouvir

sempre novos elogios à sua beleza, e confidências de novos triunfos alcançados pelo poder e influência de seus encantos, Vicentina deixou-se prender nas rédes que lhe armava D. Fabiana. Não amava Frederico; mas era grato ao amor que acreditava ter inspirado, e já nas assembléias, a que ia, já na casa de Fabiana, onde sempre o encontrava, via com prazer o fatal mancebo, e ouvia sem repugnância os protestos hipócritas de sua paixão.

— Mas isso não bastava, continuou Benedito; tolerar ser amada era muito pouco para ficar Vicentina perdida no conceito público, e assim para sempre extinta a felicidade de seus pais. Fabiana queria mais, e o conseguiu: antes de tudo fêz espalhar por tôda a parte a existência de um amor, que não se podia dizer retribuído por Vicentina; inventou circunstâncias, que nunca se tinham dado, repetiu conversações e confidências, que jamais haviam tido lugar, e quando todos acreditavam que Frederico era feliz e amado, desfechou o último golpe, o golpe terrível.

Benedito suspendeu-se um momento na narração que fazia; chegou-se ao sofá, onde Vicentina se achava deitada e com a cabeça apoiada no seio de sua mãe, observou-a um instante e voltou logo.

Vicentina tinha tornado a si; mas conservava-se imóvel e com os olhos fechados: o Dr. Benedito o reconheceu; mas tomando ao seu lugar, continuou dizendo:

— O desmaio dura ainda... tanto melhor: o que eu vou dizer agora só o sabe ela, sua mãe e eu. Vós, meus amigos, prosseguiu dirigindo-se a Cristiano e Gabriela, sabeis bem qual a horrível desgraça, que acontecera à pobre môça; mas ignoráveis as circunstâncias, que acompanharam essa desgraça; julgáveis talvez Vicentina criminosa, e ela é apenas uma vítima: eu tudo calei até hoje em atenção a um nobre mancebo... agora, porém, o silêncio se tornaria um crime. Ouvi:

A atenção dos circunstantes redobrou.

— O marido de D. Fabiana determinou festejar o aniversário de seu casamento, e convidou a todos os seus amigos para um jantar e baile que deviam ser dados em uma bela chácara que possuía: o concurso foi imenso, festa brilhante, os prazeres multiplicados. O baile durava há muito; nunca tão terno se mostrara Frederico a Vicentina, nem com esta mais cuidados gastara Fabiana; cada minuto era marcado por um obséquio, cada hora por uma prova irrecusável de interesse e amizade.

— À meia-noite serviu-se de chá; Vicentina estava no toilette, e Fabiana correu a ela e levou-lhe uma chávena de chá. A pobre moça não podia deixar de sentir-se agradecida a tanta delicadeza.

— Meia-hora depois Vicentina sentiu-se incomodada, tinha a cabeça tonta e sono...

— Fabiana, que a viu sofrendo, levou-a para seu quarto no interior da casa e convidou-a a descansar alguns minutos.

— Vicentina apenas se deitou, adormeceu...

— Duas horas depois despertou... e soltou um grito abafado... tinha-lhe manchado a fronte o beijo de um homem estranho: esse homem era Frederico... Vicentina estava perdida!...

— A pobre moça ergueu-se desesperada; disse que se sentia doente e retirou-se com seus pais: queria ainda encobrir a todos a sua desgraça; mas alguns meses depois sentiu que o segredo não era mais possível...

— Frederico tinha entretanto improvisado uma viagem, e desaparecera do Rio de Janeiro; e Fabiana, que acabava de enviuar, se retirara da cidade para passar no campo o tempo do luto.

— Triunfara o crime!...

— Um dia enfim a pobre filha cai aos pés de sua mãe, e tudo lhe confiou: a vergonha entrava ao mesmo tempo que a miséria na casa do infeliz Fernando; e quando a mísera mãe foi rasgar o véu terrível aos olhos

do espôso e pai, Fernando caiu para trás, como já disse, e pouco tempo depois morreu.

— A mãe e a filha continuaram ainda a viver por algumas semanas na cidade fatal que fôra o teatro de seus prazeres e que era então o de seus infortúnios, até que uma noite uma moça caiu gemendo em um leito doloroso: ao pé dela velava um homem dedicado, que recebeu em seus braços uma infeliz criancinha. Esse homem fui eu: essa criancinha era filha de Frederico!

— Foi então que eu tive conhecimento de tôdas as circunstâncias desta história terrível, sob a condição de guardar inviolável segredo; guardei-o até hoje: agora, porém, autorizado pela vítima, eu vim desmascarar o algoz.

O nobre médico voltou-se para Frederico e encarando-o face a face, exclamou:

— Eis aqui pois a segunda testemunha que apresento: é a vossa vítima, senhor! quereis uma terceira? ah! posso ainda apresentar vossa filha!

Frederico lançou um olhar vago e indeciso em roda da sala; todos os semblantes demonstravam o horror que inspirava o seu crime; encontrou enfim Fabiana, que devorava o velho médico com os olhos flamejantes de cólera; tôdas as senhoras tinham afastado suas cadeiras do lado de Fabiana, que tendo ao pé de si apenas sua sobrinha, arquejava de raiva e parecia sequiosa de vingança. Frederico e Fabiana não tremiam mais, e queriam lutar ainda.

O primeiro que falou foi Frederico; encarou com arrogância Benedito, e disse:

— Esse homem mentiu.

Ouvindo tais palavras, o nobre ancião ergueu de repente a mão pesada e terrível, e o maior dos insultos ia ficar impresso na face de Frederico, se alguém não tivesse suspenso o braço de Benedito.

— Ainda não, doutor! disse Camilo.

XIX

O ALGOZ E A CÚMPLICE

Benedito não pôde vencer a fôrça daquele que suspendera sua mão vingativa; voltou-se e vendo junto de si o filho do velho Mariano, disse-lhe:

— Mancebo, um desmentido é uma afronta que um homem honrado não tolera.

Camilo mostrava-se frio e calmo como em tôdas as ocasiões em que tomava uma resolução decisiva; ouvindo o que lhe dissera Benedito, respondeu com aparente sossego:

— Senhor, êste homem não lhe pertence tanto como a nós outros, e eu juro que não o cedo a ninguém.

— Camilo! disse Mariano aproximando-se.

— Meu pai, prometo que ficareis contente com o meu procedimento.

Soltou então o braço de Benedito, que ainda sustinha, e voltando-se para Frederico, disse:

— Senhor, aquela mulher que ali está vestida de prêto chama-se Hortênsia, e é irmã de meu pai; seu marido chamava-se Fernando, e era irmão da espôsa do Sr. Cristiano; aquela môça, que ali jaz desmaiada, chama-se Vicentina e é minha prima. Compreende bem, Sr. Frederico, tudo quanto se encerra nestas explicações?...

Frederico não respondeu; mas todos voltaram os olhos para Vicentina, que, como se despertasse à voz de Frederico, ergueu primeiro a cabeça, e logo depois sentou-se no sofá.

O único, que não olhou para Vicentina, foi Camilo, que prosseguiu dizendo:

— Senhor, pela história que acabamos de ouvir, referida por um homem honrado e incapaz de mentir, sabemos todos que o Sr. praticou uma ação indigna, ação que encheu de luto e fêz a desgraça de uma família

XIX

O ALGOZ E A CÚMPLICE

Benedito não pôde vencer a fôrça daquele que suspendera sua mão vingativa; voltou-se e vendo junto de si o filho do velho Mariano, disse-lhe:

— Mancebo, um desmentido é uma afronta que um homem honrado não tolera.

Camilo mostrava-se frio e calmo como em tôdas as ocasiões em que tomava uma resolução decisiva; ouvindo o que lhe dissera Benedito, respondeu com aparente sossego:

— Senhor, êste homem não lhe pertence tanto como a nós outros, e eu juro que não o cedo a ninguém.

— Camilo! disse Mariano aproximando-se.

— Meu pai, prometo que ficareis contente com o meu procedimento.

Soltou então o braço de Benedito, que ainda sustinha, e voltando-se para Frederico, disse:

— Senhor, aquela mulher que ali está vestida de preto chama-se Hortênsia, e é irmã de meu pai; seu marido chamava-se Fernando, e era irmão da espôsa do Sr. Cristiano; aquela môça, que ali jaz desmaiada, chama-se Vicentina e é minha prima. Compreende bem, Sr. Frederico, tudo quanto se encerra nestas explicações?...

Frederico não respondeu; mas todos voltaram os olhos para Vicentina, que, como se despertasse à voz de Frederico, ergueu primeiro a cabeça, e logo depois sentou-se no sofá.

O único, que não olhou para Vicentina, foi Camilo, que prosseguiu dizendo:

— Senhor, pela história que acabamos de ouvir, referida por um homem honrado e incapaz de mentir, sabemos todos que o Sr. praticou uma ação indigna, ação que encheu de luto e fêz a desgraça de uma família

— E se o senhor não quiser convir nisto, esteja certo que eu o hei-de matar.

— Camilo! exclamou Mariano.

O mancebo cruzou os braços sôbre o peito, como disposto a ouvir Frederico.

— Oh! Camilo! bradou outra vez o velho: estás louco?...

— Que queria então, meu pai, que eu fizesse?...

— Queria que te não esquecesses, que antes de ti estou eu.

— E antes de ambos eu, murmurou Vicentina, de um modo que fêz estremecer sua mão.

— Fale, senhor! disse Cristiano com voz mudada a Frederico.

Frederico não era covarde; sentira-se abatido e humilhado pela recordação e pela prova viva de seu crime; mas o insulto e a ameaça revoltaram-lhe o ânimo, despertaram-lhe as fôrças, e quando chegou o momento de se fazer ouvir, disse com aparente sangue frio:

— Não me vou defeuder ante juizes, pois que os não conheço aqui; vejo que há um trama urdido para obstar ao meu casamento, e sinto que devo dar algumas explicações às pessoas que não entram nesse trama, e que se acham presentes. Lançaram contra mim o insulto, a calúnia, e a ameaça: desprezo o insulto, vou desfazer a calúnia, e desafio a ameaça.

Um rir sinistro estremeceu nos lábios de Camilo.

Frederico continuou:

— Um homem, que abusa do respeito que se deve a seus cabelos brancos, fêz-nos há pouco ouvir uma longa história, que acabou por um nefando crime; no meio dessa história atirou o meu nome, e quis fazer-me responsável por uma desgraça, que muito lamento. Conheci, encontrei algumas vêzes nos bailes aquella senhora em

outro tempo; talvez lhe tivesse dirigido algumas palavras de simples cumprimento dansando por acaso com ela; tudo o mais além disto é falso, e nem consentirei, que sirva o meu nome para... explicar os... erros, ou o momento de fraqueza, de quem quer que seja.

Camilo ficou imóvel e silencioso ouvindo estas palavras; mas seus olhos começaram a tornar-se côr de sangue.

Frederico prosseguiu:

— Rejeito as proposições que me fêz o Sr. Camilo, e não me lembrarei jamais de lhe pedir que se esqueça de realizar suas ameaças. Quanto ao mais, a Sra. D. Fabiana, em cuja casa se diz que eu cometi êsse negro crime, poderá com o seu testemunho esclarecer a verdade.

E voltando-se para Cristiano, disse:

— Creio que daqui a alguns instantes poderei exigir que se celebre o meu casamento com sua filha senhor!

Cristiano não pôde responder, porque a velha Fabiana abrasada em furor já tinha começado.

— Também fui vilmente caluniada! exclamou ela; pintaram-me como uma mulher cheia de vícios e de crimes: oh! eu esperava, eu contava com tudo isto; mas também dentro em pouco explicarei tudo. Sim! fui amiga daquela senhora; nunca porém a atraíçoei, nunca ameie seu espôso! sim! fui amiga daquela môça; nunca porém ela me ouviu maus conselhos, nem jamais me envolvi em seus amôres, bem que todos dêles muito se ocupassem. Sim! deu-se essa reunião, deu-se êsse baile em minha casa; mas essa chávena de chá, êsse sono e essa história de um abominável crime, é pura invenção do meu maior e constante inimigo.

— Oh! eu a farei ajoelhar-se diante de mim! exclamou Benedito.

Fabiana prosseguiu:

— Quereis, senhores, a explicação de tôda esta cena lamentável, de todo êste tecido de calúnias!... ei-la aqui em duas palavras: o Dr. Benedito tem um filho na-

tural, a quem muito ama, e para quem descjava arranjar uma noiva bela e rica; a Sra. D. Adriana convinha-lhe perfeitamente; o Dr. Benedito empregou pois todos os meios que pôde, a fim de conseguir casar seu filho com a filha de seu amigo; as coisas estavam em bom caminho; infelizmente porém o Sr. Frederico transtornou todos os projetos do homem honradíssimo e desinteressado, que me detesta.

O Dr. Benedito olhava quase com piedade para a velha Fabiana.

Ela continuou:

— Em tais circunstâncias, vós o vêdes, senhores, o Dr. Benedito abraçou-se com a calúnia; forjou uma história de horrores e de crimes, onde nos achamos comprometidos, eu a quem êle supõe ter contribuído para o casamento, que vai ter lugar, e o Sr. Frederico, que lhe rouba a noiva de seu filho. Eis aqui a verdade, senhores; e se quereis também saber quem é o filho natural do Sr. Benedito, eu o aponto: ei-lo ali... é o Sr. Américo!

— Até que enfim chegou o momento de confundí-la de todo! exclamou Benedito. Mulher! vais ajoelhar-te a meus pés! vais beijar-me as mãos, e cobri-las talvez de lágrimas; vem comigo!

— Que!... o senhor atreve-se!...

O Dr. Benedito chegou-se à velha Fabiana e pronunciou-lhe ao ouvido algumas palavras tão importantes e poderosas, que aquela mulher terrível e odienta ergueu-se pálida, quase convulsa, com olhos flamejantes, com o semblante decomposto, e seguiu com passos apressados o nobre médico que se dirigia à porta da sala.

Chegando à porta, Benedito abriu-a com a chave, que havia guardado; voltou depois o rosto, e procurando com os olhos Américo, disse:

— Vem, Américo, também tu deves ouvir-nos, vem!

Américo, triste e vergonhoso, dirigiu-se com a cabeça baixa para onde o chamava o seu velho amigo.

XX

DE JOELHOS

Benedito entrou em um gabinete, certou a porta depois que Américo e Fabiana entraram também, e dirigindo-se logo a esta:

— De joelhos! disse.

— Oh, fale! fale! exclamou Fabiana, cujos olhos se volviam de Benedito para Américo com um ardor inexprimível.

— De joelhos, mulher!

— Oh, fale! exclamou Fabiana pondo as mãos, como se orasse, ou se pedisse por Deus.

— Sabes, mulher, porque eu não falei ali naquela sala, diante de todos, e para que todos me ouvissem?... Sabes, porque eu me não vinguei de ti e das injúrias que me disseste, tornando ainda mais patente a história de tua vergonha?... Oh! não foi porque eu tivesse piedade de ti, não; foi porque eu não quis que subisse ao rosto de um inocente o rubor do pêjo; foi porque eu tive compaixão de alguém, que se há-de talvez envergonhar de ti!

— Meu Deus! meu Deus! disse Fabiana, escondendo o rosto entre as mãos.

Benedito continuou então falando a Américo.

— Américo, esta hora triste, mas solene, a ti mais do que a ninguém pertence. Escuta. Ouviste tudo quanto eu disse na sala, referindo a história de Fernando e Hortênsia?...

— Ouvi, doutor.

— Lembra-te, que eu deixei de me explicar a respeito de um ponto dessa história?

— Sim: entendeu que não devia então dizer coisa alguma acêrca de um acontecimento...

— Oh! é isso: exatamente, isso mesmo; e êsse acontecimento te vai agora ser revelado. Américo, esta mulher, que atraçoava a espôsa de Fernando, roubando-lhe às escondidas os carinhos de seu marido, recebeu um castigo no próprio crime que cometia.

Américo olhava espantado para Benedito, que continuou dizendo:

— Esta mulher, que então era solteira ainda, reconheceu um dia que dentro de alguns meses teria de esconder um segredo, que comprometia a sua honra... ela ia ser mãe!

Fabiana soltou um grito abafado.

— Esta mulher, que soube ocultar a todos, exceto a Fernando, o seu estado, compreendeu que para conservar livre de suspeitas a sua reputação, lhe seria preciso separar-se de seu filho, e conveio em confiá-lo aos cuidados de Fernando.

— Oh meu Deus! meu Deus! exclamou a velha Fabiana, que de momento a momento olhava para Benedito com a expressão da mais ardente curiosidade.

— Ao aproximar-se a época em que o primeiro grito de um inocente devia lembrar-lhe a sua falta e acusá-la da necessidade de separar-se dêle, esta mulher retirou-se da cidade, e em uma pequena casa solitária dos subúrbios, esperou a hora tremenda...

Como se adivinhasse o que mais tinha de dizer Benedito, Américo comprimia sua respiração, e escutava tremendo.

O médico prosseguiu:

— A hora solene e dolorosa chegou enfim; Fernando estava junto ao leito desta mulher, e recebendo em seus braços uma mísera criancinha, desapareceu com ela. Essa criança era um menino.

— E... depois?... perguntou Américo vacilando.

— Pobre criança! estivera apenas alguns minutos nos braços de sua mãe, e somente para ser nesses minutos martirizada por ela!

— Oh! é verdade!... exclamou Fabiana; eu posso ter a certeza...

E lançava-se com um ímpeto de desesperada curiosidade para Américo; mas Benedito a susteve agarrandô-a pelo braço:

— Deixe-me!... deixe-me!... eu quero ver!... bradava a mulher.

— Alguns dias depois, continuou Benedito empregando tôda sua fôrça para subjugar Fabiana, que lutava desabridamente, alguns dias depois Fernando foi ver Fabiana, e lhe deu a notícia da morte de seu filho. Esta mulher, que até então havia chorado desde o momento em que se separara de seu filho, esta mulher, que era castigada pelo seu crime, mesmo no extremo do amor maternal que em seu coração se acendera; esta mulher não acreditou no que lhe dizia Fernando, e foi preciso que uma certidão...

— Mas essa certidão?... perguntou Américo!

— Era falsa.

— E o filho?... o filho?...

— O filho creseceu longe dos olhos de sua mãe, e os amigos de Fernando...

Fabiana fêz um esforço violento para arrancar-se das mãos de Benedito; sentindo-se porém sempre subjugada, exclamou:

— Um momento depois de dar à luz, eu o recebi em meus braços, e aproveitando êsse instante supremo, dei com um canivete dois golpes em cruz no braço direito de meu filho... Américo!... quero ver o teu braço...

— Minha mãe! minha mãe!... bradou Américo abraçando-se com Fabiana.

Benedito com olhos cheios de lágrimas afastou-se dois passos, e contemplou mudo a cena, que diante d'ele se passava.

Fabiana desprendeu-se dos braços de Américo, e arfando, trêmula, com os olhos afogeados, segurou com a mão esquerda a mão direita de Américo, e arregaçando-lhe com a outra mão as mangas da casaca e da camisa, encontrou enfim uma cicatriz formando uma cruz.

Apenas descobriu o sinal desejado, Fabiana deu um passo para trás... ergueu ambos os braços... abriu a bôca para falar e não pôde... seus olhos lampejaram... e enfim caiu sôbre o peito de Américo com todo o pêso de seu corpo.

— Minha mãe!... minha mãe!... gritou o mancobo soluçando abraçado com ela.

Alguns momentos depois Fabiana levantou a cabeça, devorou com os olhos o rosto de Américo, fêz um esforço supremo, e exclamou:

— Meu filho!...

Era um grito arrancado das entranhas.

Benedito contemplava em silêncio aquela explosão do amor maternal. Fabiana abraçava e beijava quase em delírio o filho, que por tantos anos julgava morto; essa mulher, escrava de violentas e condenáveis paixões, parecia naquele momento purificar-se de todos os seus erros e delitos no santo fogo da maternidade. Fabiana, a mulher má, desleal, intrigante e falsa, tendo o coração assim tão cheio dêsse sentimento, embora natural, sagrado sempre, podia comparar-se a essas feras indomáveis do deserto, que no meio de sua braveza ostentam em grau tão subido o amor da prole.

Quando pôde vencer os primeiros ímpetos de seu ardor, Fabiana voltou-se para o Dr. Benedito, tomou-lhe

as mãos entre as suas, cobriu-as de lágrimas, caiu de joelhos, e exclamou:

— Sim, doutor! sim; eu me ajoelho a seus pés, eu lhe beijo as mãos, eu choro e derramo minhas lágrimas sobre elas: ah, doutor! perdão! perdão! perdão para a mãe de Américo!... Doutor, eu reconheço que a sua bondade e a sua honra são ainda mais elevados que a minha maldade! o senhor me restitui meu filho, e mo restitui com o coração cheio de virtudes!... oh! Deus lhe pague... Deus lhe pague!...

E erguendo-se, lançou-se de novo nos braços de seu filho, e continuou:

— Meu filho! meu filho!... quanto te tenho feito sofrer!... ah! nem mesmo o concebes! mas olha... ainda é tempo, eu vou fazer a tua felicidade sem que o penses; sente, êsse casamento de Frederico e Adriana não se há de realizar, não!... basta uma palavra minha para desfazê-lo; eu vou dizer essa palavra, e Adriana será tua, ouviste?... ouviste?

— Oh, minha mãe! o meu coração não deseja agora mais nada neste mundo! eu sou completamente feliz!

Um rir sublime e inexprimível brilhou nos lábios de Fabiana por entre as lágrimas que inundavam seu rosto.

— Obrigada, meu filho! obrigada; mas eu te darei Adriana...

— Não, minha mãe; o meu casamento com Adriana tornou-se impossível.

— Impossível?... e por quê?

— Impossível, desde que ela... não rejeitou a mão, que lhe oferecia Frederico.

— Pobre louco! eu te compreendo! encerras dentro dêsse nobre e generoso coração o segredo de uma noite fatal para ti...

— Minha mãe... silêncio...

— Oh! nessa noite o que se passou foi somente a obra da traição... ouves?... nessa noite Adriana foi uma mísera vítima da mais negra cilada...

— E quem pôde?...

— Quem pôde forjar tão feio crime... ah, meu filho, não te horrorizes, não me repilas, porque me matarias, quem cometeu esse novo crime, quem preparou a cilada... fui eu! fui eu; para te roubar Adriana! fui eu, para encher de mágoa e de fel a vida do Dr. Benedito; fui eu! ah! perdoa-me, meu filho, perdoa-me!

— Minha mãe! minha mãe!... exclamou Américo apertando Fabiana em seus braços.

— Vem! prosseguiu ela; temo-nos demorado muito: vamos por fim às cenas que se passam naquela sala, vem... eu quero dizer tudo...

E travando do braço de Américo, levava-o consigo, quando parou de repente na porta e de novo voltou sobre seus passos: o rosto de Fabiana tinha tomado uma expressão de dôr profunda e acerba.

— Américo... vêes?... o Dr. Benedito está olhando para mim com olhos tristes: sabes o que êle quer dizer?...

— O que, minha mãe?...

— Quando êle entrou conosco há pouco neste gabinete, disse-me: 'sabes por que eu não falei diante de todos?... foi porque eu não quis fazer corar a um inocente, que talvez se envergonha de ti.'

— Minha mãe, que horrível pensamento? que filho pode...

— Escuta: eu tenho sido uma mulher má e perversa; tenho feito a desgraça de tantos, que por fôrça devo ser aborrecida! meu filho, quero começar a provar o meu arrependimento impondo-me o maior dos sacrifícios, e privando-me da única ventura, que para mim pode haver no mundo: oh! não hão de resvalar sobre ti as maldições

que caem sôbre a cabeça de tua mãe. Doutor! o que acaba de se passar neste gabinete, seja um segredo para todos: Meu filho! eu te adorarei no silêncio de minha alma! eu irei uma hora cada dia abraçar-te, e chamar-te filho, quando ninguém nos possa ouvir...

— Oh! não!

— Sim! sim! diante do mundo nós seremos apenas dois amigos...

— Minha mãe! será crível que me rejeite um momento depois de me haver encontrado?... oh! qual de nós é o que se envergonha do outro?...

— Eu envergonhar-me de ti!... louco! louco! tu que és o anjo, a cujas asas se prende minha alma para entrar no céu!... tu! tu, que ressuscitaste meu coração! tu, tu, meu filho, meu querido filho!...

Mãe e filho ainda uma vez abraçaram apertadamente, e desenlaçando-se alguns instantes depois:

— Vamos, disse Fabiana; corramos à sala! enxuga tuas lágrimas, compõe o teu semblante, e deixa-me merecer o céu por meio deste enorme sacrifício. Ninguém saberá que és meu filho.

O Dr. Benedito, que tinha entrado no gabinete com o ressentimento e o amargor no coração, saía dêle acompanhando Fabiana e Américo com os olhos banhados em pranto, e a alma banhada em alegria e amor.

Benedito já não aborrecia Fabiana.

XXI

MÃE QUE FALA

Tinham sido tão graves as revelações feitas pelo Dr. Benedito, algumas das quais eram ignoradas pelo próprio Cristiano, e tão forte impressão causara no espírito dêste e de sua espôsa o aparecimento inesperado das duas ermi-

toas, nas quais antes ninguém havia reconhecido, à exceção do médico, as infelizes Hortência e Vicentina, que, tanto Cristiano como Gabriela mal tinham podido sentir-se dos desagradáveis sucessos que se davam por ocasião do casamento de sua filha. No espírito de ambos vacilava ainda a dúbia esperança de ver Adriana escapar do sacrificio a que se voltara. Cegos, entregavam-se ao acaso ainda, e tremiam sempre que se lembravam que haviam uma noite encontrado sua filha tendo de joelhos a seus pés o sedutor, que podia em qualquer tempo comprometer a reputação de Adriana com uma só palavra.

Adriana parecia ter-se esquecido de que era noiva, e de que o seu casamento devia celebrar-se dentro de poucas horas; correrá para junto de Vicentina e abraçara-se com ela.

Frederico, querendo aproveitar-se da ausência momentânea de Benedito, seu terrível adversário, determinou jogar a sua carta derradeira.

— Senhor, disse êle a Cristiano: creio que já é tempo de pôr fim a êste escândalo; eu exijo o cumprimento da sua palavra.

— Como?... respondeu Cristiano: pois quando se lhe tem feito acusações tão graves, não julga o senhor mais acertado provar primeiro e acima de tôdas as dúvidas a sua inocência?... oh! pois não vê que a nossa honra também se acha empenhada nessas acusações?... Senhor! é preciso antes de tudo que eu tenha a certeza de que o homem, a quem ia pertencer minha filha, não foi o miserável que sacrificou Vicentina!

— Senhor!

— Sim! porque ao espôso de minha filha eu quero votar uma amizade pura e ilimitada; e o senhor compreende que ao verdugo de Vicentina eu não devo senão vingança!

— Veja bem, senhor, veja bem!

E os olhos de Frederico lançaram sôbre Gabriela e Adriana vistas ardentes de cólera, que fizeram estremecer a esta última.

— Quem o acusou, senhor, prosseguiu Cristiano, foi o homem mais honrado, que em minha vida tenho conhecido; foi o homem, cuja palavra vale para mim tanto, como o mais sagrado dos juramentos. O Dr. Benedito não mente.

— E portanto?...

— A conclusão é evidente: o único proceder que lhe cumpre, é accitar o conselho que lhe ofereceu há pouco o Sr. Camilo. O seu crime só poderá ser esquecido quando aos pés de um sacerdote der a mão de espôso à infeliz que dali nos ouve.

— Mais nada?...

— Senhor! senhor! somos muitos os ofendidos, e é difficil acreditar que entre tantos não se ache um que não seja covarde!

— E também o senhor ameaça-me?...

— Não sei se ameaço ou não: digo o que sinto. Oh! será possível que o senhor se conserve insensível e empedernido diante da sua vítima?... que! não treme, e não cai aos pés daquela mulher tão formosa, e tão digna de melhor sorte... daquela mulher que tinha direito de esperar ser feliz e amada, cuja vida o senhor encheu de amargura!... quê! nem se lembra de que o seu crime tem ainda uma prova viva da existência de sua filha?...

A apóstrofe veemente de Cristiano foi interrompida pela entrada de uma nova personagem: uma bela menina de sete para oito anos de idade veio correndo pelo corredor da capela, parou um momento à porta da sala, até que descobrindo onde se achava Vicentina sentada, atirou-se para ela, exclamando:

— Mamãe! mamãe!... eu estava com muito mêdol

Era a linda filhinha de Vicentina. Frederico não pôde deixar de sentir um movimento de comoção ao aspecto daquela menina; mas seu coração estragado pelos vícios abafou bem depressa o sentimento generoso que nêle aparecia, como um hóspede importuno; e desviando os olhos da inocente criança, conservou-se frio e indiferente.

Vicentina recebeu a menina, e pondo-a ao colo, disse-lhe baixinho:

— Não devias vir.

— Eu estava com muito mêdo! respondeu a menina olhando espantada para todos.

— E agora, senhor?... perguntou Cristiano.

— Agora?... não vejo que se mudasse nenhuma das nossas posições.

— Nem à vista daquela menina?...

— O que tenho eu com aquella menina?

— Não sabe quem ela é?

— Sim: dizem-me que é filha daquela senhora.

— Há-de ser mais do que isso, senhor! exclamou Vicentina erguendo-se; porque, se Deus ma conservar, há-de ser também a minha vingança.

— Vicentina!

— Senhores! agradeço-vos a todos o interêsse que haveis tomado por mim; mas quanto à vingança... não; recuso os vossos serviços: o homem que ofende uma môça indefesa, que emprega o veneno ameaçando sua vida para fazê-la dormir, e depois se aproveita de seu sono para sacrificá-la impunemente, é um mísero cobarde... e para vingar-se de um cobarde, uma mulher é de sobra... Senhores! a vítima vos agradece.

E voltando-se para Frederico, disse com voz pausada, solene e terrível:

— E quanto a ti, algoz!... até... até um dia!

E a formosa e altiva môça, tomando sua filha nos braços, retirou-se pelo corredor da capela.

Sem se comover, e como se desprezasse completamente essa luva tremenda, que Vicentina lhe atirava no campo do futuro, Frederico dirigindo-se a Cristiano perguntou, como êste pouco antes lhe perguntara:

— E agora, senhor?

— Agora o que mais?

— O meu casamento com sua filha?

— Ainda.

— Oh! certamente, eu o exijo.

— Senhor, a sua exigência pode ser qualificada de um modo que lhe parecerá ofensivo.

— A minha exigência é baseada nos meus direitos e na minha força.

E Frederico carregou nas palavras, que pronunciava. Gabriela e Adriana sentiram-se desfalecer: tremiam ambas ainda uma pela outra.

— O que quer dizer, senhor?..

— Quero dizer, que da minha bôca poderia partir uma palavra que seria a mais terrível das vinganças!..

Cristiano sentiu-se ferido, como se uma serpente lhe tivesse mordido no coração; apenas, porém, soaram as últimas palavras de Frederico, uma mulher, lançando-se de repente diante do insolente, exclamou com voz alterada:

— Pois diga essa palavra!..

— D. Fabiana! balbuciou Frederico recuando um passo!

— Sim! Fabiana, a mulher má, falsa, a perversa; mas também desde alguns momentos a mulher arrependida!

O espanto foi geral na sala!

— Senhores, continuou Fabiana, êste casamento que não se celebrará mais, era o resultado da mais indigna traição, e os autores dessa traição foi êste homem, e fui eu.

— Como? . . .

— Senhores, tudo quanto foi aqui referido pelo Dr. Benedito, por mais horrível que fôsse, aconteceu realmente. Fui eu que contribui para a miséria e para a desgraça de Fernando, a quem amei; fui eu quem perdi sua filha, sacrificando-a a este homem tão indigno; como eu! e agora, para obstar ao casamento de D. Adriana com o Sr. Américo, que adivinhei que se projetava, concebi novo projeto tão infame, como aquêlc que perdeu Vicentina.

— Oh! fale! fale! exclamou Gabriela.

— De acôrdo com o Sr. Frederico, fiz minha sobrinha escrever um bilhete ao Sr. Américo avisando-o de que D. Adriana concedera uma entrevista ao Sr. Frederico a horas em que todos deviam estar dormindo; nesse bilhete minha sobrinha se comprometia a abrir a porta da rua ao Sr. Américo, para que êle viesse observar a entrevista que devia ter lugar na sala de visitas. . .

— Meu Deus! murmurou Adriana!

— Abri eu mesma uma janela da sala, e indo depois ter com D. Adriana, que descansava em seu quarto, convenci-a de que sua mãe receberia, nessa noite na sala, ao Sr. Frederico, e que para salvá-la, pois que o Sr. Cristiano, dizia eu, tudo sabia já, cumpria-lhe expor-se por sua mãe, indo para a sala a fim de tornar impossível o encontro dela com Frederico: D. Adriana atendeu-me e foi. . .

— Perdão, minha mãe. . . exclamou Adriana; perdão se um só momento duvidei de vossa virtude!

— Oh! bem castigada fôste! disse Gabriela levantando a filha.

— Apenas D. Adriana chegou à sala, prosseguiu Fabiana, o Sr. Frederico saltou pela janela. . . falaram ambos em voz baixa; D. Adriana, para que seu pai nada ouvisse, e sua mãe se salvasse; e o Sr. Frederico para que o Sr. Américo se iludisse. . .

— Infâmia! . . . bradou Cristiano.

— E as conseqüências dessa horrível cilada . . . ei-las aqui! . . .

— Miserável! exclamou Cristiano lançando-se contra Frederico.

— Senhor! disse Camilo suspendendo Cristiano, este homem pertence-me.

— Saí! saí! . . . saí de minha casa! . . .

Succedera à confissão de Fabiana um sussurro e uma confusão geral.

— Saí imediatamente! . . . bradava Cristiano.

E repellido por todos, Frederico desapareceu pela porta contrária à da capela.

— E também vós, mulher fatal e terrível, exclamou ainda Cristiano, dirigindo-se a Fabiana, e também vós, saí! . . .

— Perdão! perdão! gritou Fabiana de joelhos.

— Não! não! saí já de minha casa!

— Vinde, senhora! disse Américo avançando, vinde com vosso filho!

— Américo!

— Esta senhora é minha mãe! é minha mãe, repito; e ousa esperar que desde este momento todos a respeitem. Vinde comigo, senhora; saí com vosso filho.

— Não! disse Gabriela, lançando-se diante de Américo e Fabiana, que se retiravam.

— Vinde, minha mãe!

— Não! não, Américo! exclamou Gabriela; não! tu não sairás, porque és meu sobrinho, e deves ser meu filho! nem tão pouco sairá tua mãe, porque ela vai ser também mãe de minha filha!

— Oh! perdoada! . . . perdoada! . . . gritou Fabiana: meu filho! meu filho!

E caiu desmaiada nos braços de Américo e Adriana.

XXII

CONCLUSÃO QUE PROMETE MAIS

Estranho a tudo que não dizia respeito a Vicentina, Camilo tinha tido seus olhos constantemente pregados em Frederico, e apenas o viu desaparecer, aproveitou-se da confusão geral, que reinava na sala, e lançou-se com passo apressado pelo corredor, que conduzia à capela.

Camilo queria a todo o custo encontrar-se com Frederico: para não atrair a atenção de seu pai, deixou de segui-lo pelo mesmo lado, por onde o vira sair; mas contava não o perder de vista saindo imediatamente pela porta da capela.

Cego pela paixão que o devorava, o filho de Mariano ia manchar sua vida com a perpetração de dois crimes: o seu pensamento era um único e inabalável — matar Frederico e matar-se; — matar Frederico para vingar Vicentina; e matar-se, porque, embora inocente, Vicentina não podia trazer o seu nome sem desafiar os sarcasmos de um mundo injusto e tirano.

— Este homem pertence-me! dizia Camilo precipitando-se pelo corredor, que venceu todo com a rapidez do relâmpago.

— Chegando à nave da capela, atirou-se furioso para a porta; mas de súbito suspendeu-se ouvindo uma voz que o chamava:

— Camilo! disse alguém.

Camilo voltou o rosto e viu Vicentina, que se erguia dos pés do altar, onde orava de joelhos.

A moça aproximou-se do mancebo: sua formosura esplêndida se ostentava a despeito do desalinho de suas vestes e da comoção que a agitava. O rubor da febre acendia suas faces e fazia cintilar seus olhos: arfavam-

lhe os seios, como as ondas agitadas do mar, que se encapela, e sua voz argentina e encantadora saía estremecida dentre seus lábios secos e ardentes.

Vicentina descansou sua mão direita sobre o ombro do mancebo, e perguntou-lhe:

— Onde ias tu, Camilo?...

— Vicentina, eu vou cumprir o meu destino; o tempo urge; não me detenhas. Um dia me perguntaste: — se algum homem me tivesse ofendido, o que farias? — e eu te respondi: — *vingar-te-ia*. Vicentina, vou vingar-te. Nesse mesmo dia me perguntaste ainda: e se eu não pudesse ser tua, o que farias? — e eu te respondi: *matar-me-ia*. — Vicentina, vou matar-me. Adeus.

Vicentina agarrou-se ao braço de Camilo, arrastou-o até junto do altar, e exclamou:

— Homem de amor e de fogo! eu te amo, coração ardente e generoso, eu te amo! oh! sim! por Deus que nos ouve, e sobre este altar, ante o qual me ajoelho, eu juro que te amo! sim, eu te amo!...

— Vicentina! tu me matas mil vêzes!

— Oh! sim! eu te amo! mas não penses que eu manche este amor puro e santo, que me enche a alma de um fogo divino com nenhum pensamento baixo e vil dêsses que rastejam pela terra! ó, Camilo! eu te amo com o amor dos anjos!

— Vicentina! Vicentina!

— Oh! vive! vive! eu quero, eu preciso que tu vivas.

— Sim... até vingar-te.

— Não a minha vingança é minha, e não a cedo a ninguém neste mundo.

Camilo riu-se com um rir sinistro.

— Oh! não te rias assim, que me despedaças o coração. Escuta: queres vingar-me!... que vingança me

podes tu oferecer?... a morte de Frederico! ah! não, não: a morte é o sofrimento de um instante: a vida é, pelo contrário, o que eu desejo a esse homem; a vida, sim, para que eu lha encha de amarguras. Camilo, eu não quero a tua vingança: o teu braço não vale a minha cabeça. Que mais pretendes?... morrer? morrer! deixando-me no mundo sem amparo, e quando talvez um dia eu precise de um homem, a cujo ombro me arrime, quando partir para vingar-me?... ó, Camilo, não, tu não te hás de matar!

Vicentina apertou entre as suas as mãos do manco, e prosseguiu:

— Morrer! e por que morrer?... quem te disse que eu não posso ser tua?... ah, Camilo! se a terra nos separa, não nos pode unir o céu?... que vale um corpo que há-de pertencer aos vermes, se eu te dou a minha alma, que é eterna?... escuta: vive! vive! que eu juro dar-te uma prova de amor, como talvez igual não a teve homem algum no mundo...

— Vicentina!...

— Queres morrer?... pois bem: Camilo, vive até o dia, até a hora, em que se consumir a minha vingança, e nessa mesma hora...

— Acaba!

— O túmulo será a porta do templo da nossa eterna união...

— Vicentina! comprehendes bem o pensamento que eu adivinho nas tuas palavras?...

— Sim! eu te convido para um himeneu, cujo tálamo deve ser a sepultura!

— Oh! é muito!

— Nossas almas voarão unidas ao céu cheias do mais puro amor!

— Ah! morramos pois!... aceito.

— Camilo! eu te amo!

— Vicentina! Vicentina! e quando brilhará o dia da morte? . . .

— Quando brilhar o dia da vingança, Camilo.

— Oh! pois bem, eu viverei até lá.

Em seu delírio, os dois mancebos esqueciam que é nas asas do perdão, e não nas da vingança, que podem as almas voar ao céu; não viam no futuro senão a vingança e a morte, e talvez que Deus também no futuro lhes prepare o castigo de tão sinistros pensamentos!

A JANGADA

DE JÚLIO VERNE

Júlio Verne, nascido em Nantes no ano de 1828, faleceu na cidade de Amiens em 1905. Estudou Direito em Paris, advogando durante pouco tempo, pois sua vocação era antes literária do que jurídica.

Como escritor, principiou por tentar o gênero teatral, mas obteve reduzido êxito nessa experiência em que produziu alguns libretos de ópera-cômica. O êxito pleno e, a partir de então, sucessivo e permanente, surgiu com a publicação, em 1861, do romance *Cinco Semanas em Balão*. Aparecida inicialmente no *Magasin d'Education et de Recréation*, do famoso editor Etzel, essa obra foi a sua primeira contribuição para uma vasta série de livros de ficção-científica ou fantástica, nas quais antecipou, novelisticamente, numerosas invenções e proezas humanas. Invenções e proezas que, aos poucos, foram sendo convertidas em realidade: a última das antevistas juliovernianas ocorreu lá pouco — foi a chegada do homem à lua. O que o leitor certamente viu pela TV, Júlio Verne anteviu por meio da imaginação.

De Júlio Verne, já disse um crítico, que foi, sem dúvida, o nome mais popular — o ilustro — da *science-fiction*, "o divulgador de maior ressonância das otimistas pretensões humanas baseadas no conhecimento científico", sendo o escritor "típico filho do século XIX que tanto confiou no aprimoramento do homem por intermédio do saber e da técnica."

Poucos escritores atingiram a massa de leitores alcançada por esse narrador fluente e de certa intuição para afinar com o gosto das multidões. Afirma-se que chegou a ser — e talvez o seja ainda — o romancista mais lido do mundo, o que não está longe da verdade se se tiver em mente que se encontra traduzido em todos os idiomas. Uma coisa é certa e indiscutível: com ele a juventude — e os adultos também — dos cinco continentes aprenderam a sonhar e a pensar num universo renovado — ou desvendado em seus mistérios — pela tecnologia, pelo conhecimento das ciências.

Como *Miguel Strogoff*, este novo lançamento da *Coleção Saraiva*, não é obra de antecipação — como o são, por exemplo, *Viagem ao Centro da Terra*, *Da Terra à Lua* e *Vinte Mil Léguas Submarinas*. É caracteristicamente um romance do linhagem geográfico-científica. Para os brasileiros *A Jangada* apresenta um interesse muito particular, pois sua ação decorre em cenário amazônico. História fascinante por sua trama, narrativa de enredo acidentado e envolvente, *A Jangada* agradará, com certeza, à

